



DALLAS WILLARD

Entendendo  
Como Deus  
Transforma  
Vidas

*O Espírito das*  
**DISCIPLINAS**



# O Espírito das Disciplinas

Dallas Willard

Editora Danprewan

Digitalização: Pr. Sérgio N.

Formatação: SusanaCap

Distribuição:

SEMEADORES DA PALAVRA E-BOOKS EVANGÉLICOS

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	3
1. O SEGREDO DO JUGO SUAVE.....	8
2. TORNANDO PRÁTICA A TEOLOGIA DAS DISCIPLINAS.....	17
3. SALVAÇÃO É VIDA.....	33
4. "POUCO MENOR QUE OS SERES CELESTIAIS".....	48
5. A NATUREZA DA VIDA.....	60
6. VIDA ESPIRITUAL: A REALIZAÇÃO DO CORPO.....	79
7. A PSICOLOGIA DE PAULO DA REDENÇÃO – O EXEMPLO.....	97
8. A HISTÓRIA E O SIGNIFICADO DAS DISCIPLINAS.....	129
9. ALGUMAS DAS PRINCIPAIS DISCIPLINAS PARA A VIDA ESPIRITUAL.....	154
10. A POBREZA É ESPIRITUAL?.....	192
11. AS DISCIPLINAS E AS ESTRUTURAS DE PODER DESTE MUNDO.....	218
EPÍLOGO.....	247
APÊNDICE I:.....	250
APÊNDICE II:.....	253

# INTRODUÇÃO

A era moderna é uma era de revolução – revolução motivada pela compreensão da enormidade assustadora da carência e do sofrimento humanos. Exortações à santidade, ataques contra o pecado e contra Satanás foram usados por séculos como guia e remédio para a situação humana. Atualmente tais apelos foram substituídos por uma nova agenda. No nível comunitário, críticas políticas e sociais apresentam receitas para revoluções destinadas a libertar a humanidade de suas muitas cadeias. No nível individual, várias técnicas de auto-ajuda prometem revoluções pessoais que trazem "liberdade num mundo sem liberdade" e uma boa vida. Essas são as respostas modernas para os males da humanidade.

Contra este pano de fundo, algumas vozes continuam enfatizando que a causa da aflição humana, individual e social (bem como a única cura possível), é *espiritual*. No entanto, essas vozes não são muito claras. Elas destacam que revoluções políticas e sociais não têm demonstrado nenhuma tendência para transformar o coração tenebroso que se esconde no fundo do peito de cada ser humano. Isso é obviamente verdade. Conquanto haja uma torrente de técnicas de auto-ajuda, ainda assim temos uma epidemia de depressão, suicídio, vazio pessoal e escapismo por meio das drogas e do álcool. E também uma obsessão por ocultismo, consumismo exacerbado, sexo e violência – tudo isso combinado com uma incapacidade de se manter relacionamentos pessoais profundos e duradouros.

Assim, obviamente, o problema é espiritual, e o remédio para ele precisa ser da mesma natureza.

Contudo, se o remédio é de natureza espiritual, como o cristianismo moderno se encaixa na resposta? Pelo que se pode ver, de forma muito precária, porque os cristãos estão entre as vítimas dessa triste epidemia.

Este fato é tão proeminente que o pensamento moderno passou a ver a fé cristã como impotente, arcaica e irrelevante.

No entanto, embora os métodos da Igreja para resolver os males sociais e individuais possam parecer historicamente insuficientes, ainda assim cremos que ela detém a *única* resposta.

O que então está impedindo o cristianismo de ser o guia para a vida que só ele pode ser?

O cristianismo só conseguirá ser guia para a humanidade se fizer duas coisas:

Primeiro deve tomar a necessidade de transformação humana tão a sério quanto os movimentos revolucionários. A atual crítica negativa ao cristianismo advém da infidelidade da Igreja à sua própria mensagem. A Igreja falhou em não levar a sério a transformação humana, como uma questão prática e real, que deve ser abordada em termos realistas. Felizmente, hoje, já existem muitos sinais de que a Igreja, em todos os seus segmentos, está se preparando para corrigir esta falha.

Segundo é preciso clarificar e exemplificar métodos realistas de transformação humana. A Igreja precisa mostrar como homens e mulheres falhos (a raça humana hoje) podem se tornar, por meio da graça de Cristo, uma comunidade cheia de amor, efetiva e poderosa.

Este livro oferece ajuda para esta segunda tarefa. Trataremos aqui de métodos para a vida espiritual - a vida apresentada no evangelho. O pressuposto é: nós *podemos* nos tornar como Cristo em caráter e em poder e assim atingir nossos mais elevados ideais de bem-estar e de boas obras.

Este é o âmago da mensagem do Novo Testamento.

Você crê que isso é possível?

Minha afirmação central é que nós *podemos* ser como Cristo, seguindo-o no estilo geral e vida que Ele escolheu para si. Se temos fé em Cristo, temos de crer que Ele sabia como viver e que podemos, mediante a fé e a graça, nos tornar como Ele, praticar atividades nas quais Ele se empenhou, organizar toda a nossa vida em torno das coisas que Ele fez, e estar sempre à vontade na comunhão com o Pai.

Que atividades Jesus desenvolveu? Solitude e silêncio; oração; uma vida simples e sacrificial; estudo intenso e meditação na Palavra e nos caminhos de Deus; e o serviço ao próximo. Algumas dessas coisas serão certamente muito mais necessárias a nós do que foram a Ele. A nossa necessidade é maior e diferente. No entanto, numa vida pautada em tais atividades, seremos

constantemente acalentados pelo mote "O Reino Não é deste Mundo" – o Reino da Verdade, de acordo com João 18.36,37.

A História, porém, mantém uma pesada mão sobre nossos atuais pensamentos e sentimentos. Em nossos dias, a fé bíblica sofre forte oposição das poderosas tendências que nos cercam. Atualmente a fé é tratada como algo que *devia* nos fazer diferentes, e não como algo que realmente nos faz ou *pode* nos fazer diferentes. Na realidade, nós lutamos *em vão* contra os males deste mundo, esperando morrer e ir para o céu. De alguma forma, adquirimos a idéia de que a essência da fé é algo inteiramente subjetivo.

Não creio que alguém desejou ou planejou o presente estado de coisas. Nós permitimos simplesmente que nossas mentes fossem dominadas pela falsa noção de que as obras se opõem a graça, causada por uma falsa associação equivocada de obras com "mérito". As coisas só se tornaram piores no curso da História à medida que construímos um muro entre fé e graça, o que de fato *fazemos*. Intuitivamente, sabemos que *deve haver* alguma conexão entre graça e vida. Todavia, não conseguimos tornar isso racionalmente claro para nós mesmos. Assim, tornamo-nos incapazes de usar esta conexão como direção e condição específica de participação no caráter e poder de Cristo.

Atualmente, imaginamos o poder de Cristo penetrando em nossas vidas de várias formas: por meio do senso de perdão e amor a Deus ou por meio da consciência da verdade; por meio de experiências especiais ou da infusão do Espírito; por meio da presença de Cristo na vida interior ou por meio do poder dos rituais e da liturgia ou da pregação da Palavra; por meio da comunhão dos santos ou por meio de uma consciência elevada das profundidades e dos mistérios da vida.

Todos esses elementos, sem dúvida, são reais e positivos. No entanto, através de toda a História, nenhum deles, isolado ou em conjunto, produziu pessoas realmente semelhantes a Cristo e que fossem seus íntimos seguidores. Este é um fato que pode ser provado estatisticamente.

Eu creio que nossa presente dificuldade se deve à falta de entendimento de como nossas experiências e ações nos habilitam a receber a graça de Deus. Há um profundo anseio entre cristãos e não-cristãos por pureza e poder pessoal para viver como nosso

coração diz que devemos. Precisamos de uma compreensão mais profunda de nosso relacionamento prático com Deus na redenção. Precisamos de um entendimento que nos guie numa constante interação com o Reino de Deus como uma parte real de nossa vida diária, uma *presença espiritual constante* que seja ao mesmo tempo uma *realidade psicológica*. Em outras palavras, precisamos desenvolver uma teologia psicologicamente saudável da vida espiritual e de suas disciplinas para nos guiar.

Nas páginas que se seguem, abordo pontos elementares do nosso relacionamento com Deus. Tento primeiro clarificar a natureza da vida espiritual; a fim de mostrar como é a sua realização no corpo humano e como nosso corpo é uma *base primária* para a vida espiritual. Depois ofereço uma perspectiva sobre a idéia de "disciplina espiritual" e por que, para todos os propósitos práticos, as disciplinas se perderam no cristianismo ocidental.

Mais adiante, explico os principais grupos de disciplinas relevantes para nós hoje e concluo enfatizando como uma transformação de caráter por meio do discipulado cristão sábio pode mudar nosso mundo – desarmando os males estruturais que sempre dominaram a humanidade e agora ;ameaçam destruir a terra.

Assim, enquanto escrevo para ensinar e para ampliar nosso conhecimento, meu objetivo supremo é mudar radicalmente nossa *prática*. Este livro é uma exortação para que a comunidade cristã coloque as disciplinas para a vida espiritual no centro do evangelho. Quando chamamos homens e mulheres para a vida em Cristo Jesus, estamos oferecendo-lhes a maior de todas as oportunidades de suas vidas – a oportunidade de manter um companheirismo vívido com Ele, no qual aprenderão a ser como Ele e viver como Ele viveu. Esta é a "amizade transformadora" explicada por Leslie Weatherhead. Nós *conhecemos* Jesus, e ao Pai, e *habitamos* com eles nas disciplinas para a vida espiritual.

Assim como as nossas igrejas locais, as disciplinas são parte das boas novas da nova vida. Devemos praticá-las e então convidar outros a se unirem a nós.

É minha expectativa que levemos a sério essas disciplinas. Desejo inspirar o cristianismo dos nossos dias a remover as disciplinas da categoria de curiosidades históricas, colocando-as

no centro da nova vida em Cristo. Somente quando fizermos isso, a comunidade cristã poderá assumir o seu lugar na história atual. Nossas assembleias locais precisam tornar-se aquilo para o que foram projetadas: academias de vida. Desses locais deve surgir um povo equipado em caráter e poder para julgar ou dirigir a terra.

Atualmente multidões estão se voltando para Cristo em todas as partes do mundo. Como seria insuportavelmente trágico, porém, se os milhões da Ásia, América do Sul e África fossem levados a crer que o melhor que podemos esperar do Caminho de Cristo é o nível de cristianismo visível hoje na Europa e América do Norte (um nível que nos deixa cambaleando no limiar da destruição mundial). O mundo não pode mais ficar entregue apenas aos diplomatas, políticos e líderes empresariais. Sem dúvida, eles fazem o melhor que podem. No entanto, estamos numa época de heróis espirituais – um tempo para que homens e mulheres sejam heróicos na fé, no caráter espiritual e no poder. O maior perigo para a Igreja cristã atualmente é o barateamento da sua mensagem.

Santidade e devoção precisam ser retiradas dos armários e dos templos para alcançar as ruas e as fábricas; as salas de aula e de reuniões; os laboratórios científicos e os prédios públicos. Em vez de um grupo minoritário e seletivo que coloca a religião no centro da vida, com poder e inspiração alcançados por meio das disciplinas espirituais, todos nós podemos fazer de nossa vida diária e nossa vocação "a casa de Deus e o portão do céu". Isso pode – e precisa – acontecer. E irá acontecer. O Cristo vivo fará que isso aconteça por nosso intermédio, quando permanecermos nele, ou seja, na vida adequadamente disciplinada no Reino espiritual de Deus.

*O Espírito das Disciplinas* nada mais é do que o amor a Jesus e a vontade resoluta de ser como Aquele que amamos. Na comunhão do coração em chamas, o "exercício da piedade" é nossa maneira de receber cada vez mais plenamente a graça na qual permanecemos, alegrando-nos na esperança da glória de Deus (Rm 5:2).

Os capítulos seguintes foram escritos para ajudar você a entender a absoluta necessidade das disciplinas espirituais, e os resultados revolucionários da prática inteligente e entusiasta dessas disciplinas, numa vida cristã abundante e cheia de graça.

## 1. O SEGREDO DO JUGO SUAVE

Tomem sobre vocês o meu jugo e aprendam de mim, pois sou manso e humilde de coração, e vocês encontrarão descanso para as suas almas. Pois o meu jugo é suave, e o meu fardo é leve. (MATEUS 11.29,30)

Os seus mandamentos não são pesados. (I JOÃO 5.3)

Uma estimativa mais racional do custo benefício dos valores humanos nos levaria a pensar que nenhum labor é mais bem recompensado do que aquele que explora o caminho para a casa do tesouro do espírito, onde homens e mulheres podem encontrar bens que crescem ao serem compartilhados, e que ninguém pode tirar de nós.

WILLIAM RALPH INGE

"O cristianismo não foi testado e reprovado; na verdade, foi considerado difícil e abandonado, sem ao menos ser experimentado", disse o brilhante G. K. Chesterton. Não se sabe se ele estava certo, mas há uma crença quase universal na imensa dificuldade de ser um cristão *autêntico*. Constantemente ouvimos falar no enorme e inflexível "preço do discipulado". A observação de Chesterton pode pelo menos ser tomada como reflexo de uma atitude assumida por muitas pessoas sérias em relação ao Caminho de Cristo.

No entanto, esta afirmação não pode ser mantida como uma verdade completa. Melhor faríamos se colocássemos uma ênfase clara e constante também sobre o preço do não-discipulado. Como Søren Kierkegaard nos lembra: "Custa tanto a um homem ir para o inferno quanto ir para o céu. Estreito, excessivamente estreito, é o caminho para a perdição!"

Pv. 13.15 diz: "O caminho do infiel é áspero." Podemos aprender isso também por meio de uma observação imparcial da



vida. De fato, uma grande parte do livro de Provérbios no Antigo Testamento registra apenas os resultados de tal observação. Todo o livro é um hino de louvor ao caminho do justo, em contraste com o caminho do perverso, não deixando nenhuma dúvida sobre onde vida, alegria e forças são encontradas.

Afastar-se da justiça é o mesmo que escolher uma vida de jugos, presa nos tentáculos de problemas esmagadores, de fracassos e desapontamentos que nunca são resolvidos. Esta é a fonte do drama interminável, onde por vezes o horror apresenta-se como vida humana normal. O "preço do discipulado", embora possa exigir tudo o que temos, é pequeno quando comparado com a sorte daqueles que não aceitam o convite de Cristo para andar no Caminho da Vida.

As palavras de Jesus em Mateus 11.29,30 apresentam uma alternativa para a desolação da vida sem Deus. Mesmo assim, falando honestamente, é provável que muitos cristãos considerem a declaração de Jesus e sua reiteração em I João 5.3 mais como uma expressão de esperança ou até de desejo do que uma declaração de como deve ser a vida cristã normal. Para muitos, as palavras de Jesus são francamente desconcertantes. Elas são citadas com freqüência, porque obviamente a idéia que expressam atrai e deleita. No entanto, há algo no modo como entendemos o significado de "andar com Cristo e obedecê-lo" que impede que muitos experimentem a realidade que elas expressam. Raramente experimentamos ou mesmo vemos a facilidade, a leveza e o poder do "Caminho" como uma qualidade abrangente e duradoura em nossa existência humana prática.

Não temos, assim, a força que deveríamos ter, e os mandamentos de Jesus tomam-se esmagadoramente pesados. Na verdade, muitos cristãos parecem não acreditar realmente que Jesus pretendesse que cumpríssemos os seus mandamentos. Qual é o resultado? Seus ensinamentos são tratados como mero ideal, algo que bem podemos estabelecer como alvo, sabendo, porém, que estaremos fadados a jamais alcançá-lo.

Esta história é familiar: "Errar é humano." E "somos apenas humanos", dizemos. Podemos achar que tais exigências devem ser para outra época ou "dispensação" – ou então para quando estivermos no céu. "Não podem ser para nós hoje, arrazoamos. Definitivamente, não! Jesus não nos imporá algo tão

difícil Além disso, estamos no período da graça - somos salvos pela graça, e não pelo que fazemos, Assim, a obediência a Cristo, além de muito difícil, não é realmente necessária... Não se pode esperar tal coisa de nós e muito menos que seja algo em que possamos nos deleitar!"

Entretanto, toda a nossa argumentação não pode remover o fato de que Jesus nos chama para segui-lo agora, e não depois da morte.

Ninguém pode negar que seríamos muito melhores se nos conformássemos em obra e espírito àquilo que Jesus era e ao que Ele ensinou. Nosso mundo seria um lugar imensamente melhor!

Todavia, a nossa falta de entendimento não cancela a oferta do Senhor de um jugo suave e um fardo leve, nos quais nossa alma pode encontrar descanso. Esta oferta é feita claramente a nós, aqui e agora, no meio desta vida onde labutamos e carregamos fardos pesadíssimos, clamando por descanso. É verdade. É real. Precisamos apenas compreender o segredo de entrar num Jugo suave.

Qual é, então, o segredo? Há uma resposta simples para esta pergunta de suprema importância. Ela pode ficar totalmente clara cotejando-se alguns fatos com os quais todos nós estamos familiarizados.

Pense sobre certos adolescentes que idolatram um jogador de futebol famoso. Eles não desejam outra coisa na vida senão driblar e chutar como seu ídolo. Então, o que fazem? *Quando estão jogando futebol*, tentam agir exatamente como seu craque favorito. O craque é conhecido pela maneira como domina a bola? - os adolescentes fazem o mesmo. O craque tem uma maneira de correr em campo? - seus fãs fazem o mesmo. Esses adolescentes tentam fazer tudo que seu ídolo faz, na esperança de ser como ele. Compram a mesma marca de chuteira e camisas com o número do seu craque...

Então, será que conseguirão repetir o desempenho desse jogador famoso? Não conseguirão se tudo o que fizerem for tentar ser como ele quando estiverem no campo, não importa quão talentosos sejam dentro dos seus próprios limites. E todos nós entendemos por quê. O próprio craque não alcançou sua excelência tentando atuar bem *apenas durante* o *jogo*. Em vez

disso, escolheu uma vida de preparação mental e física, investindo todas as suas energias nos treinos, estabelecendo um fundamento para as respostas automáticas do corpo e forças para seus esforços conscientes durante os jogos.

As respostas tremendas, o reflexo espantoso e a força que tais jogadores mostram não são produzidos e mantidos nos curtos períodos dos jogos. Os recursos estão disponíveis para o atleta nos minutos breves e importantes do jogo por causa da disciplina diária que ninguém vê. Por exemplo, a dieta apropriada e o descanso. Os exercícios para músculos específicos não são parte do jogo em si, mas sem eles o atleta certamente não teria excelência no desempenho. Alguns hábitos diários podem parecer até ingênuos para nós, mas o jogador bem-sucedido sabe que tais disciplinas precisam ser mantidas, ou todo o seu talento natural e esforços serão derrotados por outros que *tiveram mais* disciplina na preparação para o Jogo.

O que descobrimos aqui serve para qualquer empreendimento humano capaz de dar significado à nossa vida. Estamos abordando um princípio geral da vida. Isso se aplica a um orador, músico, professor ou cirurgião. Um desempenho bem-sucedido num momento de crise baseia-se essencialmente numa preparação prévia, sábia e rigorosa, na sua totalidade – mente e corpo.

Evidentemente, aquilo que é verdade em relação a atividades específicas aplica-se também à vida como um todo. Como Platão observou, há uma arte de viver. E a vida é excelente somente quando o ser está preparado em toda a sua profundidade e dimensões.

A verdade acima descrita não deve ser descartada quando nos relacionamos com Deus. É claro que somos salvos pela graça, e somente por ela, não por merecimentos. A graça é a condição da nossa aceitação por Deus. No entanto, graça *não* quer dizer que força e entendimento suficientes serão automaticamente "infundidos" em nosso ser nos momentos de necessidade. Abundantes evidências dessa afirmação podem ser encontradas exatamente na experiência de qualquer cristão. Basta olhar para os fatos. Um jogador de futebol que espera se destacar no jogo sem submeter seu corpo aos exercícios adequados não é mais ridículo do que um cristão que, sem exercícios apropriados a uma vida de piedade, espera ser capaz de agir como Cristo.

Jesus como pode ser' observado claramente no registro de sua vida, compreendeu bem este fato e viveu corretamente. Devido ao preconceito com que lemos os Evangelhos atualmente ( o que discutiremos mais adiante), temos grande dificuldade de ver a principal ênfase na vida de Jesus. Esquecemos que o fato de ser o Filho unigênito de Deus não o isentou da necessidade de uma vida de preparação, desenvolvida fora da vista do público, A despeito dos eventos auspiciosos do seu nascimento, Jesus cresceu no seio de uma família simples na humilde cidade de Nazaré. Aos 12 anos de idade, como vemos em Lucas 2.45, Jesus exibiu um conhecimento espantoso "no meio dos doutores" em Jerusalém. Mesmo assim, retomou ao lar com os pais e, durante os 18 anos seguintes, sujeitou-se às demandas da família.

Então, depois de receber o batismo pelas mãos de seu primo João Batista, Jesus buscou a solitude e jejuou por um mês e meio. A seguir, na seqüência de seu ministério, esteve a sós grande parte do tempo, muitas vezes passando noites inteiras sozinho, em oração, antes de ministrar às necessidades de seus discípulos e ouvintes no decorrer do dia.

A partir de tais preparações, Jesus era capaz de manter uma vida pública de serviço por meio do ensino e da cura. Foi capaz de amar seus companheiros mais próximos até o fim – apesar de muitas vezes eles o terem desapontado e parecerem incapazes de acompanhar sua fé e obras. Posteriormente, Ele foi capaz de se sujeitar a uma morte sem precedentes em seu significado intrínseco e efeito histórico.

O segredo do jugo suave, portanto, envolve viver como Jesus viveu a inteireza de sua vida – adotando seu estilo geral de vida. Seguir" suas pisadas" não pode ser equivalente a comportar-se como Ele se comportava quando estava "sob os holofotes". Viver como Cristo viveu é viver como Ele viveu *toda* a sua vida.

Erramos ao pensar que seguir a Jesus consiste em amar nossos inimigos, andar" a segunda milha", dar a outra face, sofrer com paciência e esperança - enquanto vivemos o resto de nossas vidas como todas as outras pessoas ao nosso redor. Isso seria como aspirar a ser magicamente igual ao craque de futebol mencionado acima. Tal estratégia está fadada ao fracasso e a tornar o caminho de Cristo" difícil e abandonado sem ser tentado. Na verdade, *não se trata "do caminho de Cristo"*, assim como lutar

para agir de uma certa maneira no auge de um jogo não é o caminho exclusivo de um campeão.

Seja o que for que nos tenha levado a esta falsa abordagem, trata-se simplesmente de um equívoco. Certamente nos levará a considerar os mandamentos de Jesus acerca de nossas ações em situações específicas fardos impossíveis de carregar - "penosos" como algumas versões bíblicas colocam. Em vez de um jugo suave, tudo o que experimentaremos será frustração.

Essa falsa percepção do que significa seguir a Cristo tem conseqüências em toda a vida humana. É parte da condição de desorientação e extravagância da humanidade: nós acreditamos de todo o coração que basta o poder do esforço-no-momento-da-ação para realizar o que queremos e que podemos ignorar completamente a necessidade de mudança de caráter na vida como um todo. O fracasso humano consiste em desejar o que é certo e importante, sem se dedicar ao tipo de vida que produz a ação que sabemos ser correta e a condição que queremos experimentar. É este aspecto do caráter humano que explica a razão da "estrada para o inferno ser pavimentada de boas intenções". Intentamos fazer o que é certo, mas evitamos a vida que tornaria isso uma realidade.

Por exemplo, algumas pessoas realmente gostam de pagar suas contas e ser financeiramente responsáveis, mas não estão dispostas a viver um tipo de vida que tomaria isso possível. Outras gostariam de ter amigos e uma vida social interessante, mas não se aplicam a fim de ser o tipo de pessoa para quem tais coisas" ocorrem naturalmente".

O mesmo conceito aplica-se numa escala maior. Muitas pessoas lamentam o problema dos escândalos sexuais que ocorrem em nossos dias, mas mesmo assim estão satisfeitas em deixar que o papel do sexo nos negócios, nas artes, no jornalismo e no entretenimento continue no nível de depravação no qual tais escândalos são conseqüências naturais. Outras dizem que gostariam de acabar com as guerras, mas ao mesmo tempo mantêm valores e atitudes com as pessoas e as nações que tornam as guerras inevitáveis. Preferimos que não haja instabilidade social ou revolução – desde que o *nosso* estilo de vida não seja alterado.

Em seu recente livro *The Road Less Traveled* [ A Estrada Menos Trafegada], o psiquiatra M. Scott Peck observou:

Conheço muitas pessoas que possuem visão de evolução pessoal, mas que parecem ter perdido a vontade. Elas desejam e acreditam que seja possível pular por cima da disciplina para encontrar um atalho mais fácil para a santidade. Muitas vezes tentam alcançá-la simplesmente imitando a "superfície" dos santos – retirando-se para o deserto ou trabalhando como carpinteiros. Algumas chegam a acreditar que mediante essa imitação realmente se tornaram santos e profetas, e são incapazes de reconhecer que ainda são crianças e encarar o fato doloroso de que devem começar do início e caminhar para o meio.

Assim, ironicamente, em nossos esforços para evitar as dores inerentes à disciplina, perdemos de vista o jugo suave e o fardo leve. Então, caímos na frustração de tentar ser os cristãos que sabemos que devemos ser sem o entendimento necessário e a força que somente a disciplina pode proporcionar. Tornamo-nos desequilibrados e incapazes de governar nossas vidas. O Dr. Peck nos lembra do diagnóstico penetrante de Carl Jung: "Neurose é sempre um substituto do sofrimento legítimo."

Desta forma, aqueles que dizem que não podemos seguir a Cristo de fato e de verdade parecem corretos num certo sentido. Não podemos nos comportar "sob os holofotes" como Jesus se comportou se no resto do nosso tempo vivemos como todas as outras pessoas. Os episódios "sob os holofotes" não são o lugar onde podemos, mesmo pela graça de Deus, transformar subitamente tendências carnis e arraigadas em semelhança de Cristo. Nossos esforços para assumir o controle *naquele momento* fracassará de modo tão uniforme e inglório que todo o projeto de seguir a Cristo parecerá ridículo para o mundo que observa. Todos nós já vimos isso acontecer.

Portanto, temos de ser totalmente claros a respeito de uma coisa: Jesus jamais esperou que déssemos automaticamente a outra face, andássemos a segunda milha, abençoássemos aqueles que nos perseguem abríssimos a mão a quem pedisse, e assim por diante. Estas respostas, em geral consideradas corretamente como características da semelhança com Cristo, foram apresentadas por Ele como ilustrações do que seria esperado de um novo tipo de pessoa – aquela que, com inteligência e firmeza, busca, acima de tudo, viver sob o governo de Deus e ser possuído pelo tipo de justiça que o próprio Deus possui conforme Mateus 6.33.

Na verdade, Jesus convidou pessoas para segui-lo num modo de vida a partir do qual comportamentos como amar os inimigos parecerá a única coisa sensível e feliz a se fazer. Para uma pessoa que vive desta forma, a coisa mais difícil a fazer seria odiar os inimigos, virar as costas aos necessitados ou amaldiçoar quem a amaldiçoa, assim como seria difícil para Cristo. O verdadeiro discipulado cristão conduz ao ponto onde difícil é não reagir da mesma forma que Jesus o faria.

Oswald Chambers observa: "O Sermão do Monte não é um conjunto de princípios a serem obedecidos, separados da identificação com Jesus Cristo. O Sermão do Monte é uma apresentação da vida que vivemos quando o Espírito Santo habita em nós." Em outras palavras, ninguém diz: "Se você deseja ser um grande atleta, salte seis metros, corra um quilômetro em quatro minutos", ou: "Se você deseja ser um grande músico, toque o concerto de Beethoven no violino." Pelo contrário, aconselhamos os jovens artistas e atletas a desenvolver um tipo de vida que envolva profundas associações com pessoas qualificadas, uma agenda bem organizada, boa alimentação e exercícios para o corpo e para a mente.

O que diríamos, porém, a alguém que aspira a viver bem de um modo geral? Se formos sábios, diríamos que encarasse a vida com esta mesma estratégia. Assim, se desejarmos seguir a Cristo - e caminhar no jugo suave com Ele -, teremos de aceitar *totalmente* seu modo de vida como o nosso modo de vida. Então, e só então, poderemos experimentar como o jugo é suave e como o fardo é leve!

Há algumas décadas, surgiu uma novela cristã muito famosa chamada *Em Seus Passos, Que Faria Jesus?* O enredo conta sobre uma cadeia de trágicos eventos que levam o pastor de uma igreja próspera a perceber como a sua própria vida se tornara diferente da vida de Cristo. Este pastor então persuade a congregação a firmar um voto de não fazer mais nada sem antes perguntar: "O que Jesus faria nesta situação?" Como o conteúdo do livro deixa claro, o autor encarava este voto como sendo o mesmo que a intenção de seguir a Jesus - andar exatamente "em Seus passos". É claro que se trata de uma novela, mas mesmo na vida real podemos observar mudanças significativas na vida de Cristãos sérios que fizeram voto semelhante - como acontece no livro.

No entanto, há uma falha nesse pensamento. O livro concentra-se totalmente na tentativa de se fazer o que Jesus supostamente faria em resposta a *desafios específicos*. No livro, não há sugestão de que o Senhor tenha feito outra coisa senão escolhas corretas momento após momento. E, o que é mais interessante, não há sugestão de que o poder dele de escolher corretamente baseava-se no tipo de vida que Ele adotou para manter o equilíbrio interior e a conexão com o Pai. O livro não afirma que seguir "os passos de Jesus" é adotar totalmente sua maneira de viver. Assim a idéia sugerida é absolutamente fatal: seguir a Cristo significa simplesmente tentar se comportar como Ele se comportou em público, quando estava sob pressão ou perseguição. Não há o reconhecimento de que o que Ele fez nesses casos era, numa medida maior e mais essencial, o resulta o natural da vida que Ele vivia em particular.

Perguntar a nós mesmos "O que Jesus faria?", quando subitamente nos deparamos com uma situação importante, não é uma disciplina ou preparação adequada para nos capacitar a viver como Ele viveu. Isso trará, sem dúvida, algum benefício. E certamente é melhor do que nada. Mas atos isolados não são suficientes para nos conduzir com ousadia e confiança através de uma crise. Na verdade, poderíamos, antes, com facilidade, ser arrastados para o desespero da tensão e impotência.

O segredo do jugo suave, então, é aprender com Cristo como viver nossa vida toda. como investir todo nosso tempo e nossa energia mental e física como Ele fez. Temos de aprender como seguir sua preparação - as disciplinas para a vida sob o governo de Deus que capacitaram o "Filho do homem" a receber o apoio constante e efetivo do Pai enquanto fazia a sua vontade. Temos de descobrir como entrar em suas disciplinas a partir de onde estamos hoje - e, sem duvida, como ampliá-las para abranger as nossas necessidades.

Esta atitude é a nossa preparação para tomar o jugo de Cristo e também o assunto do restante deste livro. Discutiremos como seguir a Cristo de fato, isto é: viver como Ele viveu. Este livro é dedicado àqueles que desejam ser discípulos de Jesus nas "*obras*".

Você acredita que esta vida é possível? Eu acredito. Totalmente. Estou escrevendo sobre o que *significa* seguir a Cristo



e sobre *como*" segui-lo" se encaixa na salvação do cristão. Quero explicar, com certa precisão e riqueza de detalhes, como atividades como solitude, silêncio, jejum, oração, serviço, celebração (disciplinas para a vida no Reino espiritual de Deus e atividades nas quais o próprio Jesus se envolveu) são essenciais para a libertação dos seres humanos do poder do pecado e como essas disciplinas podem fazer a experiência do jugo suave uma realidade. Concentrando no "todo" da vida de Cristo e de muitos que tiveram sucesso em segui-lo, esboçarei um *meio mensurável, psicológica e teologicamente saudável*, de encontrar a graça e nos conformarmos totalmente ao nosso Senhor e Salvador.

Na verdade, o segredo do jugo suave é simples. É a decisão inteligente, esclarecida e incondicional de viver como Jesus viveu em todos os aspectos da vida; não somente nos momentos de escolhas ou ações específicas. O *segredo descrito nestas páginas está ao seu alcance*. Nas páginas seguintes, você verá por quê e como este tipo de resolução conduz a uma vida com Jesus. Começamos a formar uma teologia das disciplinas para a vida espiritual.

## **2. TORNANDO PRÁTICA A TEOLOGIA DAS DISCIPLINAS**

Deus não prometeu misericórdia para o preguiçoso e o negligente. Sua misericórdia é oferecida somente aos nossos melhores (embora fracos e imperfeitos) esforços de praticar todas as formas de justiça.

WILLIAM LAW

E assim os homens ficam deitados, conversando sobre a queda do homem, sem jamais fazer um esforço para se levantarem.

HENRY DAVID THOREAU

Era uma classe de estudo bíblico numa grande universidade do Meio-Oeste, no início da década de 1960. Na maioria, éramos estudantes graduados de origem evangélica que nos reuníamos semanalmente para discutir passagens selecionadas do Novo

Testamento. Naquela ocasião em particular, estávamos debatendo I João 3.9,10: "Todo aquele que é nascido de Deus não pratica o pecado, porque a semente de Deus permanece nele; ele não pode estar no pecado, porque é nascido de Deus... Quem não pratica a justiça não procede de Deus, tampouco quem não ama seu irmão."

Uma leitura franca e sem rodeios do texto parecia deixar estas únicas alternativas: ou o indivíduo é livre do pecado ou não é filho de Deus. Uma opção extremamente difícil! No entanto, uma bem conhecida "interpretação salvadora" foi apresentada por um dos membros mais sofisticados do grupo. De acordo com essa interpretação, a forma do verbo grego (*poiei*) traduzida como "pratica" indica uma ação contínua. Daí, o *significado real* tem de ser que aquele que é nascido de Deus não peca o tempo todo ou continuamente. Experimentamos um curto momento de triunfo.

Entretanto, aquelas eram pessoas brilhantes. Rapidamente alguém destacou que nem mesmo os ímpios pecam o *tempo todo*. Eles também tinham seus bons momentos. Como poderia o mero ato de não pecar *continuamente* ser a *única* distinção entre eles e os filhos de Deus? Será que aquele que é nascido de Deus não peca nas terças, quintas e sábados, mas peca nas segundas, quartas e sextas-feiras? Poderia matar alguém a cada dez anos e ainda preencher o requisito de não pecar continuamente? Talvez até a cada cinco anos – ou a cada cinco semanas? Além do mais, essa idéia, cogitamos então, não introduziria o caos nos ensinos do NT, se tivéssemos de acrescentar "continuamente" na tradução de *todos* os verbos no presente do indicativo ativo? A experiência com algumas poucas passagens mostrou que seria o caos. No entanto, se não houvesse este acréscimo em todos os casos, por que deveria haver somente neste caso – exceto para aliviar a tensão entre este texto e nossas vidas?

As coisas começaram a esquentar. As pessoas começaram a se dividir. Aqueles que achavam que devia haver algum sentido importante na pressuposição de que o filho de Deus pode e deve ser livre do pecado foram acusados de "perfeccionistas". Finalmente alguém explodiu: "Bem, *quem* aqui é perfeito?" Ninguém se manifestou.

Esta cena tem-se repetido muitas vezes, com muitas variações. Ela reflete um profundo dilema humano que a entrada na comunidade cristã só faz intensificar.

Leon Tolstói comenta em *The Kingdom of God is Within You* [O Reino de Deus Está Dentro de Vós] que "todos os homens do mundo moderno vivem num contínuo e flagrante antagonismo entre sua consciência e sua maneira de viver". Há poucas dúvidas de que esta afirmação continue sendo verdadeira em nossos dias. Isso aplica-se especialmente aos cristãos de hoje que vivem em constante tensão entre o que sabem que deviam ser, o que acham que podem ser, e o que efetivamente são.

Creemos de todo o coração que devemos seguir de perto nosso Senhor Jesus Cristo e ser semelhantes a Ele. Entretanto, poucos cristãos (talvez nenhum) podem ver isso como uma possibilidade real para si mesmos ou para os crentes que eles conhecem. Isso não parece ser algo que possamos avaliar mediante medidas definidas, que entendamos claramente, e que saibamos como implementar.

Consequentemente, nos sentimos apanhados nas garras de um dilema. Se um dia eu garantir aos meus amigos cristãos que pretendo parar de pecar e alcançar um estágio onde possa seguir perfeitamente a Jesus Cristo, é provável que eles se sintam escandalizados e ameaçados - ou, no mínimo, muito confusos. "Quem você pensa que é?", provavelmente dirão. Ou poderão pensar: "O que há com ele?".

Se, porém, por outro lado, eu afirmo que não pretendo parar de pecar ou que não planejo realmente seguir meu Senhor, eles ficariam igualmente perturbados. E com razão. Como Jesus pode ser meu Senhor se eu nem ao menos *planejo* obedecê-lo? Isso realmente seria diferente, em essência e em resultado, de não tê-lo como Senhor? Meu círculo de comunhão cristã não me permitirá deixar de seguir a Jesus, nem pensar em fazer isso, mas, tampouco, me permitirão dizer: "Não pecarei mais".

Ainda assim, eu devo fazer uma das duas coisas: devo ter a intenção de parar de pecar ou *de* continuar pecando. Não existe uma terceira possibilidade. Tenho de planejar seguir totalmente a Jesus ou não fazer isso. Não planejar seguir realmente a Jesus é diferente, diante de Deus e da humanidade, de planejar não segui-lo? Mas como posso eu honestamente fazer uma coisa ou outra?

O dilema seria resolvido se pudéssemos planejar realisticamente ser como Cristo. Talvez o momento mais difícil na vida de um pastor ou professor ocorre quando, em resposta à sua

pregação ou ensino, um ouvinte diz: "Tudo bem. Eu realmente quero ser como Cristo. Você me convenceu de que somente quando eu ando com Ele e de fato me torno semelhante a Ele posso conhecer a plenitude da vida para a qual fui criado. Agora, diga-me, precisamente, como fazer isso." Dificilmente o líder pode dizer: "Você não deveria tentar fazer isso!" Por outro lado, há poucos líderes e professores hoje em dia que podem dizer calmamente "Eis o que você precisa fazer" e apresentar passos específicos e comprovados, realmente acessíveis ao seu interlocutor.

Quando Cristo andou sobre a terra, o método cristão de crescimento espiritual, embora talvez fosse mais severo, parecia mais simples. "Eu sou a luz do mundo...", disse ele em João 8.12, "quem me segue, nunca andarão em trevas, mas terá a luz da vida." Ele gritou para Simão e André que pescavam, para Tiago e João, e para Mateus, que recolhia impostos: "Sigam-me!" Eles obedeceram literalmente, deixando o que estavam fazendo, para estar com Ele. Desta maneira, aprenderam, pela observação, pelo contato direto e pelo envolvimento, a fazer o que Ele fazia e a ser como Ele. Deve ter sido difícil, mas pelo menos era um método simples e direto.

Atualmente não menos do que nos dias de Jesus, nós, cristãos, sentimos o chamado profundo e inescapável do Senhor, que nos diz: "Vocês são a luz do mundo. Vocês são o sal da terra." No entanto, é muito difícil acreditar ou até levar isso a sério sem a presença física de Cristo para nos dar segurança e nos guiar.

Como seres humanos comuns como você e eu - vivendo em circunstâncias ordinárias -, podemos seguir a Jesus Cristo e ser como Ele? Como podemos ser sempre como Cristo - e não somente aos domingos, quando temos nosso melhor comportamento, cercados por outros que nos animam e apóiam? Como podemos ser como Ele não somente como uma pose ou um esforço constante e opressivo, mas com a facilidade e poder que Ele dispunha, fluindo do interior, e agindo com uma força calma do íntimo da mente e da alma do Cristo que se tornou parte real do nosso ser? Não há dúvida de que fomos chamados para isso. Esta é nossa vocação, bem como nosso mais precioso bem. E é possível. Mas como?

## **ONDE ESTÁ A NOSSA TEOLOGIA PRÁTICA HOJE?**

"Teologia" é um termo enfadonho, mas devia ser um termo do nosso dia-a-dia. O objetivo da teologia prática é tornar a teologia uma parte normal da vida. Teologia é apenas um meio de pensar e entender, ou não entender, Deus. A teologia prática estuda a maneira pela qual nossas ações interagem com Deus para realizar os propósitos divinos na vida humana.

Assim, todos possuem uma teologia prática, mesmo que seja aquela puramente negativa adotada pelos ateístas. A teologia prática afeta profundamente o curso da vida de cada pessoa. Nós temos, em alguma medida, liberdade de escolher a nossa teologia, mas certamente todos temos uma teologia. Uma teologia superficial ou mal informada prende e dirige nossa vida com a mesma força que uma teologia profunda e bem fundamentada. A nossa teologia prática tem a tarefa de responder àquelas perguntas sobre como crescemos espiritualmente. Se ela for bem-sucedida nisso, resolverá o dilema que estamos abordando.

O objetivo da teologia não-acadêmica é, com efeito, desenvolver pela prática os métodos mediante os quais homens e mulheres interagem com Deus para realizar Seus propósitos para a existência humana. Este propósito para a Igreja é duplo: a proclamação efetiva do evangelho cristão para toda a humanidade, fazendo "discípulos" de todas as nações e grupos étnicos, e o desenvolvimento do caráter do próprio Cristo nesses discípulos, "ensinando-os a obedecer a tudo o que eu lhes ordenei" (Mt 28.20). Se essas tarefas forem cumpridas corretamente, tudo o mais transcorrerá conforme o desejado.

Os líderes e mestres que Deus dá à sua Igreja são, nas palavras de Paulo aos Efésios 4.12, "para preparar os santos para a obra do ministério, para que o corpo de Cristo seja edificado, até que todos alcancemos a unidade da fé e do conhecimento do Filho de Deus e cheguemos à maturidade, atingindo a medida da plenitude de Cristo".

No entanto, nossa teologia prática nem sempre é bem-sucedida. A história da Igreja registra que, ao longo dos tempos, nossos líderes nem sempre foram suficientemente sábios e bem-sucedidos em seu trabalho de equipar os santos. Em nosso passado recente, a evangelização mundial foi fortemente enfatizada e alcançou grande sucesso. Talvez tenha sido esta a principal

tarefa da Igreja nos últimos três séculos. Podemos ficar felizes e agradecidos pela expansão da Igreja em termos geográficos e numéricos. No entanto, nosso próprio zelo e sucesso nesta área podem nos desviar da ênfase adequada no entendimento e na prática do crescimento na semelhança com Cristo *depois* da conversão. Será que fazemos o que é necessário para levar o neófito entusiasmado a tomar posse de seus direitos como filho de Deus, como irmão ou irmã de Jesus Cristo na sua nova vida?

Infelizmente, a resposta a esta pergunta é um sonoro "não". Não é exagero afirmar que esta dimensão da teologia prática não é nem mesmo considerada como algo a ser levado a sério pela maioria dos mestres e líderes. Isso se dá provavelmente porque não parece imperativo nem urgente. Assim, podemos apenas descrever a frase "ensinando-os a obedecer a tudo o que eu lhes ordenei" como a Grande *Omissão* da Grande Comissão de Mateus 28.19,20.

Severo demais? Faça uma pesquisa por si mesmo. Pergunte em sua igreja: "Como planejamos ensinar o novo crente a fazer tudo o que Jesus ordenou?" Nossas igrejas e denominações não possuem planos concretos, bem desenhados e colocados em prática com determinação, para cumprir o mandado integral de Jesus. Assim como atualmente não encontramos nenhum líder político que tenha um plano concreto para pagar a dívida externa do país, da mesma forma não encontramos nenhum elemento influente da liderança eclesiástica que tenha um plano – não um desejo vago ou um sonho, mas um *plano* – de implementar todas as fases da Grande Comissão.

A Igreja americana superestimou o bem que procede do mero progresso científico, ou da correção doutrinária, ou do progresso social, da obra missionária e da evangelização. A Igreja tem sido abalada até seus alicerces por movimentos ideológicos, tecnológicos e militares numa escala nunca experimentada antes pela humanidade. E tem sido também sufocada pela cultura de massa, pelo desejo irracional de "prosperidade", educação insípida e pseudo-igualitarismo. Como resultado, a Igreja perdeu qualquer senso realista do que significa para o cristão individual "crescer na graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo", conforme expressado em 2 Pedro 3.18. De fato, ela perdeu de vista o tipo de vida no qual tal crescimento seria uma possibilidade realista e previsível.

Então, como podemos vislumbrar um meio de tal crescimento ser implantado de forma sistemática pelo ministro e pela comunidade cristã? Em relação a tais assuntos, tudo o que poderia ser aprendido da história da Igreja e da própria Bíblia tem sido descartado como irrelevante. Essas informações preciosas simplesmente tornaram-se invisíveis ao cristão da era moderna.

Por volta da metade do século XX, nós perdemos qualquer abordagem reconhecida, razoável e saudável (em termos teológicos e psicológicos) do crescimento espiritual. Na verdade, já não se sabe como realmente nos tornamos semelhantes a Cristo. No século XVIII, John Wesley já advertia à Igreja:

Havia um ditado comum entre os membros da Igreja primitiva: "A alma e o corpo formam um homem; o espírito e a disciplina formam um cristão"; queria dizer que ninguém pode ser um verdadeiro cristão sem a ajuda da disciplina cristã. No entanto, se for assim, não é de estranhar que encontremos tão poucos cristãos, pois onde está a disciplina cristã?

## **NOVA VIDA EXALADA NAS VELHAS DISCIPLINAS**

Se Wesley estivesse vivo, o que diria sobre a situação das igrejas? Pelo menos, ele acharia mais esperança na nossa presente situação do que na Igreja de alguns anos atrás. Algumas mudanças significativas ocorreram no protestantismo americano durante os últimos 25 anos. Nenhuma, porém, é mais significativa para o nosso tempo, ou de maior potencial para o futuro, do que o avivamento do interesse pelas antigas práticas que aqui denominamos de "disciplinas para a vida espiritual".

Atualmente, pela primeira vez em nossa história como nação, estamos sendo apresentados a uma variedade de disciplinas, tais como jejum, meditação, vida simples e submissão a um mentor espiritual, sob uma luz favorável. Embora reconhecido apenas por pouquíssimas pessoas como elementos essenciais do cristianismo, tais práticas são amplamente estudadas como uma possível importante ajuda para sermos cristãos efetivos. Aulas, seminários, retiros, livros e artigos sobre esses temas experimentam uma popularidade que duas décadas atrás era totalmente inconcebível.

Essas disciplinas são vistas cada vez mais como um meio confiável de crescimento espiritual em direção à maturidade em Cristo.

Esta mudança de interesse e de ênfase mais visível em relação ao jejum. Richard Foster relatou que quando publicou o seu livro *Celebração da Disciplina* em 1978, não encontrara, em sua pesquisa, um único livro publicado sobre este assunto, que agora é amplamente discutido. Sem qualquer esforço específico para reunir literatura sobre jejum, tenho cinco livros recentes sobre este tema em minha escrivaninha. E muito mais páginas são dedicadas à discussão do jejum nos periódicos religiosos, bem como em outros livros.

No início da década de 1970, vi-me forçado a começar a ensinar sistematicamente sobre as disciplinas. Parecia não haver nenhuma outra maneira de meus ouvintes entenderem como era realmente a vida no Reino de Deus, conforme proclamado por Jesus e por seus seguidores imediatos. Também parecia não haver nenhuma outra maneira de ajudá-los a entrar efetivamente naquele tipo de vida. Dezesete anos de esforços ministeriais numa ampla variedade de ambientes denominacionais deixaram claro para mim que aquilo que os cristãos em geral são ensinados a fazer, guia-padrão para aqueles que vão às igrejas, não contribui para o progresso espiritual deles.

É claro que a maioria dos cristãos ouviu de mim e de outros que devia freqüentar os cultos na igreja, dedicar tempo e dinheiro, orar, ler a Bíblia, fazer o bem aos outros e testemunhar da fé. É evidente que deviam fazer essas coisas. No entanto, era certo que fazia-se necessário algo mais. Era dolorosamente claro para mim que, com raras e belas exceções, os cristãos não eram capazes de fazer nem mesmo umas poucas coisas necessárias, de uma forma que de fato fosse boa para eles, como um caminho amplo para a vida cheia de Deus. Todos os esquemas agradáveis e doutrinariamente saudáveis de educação cristã, crescimento da igreja e renovação espiritual no final frustravam.

No entanto, de quem era a culpa de tais fracassos? Por mais que eu tentasse, não conseguia atribuir este resultado à falta de esforço dos cristãos. Um dos aspectos mais desanimadores da vida dos membros da igreja é como exibem pouca confiança em sua própria habilidade para o trabalho espiritual ou mesmo para a obra da igreja. Deixe de lado por um momento os inconstantes, os



de ânimo dobre e os neófitos. Mas se aqueles que são firmes, devotados e fiéis aos nossos ministérios há tanto tempo não forem transformados na essência de suas vidas à plena conformidade com Cristo, estarão destinados ao fracasso pelo que estamos ensinando a eles. Para cristãos sérios que freqüentam as igrejas, o obstáculo para o verdadeiro crescimento espiritual não é a falta de disposição. Ninguém que conheça tais pessoas pode deixar de apreciar sua disposição e bondade de coração, embora elas estejam muito longe da perfeição. Da minha parte, pelo menos, eu não podia mais negar os fatos. Finalmente concluí que o problema deles era uma deficiência teológica, carência de ensino, de entendimento e de direção prática. Também concluí que as formas usuais de ministério e ensino obviamente não ajudavam.

Como vejo agora (e conforme discutiremos), o evangelho pregado, a instrução e o exemplo dados aos fiéis não fazem justiça à *natureza da personalidade humana*, da qual *corpo e carne* são partes integrantes. E este fato tem implicações muito amplas para o desenvolvimento da saúde e da excelência humana.

Diferentemente, o segredo do padrão das disciplinas espirituais historicamente testadas é justamente que elas levam em conta e respeitam os aspectos físicos da natureza humana. Todas elas envolvem essencialmente condições e atividades corporais. Assim, elas nos mostram efetivamente como podemos "nos oferecer em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus" e como nossa "adoração espiritual" (Rm 12.1) realmente é inseparável da oferta literal de nossos corpos. Os ensinamentos de Paulo, especialmente quando acompanhados de suas práticas, sugerem fortemente que ele entendia e praticava algo vital sobre a vida cristã que nós perdemos – e que devemos fazer todo esforço para recuperar.

Portanto, no início da década de 1970, comecei a ensinar as disciplinas. A princípio, com certa hesitação e preocupação sobre qual seria a resposta. Naquela época, eu ensinava em várias igrejas de várias denominações protestantes. Todas elas tinham em comum uma tradição firmemente estabelecida de menosprezar as práticas "ascéticas" tais como solitude, silêncio e jejum. Meus ouvintes pareciam ter duas preocupações principais: eles se perguntavam como essas práticas poderiam ser implementadas desde que não se tornassem um meio de merecer perdão ou de barganhar as benesses divinas.

Todavia, para minha surpresa, eles não ofereciam resistência à idéia das disciplinas espirituais. De fato, era exatamente o oposto. Meu ensino sobre elas era quase que universalmente acolhido com um interesse simpático e, em geral, com alguma tentativa de aprender como aplicá-lo.

## **QUAL A RAZÃO DO INTERESSE ATUAL?**

Vários fatores explicam o atual interesse pelas disciplinas espirituais. Na década de 1970, estávamos acabando de emergir de um período de nossa história nacional amplamente reconhecido como de grande frouxidão, As imagens dos *hippies*, das passeatas e do Dr. Spock [conhecido por sua preconização de uma educação dos filhos bastante liberal] estavam forte e negativamente fixadas na mente das pessoas. Havia um clamor geral por ordem e certo temor de que no fundamento de nossa vida pessoal e social existiam forças que, se não fossem administradas com cuidado, poderiam nos mergulhar no tédio ou, então, no caos e na violência.

Essa mudança de atitude, porém, em relação às disciplinas espirituais clássicas, foi produzida também pelo crescimento da psicologia, da psicologia cristã em particular, como um corpo de conhecimentos e como uma profissão. Ali estava um evento de importância crucial para a Igreja americana do século XX. Os psicólogos, na própria natureza de seu trabalho, são solicitados a encarar as *realidades* da alma cristã – deixando de lado todos os dogmas, confissões e rituais – e propor meios de fazer algo sobre os problemas das pessoas. No entanto, isso era exatamente o que os mentores espirituais de épocas passadas tentavam fazer, Embora isso só fosse amplamente estudado a partir da década de 1960 ou 70, há um oceano de literatura que relata trabalhos com antigas e reconhecidas disciplinas para a vida espiritual.

O trabalho dos psicólogos – de fato, a simples presença do psicólogo no contexto das instituições cristãs – deixou claro para os cristãos de todas as denominações e orientações teológicas que sua "fê e prática" não traziam necessariamente paz, ou saúde da mente e da alma e, muito menos, crescimento concreto em direção à semelhança com Cristo. Muitos cristãos foram subitamente despertados para observar os métodos tradicionais de formação espiritual. Eles não puderam deixar de ver que o crescimento espiritual e vitalidade brotam do que de fato *fazemos* com as

nossas vidas, dos *hábitos* que formamos e do *caráter* que desenvolvemos.

Somos ensinados a acreditar que a verdadeira transformação de caráter começa na pura graça de Deus e é continuamente assistida por ela. Muito bem. No entanto, *ação* é também indispensável para fazer do cristão alguém que possui uma nova vida na qual, como diz a Bíblia em 2 Coríntios 5.17, "as coisas antigas já passaram; eis que surgiram coisas novas!" A falha em agir de certas formas definidas impedirá que esta transformação ocorra.

Estes são fatores na atual mudança de atitude em relação às disciplinas, mas ainda há um fator mais importante a ser considerado. Atualmente parece não haver nada menos do que uma mudança generalizada na consciência e no sentimento religioso. O que eu encontrei nas congregações onde ministrei no início da década de 1970 foi somente uma parte de algo muito maior que estava ocorrendo no fluxo do protestantismo americano e na cultura associada a ele.

## **O SECTARISMO PROTESTANTE NEUTRALIZADO**

Em nossa própria geração, este tipo específico de cristianismo completou uma fase principal de seu desenvolvimento. Em épocas anteriores, ser protestante e ser membro de uma denominação em particular era uma questão muito séria. Conforme mostra a História, houve ocasiões em que isso era uma questão de vida ou morte. Pessoas eram perseguidas e até mortas por causa de diferenças denominacionais, e aqueles que pertenciam a uma denominação raramente demonstravam alguma consideração pela decência moral ou pelas perspectivas acerca da eternidade de membros de outra denominação. Nos anos 40 e 50 do século XX, os casamentos entre membros de diferentes denominações eram fortemente desestimulados, e as amizades profundas raramente atravessavam as barreiras denominacionais.

Nos anos 60 e 70 desse mesmo século, entretanto, tais atitudes desapareceram no cenário americano. Uma análise minuciosa desta mudança revela o fato de que, nas décadas de 1980 e 1990, nós experimentamos a completa banalização do dogmatismo sectário nas barreiras denominacionais. É claro que

ainda há muitas batalhas a travar: liberalismo *versus* fundamentalismo; falibilidade bíblica *versus* inerrância bíblica; carismáticos *versus* tradicionais; ativismo social *versus* quietismo - mas elas têm pouco ou nada a ver se o indivíduo é luterano ou metodista, presbiteriano, batista ou anglicano. Tal expansão radical do pensamento certamente foi de grande ajuda.

O efeito geral, porém, foi o entorpecimento do caráter *específico* da vida eclesiástica. Ser batista ou episcopal já não era algo para nutrir o coração ou guiar a vida. Não dava mais à vida individual uma forma e uma identidade. O que quer que exista no Caminho Cristão, além das especificidades denominacionais e de ser uma pessoa agradável, provou ser algo muito difícil para a pessoa comum alcançar, devido em parte a gerações de insistência mal orientada de que tudo o que importa encontra-se dentro de nossa denominação. A banalização dos distintivos denominacionais deixou um enorme vazio onde poucas (ou nenhuma) das práticas religiosas específicas eram vistas como uma questão de vida ou morte. Contudo, se as práticas religiosas específicas fossem vistas como de vital importância, a religião teria realmente a importância que deve ter?

Mesmo o principal contraste religioso não-denominacional dos séculos passados - o ativista teológico liberal e o quietista teologicamente conservador - também tinha, no início da década de 1970, perdido grande parte de sua substância e urgência para o freqüentador de igreja comum. Cada um dos dois partidos era bem definido e se orgulhava de não ser como o outro. E nenhum dos dois exibia uma riqueza inerente ou energia para se destacar como uma força vital transcendente, poderosa o bastante para ameaçar as estruturas da existência secular.

Como Donald E. Miller escreveu recentemente: "As reservas interiores do cristianismo liberal estão grandemente exauridas, drenadas por demasiada teologia secular e muitas teologias radicais e pouca nutrição na fonte da experiência religiosa." No entanto, este, na verdade, não é um problema novo para o cristianismo liberal, que se encontrou em dificuldade para manter uma experiência religiosa rica e recompensadora.

Flora Wuellner comenta habilmente sobre o protestantismo liberal em relação a oração:

Onde está nosso Cristo, que está vivo e vive em poder? Ele se tornou um belo ideal na pregação de nossas igrejas. Ele foi transformado num mito, incorporando um conceito teológico. O testemunho desta realidade objetiva em grande parte se perdeu. Muitas igrejas protestantes liberais jamais ouviram falar da oração de poder feita em nome de Jesus. A igreja tornou-se uma organização de idealistas bem-intencionados, trabalhando para Cristo; mas distanciados de sua presença e poder.

Quanto aos conservadores, no início da década de 1970, muitos deles aceitavam que ser cristão essencialmente nada tinha a ver *de fato* com seguir a Jesus ou ser como Ele. Era claramente admitido que a maioria dos "cristãos" não seguia realmente a Jesus nem era como Ele. "Cristãos não são perfeitos; apenas perdoados" tornou-se uma frase popular de pára-choque (embora seja correta em essência, esta declaração anula o *esforço* sério em direção ao crescimento espiritual). O único requerimento absoluto para ser um cristão era que o indivíduo cresse nas coisas certas *sobre* Jesus? As lutas doutrinárias de muitos séculos - intensificadas em seu impacto pelo entrelaçamento usual com os poderes políticos, legais e até militares, mas ao mesmo tempo desprovidas de significado religioso - tinham transformado a fé salvadora em *mero assentimento mental* a doutrinas corretas.

Esta visão puramente intelectual da fé está entrelaçada com outro fato Inegável dentro das fileiras conservadoras e fundamentalistas: Independente de quão elevada seja a visão professada a respeito da Bíblia, esta não era mais considerada como tendo autoridade *funcional* sobre a vida numa escala ampla. Quer dizer, não tinha de fato o efeito de trazer à vida dos fiéis uma semelhança com Cristo, apesar do pensamento conservador.

Como podemos reivindicar isso? Numa estimativa modesta, mais de um quarto de toda a população dos Estados Unidos professava uma experiência de conversão evangélica. William Iverson observou: Uma libra de carne certamente seria afetada por um quarto de libra de sal. Se isso é cristianismo verdadeiro - o sal da terra -, onde está o efeito sobre o qual Jesus falou?

Além do mais, esta base de piedade fundamentalista - o avivamento não era mais o que costumava ser. "Avivamento", no

sentido clássico de uma inspiração tremenda de Deus sobre uma grande comunidade, movendo-a toda em direção a Ele, há muito tempo já foi substituído. Foi trocado por uma nova forma de "avivamento" – mais ou menos orquestrado com todo cuidado e esforços evangelísticos ainda chamados pelo antigo nome. Como regra, esses novos esforços deixam não somente as comunidades, mas também os indivíduos que tomam decisão por Cristo substancialmente sem mudança em relação à sua vida anterior. É claro que sempre há exceções. No entanto, dolorosamente há pouco remanescente daquelas respostas gerais massivas ao influxo da Palavra de Deus e do Espírito, como vemos no Novo Testamento e podemos ver nos períodos mais primitivos da história da Igreja. Agora pode-se ter um "avivamento" mal sucedido, o qual, assim que você deixa de pensar sobre ele, faz tão pouco sentido quanto a ressurreição malsucedida de uma pessoa morta – quer dizer, não faz suscitar nada.

## **UMA FÉ QUE LEVA NOSSA VIDA A SÉRIO**

Assim, o que em geral era sentido no início da década de 1970, mesmo onde não se podia expressar abertamente, era o sentimento vazio e impotente do protestantismo em face da vida. Isso não significa que o Movimento Protestante não fosse importante nem capaz de produzir benefícios. No entanto, naquele ponto de nossa história nacional emergiu uma ampla conscientização de que este tipo de religião, seja de direita ou de esquerda, e independentemente do seu poder no passado, era considerado incapaz de produzir o tipo de pessoas que sabíamos em nosso coração que o cristianismo deveria produzir. Também não estava produzindo o tipo de pessoas que sabíamos que a vida exigia e que nós mesmos almejávamos ser. O tipo de vida que víamos era superficial. No enunciado valioso de Paul Scherer, era simplesmente "trivial demais para ser verdadeiro". Não era adequado à vida e nem ao menos levava a vida – nossas vidas, os minutos e horas ordinários de nossos dias – a sério no processo de redenção.

Este é o ambiente do qual começamos a buscar as disciplinas. De alguma forma, percebemos que elas tinham em si um quê de autenticidade. Elas sugeriam como, por meio de passos concretos, podemos "remir o tempo", que passa implacável, e de

que maneira, por meio do envolvimento extenuante, podemos "ser redimidos do fogo pelo fogo". As disciplinas prometiam dar às nossas vidas a forma que serviria como receptáculo para a substância da vida de Cristo no presente Reino de Deus. Adotar as disciplinas era levar nossas atividades – nossas vidas – a sério e supor que seguir a Cristo era no mínimo um desafio tão grande quanto tocar violino ou correr.

E assim, mais do que qualquer outra coisa, era a *seriedade* religiosa que as disciplinas espirituais injetavam na totalidade de nossas vidas que as tornavam tão atraentes. Elas se tornaram significativas porque a maioria dos cristãos encaravam a si mesmos dentro do contexto da rotina religiosa e da Ideologia insípida e desprovida de poder – incapaz de ser aliviada para muitos protestantes, mesmo pela liturgia rica que, no mínimo, poderia ter sido capaz de manter viva alguma profunda tradição histórica.

## **NOSSA CARÊNCIA DE UMA BASE TEOLÓGICA BEM FUNDAMENTADA**

No Entanto, um importante problema permanece. Nossa necessidade tangível e fome pelas disciplinas espirituais não deixam claro, por si mesmas, *por que* precisamos delas e *como* elas se encaixam na ação criativa e redentora de Deus sobre e dentro da vida humana, E, acima de tudo, elas não mostram como a prática das disciplinas deve ser integrada à grande verdade redescoberta com o protestantismo – a salvação pela graça mediante a fé, não por obras ou mérito. A confusão neste ponto levou aos abusos revelados na história das disciplinas e finalmente à exclusão delas das principais correntes protestantes dos nossos dias.

O que quero dizer? Séculos atrás, disciplinas como jejum, serviço e doação foram confundidas com obras meritórias e com as "penitências" inúteis. Assim, o resultado foi uma falha geral no entendimento ou aceitação das funções maravilhosas e positivas dessas disciplinas como parte do curso da plena redenção da personalidade humana. Todos nós ouvimos falar da "graça barata". No entanto, "graça barata" como conceito não veio meramente do nosso desejo de alcançar a misericórdia e a generosidade de Deus na hora da barganha. Creio que a falta de entendimento do lugar

das disciplinas espirituais na vida levou o protestantismo na era moderna a adotar a "graça barata" como o modo dominante de sua existência.

O que se precisa, então, é uma *teologia das disciplinas para a vida espiritual*. Precisamos de um fundamento, uma teologia prática e funcional. Precisamos entender por que as disciplinas têm de ser parte integral da vida significativa em Cristo. Temos de ter certeza da parte essencial que elas desempenham na apresentação plena e efetiva da verdade sobre a vida no Reino de Deus. Os capítulos seguintes são uma tentativa de fazer tal teologia acessível a todo cristão.

Não devemos ficar assustados com a palavra "teologia". Temos de admitir que ela é um tanto sombria e assustadora, e podemos ser tentados a relegá-la aos "especialistas". No entanto, ela continua sendo de grande importância para cada um de nós e para as comunidades nas quais vivemos. Não devemos nos afastar da teologia. Ela é parte de nossa vida. É inevitável. E, como dissemos anteriormente, uma teologia superficial guia nossa vida com tanta força quanto uma teologia profunda e bem fundamentada.

Uma teologia bem fundamentada deve finalmente ser colocada a serviço da vida normal das pessoas. E, quando isso for feito, terá um grande impacto para o bem. Todo cristão deve se esforçar para chegar à crença sobre Deus que reflita fielmente a realidade de sua vida e experiência, de modo que cada um possa saber como viver efetivamente diante dele neste mundo. Isso é teologia!

Um escritor profundo escreveu no final do século XIX:

Temos de sustentar que o papel principal da teologia de qualquer época, ano, hora, é ajudar a salvar os homens da "evasão das provas da vida", libertando-os da vergonha de suas melhores atitudes, e destacar as condições sobre as quais a vida espiritual pode ser indubitavelmente real.

É exatamente isso que temos de fazer agora. Mesmo assim, este livro não é de conselhos práticos e diretos sobre como



ingressar nas disciplinas específicas e andar por elas. Há livros excelentes de aplicação mais prática, especialmente *Celebração da Disciplina*, de Richard Foster, e outros escritos profundos de outras épocas. Em vez disso, estabeleceremos, elaboraremos e fortaleceremos nosso pensamento sobre esta premissa: *A plena participação na vida do Reino de Deus e no companheirismo vívido de Cristo chegam a nós por meio do exercício apropriado das disciplinas para a vida no espírito.*

Essas disciplinas sozinhas podem se tornar, para o cristão mediano, "a condição sobre a qual a vida espiritual se torna indubitavelmente real". É verdade. E se este ponto for estabelecido de forma muito convincente, como a sua veracidade e importância merecem, os efeitos práticos serão surpreendentes. Haverá uma revolução que trará vida à nossa existência pessoal e ao nosso mundo.

### **3. SALVAÇÃO É VIDA**

Deus nos deu a vida eterna, e essa vida está em seu Filho. Quem tem o Filho, tem a vida. (1 João 5:11,12)

Eu vim para que tenham vida, e a tenham plenamente. (João.10:10)

Se quando éramos inimigos de Deus fomos reconciliados com ele mediante a morte de seu Filho, quanto mais agora, tendo sido reconciliados, seremos salvos por sua vida! (ROMANOS 5.10)

Por que será que olhamos para a nossa salvação como um momento que deu início à nossa vida religiosa, em vez de encará-la como a vida diária que recebemos de Deus? Atualmente, de alguma forma, somos encorajados a remover a essência da fé das particularidades da vida humana cotidiana e recolocá-la em ocasiões, lugares e estados de espírito especiais.

Cada vez mais, estamos tomando consciência da enormidade do problema. Exortamos os cristãos a "levarem Cristo para os locais de trabalho" ou "trazerem Cristo para os lares". No entanto, será que isso não denuncia a suposição fatal de que os cristãos normalmente deixam Cristo nas igrejas?

Onde começou esta idéia? Mais do que qualquer outra coisa, ela surgiu da falha em reconhecermos a parte que nosso corpo desempenha em nossa vida espiritual; e, evidentemente é neste ponto que as disciplinas entram na discussão.

Nós sugerimos anteriormente que o segredo do jugo suave é imergir e insistir no estilo geral de vida que caracterizou a vida de Jesus, Dizemos: se fizermos isso, os mais elevados ideais do "Caminho Cristão" para o ser humano serão descortinados.

Um olhar atento aos "grandes atos" de Jesus de humildade, fé e compaixão registrados nos Evangelhos mostra uma vida caracterizada profunda e completamente por solitude, jejum, oração e serviço, A vida dos seguidores de Jesus deve ser certamente caracterizada profundamente por essas mesmas práticas.

As práticas do nosso Senhor formam o conjunto daquelas atividades que através dos séculos permanecem como disciplinas para a vida espiritual. Seria lógico imitarmos as ações diárias de Jesus, desde que Ele foi o grande Mestre da vida espiritual. Logo, não seria razoável ver naquelas disciplinas os fatores específicos que levam ao jugo suave, ao fardo leve e à vida abundante e cheia de poder?

Sem sugerir nenhuma "fórmula mecânica de sucesso" na vida espiritual (tais coisas seriam inadequadas), queremos responder àquela pergunta com um inequívoco "sim". Mesmo no caso de Jesus, é verdade que Ele "aprendeu a obedecer por meio daquilo que sofreu" (Hb 5,8). Obediência, mesmo para Ele, era algo a ser *aprendido*. Certamente não podemos esperar racionalmente fazer as obras de Jesus sem adotar o seu estilo de vida. E não podemos adotar sua maneira de viver sem nos engajarmos em suas disciplinas. Precisamos – mais do que Ele – aprender a obedecer.

Esta relação, porém, entre as disciplinas e o jugo suave com a vida abundante, baseia-se na natureza da personalidade humana. Jesus era humano, não só divino. Ele precisou de disciplina não

porque fosse pecador e necessitasse de redenção, como nós, mas porque tinha um corpo como o nosso. Isso nos ensina que temos de compartilhar como Ele das disciplinas. Seu entendimento com o Pai era: "Sacrifício e oferta não quiseste, mas um corpo me preparaste" (Hb 10.5). Jesus compartilhou da estrutura humana e, como ocorre com todo ser humano, seu corpo foi o ponto focal de sua vida.

É exatamente este reconhecimento apropriado do corpo e suas implicações para a teologia que falta às visões atuais da salvação ou da libertação cristã. O corpo humano é o ponto focal da existência humana. Jesus tinha um corpo. Nós temos um. Sem a percepção adequada do lugar do corpo, as peças do quebra-cabeça da nova vida em Cristo não se encaixam de forma realista, e segui-lo – ser como Ele – continua sendo uma impossibilidade prática.

É exatamente como o cristão comum encara a idéia hoje em dia – uma *impossibilidade prática*. E de onde vem tal pensamento? Creio que ele emana da incapacidade do cristão de pensar no próprio Cristo como *realmente tendo* um corpo, com todas as funções normais dos nossos próprios corpos. De fato, muitos consideram quase uma blasfêmia supor que Jesus de fato era como nós, em todos os detalhes e funções físicas normais.

O docetismo é uma antiga heresia, que afirmava que Cristo de fato não tinha um corpo, mas apenas aparentava ter um. Este pensamento continua vivo atualmente, confortavelmente instalado nos corações e mentes de muitos que dizem que Jesus era humano e divino, mas que, na verdade, não acreditam, e não podem nem imaginar, que Ele tinha um corpo humano em pleno funcionamento. Não podem conceber tal coisa porque tendemos a pensar no corpo e suas funções como um mero obstáculo para o nosso chamado espiritual, sem nenhum papel positivo em nossa redenção e participação no governo de Deus.

Enquanto tal visão do corpo for mantida, o jugo suave será um belo sonho e o discipulado uma diversão das horas vagas. Uma de nossas tarefas mais importantes neste livro será deixar claro como e por que o uso do corpo para fins espirituais é uma parte importante de nossa participação no processo da redenção.

## **RESULTADO: A FÉ É REMOVIDA DA ESFERA DA VIDA REAL**

Ninguém nega, é claro, que os fatos e ensinamentos fundamentais da religião cristã se preocupam com o corpo humano. A encarnação, a crucificação e a ressurreição de Cristo são eventos corporais. O corpo partido e o sangue derramado de nosso Senhor são celebrados perpetuamente nas reuniões do seu povo. A entrega que Ele fez de si próprio por nós é inseparável da presença do seu corpo na terra para morrer na cruz. .

No entanto, parece que não entendemos que aquilo que é verdade no fundamento não é menos verdadeiro na superestrutura. Minha sujeição a Cristo é inseparável da entrega do meu corpo para que Ele o habite ( Jo 14-23; I Co 6.15-20 e Ef 2.22). A vitalidade e o poder do cristianismo se perdem quando não conseguimos integrar nossos corpos na prática da fé mediante escolhas inteligentes e uma intenção firme. É com nossos corpos que recebemos a nova vida quando entramos no Reino de Deus.

A salvação deve afetar nossas vidas. E isso só pode ser feito por meio dos nossos corpos. Não pode ser de nenhuma outra forma. Se temos de participar do Reino de Deus, só o faremos por meio de nossas ações. E nossas ações são físicas – vivemos somente no processo dos nossos corpos. *Excluir nossos corpos da religião é o mesmo que excluir a religião de Nossas vidas.* Nossa vida é uma vida corporal, e ela só pode ser realizada plenamente em união com Deus.

A espiritualidade nos seres humanos não é um modo "especial" de existir. Não é uma corrente de águas oculta, de realidade diversa, uma vida paralela à nossa existência corporal. Não consiste de atos "interiores" especiais, embora possua aspectos subjetivos. A espiritualidade é um relacionamento de' nosso ser físico com Deus, que tem o efeito natural e irreprimível de nos tornar vivos para o seu Reino, aqui e agora, no mundo material.

Quando a nossa apresentação do evangelho deixa de fazer justiça à Verdade básica da natureza da pessoa humana, o cristianismo inevitavelmente se toma alienado de nossa existência cotidiana. Tudo o que sobra são uns poucos atos "especiais", acionados em raras ocasiões. A Igreja então é forçada a ocupar-se somente com esses atos e ocasiões especiais. Na realidade, por um

ato assombroso de falta de fé, a Igreja se afasta da substância da vida, tornando-se irrelevante, e Deus é deixado sem uma habitação por meio da qual poderia efetivamente ocupar o mundo da maneira que planejou.

Este afastamento da existência física concreta das pessoas explica por que é tão raro encontrar no cristianismo a vida de Jesus mencionada em João 1.4: "Nele estava a vida, e esta era a luz dos homens." A ausência de vida está: clara e não pode ser explicada com sucesso. Considere como nos maravilhemos e reconhecemos como raridades aquelas pessoas que parecem realmente ter o poder e o espírito de Cristo sobre elas. O destaque instantâneo dessas brilhantes exceções prova a regra de que a orientação dada a igreja para produzir o tipo de pessoas que ela deve produzir não é levada em conta nem pela *própria Igreja*.

Ninguém fica surpreso (embora às vezes se reclame) quando membros fiéis das igrejas não crescem em maturidade cristã. Constante e incrivelmente, não percebemos que o evangelho promete com toda a clareza "abundância de vida". Sabemos que isso é dolorosamente verdadeiro. A experiência no-lo tem ensinado, embora tentemos bravamente ignorar.

Este fracasso nada tem a ver com as divisões usuais entre cristãos, tais como protestantes e católicos, liberais e conservadores, ou pentecostais e tradicionais. Pois o fracasso é compartilhado por todos. Todos falham ao não promover os comportamentos físicos de fé que tornariam a existência humana concreta fundamentalmente completa. Todos falham quando não tomam o corpo como parte da vida total no Reino de Deus.

Como mencionamos no início deste capítulo, de alguma forma temos encorajado uma separação entre a nossa fé e a vida diária. Relegamos a vida de Deus em nós a tempos e locais especiais e a estados de espírito e nos acostumamos tanto com esse estilo de vida que dificilmente tomamos consciência disso. Quando pensamos em "levar Cristo ao nosso local de trabalho" ou "trazer Cristo para o nosso lar", estamos restringindo nossa fé a conjunto de atos *especiais*. Esta condição "especial" acaba reforçando o ponto: ser um cristão, pertencer a Cristo, não é considerado como uma parte normal da vida.

Não quero dizer que os esforços especiais devem simplesmente ser descartados. Eles podem trazer muitos

benefícios. No entanto, devemos cortar pela raiz a suposição nociva de que Deus está excluído dos atos normais de nossa vida. Como podemos fazer isso? Como lutar contra uma tendência tão poderosa e insidiosa no pensamento e na prática cristã que, na verdade, remove nosso relacionamento salvador com Deus de todos os pequenos eventos que formam a nossa vida?

## **SALVAÇÃO NÃO É APENAS PERDÃO, MAS UMA NOVA VIDA**

Precisamos, de fato, engajar-nos numa reavaliação radical do conceito cristão de salvação. O que significa "ser salvo"? O que as pessoas entendem quando ouvem falar em "salvação", "redenção" e outros termos do Novo Testamento usados em referência à ação divina de restaurar homens e mulheres ao lugar que deviam ocupar no mundo? Qual o conceito verdadeiro e coerente por trás dessas palavras? O pressuposto deste autor é que tudo isso se perdeu por meio dos processos históricos e das alterações da linguagem empregada para refletir interesses teológicos especiais. Nós perdemos o contato com os significados radicais dos conceitos que fariam a graça e a personalidade humana se encaixarem como luvas no processo do discipulado cristão!

Nós rejeitamos vigorosamente pensamentos superficiais e conceitos errôneos de um analista de computadores, de um construtor de pontes ou de um cirurgião. Por alguma estranha razão, porém, achamos fácil deixar nossa mente de lado quando se trata de religião. Não temos com a nossa fé o mesmo cuidado que temos com relação a outros assuntos. Na realidade, porém, devemos ser ainda *mais* cuidadosos com os nossos mestres religiosos e teólogos. O assunto do mestre religioso é no mínimo tão exigente e absorvente quanto o assunto de outros profissionais. E muito mais importante!

Determinado conceito errado causou um dano inestimável à Igreja e aos propósitos de Deus para nós: a redução da idéia cristã de salvação a *mero perdão de pecados*. Na verdade, salvação é muito mais! O conceito atual de salvação está muito distante do que era nos primórdios do cristianismo. É preciso corrigir isso para que graça de Deus na salvação possa ser devolvida à existência física concreta da pessoa humana, possibilitando o "andar com Jesus" no seu jugo suave.

Uma vez, porém, que a salvação é reduzida a mero perdão dos pecados, as discussões sobre a sua natureza são limitadas aos debates sobre a morte de Cristo, sobre quais elementos envolvidos em sua morte tornam o perdão possível e atual. Tais debates abordam as "teorias da expiação". Mesmo assim, por meio dessas teorias, a conexão entre salvação e *vida – tanto a sua vida como a nossa – torna-se ininteligível. E ela permanece ininteligível para todos os que tentam entender a salvação unicamente por essas teorias. Por quê? Porque elas não nos ajudam a entender o que afirmou o apóstolo Paulo: "[sendo] reconciliados com ele mediante a morte de seu Filho... seremos salvos por sua vida" (Rm 5.10). Como podemos ser salvos por Sua vida quando cremos que a salvação procede somente de Sua morte? Portanto, se nos concentrarmos exclusivamente em tais teorias, o corpo (a vida concreta) é perdido no processo de redenção. Assim sendo, como poderíamos considerar as disciplinas para a vida espiritual senão como esquisitices históricas e práticas estranhas engendradas por pessoas desvairadas de épocas distantes e que jaziam na ignorância?*

### **QUAL A RAZÃO DO SURGIMENTO POSTERIOR DA CRUZ?**

Um ponto interessante e talvez esclarecedor sobre esta confusão é o fato de que, além dos ensinamentos do Novo Testamento, há claras indicações históricas de que o perdão como o elemento supremo da salvação não era parte da visão dos primeiros cristãos. Por exemplo, o surgimento posterior da cruz como um símbolo cristão é um desenvolvimento muito interessante. Em sua magnífica série de TV e no livro intitulado *Civilization* [Civilização], Kenneth Clark enfatiza como a cruz surgiu como um símbolo significativo na religião cristã, na arte e na cultura:

Nós crescemos tão familiarizados com a idéia de que a Cruz é o símbolo supremo do cristianismo que é um choque constatar como o seu poder foi tardiamente reconhecido na história da arte cristã. Nas primeiras obras de arte da cristandade, ela quase não aparece; e o exemplo mais antigo, nas portas da igreja de Santa Sabina (construída em 430 d.c.) em Roma, ela aparece num canto, quase sem ser notada. O simples fato é que a Igreja primitiva precisava de convertidos, e, a partir deste ponto de vista, a

crucificação não era um assunto estimulante. Assim, a antiga arte cristã estava mais interessada em milagres, curas e com os aspectos mais positivos da fé, como a Ascensão e a Ressurreição.

No entanto, esta é uma visão estranha e incomum do estado de espírito dos cristãos primitivos! Em vista de tudo o mais que sabemos sobre aquele período – a perseguição difundida e muitas vezes mortal que automaticamente se lançava contra muitos convertidos –, é bem difícil acreditar que havia um esforço de evitar o assunto da cruz e da morte.

As bem conhecidas palavras de Tertuliano (160-230 d.c.) na conclusão de sua *Apologia* parecem muito mais representativas da prática dos antigos cristãos. Ele escreveu para os governadores provinciais sob o Império Romano:

Continuem em sua carreira de crueldade, mas não suponham que assim realizarão seus propósitos de extinguir a seita odiada [os cristãos]. Nós somos como a grama, que cresce mais luxuriante quanto mais é cortada. O sangue dos cristãos é a semente do cristianismo. Seus filósofos ensinaram os homens a desprezarem a dor e a morte por meio de palavras; no entanto, seus convertidos são pouquíssimos quando comparados com os cristãos, que ensinam pelo exemplo! A própria obstinação com que vocês nos reprovam é a grande propagadora de nossas doutrinas. Quem pode ver tal coisa sem se perguntar sobre a natureza da fé que inspira uma coragem tão sobrenatural? Quem pode inquirir nossa fé sem abraçá-la e não desejar ele próprio suportar os mesmos sofrimentos a fim de assegurar a participação na plenitude do favor divino?

Assim, a interpretação de Clark do surgimento posterior da cruz na cultura geral não se encaixa realmente 'na atitude dos primeiros cristãos em relação à morte. Para eles, desde o princípio, "o morrer é lucro", como diz Filipenses 1.21. Mas também (e muito mais importante), Clark perde de vista o simples fato de que não foi a morte de Cristo que deu origem à corajosa Igreja primitiva – foi a Sua *vida!*

Como as páginas dos Evangelhos mostram amplamente, a vida transcendente de Cristo no presente Reino dos céus foi o que atraiu os discípulos ao seu redor, antes de sua morte. Depois, a ressurreição e os eventos pós-ressurreição provaram que sua vida era indestrutível. Eles comprovaram que todos os ensinamentos de



Jesus sobre a vida no Reino eram verdade. A cruz, que sempre esteve presente no pensamento e na experiência deles, veio para o centro porque a força da vida mais elevada teve permissão de se dissipar com o passar das gerações. As testemunhas oculares – as pessoas que tinham visto e sentido a vida transcendente – não estavam mais lá para confirmar e contar tudo em primeira mão. Então, o entendimento da Igreja sobre a salvação lentamente se estreitou para o mero perdão dos pecados, que leva o homem para o céu, na vida por vir. A morte de Cristo passou a ser considerada como o *único* meio de proporcionar o mérito para este perdão, não no ponto onde sua vida foi plenamente demonstrada e triunfante, quebrando para sempre o poder do pecado sobre a existência humana concreta.

Assim, o surgimento da cruz significa o que nós hoje chamaríamos de "mudança de paradigma" no entendimento humano da pessoa e obra de Cristo. A estrutura básica do relacionamento redentor entre nós e Deus veio a ser ilustrada de uma forma radicalmente diferente do seu conceito prévio no Novo Testamento. O ato da cruz recebeu, primeiramente, uma interpretação estrita como mero sofrimento vicário, identificado, depois, com a totalidade da ação redentora de Deus. Portanto, a vida e os ensinamentos de Cristo não eram essenciais para as obras de redenção e foram considerados apenas como uma pungente moldura para a sua cruz, desde que sua única função salvadora foi concebida para ser um sacrifício de sangue que comprasse nosso perdão.

Os efeitos dessa mudança são incalculáveis e profundos para a história da Igreja e para a realidade da caminhada cristã. Eles são bem ilustrados na história – provavelmente apócrifa – que é contada sobre um dos grandes pensadores da Igreja Católica Romana, Tomás de Aquino. A história diz que enquanto andava observando os esplendores de Roma, um amigo disse a Tomás de Aquino: "Certamente nós, cristãos, não podemos mais dizer: Não temos ouro nem prata. Tomás de Aquino replicou: Tão pouco podemos dizer: "Levanta e anda." Quando a mudança se estabeleceu, o poder diminuiu, como observou Tomás de Aquino. A Igreja de sua época podia afirmar ter poder de perdoar pecados, mas não podia ordenar uma cura com poder e vida.

## O QUE A RESSURREIÇÃO SIGNIFICOU PARA OS AMIGOS DE JESUS

A mensagem do Senhor Jesus e dos primeiros discípulos não era apenas de perdão de pecados, mas sim uma mensagem de novidade de vida – O que certamente envolvia perdão, tanto quanto a sua morte pelos nossos pecados. No entanto, aquela novidade de vida envolvia muito mais. Ser "salvo" era ser "[resgatado] do domínio das trevas [e transportado] para o Reino do seu Filho amado", como diz Colossenses 1.13. Também somos salvos para ter uma vida qualitativamente diferente daquela dos não-salvos. Devemos viver num "mundo" diferente.

Porque este era o tipo de salvação que devia ser realizada, a ressurreição – e não a morte de Cristo – foi o fato central no evangelho dos primeiros crentes. Como já sugerimos, a ressurreição teve aquele tipo de significado para os primeiros cristãos porque ela provou que a nova vida que já estava presente entre eles na pessoa de Jesus não podia ser suprimida matando-se o corpo.

A ressurreição era um evento cósmico só porque validou a realidade e a indestrutibilidade do que Jesus tinha pregado e mostrado pelo exemplo *antes* de sua morte – a realidade duradoura e a abertura do Reino de Deus. O Reino de Deus como forma comunal que seus discípulos conheciam e passaram a esperar, continuaria. As "portas do Hades" não prevaleceriam contra ele, segundo Mateus 16. 18. Isso, e o fato de que Jesus afinal não estava morto – e que quando *nós* morrermos também não permaneceremos mortos –, *foi* o que tornou a ressurreição uma tremenda boa nova de transformação.

Com tudo isso claramente em vista, torna-se compreensível por que a simples e totalmente adequada palavra para salvação no Novo Testamento é "vida". "Eu vim para que tenham vida, e a tenham plenamente" (João 10.10). "Quem tem o Filho, tem a vida" (I Jo 5.12). "Deu-nos vida com Cristo, quando ainda estávamos mortos em transgressões" (Ef 2.5).

Uma vez que esquecemos ou obscurecemos o significado de "salvação" (ou "redenção", ou "regeneração") e o substituímos por expiação simples ou mero perdão de pecados, jamais seremos capazes de alcançar um retorno coerente para a existência humana concreta. Jamais seremos capazes de deixar claro

exatamente o que a nossa vida tem a ver com a nossa "salvação". Uma prova clara disso são os esforços fúteis de cristãos através dos séculos de- alinhavar obediência – ou "obras" ou "leis" – à graça, ou insistir que Cristo não pode ser nosso Salvador sem ser também nosso Senhor.

No entanto, a idéia de redenção como *comunicação de vida* proporciona um esquema de entendimento totalmente diferente. O ato redentor de Deus para conosco é seminal, isto é, provê-nos uma base para o desenvolvimento da pessoa integral – a comunicação de uma nova vida ou um novo tipo de vida, como a semente (um dos símbolos mais usados pelo nosso Senhor) carrega uma nova vida quando é lançada ao solo. Afastar-se dos velhos caminhos com fé e esperança em Cristo surge como a primeira expressão da nova vida comunicada. Esta vida se tornará em uma vida com a mesma qualidade da vida de Cristo. Na verdade, *é* a própria vida de Cristo. Ele realmente vive em nós. A encarnação continua.

Obediência, "obras" e senhorio efetivo são então partes naturais da salvação, desse tipo de vida. Eles chegam como os contínuos dons de Deus dentro de nosso relacionamento interativo com Ele – não como algo fora dele coxeando à distância ou desaparecendo totalmente. Como brotos dessa Semente, eles desabrocham da própria vida. O escritor puritano do século XVII Walter Marshall escreveu: "Santidade... [como amor a Deus e à humanidade] é considerado não como um meio, mas como uma parte, uma parte distinta; ou melhor, como o ponto central no qual todos os meios de graça e todas as ordenanças da religião culminam."

## **FÉ E OBRAS – COMO INTERAGEM?**

A distinção entre o que é uma parte natural da salvação e o que pode ser apenas um acompanhamento nos ajuda também a entender a frase "A fé sem obras é morta" – uma afirmação da Epístola de Tiago que tem perturbado muitos cristãos reformados, "Obras" são simplesmente uma parte natural da fé. A afirmação de Tiago trata da *natureza* da fé, o que a compõe. Ela trata do que realmente quer dizer crer em algo. Não é uma exortação para *provar* que alguém tem fé ou trabalhar para *manter a fé do indivíduo viva*.

Todos nós sabemos que Martinho Lutero teve sérios problemas com a epístola de Tiago, chegando a sugerir que ela fosse eliminada do Novo Testamento. Ironicamente, porém, ele entendeu bem claro o argumento de Tiago sobre a natureza da fé e com veemência expressou isso em sua própria linguagem. No prefácio do seu comentário sobre Romanos, ele afirma, por meio de uma comparação apropriada, que é "impossível separar as obras da fé – sim, assim como é impossível separar o calor e o brilho do fogo". Isso porque a fé em sua própria natureza é poder e vida. Eis aqui a descrição de Lutero:

Oh, esta fé é uma coisa viva, operante, ativa e poderosa! É impossível que ela não esteja incessantemente fazendo o que é bom. Ela nem sequer pergunta que boas obras precisam ser feitas; mas antes que a pergunta seja feita, já fez o bem e está constantemente engajada em fazer o bem. No entanto, àquele que não faz tais obras é um homem sem fé. Ele anda apalpando e tateando ao redor em busca de fé e de boas obras, não sabendo o que essas coisas significam, mas mesmo assim de forma pueril e desocupada multiplica as palavras sobre fé e boas obras.

Lutero acrescenta um comentário sobre o caráter interior da fé:

[Fé] é uma confiança viva e tão bem fundamentada na graça de Deus, que morreria mil vezes antes de abrir mão de sua convicção. Tal confiança e conhecimento pessoal da graça divina tornam seu possuidor alegre, ousado e cheio de cálida afeição para com Deus e todas as coisas criadas – tudo aquilo que o Espírito Santo opera em fé. Daí, tal homem torna-se bem disposto e ansioso para fazer o bem a todos, servir a todos, sofrer todos os tipos de males, a fim de agradar e glorificar a Deus, que demonstrou tamanha graça para com ele.

Os comentários tocantes de Kierkegaard, sobre como a História distorceu o ensino de Lutero sobre a salvação pela fé, expressam profundo entendimento sobre nossa atual situação. Ele notou como há sempre certo mundanismo que deseja parecer cristão, mas da maneira mais barata possível. Este mundanismo prestou atenção em Lutero, ouvi-o atentamente e encontrou algo que poderia usar. Então, tudo provém somente da fé? Maravilhoso "Estamos livres de todas as obras. Viva Lutero! Quem não as mulheres, o vinho e a música permanece um tolo a vida toda!" Esta é a relevância da vida de Lutero, este homem de Deus que, bem sintonizado com sua época, reformou o cristianismo."

Uma vez que compreendemos que fé é a poderosa força vital descrita por Lutero, podemos então reconhecê-la como ela própria se revela nas páginas do Novo Testamento em três dimensões principais:

1. A presença de um novo poder *dentro* do indivíduo, irrompendo numa ruptura com o passado por meio do arrependimento e a liberação de perdão. A folha seca automaticamente cai do ramo quando uma nova folha surge. Assim, temos a representação bíblica do arrependimento, bem como dão, como algo *dado* por Deus (Salmo 80.3; 85.4; Atos 5.31; Romanos 2:4 e Timóteo 2.25).

2. Uma transformação imediata, mas também gradual do caráter e da personalidade do indivíduo (2 Co 5.17; Rm 5.1-5; 2 Pe 1:4-11).

3. Um poder significativo, sobre-humano, sobre os males deste presente século e do mundo, exercido tanto pelo indivíduo como pela Igreja coletiva ("Foi-me dada toda a autoridade nos céus e na terra. Portanto, vão..." – Mt 28.18).

Conforme é explicado em Colossenses 1.13, ser "transportado para o Reino do seu Filho amado" significa exatamente experimentar esta vida tridimensional, ou ser cidadão do céu (Fp 3.20).

## **O CORPO "HUMILHADO"**

Olhando para trás, para nossas discussões até este ponto, vemos que conectamos a realidade do jugo suave à prática das

disciplinas espirituais. Essas, por sua vez, nos levam ao papel do corpo na redenção. Embora chamemos as disciplinas de "espirituais" – e conquanto jamais devam ser consideradas à parte de uma interação interior constante com Deus e seu Reino de graça –, elas nunca deixam de exigir atos específicos e disposições do nosso corpo quando nos engajamos nelas. Nós somos finitos, limitados em nossos corpos. Assim, as disciplinas não podem ser realizadas exceto quando nosso corpo e seus membros estão submissos a Deus, em maneiras precisas e ações bem definidas.

Aqui encontramos o papel positivo do corpo no processo de redenção, quando escolhemos aqueles usos de nosso corpo que promovam a vida espiritual. Somente quando apreciamos este papel, podemos entender a visão do Novo Testamento de que salvação é "vida"; pois evidentemente vida é algo que vivemos, e nós vivemos somente nas ações e disposições do nosso corpo.

Esta idéia é totalmente contrária à visão da fé como um ato interior da mente que assegura somente perdão e não tem necessariamente uma conexão com o mundo de atividade no qual a existência humana normal segue seu curso. No entanto, o novo testamento não reconhece a fé que é pura abstração. A fé do Novo Testamento é uma força vital distinta que se origina no impacto da Palavra de Deus sobre a alma, como vemos em Romanos 10.17, e depois exerce uma influência determinante sobre todos os aspectos de nossa existência, inclusive o corpo e seu ambiente social e político.

Esta idéia é a linha de interpretação mais convincente da fé e da vida na companhia de Cristo, conforme ilustrado no Novo Testamento. Também é ela que abre a porta para o uso do Novo Testamento como guia prático da experiência cristã e suas aspirações. Trata-se de uma forte recomendação, não compartilhada de fato pela visão da salvação como "mero perdão". Entretanto, devo admitir que mesmo aqueles que consideram essa visão convincente podem ter ainda a impressão esmagadora de que o corpo simplesmente *não pode* ser mais do que um empecilho para nossa redenção. Nossa atual experiência com o corpo humano, especialmente o nosso próprio corpo, pode reforçar a idéia de que o máximo que podemos esperar é manter uma distância segura, dirigidos precariamente pela graça de Deus para evitar que ele nos derrote espiritualmente até que nos livremos dele.

Afinal, a Bíblia não se refere a um corpo *humilhado* em Filipenses 3.21? Também não fala de um corpo terreno e perecível em I Coríntios 15:48-50? Será que o próprio Cristo, no Evangelho de Marcos, não indicou que coisas más emanam do corpo para profanar a humanidade (7.20-23)? O capítulo 3 de Romanos não caracteriza o corpo como tendo uma garganta semelhante a sepulcro aberto, língua e lábios cheios de engano e veneno, uma boca cheia de maldição e amargura e pés que se apressam para derramar sangue? O corpo não deixa atrás de si um rastro de destruição e miséria?

É verdade que nossos corpos podem nos esmagar com seus impulsos e nos aterrorizar com sua vulnerabilidade. O que podemos contra suas exigências e necessidades de comida, bebida, segurança, conforto, poder e amor?

Falemos sobre os problemas de Jó. Os eventos que ele teve de suportar e que o levaram ao desespero espiritual foram todos eventos físicos – no seu próprio corpo ou sobre seus entes queridos. Como esta coisa perigosa e vil possivelmente poderia ser de algum benefício na realização de nosso livramento? A resposta é: não pode.

Encarando o corpo meramente como um elemento deste mundo que opõe a Deus, ele certamente não contém em si os recursos de redenção. Porém devo insistir que ele não foi feito para ser o que vemos que é em sua alienação de Deus.

A lamentável condição do corpo é uma indicação clara de que ele não está agora em seu verdadeiro elemento. Nós não deveríamos julgar as possibilidades dos automóveis olhando apenas aqueles que se encontram jogados no ferro-velho, ou a resistência de uma planta olhando apenas aquelas que não receberam os nutrientes necessários.

O corpo humano foi feito para ser o veículo da personalidade humana no governo da terra para Deus, por meio do Seu poder. Afastado dessa função por causa da perda de sua relação com Deus, o corpo é apanhado no estado inevitável de corrupção no qual se encontra agora. Para focar nossa visão nas possibilidades do nosso corpo e da vida espiritual que ele pode experimentar, os três próximos capítulos foram escritos. Eles se aplicam a uma explanação de quem somos e o que a vida espiritual é do ponto de vista bíblico, (Aqueles que têm menos interesse na base teológica

para .as disciplinas da vida espiritual podem pular esses capítulos, indo diretamente para o Capítulo 7, retomando depois aos capítulos 4-6).

#### **4. "POUCO MENOR QUE OS SERES CELESTIAIS"**

Quando contemplo os teus céus, obra dos teus dedos, a lua e as estrelas que ali firmaste, pergunto: Que é o homem, para que com ele te importes? E o filho do homem, para que com ele te preocupes? Tu o fizeste um pouco menor do que os seres celestiais e o coroaste de glória e de honra. Tu o fizeste dominar sobre as obras das tuas mãos; sob os seus pés tudo puseste. (SALMO 8.3-6)

Disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança. Domine ele sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, sobre os grandes animais de toda a terra e sobre todos os pequenos animais que se movem rente ao chão. Criou Deus o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou. (Gênesis 1.26,27)

Quem são os seres humanos? O que temos de fazer? Certamente a vida é muito mais do que apenas sobreviver ou dominar a natureza e outros seres humanos. Por que estamos aqui?

A incapacidade de responder a tais perguntas é um dos dilemas mais profundos e mais problemáticos dos seres humanos. Questões como estas geralmente não nos incomodam, desde que estejamos inseridos na vida de uma família bem estruturada, tribo, nação ou outra unidade social. Nestes grupos, temos certeza de quem somos e do nosso papel. Pelo menos achamos que temos certeza. No entanto, esses laços podem ser quebrados pela educação, pelas erupções sociais, pela alienação emocional e uma miríade de outras razões atuais. Então, o ser humano individual descobre que não é suficiente saber que é um Silva ou um Souza; um advogado ou um engenheiro; sulista, alemão ou bretão. E aí



surge a questão. Qual é o propósito de nossa existência? Como devemos nos encarar como seres humanos?

Alguns podem encontrar alívio mediante a identificação com equipes esportivas, fãs-clubes de astros da música ou vários tipos de movimentos sociais. Outros apelam para os dogmatismos da política, da ciência ou da religião. Os adesivos em nossos carros e em nossas camisetas trazem símbolos e frases destinados a informar aos outros e a nós mesmos que estamos muito conscientes, obrigado, de quem somos, do que estamos fazendo e de como nos sentimos em relação a toda a idéia de estar neste planeta. No entanto, tudo isso é bravata vazia, um apito nervoso na escuridão de nossa ignorância e incerteza sobre nossa verdadeira natureza e nosso verdadeiro objetivo na vida.

Evidentemente, as questões sobre quem somos e para que propósito estamos aqui não são fáceis. E para aqueles que se baseiam em pontos de vista estritamente seculares, tais questões são difícilísimas. Por quê? Porque na *verdade* vivemos num mundo em ruínas. Atualmente não vivemos no ambiente para o qual fomos destinados. Assim, à luz desta verdade, é praticamente impossível determinar nossa natureza unicamente pela *observação*, porque só nos vemos numa postura perpetuamente artificial. Embora, possamos aprender muitas coisas empolgantes observando o curso normal da existência humana, não alcançamos o que mais queremos saber: qual é a nossa própria natureza, e quais as possibilidades de nossa vida.

Sem uma compreensão de nossa natureza e propósito, não é possível ter um entendimento apropriado da redenção. Você pode se perguntar: O que tudo isso realmente tem a ver com nossa salvação? Ou: Será que realmente precisamos saber tanto sobre nossa própria natureza antes de entender como pode ela mudar por meio da salvação? A resposta é: Sim, precisamos. O significado da "salvação" depende do que está sendo salvo. Antes que algo seja salvo, deve reconhecer o risco de se perder. Essencialmente, é a *natureza* do que está sendo salvo que determina como isso pode estar em risco de se perder. Por exemplo, "salvar" um investimento é um projeto diferente de salvar uma vida, uma reputação ou um animal machucado, porque investimento, vida, reputação e animal são coisas diferentes. Assim, se quisermos saber o que é salvar um ser humano, redimir uma alma. devemos começar perguntando: O

que fez Deus quando nos criou? E como criaturas como nós podem correr risco de perda?

## **ENTRE O PÓ E OS CÉUS**

Uma pista inicial para nos conduzir ao entendimento de nossa natureza pode ser encontrada em nossas aspirações em seu contraste agudo e óbvio com a nossa natureza física. Os poetas, bem como os escritores bíblicos, tinham uma vívida consciência desse contraste. A humanidade aspira à beleza, ao poder, à pureza, à dignidade, ao conhecimento e ao amor infinito. Mesmo assim, somos um amontoado de protoplasma ambulante – pedaços de "encanamento portátil", como disse o poeta Stephen Spender. Os naturalistas dogmáticos, às vezes sob o pretexto de "pensamento científico" mais recente, insistem que a criatura humana é só isso nada mais, nada menos. Platão, de uma forma audaciosa e irreverente, definiu os seres humanos como bipedes desprovidos de penas, para serem distinguidos dos pássaros. A verdade é que *nós somos* feitos de pó, apesar de aspirarmos ao céu. Embora o brilho da juventude esconda a verdade durante algum tempo, todos nós, se vivermos o suficiente, reconheceremos o que o poeta Yeats afirmou, em "Navegando para Bizâncio", que "um homem idoso é apenas uma coisa vil, um casaco esfarrapado pendurado numa bengala...".

Quando Jó estava descontente com a sorte que Deus permitira cair sobre ele, foi repreendido por Elifaz, o temanita, por sua presunção: "Se Deus não confia em seus servos, se vê erros em seus anjos e os acusa, quanto mais nos que moram em casas de barro, cujos alicerces estão no *pó*! São mais facilmente esmagados do que uma traça! Entre o alvorecer e o crepúsculo são despedaçados" (Jó 4.18,19)

Barro, pó, traça – sim. No entanto, aí surge o outro lado. Que esplendor"! Shakespeare faz Hamlet exclamar:

Que obra de arte é o homem! Que nobreza na razão!  
Que faculdade infinita! Quão admirável em forma e movimento!  
Nas ações, parece um anjo! Na compreensão, assemelha-se a um deus! A beleza do mundo! O protótipo dos animais!

Depois de tudo isso, porém, Hamlet conclui:

Apesar disso tudo, para mim qual é a quintessência do pó? O homem não me agrada.

A distância entre as aspirações e as realidades físicas da humanidade pode oferecer ocasião para o ridículo, o cínico e o trágico, mas ao mesmo tempo está cheia de compaixão, fidelidade, heroísmo e criatividade. Em resumo, essa distância é a vida como nós a conhecemos.

Mesmo assim, ao nos compararmos com outras criaturas, vemos que *somos* diferentes. *Somos* criados para coisas mais elevadas. Nossas aspirações indicam esta verdade. A velha distinção entre o corpo (o físico) e a pessoa (alma, espírito, mente) baseia-se no contraste entre os fatos físicos inconscientes de nossa vida, que às vezes nos chocam ou envergonham, e nossa vida "consciente", nossas experiências, interesses, significados, pensamentos, intenções e valores., É a natureza de nossa vida consciente que nos separa das outras criaturas, colocando uma distância considerável entre nosso ser mais íntimo e o amontoado de pó que somos na realidade.

Quando Deus nos criou, Ele nos fez criaturas capazes de presunções espantosas. Nós, seres humanos, podemos *quase* esquecer que somos pó. Talvez, numa certa medida, *devamos* esquecer isso para seguir em frente. Apesar disso, ainda quando respiramos, comemos e dormimos, nós pensamos e sonhamos - e isso é maravilhoso. Neste paradoxo, neste quebra-cabeça no qual as peças não se encaixam, podemos nos congratular por uma realização tão rara e espantosa ou podemos começar a entender que somos tocados por poderes além de nós mesmos. Somos criaturas a quem foram dadas possibilidades que podem nos levar para o céu ou para o inferno.

## **A PERSPECTIVA BÍBLICA DA HUMANIDADE**

Uma indicação de nossa grandeza, a despeito de toda a nossa pequenez, encontra-se precisamente no fato de que Deus nos

valoriza. Ele se encontra conosco e nos atribui tarefas. Assim sendo, deve haver algo importante sobre os seres humanos que não é aparente. Como disse o salmista, "que é homem, para que com ele te importes? E o filho do homem, para que com ele te preocupes? Tu o fizeste um pouco menor do que os seres celestiais..." (Sl. 8.4,5).

Como vimos, tanto os poetas sagrados como os seculares percebem a natureza humana e seu poder espremido entre o sublime e o ridiculamente grosseiro e inferior. No entanto, a visão judaico-cristã da criação da humanidade proporciona, pelo *trabalho* que nos foi designado na criação, um indício da unidade e do propósito de nossa natureza multifacetada. Originalmente, fomos colocados aqui para fazer o quê?

Numa obra clássica da espiritualidade ortodoxa, *The Way of a Pilgrím [O caminho de um Peregrino]*, conta-se a história de um rosário que pertencia um santo homem que afugentou um lobo de um viajante. A seguinte explicação é dada de como as pessoas têm poder sobre os animais, por meio da santidade:

Você se recorda de que, quando nosso pai Adão ainda estava em seu estado de santa inocência, todos os animais o obedeciam. Eles se aproximaram dele com temor e receberam seus nomes, O velho a quem pertencia este rosário era um santo. Qual é o significado de santidade? Para o pecador, não significa nada além de um retorno, mediante o esforço e a disciplina, ao estado de inocência do primeiro homem. Quando a alma se torna santa, o corpo também se torna santo. O rosário sempre esteve nas mãos de uma pessoa santificada; o efeito do contato de suas mãos e a exalação de seu corpo inocularam nele poder santo – o poder da inocência do primeiro homem. Este é o mistério da natureza espiritual! Todos os animais na sucessão natural até este presente momento experimentaram este poder.

Será que isso é algo fantástico? Certamente não o será assim considerado pelos cristãos que levam a sério o relato da criação humana no livro de Gênesis.

A percepção bíblica da magnificência e da trivialidade, simultaneamente, na criatura humana baseia-se exata e firmemente no relato bíblico de nossa origem. As pessoas foram, em todas as suas dimensões, criadas para serem semelhantes a Deus; nesta semelhança, elas deviam exercer senhorio, cuidado e supervisão sobre a criação zoológica. Como é explicado em Gênesis 1.26: "Disse Deus: façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança. Domine ele sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, sobre os grandes animais de toda a terra e sobre todos os pequenos animais que se movem rente ao chão."

Assim, a descrição do trabalho da humanidade é claramente apresentada. Não fomos designados apenas para viver numa comunhão mística com nosso Criador, como muitas vezes é sugerido. Pelo contrário, fomos criados para *governar a terra* com todos os seus seres vivos – e para esta finalidade específica fomos feitos à imagem divina.

Talvez, neste momento, possamos deixar de lado as muitas controvérsias que giram em torno das primeiras páginas da Bíblia e perceber ali um vislumbre de nossas possibilidades (e presunções) assombrosas. Se pudermos fazer isso, veremos a natureza e possibilidades que foram destinadas na origem – e que agora devem ser resgatadas.

Na narrativa de Gênesis, a vida emerge na forma, de plantas durante o terceiro período criativo ou "dia". Mediante uma ordem de Deus, ela emerge, da substância previamente criada, a "terra seca" em Gênesis 1.1. No quinto período, depois que a luz é consolidada na forma das luzes específicas do sol, da lua e das estrelas, a água é ordenada a produzir "seres vivos", peixes e aves (1.20)., No sexto e último dia da criação, a terra seca recebe ordem, novamente, para produzir "seres vivos de acordo com suas espécies: rebanhos domésticos, animais selvagens e os demais seres vivos da terra, cada um de acordo com a sua espécie".

Foi também no sexto período criativo que a humanidade foi criada. No entanto, nosso processo de criação foi claramente diferente de tudo o que veio antes. Aqui, pela primeira vez, em Gênesis 1.26, os leitores são informados do propósito de Deus em sua atividade criativa. Até este ponto, nenhuma razão fora dada por que Deus fez o que fez. Aqui, porém, a Escritura nos dá uma razão. O ser humano foi criado para governar – para dominar

sobre a esfera zoológica, assim como Deus governa sobre todas as coisas. A *imago Dei* (a imagem de Deus) consiste de todos os poderes e atributos exigidos para realizar esta tarefa, este domínio para o qual fomos nomeados. Evidentemente inclui o próprio domínio.

Certamente, porém, isso não se reflete em nossas vidas hoje! "Mas não se tratava apenas da descrição de um trabalho para o primeiro homem, Adão? Poder-se-ia perguntar. Não era. A palavra "homem", ou "Adão", é um substantivo coletivo e deve ser interpretada como se referindo tanto ao indivíduo, Adão, como a toda a humanidade, a comunidade de "governadores" sobre a vida mais elevada do que as plantas. Para realizar esta tarefa, os seres humanos receberam as habilidades apropriadas: poderes de percepção, conceituação, avaliação e ação. Aquela cena curiosa de Gênesis 2:19,20, por exemplo, em que os animais foram levados à presença de Adão para receber nomes, não foi somente uma ocasião quando rótulos foram colocados nos animais como números de identificação. Ela representa de acordo com o significado de "nomes" na Antiguidade – o entendimento de Adão (da humanidade) sobre a natureza das várias criaturas, um , entendimento necessário para tornar seu governo possível.

No entanto, à luz da grandiosidade da tarefa, Deus também deu à humanidade outra habilidade muito importante: a habilidade de experimentar relacionamento correto com Deus e com os outros seres humanos. Somente nesses relacionamentos, na comunicação necessária para manter tais relacionamentos saudáveis e empolgantes, poderia se encontrar tudo o que era requerido para o bom desempenho da tarefa recebida.

O maior mais admirável poder do homem, e da mulher, sobre os animais não é encontrado naqueles que os matam ou maltratam, mas naqueles que podem governar o comportamento deles falando com eles – comunicando-se com eles. A "palavra" é mais poderosa do que a espada porque ela ensina as dimensões mais profundas do nosso mundo e de nós próprios. Qualquer pessoa com um revólver pode estourar a cabeça de uma serpente, mas encantá-la ao som de uma flauta tornando-a, por um momento, calma e inofensiva é algo completamente diferente. A Bíblia ensina, tanto na narrativa dos evangelhos como no relato do Gênesis, no Antigo Testamento, que Deus governa pela palavra.

Nós devemos governar os nossos "súditos" da maneira que Deus faz: por meio do discurso e da comunicação. Nisso, vemos novamente a presença da *imago Dei* ativa em nossa descrição de trabalho. Isso deve ser verdadeiro também no nosso relacionamento com as pessoas. O exercício do poder, seja sobre outras pessoas ou animais, deve visar a harmonia, o entendimento e o amor. A situação ideal é aquela na qual os governados experimentam este "governo" fazendo o que gostariam de fazer de qualquer forma. Lao-Tsé, um sábio da antiga China, observou: "Quando o trabalho dos melhores governantes é feito, à tarefa cumprida, o povo todo afirma: 'Nós mesmos fizemos isso.'"

## **A HUMANIDADE CORPORATIVA GOVERNA A TERRA JUNTO COM DEUS**

Certamente devemos concordar em que a dimensão da tarefa destinada à humanidade no relato de Gênesis é assombrosa. Mesmo aceitando que originalmente havia somente uma massa de terra unificada cercada pelas águas do globo, que é a hipótese científica corrente, dificilmente conseguimos compreender o que significaria para os primeiros homens governar toda a terra.

Adão recebeu o encargo de iniciar o *processo*: "Sejam férteis e multipliquem-se! Encham e subjuguem a terra! Dominem sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu e sobre todos os animais que se movem pela terra" (Gn 1.28). Temos todas as razões para supor que era uma tarefa que nas melhores condições demandaria centenas ou milhares de gerações para ser cumprida.

Embora fosse totalmente diferente por causa da ausência do mal e seus efeitos, o projeto original seria semelhante, em um ponto, à história humana como nós a conhecemos: um processo. Talvez nossa tendência atual de ter mascotes e jardins zoológicos, de sermos atraídos por criaturas vivas e domesticá-las e nosso poder espantoso de treinar e controlar outras criaturas do planeta sejam apenas um reflexo apagado da intenção divina para nós.

Nossa preocupação com as espécies animais em perigo de extinção e nosso sentimento geral de responsabilidade e interesse pelo destino dos animais, das plantas e da própria Terra também falam dessa intenção divina. Os cientistas falam sobre a nossa responsabilidade, de cuidar dos oceanos, das florestas, da vida

selvagem e dos seres vivos. Esta urgência em relação a tal responsabilidade é, creio eu, uma manifestação da *imago Dei* originalmente implantada na humanidade e ainda não totalmente destruída.

Entretanto, para que haja paz no mundo animal, é preciso que haja completa harmonia e entendimento entre as pessoas. Deve haver também unidade com Deus, de quem em última análise todas as formas de vida, dependem. De outra forma, os animais seriam usados para a guerra – o que já temos feito por milênios. Eu creio que, dentro da intenção original, o ser humano poderia "falar" com os animais, dirigindo suas vidas conforme a necessidade, em cooperação com o resto da humanidade e com a ação soberana de Deus. Isso se daria por meio de leis naturais e às vezes mediante atos de cooperação divina. Um mundo de paz e cooperação com o qual atualmente a humanidade apenas pode sonhar teria sido uma realidade!

Nós sabemos, porém, que o paraíso se perdeu. A quebra da harmonia entre Deus e a humanidade, e depois entre os próprios seres humanos, de fato abalou toda a terra e promoveu os eventos cósmicos que tornaram impossível o exercício de governos nas condições designadas por Deus para a humanidade.

A criação está sujeita à vaidade e à insensatez humanas porque não foi governada por uma humanidade em amor e harmonia inteligente consigo mesma e com Deus, conforme podemos ver em Romanos 8.20. A terra se encontra no estado atual porque a humanidade está em *guerra* consigo mesma e com Deus. O sacrifício de animais nos rituais religiosos sinaliza os efeitos de nosso fracasso em fazer o que deveríamos – e suas implicações. O pobre animal "paga" com sua vida pelo pecado da humanidade. Essa é a ilustração mais clara que se podia imaginar do nosso fracasso em servir a Deus verdadeiramente na História.

## **O CORPO HUMANO COMO PARTE DA *IMAGO DEI***

O relato da criação em Gênesis revela que a nossa posição de domínio na natureza faz parte do projeto de Deus. E vai além disso, dando-nos conta de que somos diferentes do resto da criação por outro motivo além de nossa privilegiada posição na ordem das coisas terrenas. O modo como fomos criados foi



diferente do resto da criação. Antes da humanidade, a substância preexistente simplesmente *recebe ordem* de vir a existir. No caso dos seres humanos, porém, Deus compartilha algo dele mesmo com uma forma terrena especialmente modelada para receber isso. Gênesis 2.7 afirma: "Então o Senhor Deus formou o homem do pó da terra e soprou em suas narinas o fôlego de vida, e o homem se tomou um ser vivente."

À luz desse texto, parece que a nossa forma terrena se tornou "viva" somente em conjunção com a doação do "fôlego" ou espírito da parte de Deus. O termo "ser vivente" ocorre em 1.24 e, novamente, em 2. 19, referindo-se a criaturas com o poder do *movimento* no ar, na água e na terra. Esses seres vivos anteriores tinham sido produzidos a partir do pó ou da água, mediante uma ordem divina. Agora, nos humanos, o "ser vivente" surge de um molde de barro, como resultado do influxo do espírito de Deus.

Sejam quais forem os detalhes precisos do processo – e temos de ter cuidado para não organizá-los de uma forma que seria uma blasfêmia contra a natureza de Deus –, o homem também se torna um "ser vivente", com uma natureza animal, mas com grandes diferenças – nós temos uma natureza que é adaptada e apropriada para ser o veículo da semelhança de Deus.

*Assim, os dois lados da grande contradição humana, pó e divindade, são colocados no lugar.* As criaturas humanas, como todos os seres vivos, têm sua própria vida. No entanto, embora esta vida seja mortal e fugaz, continua sendo a vida na qual somente nós, dentre os seres vivos criados, podemos nos opor a Deus – de maneira que também possamos escolher estar *com* Deus.

Se não tivéssemos esta capacidade, não poderíamos desempenhar o papel que nos cabe dentro do plano de Deus, pois seríamos apenas marionetes. Nenhuma marionete poderia trazer consigo a semelhança de Deus ou ser filho do Pai. O corpo humano em si é parte da *imago Dei*, pois é o veículo por meio do qual podemos efetivamente adquirir o poder limitado da auto-subsistência que necessitamos ter para realmente sermos a imagem e semelhança de Deus.

É neste ponto que reside o principal conceito sobre a nossa natureza que precisamos entender para falar de redenção. Vamos tentar esclarecer o máximo possível este ponto para o qual tudo

converge na teologia prática. Ao criar o ser humano à sua imagem, de modo que pudéssemos governar com Ele, Deus nos deu uma medida de poder *independente*. Sem este poder, de forma alguma poderíamos nos assemelhar a Deus do modo tão próximo como Ele desejava, nem poderíamos ser seus cooperadores. O depositário *desse poder necessário é o corpo humano*. Isso explica, em termos teológicos, porque temos um corpo. *Este corpo é nossa área primária de poder, liberdade e – portanto – responsabilidade*.

Do ponto de vista estritamente físico, agora sabemos que a massa corporal na verdade é um depósito de grande quantidade de energia. A fórmula de Albert Einstein  $E = MC^2$  (a energia potencialmente presente numa porção de matéria é igual à sua massa multiplicada pelo quadrado da velocidade da luz) é uma revelação surpreendente da natureza da matéria. E a matéria, evidentemente, é o que compõe o nosso corpo, E sua natureza *poder*. A explosão de uma partícula de urânio libera a quantidade de poder equivalente a cerca de seis milhões de vezes à que ela exerce sobre seus arredores antes que ocorra a fissão. O poder exercido quando uma pilha de madeira é queimada, liberando a energia potencialmente presente nela, é imensamente maior do que a que é exercida antes da queima, o que se, o que se observa imediatamente pelo que acontece em torno da madeira incendiada.

Algumas porções pequenas do poder potencial em nosso corpo ficam a disposição de nosso pensamento consciente, intenções e escolha. Em essência, o *caráter* de um indivíduo é apenas o padrão das formas habituais como ele usa seu corpo – seja de acordo com suas intenções conscientes ou não.

Com esta explicação, podemos avançar para um entendimento correto de um termo absolutamente central à compreensão da psicologia da redenção: da "carne". Este termo bíblico essencial aplica-se à substância física natural de uma pessoa (sobre a qual falaremos mais) e refere-se ao reservatório de *poderes* independentes, finitos, inerentes ao corpo humano como um "ser vivente" entre outros seres viventes. No Éden, um desses poderes humanos específicos era o de interagir não somente com aquilo que era orgânico, como os outros seres vivos – as criaturas do ar, da terra e da água –, mas mesmo com o que era inorgânico, a matéria sem vida, e também com Deus e seu poder. No entanto, a morte de Adão e Eva, no momento do pecado original, representou também a morte desse relacionamento interativo com

Deus. O pecado resultou na perda dessa proximidade como um fator central constante na experiência deles (Gn 3). O ser humano perdeu também, com isso, o poder necessário para o cumprimento de seu papel como governante de Deus sobre a terra.

Essa descrição da missão original da humanidade sugere a necessidade de um poder que está muito além daquele que homens e mulheres possuem agora, independentemente da sua posição na ordem do Reino de Deus. Creio que o ser humano foi designado por Deus, na essência do seu ser, a cumprir seu governo combinando o relativamente pouco poder próprio, residente em seu próprio corpo, com o poder infinito inerente ao Reino de Deus.

Atualmente desenvolvemos robôs que se movem pela sua área de atuação até que a bateria acabe. Então, internamente eles sentem a necessidade de mais energia, conectam-se à rede elétrica e recarregam suas baterias. Similarmente, enquanto o homem e a mulher se mantiveram em contato e harmonia com Deus, puderam recorrer aos recursos do poder divino para realizar a Missão Impossível a eles atribuída. Seu domínio seria completo e efetivo dentro do escopo estabelecido por Deus, porque o poder humano seria usado em conjunção com o poder divino. O governo humano era governo de fato - entendimento, desejos e escolha -, mas era exercido por meio de um poder maior que seus próprios corpos poderiam carregar, um poder exercido mediante uma relação pessoal com o Criador de todas as coisas.

No entanto, para entender como tal poder é acessível a mulheres e homens dentro das limitações de nosso ser corporal finito, temos de olhar mais profundamente a natureza da *vida*, especialmente para suas habilidades surpreendentes de transcender a si mesma - para seguir seu curso por meio de uma substância que transcende a ela. Somos pouco menores do que os seres celestiais somente porque nossa vida é de tal natureza que pode recorrer aos recursos infinitos de Deus.

## 5. A NATUREZA DA VIDA

Quem quiser salvar a sua vida, a perderá; mas quem perder a sua vida por minha causa, este a salvará. Pois que adianta ao homem ganhar o mundo inteiro, e perder-se ou destruir a si mesmo? (Lucas 9.24,25)

Aquele que ama a sua vida a perderá; ao passo que aquele que odeia a sua vida neste mundo, a conservará para a vida eterna. (João 12.25)

As palavras de Jesus citadas acima são tomadas freqüentemente como expressões de uma verdade etérea para pessoas religiosas especiais. Mas, ao contrário disso, são apenas observações sobre como a vida funciona de fato. Como acontece com freqüência com as afirmações de Jesus, não dizem nada sobre o que nós devemos fazer. Simplesmente declaram como a vida é. Qualquer coisa que contenha vida só pode florescer se abandonar a si mesma em favor do que há além de si, perdendo-se como um ser *separado*, embora continue vivendo em relação com os outros. A vida é o poder interior de alcançar e viver "além".

A vida humana não pode florescer como Deus tenciona, num governo corporativo divinamente inspirado e sustentado sobre este globo, se nós encararmos a nós mesmos como por nossa conta – lutando para manter-nos desta forma. Quando nos isolamos de Deus e rompemos os laços sociais apropriados com outras pessoas, não podemos governar a terra para o bem – a idéia torna-se absurda. Nossa luta por supremacia sobre os outros, o problema de quem governará e quem dirá o que deve ser feito mal pode ser contornado em escala nacional. Muitos países mantêm um governo estável somente com grande esforço e à custa de muito sangue e dinheiro. No nível internacional, este problema permanece sem uma solução aceitável à parte do retorno ao governo de Deus – que não deve ser confundido com qualquer forma de governo *humano* de "unificação mundial".

No contexto da existência humana concreta, na família e na sociedade em geral, a vontade de um membro isolado imposta aos demais resulta em ressentimento, ódio e violência.

Faz-se necessário uma profunda reflexão sobre a natureza da vida em geral. As coisas não deviam ser como são. Homens e mulheres têm a opção de viver sob o governo de Deus e conviver uns com os outros, num relacionamento de cooperação sobre a terra como expressão natural de quem eles são. Essa possibilidade baseia-se na espantosa natureza da vida em geral e da vida humana em particular.

É claro que penetrar a essência suprema da vida seria tão difícil quanto desvendar a natureza da consciência ou da matéria. Pode ser mesmo impossível. No entanto, felizmente, não há necessidade de fazermos isso aqui. Uma descrição do fenômeno básico da vida nos permite reconhecer sua presença e distinguir suas espécies, tais como vegetal e animal – ou *espiritual*.

## **VIDA É PODER PARA RELACIONAMENTO E ASSIMILAÇÃO**

A vida é sempre e em todo lugar um poder interior de relacionamento. O ser vivo tem um poder inerente que o coloca em contato com o que está ao seu redor, extraíndo elementos desse "contexto" para melhorar e ampliar seu próprio ser e influência. Por exemplo, a planta libera suas raízes. O bebê se aproxima da mãe. A mente aprende. O conhecimento e a experiência tornam possível a obtenção de mais conhecimento e experiências. Aqueles que amam encontram força, amor e entendimento para seguir adiante. Jesus afirma que aqueles que dão também recebem (Lucas 6.38). E o que Jesus ensina é outro de seus princípios de "como as coisas são".

Nós vemos, assim, a vida – qualquer que seja sua natureza metafísica e sua explicação – demonstrando habilidade para comunicação e interação seletiva para absorver do seu contexto aquilo que assegura sua expansão e fortalecimento. De fato, a raiz lingüística da palavra "vida" nas línguas indo-européias reflete o sentido geral de *continuar*, *resistir* ou *persistir* por meio de um curso interativo de mudanças específicas.

Um grão de trigo no solo absorve energia térmica e nutrientes e, por meio desses elementos e de sua força interior específica, estende gavinhas para encontrar mais nutrientes no solo. Se encontrar esses nutrientes, continuará seu curso de desenvolvimento até o final, tornando-se "trigo", e não milho ou

carvalho. Então o "trigo" providenciará os meios de se "reproduzir segundo a sua espécie" (Gn 1.12). E mais trigo surgirá.

Na vida animal, há o acréscimo do poder de movimento e de percepção das coisas. Isso não se dá como uma adição externa aos poderes inferiores compartilhados com as plantas, mas como algo de que seus próprios poderes de nutrição e procriação são dependentes. Assim, o movimento era muito proeminente na descrição de Gênesis daqueles "seres viventes" sobre os quais o homem tinha de ter domínio (1.20-25).

À capacidade de movimento e de consciência perceptiva dos animais, no ser humano é acrescentado os poderes do pensamento, avaliação e escolha, os quais moldam e possibilitam a continuidade e o sucesso de nossos poderes "inferiores" de percepção, movimento, nutrição e procriação.

## **O CIENTIFICO E O FILOSÓFICO SOBRE A NATUREZA DA VIDA**

Por que estamos discutindo tudo isso? Temos de ter uma noção da natureza da vida em geral para entender a espiritualidade e a vida espiritual. As observações do senso comum sobre o fenômeno da vida concordam com as reflexões mais profundas dos cientistas e filósofos.

Erwill Schrodinger, cientista, ganhador do Prêmio Nobel, escreveu:

Qual é o aspecto característico da vida? Quando um pedaço de matéria é considerado vivo? Quando ele segue "fazendo algo", se movendo, permutando elementos com seu meio ambiente... E isso por um período bem mais longo do que esperaríamos que uma peça inanimada de matéria "continuasse se movendo" sob as mesmas circunstâncias. Quando um sistema que não é vivo é isolado ou colocado num meio ambiente uniforme, em geral rodo o movimento chega a um estado estacionário muito rápido, como resultado de vários tipos de fricção.

Em outro lugar, ele pergunta:

Como os organismos vivos evitam a decomposição? A resposta óbvia é: comendo, bebendo, respirando e (no caso das plantas) assimilando. O termo técnico é metabolismo. A palavra grega (*metaballein*) significa mudar ou permutar.

Mais de meio século antes de Schrodinger escrever essas palavras, o filósofo e crítico inglês John Ruskin tinha dito o mesmo sobre o ser humano:

Sua verdadeira vida é como a dos seres orgânicos inferiores, uma força independente pela qual o ser modela e governa as coisas externas; trata-se de uma força de assimilação que converte tudo ao seu redor em alimento ou em instrumentos; a qual, embora humilde e obedientemente possa ouvir ou seguir a direção da inteligência superior, jamais perde sua própria autoridade como um princípio de julgamento e como uma vontade capaz de obedecer ou se rebelar.

Ruskin vai adiante e contrasta esta "verdadeira vida" com a "falsa vida" que é possível e, também, uma realidade freqüente para os seres humanos: uma falsa vida de costumes e acidentes "na qual fazemos o que não nos propusemos, falamos o que não queremos e concordamos com o que não entendemos. Uma vida que é sobrecarregada pelo peso de coisas externas e é por elas moldada em vez de assimilá-las". Com que freqüência nós nos sentimos assim em nossa vida cotidiana, fazendo e dizendo coisas que não queremos, apenas para nos harmonizar com o mundo ao nosso redor?

## **INDIVIDUALIDADE E VIDA**

Certa vez, aconselhei uma jovem sensível e inteligente que se sentia muito infeliz em seu trabalho numa loja de departamentos. Ela me disse que nos finais de semana, se sentia como sendo "desenterrada". As suas atividades no trabalho não eram realmente

*dela*, de modo que se sentia morta ("enterrada") durante a semana, voltando à vida somente nos fins de semana quando suas atividades se originavam dela própria.

O que constitui a *individualidade* e a unicidade que tomam os seres vivos preciosos? É a sua fonte interior de atividade. Um tijolo ou uma tábua – pode ser tão bom quanto o outro, porque nenhum deles tem vida interior. No entanto, tratar uma pessoa como se fosse descartável não é tratá-la como *pessoa*. Tal atitude nega a fonte interior, o poder originador que é a vida *humana*. Por isso, ela é considerada como *desumanidade*.

Algumas pessoas podem de fato tentar abdicar de suas vidas. Elas abrem mão de sua espontaneidade e buscam a segurança "conformando-se" com o que está fora delas. No entanto, elas não escapam realmente da vida ou de sua responsabilidade. Elas somente conseguem parecer "estáticas", sem vida. Podemos saber o que esperar delas, mas temos tão pouco deleite nelas quanto elas têm em si mesmas.

Por que nós adoramos a franqueza e a audácia das crianças pequenas? A criança encara a vida de uma forma tão direta e sem hesitação que não permite dúvidas quanto à sua originalidade e, portanto, sua individualidade.

*Esta razão por que nos deleitamos nas brincadeiras de um cãozinho rolando no chão. São coisas tão gratuitas que só poderiam, creio, ser evidências de uma vida interior completamente sem restrições. E nós as amamos por isso.*

### **"A QUEM TEM, MAIS SERÁ DADO"**

O crescimento do indivíduo inclui o crescimento interno – complexidade interna. Quando a vida se revela, ela desenvolve uma *complexidade interna* e Um *âmbito externo* que multiplicam o efeito de seus poderes inerentes. Ruskin afirma sua opinião sobre a questão:

Nós chamamos de vida ao poder que faz com que as várias partes da planta ajudem umas às outras. Isso ocorre muito mais nos animais. Podemos arrancar um ramo de uma árvore sem causar-lhe muito dano; no



entanto, não podemos fazer o mesmo com a pata de um animal. Assim, a intensidade da vida é também a intensidade da ajuda – dependência completa de cada parte em relação às demais. A cessação dessa ajuda é o que chamamos de corrupção.

A expansão das partes *internas* de um ser vivo e de seus poderes de forma ordenada e "útil", conforme a natureza das coisas vivas, serve como base para que a vida estenda seus poderes a seu ambiente *externo*. Trata-se de uma lei da vida: "a quem tiver, mais lhe será dado; de quem não tiver, até o que tem lhe será tirado" (Mc 4.25). Os animais e as plantas maiores e mais fortes prevalecem sobre os outros e se apropriam de recursos que os tornam ainda mais fortes, limitados apenas pelo ciclo da vida de sua espécie.

E o que revela isso sobre o ser humano?

## **O ALCANCE DA VIDA HUMANA**

O assombroso poder humano de *usar* o que está ao seu redor é uma das principais pistas de quem e o que somos. Devido à nossa inteligência e organização social única, estendemos nosso poder sobre a terra e seus habitantes num nível que inspira assombro e terror. Temos prometido curar a agonia da história humana. E, de fato, estamos ameaçando destruir totalmente o planeta. Quanto mais poder conseguimos, mais *podemos* obter para o bem ou para o mal! Assim é a vida humana em sua condição atual. Em nossa desintegração espiritual, podemos não ser capazes de governar a terra, mas desenvolvemos um poder para arruiná-la totalmente.

Nós não só fazemos "ferramentas" para estender nosso poder e nossa vida, mas também vivemos relacionamentos de efeitos tão vastos e abrangentes com as pessoas e o cosmo que transcendem muito a categoria de mera instrumentalidade. Esses relacionamentos entram na substância de nossas vidas. Eles são poderosas interações com estruturas culturais e sociais – artísticas, comerciais, científicas e militares -, e podem ser vistos em ação na sociedade e história humana.

O alcance desse poder é tão grande que parece dar base à "descrição do trabalho" original da humanidade, citada no livro de Gênesis. Parece ter a potencialidade de nos conectar aos poderes inexauríveis de toda a criação. Por exemplo, usando somente suas próprias energias, um indivíduo pode saltar um obstáculo que tenha mais ou menos a sua própria altura, desde que esteja em boas condições de saúde. Entretanto, com exercícios e o tipo certo de vara, ele pode saltar uma altura três vezes maior do que a sua. Usando somente suas energias, pode atravessar um rio a nado. Mas, dentro do ambiente social e tecnológico correto, pode-se atravessar os oceanos ou voar acima das mais elevadas montanhas. Sem o concurso das ferramentas apropriadas, pode-se achar difícil contar certo número de ovelhas. Mas, com um computador, é possível monitorar a trajetória de um foguete para outros planetas ou analisar dados econômicos extremamente complexos.

É a espantosa *extensão* de nossa capacidade de utilizar poder fora de nós mesmos que temos de considerar quando perguntamos o que é o ser humano. O limite do nosso poder de transcender a nós mesmos utilizando poderes que não estão em nós – o poder espiritual inclusive – ainda precisa ser totalmente compreendido. Os filósofos do passado costumavam dizer que Deus tinha escondido dos humanos a glória de nossa própria alma, a fim de que não fôssemos dominados pelo orgulho.

Olhando para homens e mulheres alcançados pelo governo espiritual de Deus em Cristo, o apóstolo João exclamou (1 Jo 3.2):

Amados, agora somos filhos de Deus, e ainda não se manifestou o que havemos de ser, mas sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele, pois o veremos como ele é.

Por causa de sua experiência pessoal com os poderes espirituais trazidos a ele em Cristo, João sentiu uma grandeza extraordinária em nosso destino.

## **VIDA DEFORMADA**

Nós, pela manipulação de poderes naturais, do átomo ao processo social, somos realmente um fenômeno aterrorizante. Parecemos totalmente fora de controle, correndo como loucos para o precipício cósmico. Os observadores cândidos rapidamente chegam à conclusão de que *há uma carência básica e abrangente na vida humana.*

A vida de modo geral pode seguir em frente dentro de limites, mesmo quando algumas de suas necessidades específicas não são supridas. Uma planta ou animal sem alimento, iluminação ou espaço apropriado pode levar uma existência enfraquecida e deformada, mas, ainda assim, continuar viva. A vida humana não é o que poderia ser, embora ainda esteja aqui e continue seguindo em frente. A questão, porém, é: *o que está faltando à vida humana para continuar numa condição tão deplorável?*

Na hierarquia das habilidades, qualquer ruptura ou mau funcionamento dos poderes mais elevados deforma e enfraquece os poderes inferiores. Um animal incapaz de perceber e de se mover (seus poderes mais elevados) fica comprometido em seus outros poderes (a capacidade de se alimentar, por exemplo). Desordens de personalidade no ser humano muitas vezes têm sintomas físicos – de fato, pessoas que apresentam distúrbios de pensamento ou de sentimento são deformadas em todos os outros poderes da vida. "Se os seus olhos forem maus, todo o seu corpo será cheio de trevas", afirma Mateus 6.23.

Na verdade, há uma vida mais elevada do que o pensamento ou sentimento natural, para a qual a natureza humana foi feita. Trata-se da vida espiritual. A ruptura dessa vida mais elevada destrói nosso pensamento e capacidade de avaliação, corrompendo assim toda a nossa história e nosso ser. É esta distorção abrangente e a ruptura da existência humana de cima a baixo que a Bíblia chama de pecado (não pecados) - a condição geral da humanidade decaída. Os humanos não estão apenas errados, estão também *distorcidos*, fora de foco e da proporção apropriada.

O filósofo Jacob Needleman destaca que "existe um elemento inato na natureza humana... que pode crescer e se desenvolver por meio de impressões da verdade recebida no organismo como uma energia nutritiva especial". Em outras palavras, privada de um nutriente vital, a planta seca. Privada da verdade e da realidade

espiritual – do relacionamento correto com o Reino de Deus –, a vida social, psicológica e até *física* da humanidade entra em desordem e, no sentido estritamente descritivo de Ruskin, se corrompe.

O mal que fazemos em nossa atual condição é um reflexo de uma fraqueza causada pela fome espiritual. Quando Jesus orou na cruz: "Pai, perdoa-os, porque não sabem o que fazem", não estava apenas sendo generoso para com os que o matavam; Ele estava expressando os fatos do caso. Eles realmente não sabiam o que estavam fazendo. Como Agostinho viu claramente, a condição louca da humanidade não é, na sua base, um fato expositivo, mas uma privação. Ela resulta em muitos males positivos, embora a depravação não seja menos horripilante por emanar de uma deficiência, e as pessoas não sejam menos responsáveis por isso e pelas conseqüências.

Nesta condição de carência fundamental e desconexão, somos descritos pelo apóstolo Paulo como estando *mortos*: "mortos em transgressões e pecados" (Ef2.1). É uma condição que só pode ser mudada mediante um novo relacionamento com Deus, quando, então, nos tornamos "vivos nele". A lâmpada está morta quando não está conectada à corrente elétrica, embora continue existindo. No entanto, quando é conectada à rede elétrica, ela irradia luz e afeta seu ambiente com um poder e substância que estão nela, mas não são *dela*.

## **O QUE É ESPÍRITO?**

Se o elemento que falta na presente ordem humana é o espírito, o que então é espírito? Muito simples: *espírito é o poder pessoal incorpóreo*? Em última análise, é Deus, pois Deus é Espírito (Jo 4.24). Eletricidade, magnetismo e gravidade, por contraste, são poderes não-pessoais incorporados.

A idéia do espírito como um poder desprovido de corpo – embora capaz de interagir, influenciar e de certa forma até habitar um corpo – é uma herança comum da raça humana. Baseado nesta herança, Leonardo Da Vinci (1452-1519) podia, de forma bem natural, descrever a força associada a objetos *físicos* como uma "capacidade" espiritual", com base no fato de ser invisível e impalpável. Entretanto, ele omitiu o elemento pessoal no

espiritual. Mas qualquer coisa sem uma existência física é questionada principalmente na teoria científica. Algumas décadas depois de Da Vinci, a força da gravidade foi cientificamente descrita por *sir* Isaac Newton. No entanto, ela foi considerada como "oculta" e rejeitada pela maioria dos seus contemporâneos simplesmente *porque* foi afirmado que ela operava sem contato físico e assim permanecia, num aspecto "desincorporado", independentemente dos corpos que, de qualquer forma, caíam por sua causa.

Sem dúvida, não é fácil estabelecer uma distinção filosófica clara entre o físico e o espiritual. E não devemos valorizar muito as idéias comuns sobre isso. Entretanto, temos de saber que o conceito *bíblico* do espiritual é uma *esfera ordenada de poder pessoal*, fundamentada em Deus, sendo Ele próprio espírito, e não um corpo físico localizável.

A cosmovisão bíblica considera o espiritual como uma esfera fundamental para a existência e o comportamento de *toda* a realidade natural ou física (veja especialmente Jo 1.1-14; CI 1.17; Hb 1.2; 11.3). Trata-se de algo que as pessoas podem participar engajando-se por meio da tendência ativa da vida chamada de "fé", conforme vemos em Hebreus 11.3,27. Essa integridade em nossas mentes é guardada com severidade pelo segundo dos Dez Mandamentos: "Não farás para ti nenhum ídolo, nenhuma imagem de qualquer coisa no céu, na terra, ou nas águas debaixo da terra" (Êx 20.4).

O que é que está faltando em nossa condição deformada? Da perspectiva bíblica, não pode haver dúvida de que *é a relação apropriada com o Reino espiritual de Deus que está causando a falta de "nutrientes" no sistema humano*. Sem isso, nossa vida fica mutilada, tem seu desenvolvimento atrasado, fica

enfraquecida e deformada em variados estágios de desintegração e corrupção.

## **BEBENDO NA "FONTE DA ORDEM" DIVINA**

O que acontece quando as pessoas alcançam esses nutrientes espirituais que faltam? Retornaremos a Schrodinger:

O artefato pelo qual um organismo se mantém estacionário num nível razoavelmente ordenado de regularidade... realmente consiste em continuamente extrair regularidade de seu meio ambiente.

Para o ser humano, isso se estende à sua capacidade espiritual. Quando o organismo humano é levado a um relacionamento voluntário e pessoal com o Reino de Deus, "extraíndo regularidade" desta parte particular do meio ambiente humano, torna-se amplamente transformado, como a haste de milho na seca é transformada quando é encharcada pela chuva – o contato com a água transforma a planta internamente e depois estende a transformação também ao exterior.

Da mesma maneira, as pessoas são transformadas pelo contato com Deus. Na criação, o organismo humano foi dotado de uma capacidade espantosa de interagir – por meio do desenvolvimento individual, social e histórico – com as realidades do seu meio ambiente, inclusive o espiritual. É claro que uma pessoa pode estar viva num nível meramente físico, desligada das esferas do conhecimento, das relações sociais e da criatividade artística, as quais estão, durante todo o tempo, disponíveis para outras pessoas dispostas e capazes de reivindicá-las. Pode-se também fazer essas reivindicações e mesmo assim continuar morto para Deus e para o mundo da vocação espiritual e cósmica para o qual fomos criados.

No relato de Gênesis da origem humana, quando Adão e Eva viviam no "Éden" (que significa "deleite" ou "alegria"), Deus lhes disse que se eles comessem do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal "certamente morreriam" (2.17). Quando Eva, por falta de confiança em Deus, deu o passo fatal, ela e Adão não deixaram de ser "seres viventes". Mesmo assim, eles morreram, como Deus disse que morreriam. Eles deixaram de se relacionar e funcionar em harmonia com aquela realidade espiritual que está na base de todas as coisas e da qual a glória do universo é uma expressão. Eles estavam mortos para Deus.

O pequeno reservatório de poderes independentes nos seus corpos continuou a funcionar como ocorre nos "seres viventes" em geral, mas foi quebrada a conexão com Deus por meio da qual aqueles poderes teriam sido adequadamente ordenados e

realizados, Homens e mulheres não tinham mais a vida para a qual foram criados. O que anteriormente era feito por eles, ou mediante a palavra deles, como representantes de Deus, agora era feito com dor, trabalho árduo e sangue (3.16-21).

Entre o espírito e a carne, então, havia uma guerra constante (6.3). Privado de seu princípio unificador mais elevado – o relacionamento com Deus –, o ser humano já não dispunha de integridade ou totalidade coerente. Seus poderes inferiores o lançaram contra o Espírito. "Eles estão em conflito um com o outro, de modo que vocês não fazem o que desejam" (Gl 5.17). A própria idéia de uma *vida* espiritual foi perdida e só seria reconquistada depois de um milênio de história opressiva na qual Deus, apesar disso tudo, recusou abandonar seu propósito original na criação humana.

## **A "VIDA ESPIRITUAL" E SUAS "DISCIPLINAS" - UMA DEFINIÇÃO**

Com um entendimento de tais conceitos básicos, agora estamos em condições de explicar os termos mais centrais no nosso estudo neste livro e compreender o evangelho da vida de Cristo no Reino de Deus. Uma "vida espiritual" consiste naquele círculo de atividades no qual as pessoas interagem cooperativamente com Deus – e com a ordem espiritual que deriva da personalidade e das ações dele. E qual é o resultado? Uma nova qualidade geral de existência humana com os novos poderes correspondentes.

Uma pessoa é uma "pessoa espiritual" à medida que sua vida está corretamente integrada no Reino espiritual de Deus e dominada por Ele. Assim, como Gustavo Gutierrez explica, "espiritualidade, no sentido mais estrito e profundo do termo, é o domínio do espírito". A "criança em Cristo" de 1 Coríntios 3.1 tem vida espiritual, mas numa forma extremamente incipiente. Grande parte de sua personalidade corpórea e concretamente socializada não está sob a direção efetiva do Espírito, e a reintegração do ser sob Deus ainda não foi consumada.

Espiritualidade é uma questão de *outra realidade*. É absolutamente indispensável entender o fato de que isso não é um "compromisso" nem um "estilo de vida", embora compromisso e

estilo de vida emanem dela. Não se trata, sobretudo, de uma instância social ou política. Atualmente, a espiritualidade corre grande risco de ser "politizada", Num sentido, é natural que seja assim, pois na "outra realidade" há o prenúncio da morte da ordem deste mundo, Vendo o poder de Jesus, as pessoas que estavam à sua volta naturalmente tentaram estabelecer um governo no qual Ele fosse o "rei".

A essência, porém, e o objetivo da espiritualidade não é corrigir as injustiças sociais e políticas. Este será seu efeito – embora nunca exatamente da maneira que imaginamos quando nos aproximamos dela com nossos interesses políticos preconcebidos, Não é esta a sua utilização, e qualquer idéia de *usá-la* assim viola a sua natureza.

Aqueles que pensam que, a menos que ajamos contra as estruturas de autoridade, nossa espiritualidade não realizará nada, simplesmente não entendem o que é espiritualidade. Por outro lado, as autoridades sempre acharão impossível lidar com a espiritualidade de Jesus e dos seus seguidores, pois esta se coloca fora do alcance do seu controle e manipulação.

Assim, agora que sabemos o que é vida espiritual, o que são as "disciplinas para vida espiritual"? As disciplinas são atividades da mente e do corpo, adotadas com o propósito de levar nossa personalidade e nosso ser total à cooperação efetiva com a ordem divina. Elas nos capacitam mais e mais a viver num poder que está, estritamente falando, além de nós, derivando-se da própria esfera espiritual, enquanto nós nos "oferecemos a Deus como quem voltou da morte para a vida; e oferecemos nossos membros do corpo a ele, como instrumentos de justiça" (Rm 6.13).

A necessidade de tais disciplinas procede da própria natureza do ser à imagem de Deus, discutida anteriormente, Uma vez que, por meio da iniciativa divina, o indivíduo tornou-se vivo para Deus e para o seu Reino, a extensão da integração de seu ser *total* na ordem desse Reino depende significativamente da iniciativa individual.

É claro que todos nós sabemos que a personalidade humana é uma estrutura incrivelmente complexa e dinâmica, com dimensões físicas, sociais, psicológicas e (os cristãos acrescentariam) espirituais. Nosso entendimento consciente e boas intenções concentrados nos resultados da vida espiritual



constituem uma parte importante e até mesmo crucial de nós. Logo, porém, aprendemos por meio das experiências tristes que há muito mais em nós do que podemos conscientemente comandar. Descobrimos como é difícil discernir e harmonizar *todo* o ser com a vontade e personalidade de Deus. Mesmo assim, quando buscamos mais graça para este fim podemos aprender pela experiência que ninguém fará a harmonização de nosso ser total com Deus *por* nós. *Nós* é que temos de agir.

## **O PROBLEMA DO MÉTODO**

No entanto, o que temos de fazer? Como podemos discernir as profundidades do ser e lidar com elas? Dependendo do nosso *background* religioso, podemos pensar na freqüência regular à igreja, na fidelidade à prática das obrigações religiosas comumente reconhecidas, nas "experiências" individuais e sociais, em decisões e compromissos de vários tipos, como meios de transformação radical do ser. Tais elementos devem ser usados e não podem ser desprezados. Entretanto, seu histórico como meios de transformação de indivíduos na semelhança com Cristo não é muito impressionante.

O mundo contemporâneo em geral pensaria em alguma forma de aconselhamento psicológico ou psicoterapia como resposta a esta questão, em vez de pensar em "disciplinas espirituais". Carl Jung, por exemplo, escreveu que "o ser pode ser definido como um fator interior de direção que é diferente da personalidade consciente e que só pode ser apreendido mediante a investigação dos sonhos do próprio indivíduo".

Eu não negaria que o conhecimento adquirido a partir da análise dos sonhos ou outra forma de psicoterapia pode ajudar na transformação do ser e que em certos casos pode ser até necessário. Não precisamos aceitar a cosmovisão da psicologia em nenhuma de suas formas para admitir isso. Os sonhos pertenciam aos profetas milhares de anos antes do surgimento da psicoterapia. No entanto, há muitos outros recursos disponíveis para nós, que podem iluminar diretamente as profundezas da personalidade total – o objetivo supremo da salvação *plena* – e providenciar diretrizes para nossa ação que conduza à transformação. Entre esses recursos está, é claro a Bíblia, com

seus muitos retratos de vidas em transformação e das atividades essenciais envolvidas no processo.

Como tais histórias bíblicas podem nos ajudar? Sob uma leitura realista, crítica madura, feita por aqueles preparados para ser honestos com suas experiências, a Bíblia é incisiva e desnuda as profundezas e obscuridades do coração humano. Por isso ela continua a desempenhar um papel decisivo na história e na cultura humanas. A Bíblia é apropriada para ser o instrumento perpétuo do Espírito de Deus para a transformação humana, como indica o texto de 2 Timóteo 3.16,17.

A Bíblia, porém, também informa que há certas *práticas* - solitude, oração, jejum, celebração, dentre outras - que podemos adotar, em cooperação com a graça, para elevar o nível de nossas vidas na direção da piedade. Ao longo da mesma linha, há ajuda disponível nos escritos dos santos e moralistas de todas as épocas, que são muito sábios em relação aos caminhos ocultos da alma humana. Quando todos esses recursos são bem empregados, em especial na igreja espiritualmente avivada, promovem de tal forma o senso comum que muitas vezes só isso pode funcionar como um guia imediato e confiável nas questões espirituais.

## **NÃO HÁ CONCERTO RÁPIDO**

Entretanto, a lição que aprendemos a partir de todas as fontes disponíveis que não existe "concerto rápido" para a condição humana. A aproximação da plenitude é para a humanidade um processo de grandes proporções e dificuldades, o qual necessita de todos os nossos poderes em seu pleno potencial, no grande curso de experiências. No entanto, não gostamos de ouvir isso. De alguma forma, somos iludidos pelos relatos de experiências contadas por grandes líderes espirituais, que atribuem o sucesso pessoal aos grande momentos que tiveram, ignorando os anos de lento progresso que suportaram antes. Francisco de Sales nos aconselha a não esperar transformação num momento, embora seja possível a Deus fazer isso.

A purificação ordinária e a cura, seja o corpo ou da mente, ocorre somente pouco a pouco, quando passamos de um degrau para o outro com labor e paciência. Os anjos na

escada de Jacó tinham asas; mesmo assim, eles não voavam, mas subiam e desciam em ordem, um degrau por vez. A alma que se eleva do pecado para a devoção pode ser comparada ao alvorecer de um novo dia, o qual, ao se aproxima, não expelle as trevas de uma só vez, mas somente paulatinamente.

Assim, é necessário dizer que a conversão, como compreendida nos círculos cristãos, *não* é o mesmo que a *transformação requerida do ser*. Um longo curso de experiências é necessário para a transformação quando somos tocados pela nova vida que vem do alto. Algumas cenas bem conhecidas da vida de Simão Pedro, um dos amigos mais íntimos de Jesus – a "rocha" que em certas ocasiões parecia mais um monte de areia solta – ilustra bem este fato.

### **ESTÁGIOS NO CAMINHO ESPIRITUAL: O EXEMPLO DE SIMÃO PEDRO**

Quando se aproximou o momento da crucificação, Jesus informou a seus amigos mais chegados que seria preso e morto. Olhando profundamente dentro do coração deles, disse-lhes que, quando a espada caísse sobre Ele, eles o abandonariam e *fugiriam*. Não creio que tenha dito isso para envergonhá-los, mas para ajudá-los no momento de fracasso, permitindo que soubessem que Ele sempre entendeu o que estava acontecendo e que os aceitava assim como eram.

Simão Pedro, evidentemente, insistiu que não abandonaria Jesus, mesmo que todos os outros fugissem. Novamente, para preparar Pedro, permitindo que ele soubesse que seu Senhor sabia *exatamente* o que estava acontecendo, Jesus declarou que ele o negaria três vezes antes que o galo cantasse. Pedro manteve-se firme, sustentando com a maior veemência: "Mesmo que seja preciso que eu morra contigo, nunca te negarei" (Mt 26.35).

As horas se passaram. Pedro estava confuso e preocupado por causa das palavras e atitudes do Mestre e pelo rumo que os acontecimentos obviamente estavam tomando. Saindo do cenáculo, todos se encaminharam para o jardim de Getsêmani. Chamados por Jesus para "vigiam junto com ele" – apenas para

ficarem acordados e lhe fazerem companhia -, Pedro e os outros discípulos foram encontrados "dormindo, dominados pela tristeza" (Lc 22.45).

Jesus então avaliou a situação deles com precisão cirúrgica: "O espírito está pronto, mas a carne é fraca" (Mt 26.41). Ele fez justiça àqueles elementos neles que *estavam* genuinamente voltados para Deus, "o espírito". No entanto, os poderes naturais dos seus corpos, aquilo que pertencia à "carne", não estavam naquele instante alinhados com seus espíritos, e por isso a carne estava fraca naquilo que o espírito estava verdadeira e corretamente engajado.

Quando os soldados chegaram com o traidor para prender o Senhor, Pedro acordou, desembainhou a espada e, agindo onde sua carne era forte, cortou a orelha de um pobre servo. Jesus o repreendeu por ter feito somente o que sabia fazer em tais circunstâncias. A seguir, Pedro fez (assim como os outros) exatamente o que Ele tinha predito: "Todos os discípulos o abandonaram e fugiram" (Mt 26.56).

Pedro, porém, fugiu por pouco tempo. Parece que ele de fato era mais forte do que os outros, pois voltou e seguiu Jesus à distância, chegando a entrar no palácio do sumo sacerdote "para ver o que aconteceria" (v. 58). Logo, porém, ficou claro que neste ponto o Espírito tinha mais controle sobre suas pernas do que sobre sua boca. Em três ocasiões, quando o grupo se assentou para aguardar os acontecimentos, ele foi apontado como companheiro de Jesus. Todas as vezes ele negou, culminando num grande ato de veemência profana: "Aí ele começou a amaldiçoar e a jurar: "Não conheço este homem!" (v. 74). A afirmação foi seguida pelo cantar de um galo. "Então Pedro se lembrou... Saindo dali, chorou amargamente" (v. 75).

Todas as suas melhores e mais sinceras intenções, apesar de ter sido alertado pela predição e advertência de Jesus poucas horas antes, não foram suficientes para impedir *as tendências automáticas arraigadas em sua carne* e ativadas pelas circunstâncias. Naquela noite, Pedro adquiriu em primeira mão o conhecimento das "paixões pecaminosas que atuam no nosso corpo e que dão fruto para a morte" (Rm 7.5)!

Deus, porém, ainda não tinha terminado com Simão Pedro. Ainda o transformaria numa "rocha". Nas horas e dias que se

seguiram, Pedro foi submetido a experiências que sintetizaram o que ele tinha colecionado nos anos de caminhada com Jesus pelas estradas, colocando isso profundamente nas tendências que governavam seu corpo.

Pedro contemplou a morte e a agonia de seu grande amigo, a quem confessara como Messias. Depois, encontrou o Cristo vivo, ressuscitado dentre os mortos, e durante um período de 40 dias de comunhão (pós-ressurreição) ele recebeu uma nova comissão para liderar o pequeno grupo de crentes: "Apascenta minhas ovelhas" e "Siga-me" (Jo 21.17,19,22). Agora ele entendia que ele e a Igreja deviam exercitar um poder transcendente que não dependia de ter um reino ou governo no sentido humano, pois literalmente tratava-se do "governo de Deus" do qual eles eram participantes (At 1.6-8).

Este poder seria enviado sobre eles de uma forma especial, enquanto esperavam em Jerusalém, vindo precisamente "do céu" ao qual Jesus tinha se elevado de forma visível. Durante dez dias, eles esperaram num "cenáculo", junto com outros discípulos, com Maria e os irmãos do Senhor e com mulheres fiéis que tinham sido levadas à vida espiritual pelas pregações de Jesus (At 1.13,14).

Quando usamos nossa imaginação nessa seqüência de eventos, começamos a sentir o impacto que deve ter causado na personalidade de Pedro e dos outros discípulos. Pense sobre como um processo semelhante afetaria sua vida e a minha hoje!

Aquela velha mão que automaticamente sacara a espada para matar, as pernas que espontaneamente se puseram em fuga, a língua desprezível que esqueceu sua confissão inspirada do Messias e que, como se tivesse vida própria, negou qualquer relação com Jesus, praguejando e jurando – agora tudo assumia uma característica totalmente diferente.

"Naqueles dias Pedro levantou-se entre os irmãos", o pequeno grupo de "marginais", e assumiu a liderança (At 1.15). E quando o poder prometido foi derramado "do céu", enchendo o recinto (At 2.2) e deixando toda a cidade de Jerusalém perplexa (2.6), encontrou nas pernas e boca de Pedro fortes aliados. "*Levantou-se com os Onze*" e "*em alta voz*" (At 2. 14), como Jesus tinha predito ( Jo 14.12), e fez um trabalho maior do que Ele próprio fizera naquele lugar:

Os que aceitaram a mensagem foram batizados, e naquele dia houve um acréscimo de cerca de três mil pessoas. Eles se dedicavam ao ensino dos apóstolos e à comunhão, ao partir do pão e às orações. Todos estavam cheios de temor, e muitas maravilhas e sinais eram feitos pelos apóstolos. Os que criam mantinham-se unidos e tinham tudo em comum. Vendendo suas propriedades e bens, distribuía-m a cada um conforme a sua necessidade. Todos os dias continuavam a reunir-se no pátio do templo. Partiam o pão em suas casas, e juntos participavam das refeições, com alegria e sinceridade de coração, louvando a Deus e tendo a simpatia de todo o povo. E o Senhor lhes acrescentava diariamente os que iam sendo salvos (At 2.41-47).

Pedro agora era a "rocha": *Petros*; como Jesus quis ao dar-lhe este nome. Vivendo numa dinâmica interação com Deus e seu Reino por meio do Espírito Santo, a Igreja não podia evitar o conflito com aqueles que achavam que *eles* estavam no controle do mundo. A perseguição inevitável irrompeu, e o sangue correu pelas ruas. A Igreja foi dispersa, "exceto os apóstolos" (At 8. 1).

Ataques públicos, espancamentos, prisões e ameaças de morte não tiraram Pedro do seu rumo. Ele ainda tinha problemas em sua caminhada de fé, como vemos em Gálatas 2.11- 14, mas no geral, com algumas pequenas exceções, permaneceu forte no Espírito. Quando finalmente teve de enfrentar sua cruz em Roma, a tradição diz que ele pediu para ser pregado de cabeça para baixo, pois não se considerava digno de assumir a mesma posição na morte que seu velho amigo e Senhor, Jesus Cristo.

Em Pedro, e pessoas do seu tipo, temos um vislumbre do que é *realmente* possível em relação à vida humana. Podemos ver que a restauração da vida humana ao seu centro apropriado, a vida espiritual, significa atender ao chamado divino ao domínio sobre a gloriosa terra, para o nosso próprio bem e para o prazer e a glória de Deus.

## 6. VIDA ESPIRITUAL: A REALIZAÇÃO DO CORPO

Inferior jaz o coração determinado, o cérebro prolífico até que, enviados por Deus, retornam para Deus.

HENRY MONTAGUE BUTLER

O corpo e o espírito anseiam por trilhar o caminho da redenção que leva ao Calvário. Eles desejam se expor ao sol escaldante da santidade de Deus. Anteriormente a espiritualização era o alvo, agora é o molde de toda a vida humana. O significado da encarnação de Cristo para a vida cristã na terra está sendo compreendida sob uma nova luz.

JOSEF GOLDBRUNNER

Devido à nossa história e contexto social, é fácil acreditar que a vida espiritual deve ser uma vida *oposta* ao corpo ou um modo de existência totalmente separado do corpo. Assim, a idéia mais difundida é que só podemos ser *realmente* espirituais depois que morremos. Espiritualidade, dizem, é para os bem velhos e bem mortos. É neste ponto que nasce a idéia popular de que o espiritual frustra ou até causa dano ao corpo. Essa visão pode ser observada em toda a história ocidental. No entanto, em nossa discussão até aqui concernente à vida espiritual e à pessoa espiritual, nada foi dito sobre a supressão do corpo. Esta omissão não é acidental. Ela é absolutamente central para o significado do evangelho e sua relação com a natureza humana.

Muitos livros poderiam ser escritos sobre o dano causado à personalidade humana e à prática do cristianismo pela visão da espiritualidade como repressora do corpo. O espiritual e o físico de forma alguma são opostos na vida humana – eles são complementares. Estamos negando e condenando explicitamente qualquer sugestão contrária, porque somente a vida espiritual torna possível a consumação da existência corpórea – e, portanto, a existência humana.

Essa consumação se opera por meio de uma interação de nossos poderes *como* seres físicos com Deus e seu – Reino uma interação para a qual nossos corpos foram especialmente

projetados. Nossos corpos têm a saúde e a plenitude apropriada quando nós, mediante o pensamento, a adoração e a ação nos aproximamos da esfera espiritual que os abrange e sustenta juntamente com o resto da criação.

Por isso, o apóstolo Paulo afirma com ousadia que "o corpo é para o Senhor, e o Senhor é para o corpo" (I Co 6.13) e que nossos corpos são "membros de Cristo" (6.15). O corpo é realizado na vida espiritual. Há uma continuidade essencial e uma união entre a pessoa e o seu corpo. Num sentido importante, que será explicado, a pessoa *é* o seu corpo.

## **O ESPIRITUAL E O BIOLÓGICO JUNTOS NA PSICOLOGIA**

A psicologia humanista, um ramo distinto da psicologia, vem, ultimamente, tentando integrar o espiritual e o biológico. Embora eu não possa concordar totalmente com a visão humanista de Abraham Maslow sobre a "vida espiritual" – em especial com sua visão de que ela é alcançada mediante um esforço humano *sem ajuda* –, é possível compreender sua afirmação de uma forma bíblica:

...a assim chamada vida espiritual ou "mais elevada" está no mesmo processo de continuidade (o mesmo tipo de qualidade ou objeto) que a vida da carne, ou do corpo, i.e., a vida animal, a vida "inferior". A vida espiritual é parte de nossa vida biológica. É a parte "mais elevada" dela, embora continue sendo parte. A vida espiritual é parte da essência humana. É uma característica definida da natureza humana, sem a qual esta não é plenamente natureza humana. Ela é parte do nosso ser real, da identidade do indivíduo, do seu âmago, de sua espécie e de sua plena humanidade.

É evidente. Simplesmente *tem* de ser assim, embora, do ponto de vista cristão, tenhamos de ser cuidadosos e prevenidos em tal afirmação contra interpretações compatíveis com o *reducionismo naturalista* – que insiste que tudo o que é humano deve ser explicado pelas leis da Física, da Química e da Biologia. Mas, por



outro lado, somente se formos capazes de entender o sentido no qual isso é e deve ser verdade, seremos capazes de evitar a exclusão da espiritualidade de nossa vida "real". Essa exclusão rejeitaria a completa humanidade do próprio Cristo e deixaria nossa vida fora do alcance da redenção.

A chave para tal entendimento é o reconhecimento que a estrutura humana física, como foi criada, foi designada para a interação com a esfera espiritual e que esta interação pode ser reassumida mediante a iniciativa de Deus. Então, *por meio das disciplinas para a vida espiritual*, esta interação pode ser desenvolvida mediante um esforço conjunto de Deus e da pessoa viva, no dinamismo do Espírito. À luz desse entendimento, tudo o que Maslow diz em sua afirmação pode, ou de fato deve, ser aceito.

## **VERDADEIRA ESPIRITUALIDADE**

Uma vez aceito este fato, estamos seguros contra a idéia de que é possível haver verdadeira espiritualidade em pessoas separadas de Deus. Temos de nos guardar também da visão da espiritualidade como algo "totalmente interior" ou algo mantido apenas entre o indivíduo e Deus.

Espiritualidade é simplesmente a qualidade holística da vida humana como deve ser, no centro da qual está nosso relacionamento com Deus. Francis Schaeffer diz da verdadeira espiritualidade:

Jorrando da realidade interior positiva, deve haver uma manifestação positiva externa. Não quer dizer apenas que estamos mortos para certas coisas, mas devemos amar a Deus, devemos estar vivos para Ele e devemos estar em comunhão com Ele neste presente momento da História. E temos de amar nossos semelhantes, estar vivos para eles como homens e estar em comunicação num nível pessoal verdadeiro com eles, neste presente momento da História.

No entanto, a cláusula "temos de" nessa afirmação muda de exortação para profecia e descrição somente se entendermos que a "realidade positiva interior" e a "manifestação positiva exterior" não

são duas coisas separadas, mas *um* processo unificado no qual aqueles que estão vivos em Deus são apanhados em sua totalidade incorporada e socializada. Tal visão da espiritualidade que afirma a *vida*, como faz Schaeffer, não pode ser mantida entre pessoas esclarecidas, a menos que entendam que o espiritual é um aspecto homogêneo, parte e parcela da natureza biológica (e, portanto, social) dos seres humanos.

Não devemos permitir que ideologias com tendências ateístas, como o humanismo secular, em voga atualmente, encubram o fato de que *bios* ( em "biologia") é simplesmente um termo geral para vida, que não carrega em si nenhuma conotação física ou materialista.

O que a vida é, apenas pode ser decidido quando o cosmo e nosso entendimento dele se desenvolvem. As dimensões e poderes da matéria e da vida no caso de qualquer tipo de organismo vivo é algo que só pode ser estabelecido por experiências e observações ousadas e imaginativas, livres de julgamentos preconcebidos. Um dia, a crença de que uma pessoa não pode viver em constante união com Deus na sua vida cotidiana parecerá tão esquisita quanto a idéia de que objetos de metal não podem flutuar na água ou voar pelo ar. Temos de observar os seres vivos sob todas as condições possíveis para entendê-los com profundidade. Isso significa que nós, seres humanos, devemos conduzir nossas vidas diante de Deus de maneira aberta, empolgada e reflexiva. E assim encontraremos o que é de fato possível para nós como organismos físicos. Considere as sábias palavras do arcebispo William Temple: "Nós só sabemos o que é a matéria quando o espírito habita nela; só sabemos o que o homem é quando Deus habita nele."

## **ESPIRITUALIDADE E BRINCADEIRA**

Difícilmente alguém precisa ser informado sobre como o relacionamento da espiritualidade com a vida física tem sido mal interpretado. Um filme recente da vida de Cristo scandalizou muitas pessoas com uma cena na qual Ele participava de um jogo de bola com outros homens. Na verdade, Ele saltava, corria para agarrar a bola e empurrava outros jogadores com o corpo!

"Pessoas espirituais não brincam". Esta é a idéia geral. Para começar, elas são sérias demais para brincar. Este é o teste de sua

espiritualidade: elas jamais se afastam de suas atividades espirituais especiais. Depois, jogar bola pode ser agradável. E, conquanto pessoas espirituais possam ter *alegria*, provavelmente deveriam ficar longe de coisas que divertem.

Assim, a espiritualidade passou a ser considerada pelo mundo como aqueles excessos fúteis e torturantes cometidos por homens e mulheres estranhos que viveram em épocas distantes e regiões inóspitas. Na mesma linha de raciocínio, Aquele que veio para dar vida abundante é geralmente encarado como alguém cuja "espiritualidade" excessiva provavelmente não lhe permitiu experimentar as funções físicas normais e certamente não permitiria que Ele participasse de uma brincadeira ou desse uma trombada em alguém num jogo.

Deus, porém, não se opõe à vida natural, com todos os seus prazeres e dores, e até é muito favorável a ela. Mesmo assim, achamos difícil acreditar nisso, apesar de muitos líderes cristãos bem conhecidos colocarem grande ênfase sobre este ponto. Em seu livro *He That Is Spiritual* [Aquele Que É Espiritual], Lewis Sperry Chafer destaca que temos sido enganados por uma consciência humana mórbida que diz que, para ser espiritual, o indivíduo deve evitar a brincadeira, a diversão e o lazer saudável. Essa visão, porém, é contrária ao ensino bíblico; é um artifício de Satanás para tornar a vida bem-aventurada em Deus intragável para os jovens que transbordam de energia. Chafer afirma que a ênfase exacerbada no negativo deixa a impressão de que a espiritualidade é contrária à diversão, à liberdade e às expressões espontâneas.

Espiritualidade não é uma pose piedosa. Não é um "não farás"; é um "você fará". Ela escancara as portas para a eterna bem-aventurança, as energias e os recursos de Deus. É algo sério remover o elemento de descontração e diversão de qualquer vida. Não podemos ser normais em termos físicos, mentais e espirituais se negligenciarmos este fator vital na vida humana. Deus providenciou que nossa alegria seja completa.

Chafer conclui com uma observação penetrante sobre a *maneira* como a dimensão espiritual estabelece sua prioridade:

Também devemos notar que uma das características da verdadeira espiritualidade é que ela suplanta desejos e interesses inferiores. A cura bíblica para o "mundanismo" entre os cristãos é encher o coração e a vida com as bênçãos eternas de Deus, de modo que haverá uma alegre preocupação e um desprendimento das coisas que não são espirituais... Uma folha morta não pode continuar onde um novo broto está desabrochando, nem a mente mundana pode permanecer onde as bênçãos do Espírito estão fluindo.

Por "não-espiritual" *não* queremos dizer simplesmente o físico ou corporal. Referimo-nos a tudo o que é tomado sem se levar em consideração seu lugar na criação de Deus. *Nada*, em si, é não-espiritual. Todas as coisas estão na esfera espiritual. Esta explicação nos capacita a entender por que e como "para os puros todas as coisas são puras; mas para os impuros e descrentes, nada é puro" (Tt 1.15).

Ainda assim, só porque conseguimos anular nossos desejos "mais baixos" como é apropriado, não quer dizer necessariamente que eles serão omitidos ou mesmo negligenciados. Significa que eles estão subordinados à economia geral da vida em Deus. Em certas ocasiões, isso certamente fará com que recebam oposição ou não sejam satisfeitos, mas nunca com a atitude de que aquilo que é vital para a nossa vida está perdido ou que fomos danificados de alguma maneira séria. A "alegre preocupação e desapego" dos quais Chafer fala tem a ver com isso.

## **A CENTRALIDADE DO LADO SOMBRIO**

O que estamos discutindo aqui não é apenas uma questão de especulação filosófica apurada ou teoria psicológica. Tem muitíssimo a ver com a prática cristã e seus efeitos sobre os outros. Quantas pessoas assumem uma postura radical e permanente de afastamento do Caminho por causa de cristãos insensíveis, intolerantes, inoportunos, enfadonhos e sem vida, obsessivos e insatisfeitos? Apesar disso, tais cristãos estão em toda parte, e o que lhes falta é uma vida completa que emana de uma

vitalidade equilibrada dentro da liberdade do governo amoroso de Deus.

O fracasso de não alcançar a vida profundamente satisfatória sempre tem o efeito de fazer as ações pecaminosas parecerem boas. É aí que reside a força da tentação. O fracasso é causado por nossos esforços para ser o que consideramos "espiritual". Normalmente, vencer a tentação será mais fácil se formos basicamente felizes em nossa vida. Então, cortar as alegrias e prazeres associados à nossa existência física e social como se fossem "não-espirituais" pode na verdade ter o efeito de *enfraquecer* nossos esforços de fazer o que é certo. Isso torna impossível ver e extrair força da bondade e da justiça.

Cristãos que falham na área sexual e no amor estão entre os pecadores mais "coloridos" normalmente encontrados. É proverbial a história de pastores que se apaixonam por uma das mulheres de sua congregação, fugindo e deixando para trás uma comunidade escandalizada e uma igreja trôpega, perguntando-se: "O que aconteceu?" Com frequência, em tais casos, como diz Agnes Sanford, o pastor "não lembra que ele é pó... como Deus misericordiosamente lembra". O pastor falha em não levar em consideração seu "lado sombrio", como ela chama, o qual "queria esquecer tudo sobre Deus e jogar golfe" de vez em quando. Este lado também é santo aos olhos de Deus e foi dado à humanidade "para torná-la e mantê-la inteira, a fim de que não perca o equilíbrio enquanto caminha na corda bamba de sua vida divino-humana".

É a propósito disso que o sábio nos adverte: "Não seja excessivamente justo nem demasiadamente sábio; por que destruir-se a si mesmo?" (Ec 7.16). "Espiritualidade", quando entendida e buscada erroneamente, é a maior fonte de miséria humana e rebelião contra Deus.

## **A PESSOA É O SEU CORPO: COMO?**

Nossa alma não é algo que podemos separar do corpo e manter puro sem considerar o corpo ao qual pertence.

Certa vez um clérigo disse a Meister Eckhart: "Eu gostaria que sua alma estivesse em meu corpo." Ao

que ele replicou: "Você realmente seria um tolo. Isso não levaria você a lugar algum – faria tão pouca diferença quanto se a sua alma estivesse no meu corpo. Nenhuma alma pode realizar nada, exceto por intermédio do corpo ao qual está ligada."

Na identificação da pessoa com o seu corpo se encontra a base profunda de união da espiritualidade com a plenitude da vida humana. Este é um tópico extremamente difícil e tem sido objeto de muitas interpretações erradas. No entanto, precisamos estabelecer firmemente o lugar do corpo em nossa redenção.

Os materialistas ou behavioristas que afirmam tal identificação pretendem *negar* que exista no corpo humano algo além dos "fatos físicos" que qualquer análise física ou química possa encontrar. Tal posição não pode ser aceita do ponto de vista cristão. Nós insistimos na dimensão espiritual do ser humano.

Outros, porém, como os escritores fenomenológicos e existencialistas do passado recente, usam essa identificação como a maneira de negar o corpo como "apenas físico", como um artefato mais ou menos *mecânico*, incidentalmente associado com a mente ou o ser espiritual. Em suma: eles usam a identificação para negar o referencial materialista do corpo humano. As possibilidades de tal visão para o entendimento cristão de nossa natureza são muito mais promissoras.

Isso é especialmente verdade quando esses fatos são trazidos ao encontro da erudição bíblica mais recente, que também insiste no caráter físico da natureza humana. Essa erudição bíblica rejeita a idéia de uma "imortalidade" puramente espiritual da alma após a morte. Ela considera isso como uma sobreposição platônica à visão bíblica da personalidade. Ao contrário, a ressurreição corporal é imposta como a verdadeira forma de existência humana depois da morte. As obras de H. Wheeler Robinson e Oscar Cullman parecem bem conclusivas neste ponto?

O que realmente queremos dizer quando afirmamos que a pessoa é o seu corpo? Embora essa afirmação possa parecer paradoxal, podemos estabelecer uma base para seu entendimento nas nossas experiências.

Por exemplo, não temos nenhum conhecimento ou experiência que seja totalmente livre do envolvimento com nossos corpos. Nossa experiência com outras pessoas e nós próprios é sempre dirigida em parte para uma condição incorporada. Quando eu vejo uma mesa, a localização do meu corpo em relação a ela é refletida na forma como esse objeto é por mim captado. Não posso enxergar a parte de baixo da mesa porque minha cabeça está acima dela, e eu só posso inferir a posição relativa do meu corpo a partir de como as coisas são por mim captadas em dado momento. Minha consciência perceptiva sempre é marcada pelo estado específico do meu corpo. O mesmo ocorre com todo ser humano – isso é parte de nossa essência.

Pode ser menos óbvio, mas mesmo o nosso pensamento abstrato raramente (se é que ocorre) é separado de todos os artefatos físicos, imagens e simbolismos dos nossos corpos. Nossos dez dedos são um reflexo abstrato de uma aritmética baseada em poderes decimais. E pouquíssimos cálculos de qualquer tipo podem ser feitos sem comportamentos físicos de algum modo.

Emoções e sentimentos também habitam partes distintas de nossos corpos: rosto, estômago, genitália, pernas, braços, coração e ombros. A famosa "Teoria das Emoções de James Lange", estudada nas introduções à Psicologia, tenta fazer justiça a este fato, insistindo que as emoções que temos são apenas conscientizações das condições adequadamente estimuladas de nosso corpo.

Até mesmo nossas decisões, escolhas e ações emanam de nosso senso da posição e postura do nosso corpo no mundo físico e social. Perda de equilíbrio ou vertigem é essencialmente a perda do apoio sobre a postura em relação ao ambiente físico que nos cerca. "Desorientação" é um termo mais geral para a incapacidade de firmar nosso *lugar* no horizonte que experimentamos, em termos físicos ou sociais.

Deve ser enfatizado que isso não se aplica apenas à experiência com nosso próprio ser. Nossa experiência com outras pessoas também é inescapavelmente uma experiência de sua existência *incorporada*.

A novelista Pearl Buck era filha de missionários na China. Ela lembra como seu irmão bebê contraiu febre e morreu, como acontecia com muitos filhos de missionários. Quando os amigos

tentaram confortar sua mãe dizendo que "somente o corpo dele se fora", sua mãe quase os agrediu, gritando, angustiada, que tinha concebido e dado à luz, vestido, alimentado e cuidado daquele pequeno corpo. E que ela amava *aquela corpo!*

Somente alguém alienado de um senso autêntico de existência humana pode deixar de entender o que aquela mãe acometida pela tristeza estava dizendo. Seu bebê não era um "espírito" puro! Seja qual for a explicação, você não pode, em última análise, amar outra pessoa no sentido humano normal e não amar seu corpo; e você não pode amar ou realmente cuidar desse corpo sem também amar a pessoa.

A partir disso, fica claro que nada que possamos reconhecer como experiência humana e personalidade é separável do significado, orientações e hábitos do corpo humano em particular. Quando queremos conhecer a vida de alguém, fazemos perguntas como: "De onde você é? Quando você nasceu? Quem são seus pais? Qual a sua altura? Em que escola você estudou?" – todas relacionadas aos nossos corpos!

A personalidade humana não é separável em nossa consciência do corpo humano. Este fato é expresso pela afirmação da IDENTIDADE da pessoa como o seu corpo. É este fato que faz do nosso corpo foco primário do nosso esforço no processo de redenção, por meio das disciplinas para a vida espiritual.

O fato adicional de que somos incapazes de compreender o comportamento humano, a sociedade ou a cultura usando somente princípios químicos e mecânicos indica que este nosso corpo não é meramente um mecanismo físico. O cientista Schrodinger afirma: "Tudo o que aprendemos sobre a estrutura da matéria viva, nos faz vê-la funcionando de uma maneira que não pode ser reduzida às leis ordinárias da Física."

Aqui temos de deixar as questões supremas sobre estes fatos para ser examinadas em outros contextos.

## **O CORPO COMO CAMPO DE BATALHA**

No ser corporal, há diversas e poderosas forças que transformam a personalidade individual num campo de batalha. Às vezes, como ocorreu com Simão Pedro, com freqüência parece



que o corpo é capaz de ações próprias com algum nível de independência, ou que entra em conflito com nossos pensamentos e intenções conscientes.

Todos sabem, é claro, que as funções vitais de nosso corpo – batimentos cardíacos, respiração, digestão, metabolismo geral, etc. – normalmente estão fora do controle direto de nossa consciência. Todos nós já experimentamos o conflito entre a inclinação básica por alimento, sono e sexo e a intenção de nos comportar de uma certa maneira. Tal fato é elementar e universal. Em casos extremos, a luta entre as forças dentro do ser incorporado pode se manifestar como distúrbios mentais. O ser pode projetar no corpo elementos ou experiências inaceitáveis, o qual então os rejeita ou aceita como seus, podendo perder o contato com o mundo real.

O influente psicanalista Alexander Lowen escreveu:

A perda completa do contato com o corpo caracteriza o estado de esquizofrenia. Falando de modo geral, o esquizofrênico não sabe quem ele é e fica tão fora da realidade que não consegue nem elaborar a questão. Por outro lado, o indivíduo esquizóide sabe que tem um corpo e, portanto, é orientado no tempo e no espaço. Entretanto, desde que seu ego não é identificado com o corpo e não o percebe de forma vívida, ele se sente divorciado do mundo e das pessoas. Semelhantemente, seu senso consciente de identidade não se coaduna com a maneira como ele se sente a respeito de si mesmo. Este conflito não existe numa pessoa saudável cujo ego se identifica com o corpo e em quem o conhecimento de sua identidade emana do sentimento do corpo.

Este é um daqueles pontos onde as descobertas da psicoterapia iluminam a verdade religiosa de forma tocante. Na plena redenção da vida, operada por Cristo, a personalidade humana incorporada é aceita e realmente transformada num todo.

Evidentemente, do ponto de vista da religião cristã, a luta primária dentro da natureza humana aparece primeiro como a luta entre o indivíduo e Deus. Isso faz total sentido quando entendemos a natureza humana em relação ao propósito estabelecido para nós

na criação. Fomos feitos capazes de servir a Deus em liberdade, mas nos rebelamos e usamos nosso poder independente (em nosso corpo) contra Deus.

Na conversão, porém, temos paz com Deus (Rm 5.1). Mas, então, o conflito na reconciliação muda para o ser, para aqueles dois componentes que o Novo Testamento refere-se como "carne" e "espírito". Como? Depois da conversão, nossa vontade, nossa intenção consciente, se volta para Deus ou para "o espiritual", como vimos ocorrer com Simão Pedro. No entanto, as camadas sobrepostas de experiência de vida incorporada em nosso corpo, como organismo vivo nascido e criado num mundo sem ou contra Deus, não seguem direta ou imediatamente a mudança de nossa vontade consciente. Elas em grande parte mantêm as tendências nas quais viviam há muito tempo.

Nessa condição, "a carne deseja o que é contrário ao Espírito; e o Espírito, o que é contrário à carne. Eles estão em conflito um com o outro, de modo que vocês não fazem o que desejam" (Gl. 5.17). Aqui temos, a partir da mente analítica de Paulo, uma descrição precisa da experiência de Pedro antes do alinhamento da sua carne ao espírito em tal nível que ele de fato podia fazer coisas que, como uma pessoa convertida, desejava fazer.

O conflito entre carne e espírito é a experiência de todo aquele que começa a vida espiritual por meio do influxo da Palavra de Deus que vivifica. Às vezes, o conflito é longo, outras vezes é curto. É neste ponto que entram as disciplinas espirituais. As *disciplinas para a vida espiritual*, entendidas corretamente, são atividades testadas, empreendidas conscientemente por nós como novas criaturas, a fim de permitir que nosso espírito controle cada vez mais nosso ser incorporado. Elas ajudam fazendo com que às práticas do Reino de Deus assumam o lugar dos hábitos do pecado em nosso corpo.

## **O LOUVOR DA CARNE, UM DEGRAU PARA DEUS**

Agora é tempo de falarmos algo positivo sobre a carne, a qual tem sido mal interpretada e falsamente acusada. O termo "carne", em seu uso bíblico, raramente significa a mera substância física que compõe as partes do corpo. O termo às vezes é usado para designar a "carne" no sentido de alimento, cortado em pedaços e

comido (Êx 12; 16; Lv 7; 51 78.20,21; :.1q 3.2,3; Rm 14.21; I Co 8.13). No entanto, "carne" geralmente é mencionado na Bíblia como algo *ativo*, um poder específico ou alcance dos poderes embutidos no corpo, capaz de fazer somente certos tipos de coisas.

Assim, diz-se que os animais "de toda carne, em que havia fôlego de vida, entraram de dois em dois para Noé na arca; eram macho e fêmea os que entraram de toda carne, como Deus lhe havia ordenado" (Gn 7.14,15, AR.A). Outro texto diz: "Em Deus pus a minha confiança e não temerei; que me pode fazer a carne?" (5156.4, ARC). Outro diz: "Os egípcios são homens e não deuses; os seus cavalos, carne e não espírito" (Is 31.3, ARA). "O [filho] da escrava nasceu segundo a carne", sem assistência da "promessa" de Deus, que é espírito (Gl.4.23).

Estas passagens, dentre muitas outras, ilustram o senso bíblico básico do termo "carne". Elas não pressupõem que a carne deve ser algo inerentemente mau, embora seja um poder finito com certo grau de independência do suporte direto de Deus.

Nicolas Berdyaev descreve a carne com grande precisão:

Esta natureza inferior, quando ocupa seu lugar apropriado na hierarquia do universo, não é em si má, pois pertence ao mundo divino. Somente quando usurpa o lugar de algo superior, ela se torna insincera consigo mesma e má. A natureza animal certamente tem seu lugar na escala de valores e um destino eterno; mas, quando ela se apossa do homem, quando este submete seu espírito ao controle do elemento inferior, então ela de fato torna-se uma coisa má. O mal é uma questão da direção buscada pelo espírito, e não da constituição da natureza em Si.

É preciso enfatizar nesta discussão as tendências específicas da carne em relação à ação, e as limitações dos seus poderes independentes – o que ela pode e o que não pode fazer. Essas tendências e limitações, é claro, variam de um tipo de "ser vivo" para outro. A carne humana é caracterizada por seu espantoso potencial de possibilidades sociais e intelectuais, bem como por sua capacidade para Deus. Pode ser a raiz do mal ou da justiça (Ez 11.19,20). Ela pode dar lugar a outro tipo de substância na

estrutura geral do corpo, dotando o indivíduo de um corpo "celestial". A pessoa de carne corruptível pode assim se revestir de incorruptibilidade. Este é o ensino do Novo Testamento (I Co 15).

## **O CORPO INCORRUPTIÍVEL**

Em suas epístolas, o apóstolo Paulo estabelece as distinções que já vimos nos primeiros capítulos de Gênesis. Em sua bem elaborada discussão sobre os estágios finais no processo de redenção, ele afirma: "Nem toda carne é a mesma: os homens têm uma espécie de carne, os animais, têm outra, as aves outra, e os peixes outra" (I Co 15.39).

O apóstolo Paulo faz uma distinção que está profundamente enraizada na experiência da humanidade com Deus no Antigo e Novo Testamentos, mas também arraigada na perspectiva aristotélica ou científica da cultura greco-romana.

Trata-se da distinção entre tipos de corpos: "Há corpos celestes e há também corpos terrestres" (v. 40). Isto é lugar-comum na ciência aristotélica. No entanto, recebeu novas e vastas dimensões de significados para a comunidade cristã pela transfiguração e as aparições de Cristo depois da sua ressurreição, tornando, por sua vez, possível certas reinterpretações intrigantes de eventos notáveis do Antigo Testamento como sendo também manifestações de Cristo (I Co 10.1-4).

O "ser vivente" humano, "o primeiro Adão", possuía como sua substância corpórea a mais elevada e mais potente forma de carne. Portanto, ele era a "quintessência do pó". Sendo a forma mais elevada de pó, ele era também aquele que prova, na visão de Paulo, ser capaz da transmigração de uma forma de corpo (o "terrestre") para outra (o "celeste") – aquele corpo "glorioso" de Jesus depois de sua ressurreição (Fp 3.21).

Assim, em última análise, é verdade que "carne e sangue não podem herdar o reino de Deus" (I Co 15.50). Contudo, a *pessoa* de carne e sangue pode. Mediante a iniciativa e a direção da palavra de Deus ( Jo. 6.63), a energia finita de uma pessoa pode ser associada com Deus de tal forma que progressivamente (e no final totalmente) ela pode "se revestir de incorruptibilidade" (I Co 15.54; cf. I Pe 1.4 e Fp. 3.11).

A pessoa de carne e sangue também pode, é claro, restringir seus pensamentos e ações somente à carne e morrer. Ela pode firmar seus pensamentos e esperanças unicamente nos poderes naturais residentes no corpo humano separado de Deus, e então "colherá corrupção". Há uma escolha a ser feita e uma disciplina a ser seguida.

## **SEMEANDO NO ESPÍRITO**

O próprio Paulo formula este fato assombroso em passagens bem conhecidas, como as que seguem:

Quem vive segundo a carne tem a mente voltada para o que a carne deseja; mas quem vive de acordo com o Espírito, tem a mente voltada para o que o Espírito deseja. A mentalidade da carne é morte, mas a mentalidade do Espírito é vida e paz; a mentalidade da carne é inimiga de Deus porque não se submete à Lei de Deus, nem pode fazê-lo. Quem é dominado pela carne não pode agradar a Deus (Rm 8.5-8).

Não se deixem enganar: de Deus não se zomba. Pois o que o homem semear, isso também colherá. Quem semeia para a sua carne, da carne colherá destruição; mas quem semeia para o Espírito, do Espírito colherá a vida eterna. E não nos cansemos de fazer o bem, pois no tempo próprio colheremos, se não desanimarmos (Gl. 6.7-9).

A escolha no final é muito séria quanto às suas conseqüências. Temos de tomar muito cuidado no entendimento de quais são as alternativas e o que elas significam. Meu objetivo nestas páginas é ajudar o leitor a ver que nossas escolhas se referem ao *processo específico de vida de crescimento ou decadência espiritual* e que ações divinas em nosso favor não nos isentarão da responsabilidade nesse processo.

Espero que nossas discussões deixem claro que erramos seriamente ao pensar na carne como essencialmente degenerada,

mã ou pecaminosa. A visão bíblica da graça e da natureza humana não a encaram desta forma.

Este erro deve ser evitado se quisermos levar a sério nossa tarefa de "submeter nossos membros como servos da justiça, em santidade" (Rm 6.19; cf 6.12-22). De outra forma, desprezaremos nosso corpo e não consideraremos como o instrumento da vida espiritual para o qual foi designado por Deus.

## **CARNE - NÃO NATUREZA HUMANA "DECAÍDA"**

Há, porém, vários outros fatos a respeito do corpo que temos de acrescentar ao nosso entendimento. O corpo não pode ser, como deve, a fonte para a vida cristã se acharmos que "carne" é sinônimo de "natureza humana decaída". Não é verdade que a "carne", simplesmente, "está para a natureza humana como a queda do primeiro homem a deixou: estropiada e desordenada, não mais respondendo naturalmente a um controle racional, sendo, portanto, uma fonte permanente de rebelião, algo que a vontade humana por si só não é capaz de dominar. Entregue a si mesma, esta natureza humana decaída é uma fonte de pecado".

Certamente é verdade que, nas pessoas não-redimidas, a carne (tanto a estrutura material do corpo como os poderes naturais que esta estrutura exhibe) serve como detentora primária do pecado. Mesmo assim, não é *ela*, mas sim a sua *condição deformada* que é a "natureza humana decaída". *Nesta condição*, a carne se opõe ao espírito, faz o que é mau, deve ser crucificada e posta sob controle (Gl 5.16,19ss).

Infelizmente, pouquíssimos homens em toda a história da Igreja perceberam a falácia de tratar a carne como sinônimo de natureza humana *decaída*. George Fox, que fundou o movimento *Quaker*, era um desses, e suas observações com freqüência o levavam a um intenso conflito com seus contemporâneos. Ele disse sobre um desses conflitos:

Então esses mestres disseram que o corpo exterior era o corpo da morte – e do pecado. Eu procurei mostrar seu erro; pois Adão e Eva tinham um corpo exterior antes do corpo da morte e do pecado vir sobre eles; o homem e a mulher terão corpos quando

o corpo do pecado e da morte for retirado; quando forem renovados na imagem de Deus, por meio de Jesus Cristo, àquilo que eram antes da queda.

Fox viu claramente que o "corpo do pecado da carne" (Cl 2.11) e "o velho homem" (Ef 4.22) dos quais, conforme ordem que nos é dada, devemos nos despir, não poderiam ser o mero corpo natural de nossa existência carnal, desde que não podemos nos despojar dele – exceto pelo suicídio.

Até onde sabemos, os primeiros seres humanos tinham corpos carnis *antes* de pecarem; daí, vemos que a carne não é a mesma coisa que natureza humana decaída. Assim, o equivalente bíblico da natureza humana decaída é o *mundo*, conforme descrito em I João 2.16: "Tudo o que há no mundo – a cobiça da carne, a cobiça dos olhos e a ostentação dos bens não provém do Pai, mas do mundo." A natureza humana decaída é a maneira como os poderes bons depositados em nossa carne humana na criação são distorcidos e ordenados contra Deus. Isso se opera mediante processos sociais e históricos, além de individuais.

O verdadeiro efeito da Queda foi nos levar a confiar somente na carne, "desprezando o conhecimento de Deus" (Rm 1.28). Supomos agora (como nossa mãe Eva) que, desde que não há um Deus para ser levado em conta na condução de nossas vidas, temos de assumir o controle em nossas próprias mãos. É isso que significa ter uma mente carnal. É essa mente carnal – não o corpo – que está em inimizade contra Deus e é incapaz de se sujeitar às leis dele.

Por contraste, a promessa antiga era que o Espírito iria ser derramado *sobre a carne* (Jl.2.28; At 2.17). A carne também anseia por Deus (Sl. 63.1), vai a Deus (Sl. 65.2), clama por Deus (Sl. 84.2), bendiz seu santo nome (Sl. 145.21), "não vê a corrupção" (At 2.31). Evidentemente, nada assim é dito a respeito do "mundo".

## **O PAPEL DAS DISCIPLINAS NA REDENÇÃO PLENA DA PESSOA**

Assim, por meio do nosso longo curso de reflexão, chegamos a ver como o jugo suave de Cristo é claramente alcançado mediante as disciplinas para a vida espiritual. A redenção,

conforme retratada no Novo Testamento, só é compreensível quando colocada numa cuidadosa relação com a natureza humana incorporada e os propósitos de Deus na nossa criação. Não poderia ser de outra forma.

Na criação, Deus colocou no organismo humano carnal as habilidades para servir como veículo de nossa vocação – incluindo a capacidade de interagir voluntariamente com seu reino espiritual no governo da esfera zoológica do planeta. O corpo humano é o campo primário do poder independente e da liberdade dada por Deus às pessoas. Falando de modo simples: sem corpo, sem poder. As pessoas têm um corpo por uma razão: para que tenham à disposição os recursos que lhes permitam ser pessoas em comunhão e cooperação com o Deus pessoal.

Nossos corpos são dotados de características específicas e moldados com habilidades e tendências específicos pelas nossas experiências, inclusive aquelas nas quais nos engajamos voluntariamente. Há certos limites dentro dos quais nosso caráter é formado por nós mesmos. Por meio da sua palavra que dá vida, Deus, na regeneração, renova nossa capacidade original para a interação divina. Mas a substância do nosso corpo só é transformada pelas ações e eventos nos quais escolhemos participar no nosso dia-a-dia.

Em outras palavras, a graça sozinha não garante que empreenderemos as ações apropriadas em relação à vida. Temos uma parte na transformação de nosso corpo. O corpo que Deus nos deu é "elástico", no sentido primário de ser flexível e capaz de ser formado em várias maneiras. Nas boas palavras do fisiologista, psicólogo e filósofo William James,

*Elasticidade...* significa a posse de uma estrutura fraca o bastante para se submeter a uma influência, mas forte o suficiente para não se sujeitar de uma vez. Cada fase relativamente estável de equilíbrio em tal estrutura é marcada pelo que podemos chamar de um novo conjunto de hábitos. A matéria orgânica, especialmente o tecido nervoso, parece dotada de um nível extraordinário de elasticidade; de modo que podemos afirmar, sem hesitação... que o fenômeno do



hábito nos seres vivos se deve à elasticidade das matérias orgânicas das quais os corpos são feitos.

A própria substância dos nossos corpos é moldada pelas nossas ações, bem como pela graça, nos caminhos do bem e do mal.

Qual, então, é o papel específico das disciplinas espirituais? Seu papel baseia-se na natureza do ser humano incorporado – elas são o *molde* e a *forma* dela. E nossa parte em nossa redenção é, por meio de atividades específicas e apropriadas, submeter a substância elástica da qual somos feitos aos caminhos da nova vida que é comunicada a nós pelo "espírito vivificante."

Temos de encarar esta tarefa com toda a seriedade, e no sentido mais literal, uma vez que *ninguém*, nem mesmo o próprio Deus, *fará isso por nós*. Este é o significado de nossa liberdade e de nossa responsabilidade. Só então seremos capazes de entrar com inteligência, firmeza e sucesso nos exercícios, disciplinas que são proveitosas para todas as coisas, "tendo promessa da vida presente e da futura" (I Tm 4.8).

## **7. A PSICOLOGIA DE PAULO DA REDENÇÃO – O EXEMPLO**

Vocês não sabem que de todos os que correm no estádio, apenas um ganha o prêmio? Corram de tal modo que alcancem o prêmio. Todos os que competem nos jogos se submetem a um treinamento rigoroso, para obter uma coroa que logo perece; mas nós o fazemos para ganhar uma coroa que dura para sempre. Sendo assim, não corro como quem corre sem alvo, e não luto como quem esmurra o ar. Mas esmurro o meu corpo e faço dele meu escravo, para que, depois de ter pregado aos outros, eu mesmo não venha a ser reprovado. (I CORÍNTIOS 9.24 -27)

Em Paulo, pela primeira vez desde Aristóteles, a filosofia grega deu um passo real adiante.

Sir WILLAM RAMSAY

Há alguma vida que possamos examinar e que nos dê um entendimento da vida disciplinada?

As disciplinas espirituais são, num sentido real, um "exercício de piedade". Esta é a linguagem do apóstolo Paulo (I T m 4.7), expressando um tema fundamental de sua vida e crença. O "exercício na piedade" era apenas um conceito elevado sem um significado definido na boca de Paulo, ou Paulo indica um curso exato de ação que ele entendia em termos definidos, o qual ele próprio seguia com cuidado e chamava outros a compartilhar? O que sabia Paulo sobre o "jugo suave"?

As disciplinas para a vida espiritual eram tão óbvias para Paulo e os leitores de sua época que ele não sentiria necessidade de escrever um livro que explicasse sistematicamente este assunto.

No entanto, um longo período de tempo se passou – e muitos abusos foram cometidos em nome das disciplinas espirituais. Assim, a História nos condicionou de tal forma (como veremos no próximo capítulo) que não entendemos facilmente a prática de Paulo ou os ensinamentos sobre a "mortificação do corpo" que ele praticava. Vamos observar mais de perto a forma de vida cristã de Paulo.

## **PAULO, O ENIGMA**

O apóstolo Paulo está entre aquelas poucas figuras de gigantes que moldaram a história do mundo e tornaram a mente e o espírito humano o que são agora. Mesmo assim, ele é um enigma para todo aquele que o encara somente da perspectiva moderna. Isso é verdade também para aqueles que olham para Paulo visando obter direção na vida espiritual.

A descrição desprezível de Paulo feita por Nietzsche, embora exagerada, expressa a atitude de muitos pensadores seculares do mundo atual. Segundo Nietzsche, Paulo era "um dos homens mais ambiciosos, cuja superstição só se igualava à astúcia; um homem torturado e digno de pena, uma pessoa extremamente desagradável tanto para si mesma como para os outros". Deixo por sua conta decidir se tal afirmação não fala mais sobre Nietzsche do que sobre Paulo.

Os eruditos cristãos, por outro lado, são incapazes de concordar sobre se o gênio de Paulo era o de um teólogo sistemático, organizador eclesiástico, filósofo ético, visionário místico ou um santo ascético. Talvez seja mais comumente considerado como um construtor de sistemas de dogmas - que James S. Stewart chama de "a maior injustiça da História com seu maior santo".

No entanto, o notável livro de Stewart sobre Paulo, *A Man in Christ* [Um Homem em Cristo ], deixa claro que o coração do apóstolo e de sua mensagem está em uma área - na contínua apropriação da "presença real" de Cristo dentro da vida experimental do cristão. O livro de Stewart, embora útil, compartilha uma omissão básica com todas as principais discussões sobre Paulo nos últimos séculos. Embora Stewart descreva em sua substância e efeito as experiências de Paulo da vida com Cristo, seu livro deixa em grande parte encoberto o que significa seguir Paulo, como este seguiu a Cristo, de acordo com I Coríntios 4.16 e 11.1.

No Capítulo 2, falamos sobre como a Igreja moderna parece incapaz de aprender dos cristãos do passado, ou na própria Bíblia, como desenvolver um verdadeiro "crescimento na graça e no conhecimento do nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo". Nós simplesmente parecemos não enxergar o *que de fato era praticado* por Jesus, e por aqueles que o seguiram no Reino de Deus, como descrito em Lucas 16.16 e Mateus 11.12. De alguma forma, estamos cegos para a informação que deveria nos guiar. Essa cegueira peculiar nos leva a rejeitar em nossas vidas o que Jesus e Paulo de fato fizeram, o que escolheram viver ou experimentar.

"Rejeitar" é um termo forte, mas não é muito preciso. Para rejeitar algo, o indivíduo deve primeiro considerar ou analisar. No entanto, nós nem chegamos a considerar os detalhes da vida cotidiana de Jesus e de Paulo; assim, não nos sentimos desafiados a aceitá-los *ou* rejeitá-los. Temos considerado, de certa forma, tais aspectos da vida de Jesus como irrelevantes para qualquer escolha que tenhamos de fazer. Por isso, dizemos: "O que tem a ver conosco o longo período de jejum e solitude de Jesus depois do batismo? Nós não somos Jesus, não é? E a maneira como Paulo subjugava o seu corpo pode ter sido necessária para o *seu* trabalho, mas eu estou indo muito bem sem fazer isso."

Então, seguir a Jesus – ou seguir o exemplo de Paulo – fica desprovido de significado prático. Não expressa uma estratégia de viver nossa existência cotidiana; no máximo, concentra-se apenas em certos momentos especiais ou artigos de fé. Isso, por sua vez, torna impossível para nós compartilhar de suas experiências e consistentemente manter um comportamento como o deles – o qual, afinal, apoiava-se em suas experiências, e essas experiências resultavam de como eles organizavam suas vidas. Desde que não compartilhamos com eles do mesmo comportamento, somos deixados com muita *conversa* sobre eles e uma aplicação ocasional de sua linguagem à nossa experiência. A única maneira de superar essa nossa alienação da vida deles é tomar as *práticas* de Jesus e de Paulo como algo essencial para a *nossa vida* em Cristo.

## **EXERCÍCIOS ESPIRITUAIS ASSUMIDOS COMO NECESSÁRIOS NO MUNDO DE PAULO**

O contexto no qual Paulo usa as palavras "exercício na piedade" é intensamente prático. Ele está dizendo a Timóteo, seu filho na fé, como ter sucesso na liderança do povo de Deus. Ao falar de exercício ou treinamento, ele emprega o termo *gumnaze*, do qual derivamos nossa palavra "ginásio". Paulo diz a seu jovem amigo, em vez de gastar tempo com mitos e lendas profanas, que ele deve estar atarefado no "ginásio espiritual": "Exercite-se na piedade. O exercício físico é de pouco proveito; a piedade, porém, para tudo é proveitosa, porque tem promessa da vida presente e da futura" (I T m 4.7,8).

O exercício físico era algo que Paulo e outros habitantes da região do Egeu entendiam muito bem. Antes de Timóteo pastorear a igreja em Éfeso, durante séculos as pessoas conheceram o treinador físico e suas tarefas de uma forma bem familiar. Todos sabiam o que estava envolvido no treinamento para a melhoria dos poderes físicos. Em seu conselho a Timóteo, Paulo destaca que há um fenômeno paralelo na esfera espiritual. Trata-se de uma analogia muito funcional. Assim como ocorre no físico, há um conjunto específico de atividades que temos de realizar para estabelecer, manter e aprimorar nosso poder espiritual. O indivíduo tem de *treinar*. Um atleta pode ter todo o entusiasmo do mundo; pode entender bem das regras do jogo. No entanto, não vencerá a competição com *conversa*. Zelo sem conhecimento ou

sem a prática apropriada nunca é suficiente. Além disso, o indivíduo deve treinar *com sabedoria*, bem como com intensidade, para a realização espiritual.

Paulo não teve de explicar ou argumentar sobre esta pressuposição. Este era um ponto conhecido na igreja cristã que se desenvolvia nas culturas judaica, grega ou romana. Este item não precisa ser tão fortemente enfatizado.

Por quê? É quase impossível no clima intelectual do mundo ocidental, hoje, apreciar *como* era totalmente desnecessário que Paulo dissesse explicitamente, no mundo em que *ele* vivia, que os cristãos deviam jejuar, estar sozinhos, estudar, dar, etc., como disciplinas regulares para a vida espiritual. É claro que nós somos inclinados a considerar as práticas ascéticas como excentricidades da história humana, talvez proeminentes na "Índia pagã" ou na "Idade das Trevas", espiritualmente degenerada, da Europa Ocidental. Tal raciocínio, porém, está longe da verdade. É uma ilusão criada em parte por nossa convicção de que nossos impulsos naturais são, em si mesmos, coisas boas e que nós temos um direito inquestionável de satisfazê-los, desde que "ninguém saia prejudicado".

No entanto, pessoas esclarecidas e piedosas do mundo clássico e do mundo helênico, do Ganges ao Tigre, sabiam que a mente e o corpo do ser humano tinham de ser rigorosamente disciplinados para alcançar uma existência individual e social. Não era algo que Paulo tinha de provar explicitamente para seus leitores – mas também não era algo que ele ignorou, deixando para ser avaliado por monges insanos na Idade das Trevas. Pelo contrário, é uma sabedoria desenvolvida por milênios de experiência humana coletiva. Não há nada especialmente religioso sobre isso, embora toda religião de significado histórico tenha aceitado e inculcado isso de uma forma ou de outra. Este fato tem uma importância especial para a religião, mas se trata de senso comum sobre a natureza humana.

Onde adquirimos esta idéia sobre "fazer aquilo que nos faz sentir bem"? O hedonismo incontido de nossa época procede historicamente da idéia de felicidade do século XVIII, filtrada através da ideologia inglesa do século XIX do prazer como o bem para as pessoas. Finalmente ele emerge na forma de nossa atual

sociedade de "bem-estar" – tragicamente manipulada pela cultura popular e também, em grande parte, pela religião.

Pense nisso: O padrão de sucesso de um culto religioso não é se as pessoas se sentiram bem durante e depois? A preeminência da mentalidade "sentir-se bem" em nosso mundo é o que torna inaceitável para muitas pessoas o que Paulo e seus contemporâneos aceitavam como um fato da vida. Nossas comunidades e nossas igrejas estão densamente povoadas por pessoas que são neuróticas ou paralisadas pela devoção e cativo voluntário ao "bem-estar". A dependência de drogas e outros vícios são epidêmicos por causa do imperativo cultural do "sentir-se bem".

## **A PRÁTICA DA IGREJA PRIMITIVA**

Essa pressuposição antiga, e geralmente aceita, da necessidade de disciplinar os desejos e sentimentos não precisava de qualquer explicação detalhada para os ouvintes de Paulo. Podia ser amplamente exibida por meio da sua própria prática, bem como da de outros líderes na jovem igreja. Além disso, as pessoas e os ministérios de João Batista e de Jesus, ambos ricos em atividades destinadas a fortalecer o espírito, eram constantemente exibidos diante deles. Assim, para onde quer que olhassem, os primeiros cristãos viam exemplos das práticas da solitude, do jejum, da oração, do estudo individual, do estudo em grupo, da adoração, do serviço sacrificial e da doação – para citar somente algumas das disciplinas mais óbvias para a vida espiritual..

Os primeiros cristãos realmente organizavam suas vidas de modo *muito* diferente dos seus vizinhos não-cristãos, bem como da grande maioria dos chamados cristãos hodiernos. O estilo de vida deles, não apenas o que faziam sob pressão, era espantosamente diferente. Este comportamento é um *jato* e pode ser confirmado por uma leitura casual da literatura bíblica, bem como de outros registros literários da época. Quando alguém lê uma epístola como a de Paulo aos Efésios ou Filipenses, por exemplo, e procura entender o seu verdadeiro significado, surge uma impressão irresistível de que os primeiros leitores realmente viviam dentro de uma outra ordem de coisas. Obras extrabíblicas, como a *History of the Church from Christ to Constantino* [História da Igreja de Cristo

até Constantino] de Eusébio (263-339 d.C), confirmam fortemente esta impressão.

## **O USO DA SOLITUDE**

Para ilustrar como as práticas disciplinares eram rotina dos primeiros cristãos, considere como Jesus e seus primeiros seguidores faziam amplo uso da solitude. Como veremos no próximo capítulo, a solitude é a mais radical das disciplinas para a vida no espírito. Nas instituições penais, o confinamento na solitária é usado para quebrar a mais forte das vontades. Ele tem esta capacidade porque exclui as interações com outros, das quais a personalidade humana decaída depende completamente. A vida alienada de Deus entra em colapso quando é destituída do suporte do mundo carregado de pecado. No entanto, a vida em sintonia com Deus é de fato nutrida pelo tempo despendido sozinho.

João Batista, como muitos dos seus precursores na linhagem profética, passava muito tempo sozinho nos lugares desertos. Jesus constantemente buscou a solitude, desde o batismo até o Getsêmani, quando se separou até daqueles que chamara a velar com Ele (Mt 26.38-42). A solitude, e somente ela, abre a possibilidade de um relacionamento radical com Deus que pode superar todos os eventos externos até a morte e além dela.

O retiro é o laboratório do espírito; solitude interior e silêncio são duas asas. Todas as grandes obras são preparadas no deserto, incluindo a redenção do mundo. Os precursores, os seguidores e o próprio Mestre, todos obedeceram ou tiveram de obedecer à mesma lei. Profetas, apóstolos, pregadores, mártires, pioneiros do conhecimento, artistas inspirados em todas as artes, homens comuns e o Homem-Deus, todos pagaram tributo à solidão, à vida de silêncio e à noite.

## **JESUS FORTALECIDO PELA SOLITUDE**

Atualmente, afastar-se da sociedade, praticando a solitude, parece indicar fraqueza, sofrimento, fuga ou fracasso, em vez de grande força, alegria e efetividade. Acreditando nisto, nós

interpretamos de forma totalmente errônea o contexto das tentações de Jesus depois do seu batismo (Mt 4). A Bíblia diz que o Espírito o levou ao deserto para ser tentado pelo diabo. Isso colocou Jesus na posição mais vulnerável possível diante de Satanás, faminto e sozinho no deserto? A maioria daqueles com quem conversei sobre este assunto ficam chocados diante da sugestão de que "deserto", o lugar de solitude e privação, era de fato o *lugar de força e de fortalecimento para* o nosso Senhor e que o Espírito o levou para lá – assim como *nos* levaria para lá – a fim de garantir que Jesus estivesse na melhor condição possível para o teste.

Na solitude do deserto, Jesus jejuou por mais de um mês. *Então*, e não antes, Satanás teve permissão de se aproximar dele com suas propostas ofuscantes de pão, notoriedade e poder. Somente quando Jesus estava no ponto mais elevado de sua força. O deserto era sua fortaleza, seu lugar de poder. Durante toda a sua vida, Ele buscou os lugares solitários como uma submissão indireta de *seu* próprio corpo físico à justiça (e.g., Mc 1.35; 3.13; 6.31,46). Ele buscava isso não como um passatempo, mas para *lhe* dar poder para fazer o bem. Todos aqueles que seguiram Jesus sabiam de sua prática de solitude, e isso foi bastante imitado nos séculos que se seguiram à sua morte.

## **A PRÁTICA DE PAULO: SOLITUDE, JEJUM E ORAÇÃO**

Ponham em prática tudo o que vocês aprenderam, receberam, ouviram e viram em mim. E o Deus da paz estará com vocês (Fp 4.9).

Paulo foi um desses seguidores de Cristo. Na época de sua conversão, ele já era uma das pessoas mais aplicadas na religião judaica, "extremamente zeloso das tradições dos meus antepassados", diz ele (Gl 1.14). Em outra passagem, ele escreve: "Quanto à justiça que há na lei, irrepreensível" (Fp 3.6). Você se recorda do fariseu convicto de sua justiça própria, citado no Evangelho de Lucas? Se aquele homem jejuava duas vezes por semana e dava o dízimo de tudo quanto possuía, podemos ter certeza de que o zeloso Paulo fazia ainda mais em seu comportamento ascético e disciplinado.



Assim, mesmo antes de seguir a Cristo, sem dúvida Paulo era uma pessoa de grande auto controle e disciplina, e isso não desapareceu depois de sua conversão. Sua disciplina apenas recebeu um novo significado e deixou de ser considerada como constituindo sua justiça diante de Deus (Fp 3.7,8). A ênfase sobre o autocontrole, que só é alcançado mediante extensiva disciplina é uma constante em seus escritos. Por exemplo, só na Epístola a Tito esse assunto é mencionado cinco vezes nos dois primeiros capítulos.

Pense no encontro de Paulo com Cristo. Imediatamente após os eventos na estrada de Damasco, ele orou e jejuou, não comendo nem bebendo nada por três dias (At 9.9,11). Pouco tempo depois, ele se retirou para o deserto da Arábia, onde permaneceu um longo tempo, "sem consultar pessoa alguma". No isolamento do deserto da península do Sinai, ele continuou a interagir com seu Senhor até estar preparado para retornar a Damasco, a Jerusalém e, finalmente, à sua cidade natal, Tarso, na Ásia Menor.

John Pollock apresenta um quadro intrigante daqueles "anos ocultos" em Tarso e cercanias. Ele situa as três vezes em que Paulo foi golpeado com varas (2 Co I 1.24) nesse período, quando os membros da sinagoga local tentaram salvar seu irmão apóstata, evitando excomungá-lo. Tudo inútil, porém, pois Paulo permaneceu firme em seu testemunho do Cristo ressuscitado, seu companheiro e Messias. Então, de acordo com Pollock,

privado do lar, do conforto e de sua posição, Paulo desapareceu na região agreste dos montes Taurus e ali, em 41 ou 42 dC, possivelmente na caverna identificada como "Caverna de São Paulo", teve uma "visão e revelação do Senhor" tão sagradas que jamais comentou sobre elas por mais de 14 anos, e, mesmo assim, quando o fez, foi de forma cautelosa, usando o pronome da terceira pessoa: "Conheço um homem em Cristo que há catorze anos foi arrebatado ao terceiro céu. Se foi no corpo ou fora do corpo, não sei, mas Deus o sabe..."

Então, cerca de 15 anos (mais ou menos) depois que Paulo conheceu a Cristo na estrada para Damasco, e depois de ter

ministrado por algum tempo na igreja em Antioquia da Síria, os líderes da igreja foram dirigidos pelo Espírito Santo para consagrá-lo, juntamente com Barnabé, para um esforço especial no trabalho missionário. Tendo orado e jejuado, eles impuseram as mãos sobre eles e os enviaram (At 13.2). Durante os meses seguintes, muitos grupos de convertidos surgiram sob o ministério de Paulo e Barnabé em muitas cidades no centro da Ásia Menor. Quando retornaram a essas cidades na viagem de volta a Antioquia, estabeleceram líderes em todos os grupos mediante jejum e oração (At 14.23). A efetividade de Paulo é inconcebível sem o uso extensivo do jejum, da solitude e da oração.

## **SERVINDO A OUTROS**

No entanto, sua vida e trabalho também foram caracterizados por grande abnegação, simplicidade e frugalidade. Durante grande parte do tempo que passou fundando e desenvolvendo comunidades cristãs, ele trabalhou para se sustentar. Abriu mão dos benefícios do ministério apostólico, aos quais tinha pleno direito, e que eram gozados por outros, como Pedro e os irmãos de Jesus (I Co 9.5-12).

Na vida de Paulo, enxergamos o paralelo entre o treinamento físico e o espiritual. O propósito Paulino na forma como tratava seu corpo é claro. Aqueles que seguiram Paulo como ele seguiu a Cristo viram o que ele quis dizer quando afirmou "esmurro o meu corpo e faço dele meu escravo" (I Co 9.27). E também souberam como fazer como ele neste aspecto.

Considere o testemunho de Paulo quando partiu definitivamente de Éfeso, local de um dos seus trabalhos mais significativos e frutíferos: "Vocês sabem como vivi todo o tempo em que estive com vocês, desde o primeiro dia em que cheguei à província da Ásia. Servi ao Senhor com toda a humildade e com lágrimas, sendo severamente provado pelas conspirações dos judeus... Não cobicei a prata nem o ouro nem as roupas de ninguém. Vocês mesmos sabem que estas minhas mãos supriram minhas necessidades e as de meus companheiros. Em tudo o que fiz, mostrei-lhes que mediante trabalho árduo devemos ajudar os fracos, lembrando as palavras do próprio Senhor Jesus, que disse: 'Há maior felicidade em dar do que em receber'" (At 20.18,19,33-35).

Aquele que foi escolhido por Deus para estabelecer a Igreja entre os gentios escolheu sustentar a si mesmo, e a outros, por meio do seu próprio labor durante o tempo em que realizava um ministério de significado elevadíssimo (I Ts 2.8,9; 2 Ts 3.8,9). Paulo foi genial ao entender que não havia nenhum conflito nesse procedimento, mas de fato um incremento de poder. Ele conhecia o segredo do Mestre, que a maior pessoa é aquela que é serva de todas, e colocou isso em prática como uma questão de princípio (Mt 20.26,27; I Co 9.19). Ele colocou toda a sua vida a serviço de todos, como Jesus, e *por isso* uma tarefa tão grandiosa foi confiada a ele, e não a outra pessoa.

### **SUA PRÁTICA INTERPRETA SUAS AFIRMAÇÕES**

Assim, é à luz da *prática* de Paulo, da maneira como ele vivia, que devemos interpretar as afirmações que ele faz sobre sua experiência e comportamento e sobre o que *nós* devemos fazer. Quando em outra passagem ele nos instrui a "mortificar" as obras do corpo por meio do espírito ( Rm 6.13), ou mortificar nossos membros que estão sobre a terra (CI 3.5), devemos interpretar suas palavras à luz dos seus atos. Quando fazemos isso, constatamos que ele está nos dirigindo a empreender um padrão de atividades para o treino dos desejos naturais em direção à piedade, facilmente reconhecido por aqueles que são familiarizados com a história da religião. Essas atividades são: solidude, jejum, "vigilância", silêncio, rotinas de oração e estudo, doação de tempo, energia e bens em vários tipos de serviço, adoração, frugalidade, submissão à comunidade espiritual e seus líderes, etc.

Atualmente estamos acostumados a pensar em Jesus e Paulo como se fossem iguais aos nossos pastores e ministros. Portanto, sentimos grande resistência a qualquer insinuação de que eles viveram um tipo de vida tão rigoroso e chamaram seus discípulos a fazer o mesmo. "Isso não vai fazer o cristianismo parecer mais com um quartel do que com uma igreja?", podemos perguntar. "Se *era* isso que Paulo tinha em mente ao falar de submeter o corpo à justiça, por que ele simplesmente não foi mais direto no assunto?"

Ele disse. E *foi* direto. É o que ele está dizendo nas passagens que citamos acima, bem como em outras.

Paulo nos diz: "Tornem-se meus imitadores, como eu o sou de Cristo" (I Co 11.1). Ele diz: "Ponham em prática tudo o que vocês aprenderam, receberam, ouviram e viram em mim. E o Deus da paz estará com vocês" (Fp 4.9). Nós, então, dentro de nossa visão moderna da vida, nos empenhamos em explicar como, evidentemente, o *estamos* seguindo, como ele seguiu a Cristo. Não acreditamos e falamos as mesmas coisas que ele?

Todavia, nossa vida não é de forma alguma como a de Paulo. Não fazemos as coisas que ele fazia. Mesmo assim, é certo que somente a *prática* de Paulo explica sua vida maravilhosamente vitoriosa no jugo suave de resplandecentes e glamourosos que dominavam a atenção do mundo. Assim, a maioria dos seus poderosos contemporâneos não poderia vê-los pelo que eram. Nós tampouco, até que começemos, pela fé, a viver como eles viveram.

## **ISOLADOS CONTRA A VERDADEIRA MUDANÇA DE VIDA**

Hoje, porém, estamos isolados de tal pensamento. Nosso contexto religioso moderno nos assegura de que uma ação tão drástica, como a que vemos em Jesus e Paulo, não é necessária para o *nosso* cristianismo – pode ser inútil e até perigosa. De qualquer forma, será perturbador para aqueles que estão à nossa volta, principalmente os membros de nossas igrejas, que muitas vezes não têm intenção de mudar suas vidas de forma tão radical. Assim, confundimos as instruções profundamente práticas de Paulo, bem como seu exemplo, como se apenas fossem questão de atitude. Ou então vemos nisso algum ponto teológico interessante concernente à atitude de Deus para conosco. Em alguns contextos culturais, os escritos de Paulo são lidos como se dissessem para não nos envolvermos em entretenimentos seculares ou prazeres físicos – ou como ordenando que abracemos tudo o que seja pudico. Extraímos algo de nossa bagagem contemporânea de idéias e supomos que é *isso* que ele está dizendo. Entretanto, nenhum curso de ação prático e sadio, que resulte em progresso em direção à semelhança com Cristo, jamais emerge de tal raciocínio.

Evelyn Christenson diz sobre este modo de pensar o seguinte:

Às vezes pegamos uma palavra perfeitamente boa da Bíblia (tal como "punição", "sofrimento", "submissão", "cura", "justiça divina"), mergulhamos imediatamente em nossa piscina do "eu acho" e tecemos sutil e firmemente algo nosso em torno dessa palavra, deixando a impressão de que todos os nossos "eu acho" sobre o termo estão incluídos no seu significado bíblico.

Em nenhum outro lugar, essa tentação é maior ou mais nociva do que quando lemos o que nosso Senhor fala sobre as condições para segui-lo (Lc 14) ou quando lemos as afirmações de Paulo sobre como lidar com nosso corpo e a carne no curso do desenvolvimento espiritual (Rm 6.13,19; 8.13; I Co 9.27; 2 Co 4.10; G12.20; 5.24; Fp 1.20-22; C13.5). Os ambientes secular e religioso, nos quais vivemos hoje, são quase que irresistivelmente preconceituosos em relação à interpretação dessas passagens. Hoje promove-se uma vida semelhante à das pessoas decentes que estão à nossa volta, não a vida de Paulo e seu Senhor. Falamos sobre levar um tipo diferente de vida, mas também temos boas explicações para o fato de não sermos realmente diferentes. E, com essas explicações, justificamos nosso afastamento das únicas práticas que nos capacitariam a ser cidadãos do outro mundo.

## **O REALISMO DA LINGUAGEM DE PAULO**

O severo realismo da linguagem de Paulo ajuda a fundamentar este ponto. Atualmente nos apoiamos em muitos séculos de interpretações extravagantes, sentimentais ou "espirituais" das palavras de Paulo e de outros escritores bíblicos. Por exemplo, suas palavras "morro todos os dias" são citadas com freqüência, mas foram transformadas numa expressão de atitude ou espírito de abnegação e humildade. O contexto, porém, deixa claríssimo que para ele não se tratava de uma atitude mas, de um fato da vida – no qual diariamente olhava a morte na face e a aceitava para aquele dia, como podemos ver em I Coríntios 15.30-32.

Quando descreve sua vida ou a vida dos discípulos cristãos, Paulo sempre emprega linguagem *realista*, embora, é claro, nem sempre de forma literal. Quando ele diz, por exemplo, que "aqueles que pertencem a Cristo Jesus crucificaram a carne com suas

paixões e desejos" (G15.24), não quer dizer que a carne é literalmente pregada numa cruz, mas se refere a uma ação real e definida praticada pelos cristãos, por meio da qual as reivindicações dos desejos e sentimentos normais são suspensas e removidas do controle de suas vidas. É o mesmo que Jesus diz do discípulo que deve negar a si mesmo e tomar a cruz.

Esses eventos então são eventos reais que têm certas propriedades constantes e definidas que o cristão pode descobrir vivendo por meio delas. Elas devem ser parte do nosso plano para a vida em Cristo. A linguagem de Paulo expressa sua própria experiência através do duro realismo da existência concreta na comunhão da igreja. Ele era catedrático da escola da abnegação e sabia por experiência o que estava falando. Sua crucificação da carne, e a nossa, é efetuada por meio daquelas atividades como solitude, Jejum, frugalidade, serviço, etc., que constituem o programa curricular da escola da abnegação e nos colocam na linha de frente do combate espiritual, como lemos em Marcos 8.34-36 e Lucas 17.33.

Estamos tão familiarizados com palavras e frases que Paulo emprega repetidamente, tomando-as dentro de nosso contexto religioso, que o real significado das expressões paulinas – o "realismo duro" delas – nos escapa. Nosso uso hoje das mesmas palavras (ou outras similares) não corresponde àquelas ações e experiências que Paulo tinha claramente em mente e na vida. As idéias paulinas de morte e vida espiritual; crucificação; despojar do velho homem e se revestir do novo; união com Cristo; ministério com o Espírito de Deus; mortificação das obras da carne; ser sepultado e ressuscitar com Cristo; submeter nossos membros físicos como instrumentos de justiça; e apresentar nossos corpos como sacrifício vivo, etc., correspondem muito pouco (ou nada) às nossas ações e experiências individuais ou coletivas. Assim, elas são destituídas de força e conteúdo. Não servem mais como base para *planos realistas* de ser como Jesus.

Não se trata de um problema somente com a vida e os escritos de Paulo. Isso ocorre também (talvez até mais) com João. As grandes passagens sobre "união com Deus" no Evangelho de João, tais como 14.10-20; 15.1-10 e 17.20-26, falam explicitamente sobre verdadeiras interações, condições pessoais e resultados concretos. No entanto, a maioria dos cristãos tem grande dificuldade em aplicar "permanecer em Cristo" e "suas

palavras permanecerem em nós" nos eventos da vida cotidiana. Mesmo assim, é exatamente o que *deve* ser feito. Esta é a tarefa principal para aqueles que nos guiam como ministros do evangelho. Estamos tratando aqui da *essência* da nova vida do alto, e não somente da linguagem de Paulo ou de João. Nosso fracasso mais grave hoje é a incapacidade de providenciar direção prática efetiva de como viver a vida de Jesus. Creio que isso se deve à perda do realismo bíblico em nossas vidas.

## **REALISMO BÍBLICO, PSICOLOGIA E O PENSAMENTO CRISTÃO MODERNO**

A tendência de entorpecer ou perder totalmente o realismo da linguagem bíblica sobre o ser humano foi alimentada pela ideologia dominante na psicologia profissional durante as últimas décadas, bem como por grande parte da excelente literatura cristã produzida desde a Reforma. No esforço de ser aquilo que é considerado como científico, a psicologia tende a não aceitar a experiência e o comportamento religioso como realidades a serem investigadas em paralelo com outros fenômenos psicológicos. Muitos praticantes da tradição psicanalítica derivada de Freud ainda consideram o tratamento como fracassado se o cliente mantém sua crença em Deus. Muitos psicólogos cristãos permanecem intimidados pelo preconceito naturalista da psicologia. Portanto, eles são incapazes de abordar o comportamento e a experiência cristã como realidades a serem investigadas profundamente na prática e na teoria.

A tradição freudiana se mantém muito influente na maneira como a psicologia enxerga a si própria, embora haja muitos dissidentes. Isso explica em grande parte por que a experiência religiosa raramente é vista como um tópico sério da pesquisa psicológica.

Merton P. Strommen, que recebeu o Prêmio William James em 1983, observa o seguinte: "Embora a maioria dos americanos encare a religião como importante, os estudiosos em grande parte a ignoram como um fator de contribuição significativa para o bem-estar pessoal e nacional. Muitos psicólogos tratam este aspecto do comportamento humano como algo que não traz conseqüências ou que deve ser evitado."

Essa atitude para com a experiência religiosa é involuntariamente trazida para o estudo da Bíblia, mesmo por cristãos devotos. Isso torna impossível qualquer apreciação profunda do entendimento de Paulo sobre a redenção, porque ele entendia a redenção como uma seqüência progressiva de ações e eventos humanos e divinos reais, que resultam na transformação do corpo e da mente. Para Paulo, essas ações – eventos – são experiências reais. São partes reais de nossas vidas, tão reais que não podemos ignorá-las. Todavia, quem as vê assim, hoje, não recebe nenhum apoio da psicologia moderna.

A perda gradual da Igreja, através dos séculos, da realidade da experiência de Paulo em Cristo também contribuiu para essa atitude de nossa cultura. Assim, também o significado dos escritos de Paulo foi perdido. Na realidade, parte significativa da literatura em língua inglesa também contribuiu para a perda do realismo bíblico. As grandes obras de escritores tais como Milton e Bunyan têm o efeito de alegorizar totalmente a batalha entre o bem e o mal e a luta do e a luta do cristão para seguir ao Senhor. De fato, toda uma geração de leitores emergiu com a cabeça cheia de imagens, mas sem noção do que *fazer* em sua própria "peregrinação" ou "reconquista do paraíso". O que é ainda pior, fica a impressão de que este progresso de alguma forma ocorrerá automaticamente, por meio do curso normal da vida; bastando que o peregrino se apegue a certas crenças.

Certamente não estou atacando essas obras em seu conteúdo literário. No entanto, elas entraram numa combinação fatal com a reação geral protestante, exagerada, contra as práticas ascéticas ou disciplinares. Um "vôo" de concordância mental com a doutrina, além do prazer de uma ficção agradável, lentamente foi tomando o lugar da prática rigorosa do discipulado que traz a verdadeira transformação de caráter.

A nova vida em Cristo não é uma vida interior de crenças e imaginações. É uma vida pessoal, incorporada, dentro do contexto social. A grande revelação que Pedro recebeu de Jesus como "o Cristo" era genuína. Entretanto, os eventos subseqüentes provaram que só aquilo não transformou sua vida. Aquilo que ele *viveu isso sim*, mudou sua vida. O mesmo aconteceu com o próprio Senhor, que "aprendeu a obedecer por meio daquilo que sofreu" (Hb 5,8,9). Uma psicologia adequada da redenção deve estabelecer



este ponto crucial. E os escritos de Paulo e toda a Bíblia devem ser lidos à luz disso.

## **A PSICOLOGIA BÍBLICA NA IGREJA PRIMITIVA**

De fato, esta era exatamente a forma como os escritos de Paulo eram lidos pelos primeiros cristãos. Franz Delitzsch destacou há mais de um século que a psicologia bíblica é "uma das mais antigas ciências da igreja". Já no segundo século, um escritor cristão, Melito de Sardis, tinha composto uma obra intitulada *Concernente à Alma, ao Corpo e à Mente*, mencionada pelos líderes cristãos posteriores, tais como Eusébio e Jerônimo. No início do terceiro século, Tertuliano escreveu sua obra *De Anima*, com o propósito de suplantar as obras monumentais de Platão e Aristóteles, com uma abordagem cristã dos principais tópicos psicológicos.

O interesse em compreender os fundamentos e os processos do "ser" humano e sua redenção – a psicologia bíblica – permaneceu como uma preocupação insaciável na comunidade cristã até bem depois da Reforma Protestante. No entanto, os experimentos e análises extremamente ricos aos quais aqueles cristãos e os cristãos que os seguiram foram submetidos não parecem ser uma continuação do que é encontrado no pensamento e escritos inspirados de Paulo.

Nós costumamos pensar em Paulo como um grande teólogo, não como um mestre em psicologia. No entanto, ele percebia claramente e explicava as estruturas fundamentais e processos do ser humano relacionados ao seu bem-estar, sua corrupção e sua redenção. A Epístola aos Romanos jamais poderá ser plenamente apreciada a menos que seja lida, entre outras coisas, como um tratado sobre – psicologia social e individual. O fato de Paulo encarar sua doutrina a redenção como uma doutrina da transformação do ser exigia que ele fosse um psicólogo. Na verdade, nossa habilidade de imaginar que um grande teólogo não poderia ser ao mesmo tempo um psicólogo, um profundo teórico da vida humana, mostra quanto nosso pensamento está fora do curso. Somente a separação fatal entre salvação e vida no pensamento moderno torna possível separar a teologia da psicologia.

Nossa época não consegue entender que os ensinamentos de Paulo sobre salvação são inevitavelmente psicológicos – mas não são nem um pouco menos teológicos por causa disso. Isso transformou suas passagens mais profundas e brilhantes, tais como Romanos 6-8, Colossenses 2-3 e Gálatas 2, 3 e 5, num atoleiro de especulação teológica ou numa exortação vagamente inspirada sem nenhum poder de direção prática. Então somos forçados a tentar capturar o pensamento e experiência de Paulo em idéias teológicas meramente abstratas sobre a atitude de Deus para conosco ou sobre algum acordo que Ele fez no céu. Entretanto, suas palavras são realmente placas que nos orientam em nossa luta pessoal contra o mal que reina em nosso mundo. Este mal – depois que fomos tocados pela vida de Cristo – está efetivamente sendo enfrentado em nosso próprio corpo pela graça e a verdade de Deus que penetraram em nossa alma.

Os Pais da Igreja primitiva viram as idéias de Paulo da maneira como realmente eram. Quando comparamos as obras deles com a linguagem de Paulo, fica claro que na maioria das obras eles apenas desenvolveram afirmações encontradas nas obras dos escritores bíblicos, inclusive Paulo. Os Pais da Igreja empregam as constantes referências bíblicas a mente, coração, alma e corpo como realmente se referindo à personalidade humana incorporada e como tendo um significado definido de importância fundamental para o entendimento da vida em Cristo.

## **ESPIRITUALIDADE E HÁBITO: AS "LEIS EM NOSSOS MEMBROS"**

O entendimento psicoteológico de Paulo tem a ver com a natureza do corpo humano como recipiente de tendências ativas para o bem e para o mal. Em outras palavras, tinha a ver com *espiritualidade e hábito*.

Na obra de C. S. Lewis *Screwtape Letters*, Screwtape [o diabo] reprova o aprendiz de demônio *Wormwood* [seu sobrinho], por permitir que seu "paciente" se tornasse cristão. Apesar disso, ele diz: "Não há necessidade de se desesperar; centenas desses adultos convertidos foram reclamados depois de um breve passeio pelo campo do inimigo e agora estão conosco. Todos os *hábitos* do paciente, tanto mentais como físicos, ainda estão do nosso lado." Screwtape tem um profundo conhecimento da psicologia da

redenção. Se os hábitos de um convertido permanecem os mesmos, ele experimentará pouco da vida em Cristo.

Paulo sabia disso. A inspiração paulina como um psicólogo cristão brilha de modo mais radiante em Romanos 6-7. Ali, ele fala sobre *como* nosso corpo e seus membros devem ser transformados em servos de Deus por meio da substituição dos hábitos do pecado pelos hábitos da justiça.

Os hábitos devem ser transformados pela nossa interação com Deus e por sua graça. No entanto, qual é a forma dessa interação e qual é a *nossa* parte dela? A resposta é dada em Romanos 6:13: "Não ofereçam os membros do corpo de vocês ao pecado, como instrumentos de injustiça; antes ofereçam-se a Deus como quem voltou da morte para a vida; e ofereçam os membros do corpo de vocês a ele, como instrumentos da justiça." Entender essa afirmação é entender nossa parte na mudança de nossos hábitos. Seu contexto destaca três estágios da redenção pessoal como um processo psicológico real.

## **ESTÁGIO I: BATIZADOS EM CRISTO**

Paulo abre Romanos 6 com uma pergunta que qualquer leitor de sua explicação do pecado e da graça em Romanos 5 poderia fazer: "Continuaremos pecando para que a graça aumente?" Ele responde de forma surpreendente: Não podemos aumentar o pecado, porque estamos mortos para ele. Empregando uma metáfora mecânica rústica, não podemos mais correr para o pecado porque nosso motor foi alterado, adaptado para um tipo superior de combustível. Não podemos correr usando os dois tipos de combustível ao mesmo tempo. Não podemos extrair vida de Cristo e do pecado.

Fomos batizados *em* Cristo e levados a uma "união" com Ele. O que Ele experimentou, nós *agora* experimentamos por meio de nossa *comunhão* com Ele. Além disso, compartilhamos de sua morte para os poderes do pecado que dominam o mundo. Assim como Ele não era movido por esses poderes, nós, também, não seremos. Participamos da nova forma de vida. E a vida em Jesus é tão poderosa que é capaz de vencer a morte física. Lembre-se, trata-se de uma questão que encontramos em nossa experiência consciente. Esta nova forma de vida não proporciona somente

novos poderes para o nosso ser, mas também, enquanto crescemos, um novo centro de organização e orientação para todos os impulsos naturais de nosso corpo.

Os velhos impulsos, como já discutimos antes, não são em si pecaminosos. O pecado os mantém sob seu controle e os distorceu. Estar morto para o pecado em Cristo não significa perder esses desejos naturais, mas ter uma alternativa real para o pecado e o sistema pecaminoso do mundo, tais como orientação e motivação para nossos impulsos naturais. Em nossa vida, somos capazes de nos colocar *fora* do alcance do pecado ao escolher o que faremos. E, nesse sentido, não ficamos vinculados ao pecado, mas estamos mortos para ele. *Continua* sendo possível pecar, mas vemos isso como algo desinteressante e desagradável. A condição psicológica estabelecida em nós pelo influxo da vida de Cristo – uma realidade psicológica – permite que nos elevemos acima de nosso "velho homem" para a motivação, a organização e a direção de nossa existência física.

Mesmo quando vacilamos e ocasionalmente voltamos ao "velho homem", ainda somos *capazes* de agir de outra maneira. Pessoas sem a nova vida não têm escolha. Nós, no entanto, temos uma nova força que nos permite escolher. Neste sentido, somos livres do *poder* do pecado, embora não estejamos livres da sua *presença*. Fazer o que é bom e correto se torna cada vez mais fácil, doce e agradável, à medida que a graça cresce em nós.

## **ESTÁGIO 2: "CONSIDERAR" - UMA NOVA ATITUDE**

O segundo estágio no processo da plena redenção individual é um ato específico de nossa parte que se desenvolve numa atitude permanente. Em nossa nova liberdade, temos de "considerar" – quer dizer, deliberada e conscientemente, nos reconhecermos como "mortos para o pecado e vivos para Deus em união com Jesus Cristo" (Rm 6.11). Note com atenção *realismo psicológico*. O que vem antes deste ponto é algo que *nós* fazemos, e não algo que será feito em nosso favor. Entramos livremente neste evento atual em nossa vida. Como Oswald Chambers escreveu, "não podemos crescer *em* santidade, mas devemos crescer *na* santidade".

Assim, colocamos nosso "velho homem" diante de nossa mente e, com consciência resolvida, nos desassociamos dele.

Dizemos com base na confiança em Deus e em nossa nova vida: "Não sou nem serei isso". Quanto aqueles pecados remanescentes que continuam habitando em mim – aquelas "tendências" automáticas de agir e sentir de maneira errada (a "lei, do pecado que esta em meus membros – Rm 7.23), eu reconheço que isso "já sou eu, mas o pecado que habita em mim" (Rm 7.17). Paulo era suficientemente psicólogo para saber que nem todas as forças que operam no ser humano são expressões da nossa vontade consciente, e que devemos efetivamente nos desassociar de nossas tendências pecaminosas, sob pena de termos nossas esperanças de pureza e saúde totalmente derrotadas.

Assim, com esta doutrina de "considerar", Paulo capitaliza o primeiro efeito da "luz do evangelho glorioso de Cristo" sobre nossa personalidade. Isso resulta em que agora vemos nitidamente e estamos seguros de uma alternativa ao pecado. Com a vida comunicada por esta visão, gostamos do que vemos e somos atraídos para isso. Nesta visão e no poder que ela proporciona reside nossa liberdade de determinar quem nós seremos.

O reinado do pecado em nossos corpos e vidas pode ser quebrado. Nós temos o poder simples, comunicado pelo evangelho, de pensar de uma certa maneira e de considerar as coisas como sendo como as imaginamos. Paulo nos ensina a pensar sobre nós mesmos como se o sistema motivacional pecaminoso do mundo nada significasse para nós, estivesse morto para nós, por causa daquela visão da vida alternativa de Cristo em nós. Quando pensamos assim, então sua vida nos capacita a viver independente dos valores do mundo. Podemos estar mortos para eles.

O poder psicológico para dirigir o que pensamos tem seu lado positivo em nossa consciência viva de Cristo. Todavia, esse poder é em grande parte constituído de pensamentos descartáveis originados na estrutura motivacional da velha vida. Sabemos que velhos hábitos são difíceis de abandonar, mas a decisão de deixar certas coisas habitarem ou não em nosso pensamento é a liberdade que nos é assegurada por nossa visão de Cristo.

O abade Evagrius (morto em 399) ensinava:

Existem oito pensamentos principais, dos quais todos os demais pensamentos emanam. O primeiro

pensamento é o da glotonaria; o segundo da fornicção; o terceiro, o do amor ao dinheiro; o quarto, o do descontentamento; o quinto, o da ira; o sexto, o do desânimo; o sétimo, o da vanglória; o oitavo, o do orgulho. Se esses pensamentos irão ou não trazer distúrbio à alma não depende de nós; mas se eles irão demorar em nós ou se irão colocar ou não nossas paixões em movimento, aí sim, depende de nós.

Em meados do século XIV, o cristão anônimo que escreveu *The Cloud of Unknowing* [ A Nuvem do Desconhecido] aconselhou seus leitores a pesar cada pensamento e cada "ímpeto" dentro deles tão logo surgissem. Eles deviam "labutar para destruir o primeiro ímpeto e pensamento" daquelas coisas nas quais pudessem pecar. Esta é a única forma de evitar que os pensamentos se tornem em ação.

Lutero é mencionado como tendo dito que você não pode impedir os pássaros de voar ao redor de sua cabeça, mas pode impedi-los de fazer um ninho no seu cabelo. A doutrina paulina do *considerar* nos lembra que temos o poder de identificar e descartar pensamentos errados, separando-os do nosso "ser", e assim, por meio da graça, escapar deles.

### **ESTÁGIO 3: SUBMETER NOSSOS MEMBROS A JUSTIÇA**

Isso então nos leva de volta a Romanos 6.13 e ao entendimento completo de *nossa* parte na plena redenção do nosso ser físico socializado. Quando nos "consideramos mortos para o pecado, mas vivos para Deus em Cristo Jesus", como afirma Romanos 6.11, descobrimos que não temos mais de obedecer às diretrizes do pecado embutidas em nossos impulsos distorcidos. Como aqueles que passaram pela experiência de mortificar o "velho homem" e descobriram a nova vida como um fato confiável, somos capazes de submeter nossos corpos a Deus como instrumentos de justiça.

Assim, no terceiro estágio de redenção pessoal, como um processo psicológico real, conscientemente dirigimos nossos corpos

"automaticamente" à justiça, assim como antes servíamos ao pecado.

Aqui, como no estágio anterior, estamos encarando algo que não será feito por nós, embora em nosso esforço encontremos graça e força além de nós mesmos. Oswald Chambers coloca isso muito bem. Ele afirma que, se experimentamos a regeneração, temos não somente de falar sobre isso, mas exercitá-la, desenvolvendo aquilo que Deus operou. Temos de mostrar isso "em nossas impressões digitais, em nossa língua e em nosso contato físico com outras pessoas; quando obedecemos, descobriremos que temos uma riqueza de poder interior". Isso se torna uma parte natural de nós, e a chave é a prática:

A questão de formar hábitos com base na graça de Deus é vital. Ignorar este ponto é cair na armadilha dos fariseus – a graça de Deus é exaltada, Jesus Cristo é exaltado, a Redenção é exaltada, mas a vida prática cotidiana fica de fora. Se recusarmos praticar, não é a graça de Deus que falha quando vem uma crise, mas a nossa própria natureza. Quando vem a crise, pedimos a ajuda de Deus, mas Ele não pode nos ajudar se não transformamos nossa natureza em nossa aliada. A prática é nossa, e não de Deus. Ele nos regenera e nos coloca em contato com todos os seus recursos divinos, mas não pode nos fazer andar de acordo com sua vontade.

Ele prossegue e enfatiza que, quando obedecemos ao Espírito e praticamos por meio da vida física tudo o que Deus colocou em nosso coração, então, quando a crise vem, descobrimos que temos não só a graça de Deus a nosso favor, "mas também a nossa própria natureza". A crise passa, e nossas , em vez de serem devastadas, podem na verdade adquirir uma atitude mais forte em relação a Deus.

O resultado desses três estágios, incluindo a parte de Deus e a nossa parte, é expressado por Paulo nas palavras de Romanos 6.17,18: "Graças a Deus, porque, embora vocês tenham sido escravos do pecado, passaram a obedecer de coração à forma de ensino que lhes foi transmitida. Vocês foram libertados do pecado

e tornaram-se escravos da justiça." A dependência habitual de Deus, quando dedicamos nossos corpos para o comportamento justo e para toda a preparação racional para o comportamento Justo, torna o pecado dispensável e até desinteressante e revoltante – assim como a justiça era revoltante para nós quando nosso comportamento estava preso ao sistema o pecado. Nossos desejos em deleites são mudados porque nossas ações e atitudes são baseadas na realidade do Reino de Deus.

## **PREPARAÇÃO PARA GRANDES COISAS**

A "prática" que nos prepara para a vida justa inclui colocar nosso corpo na cadeia de ações *diretamente* comandada pelo nosso Senhor. Mas envolve também engajamento em qualquer outra atividade que possa nos preparar para fazer o que Deus ordena – e não somente obedecer, mas fazer isso com força, eficácia e alegria. É neste ponto que as disciplinas espirituais bem reconhecidas têm o seu papel.

Essas disciplinas constituem a submissão *indireta* (embora extremamente necessária) de nosso corpo e seus membros à justiça. Como? Eu submeto minha língua como um instrumento de justiça quando *a faço* abençoar aqueles que me amaldiçoam e orar por aqueles que me perseguem, apesar de ela "automaticamente" tender para atacar e ferir aqueles que me ferem. Submeto minhas pernas a Deus como instrumentos de justiça quando as envolvo em trabalho físico como serviço, talvez andando uma "segunda milha" com alguém que eu preferiria que meus pés chutassem. Submeto meu corpo à justiça quando faço boas obras sem permitir que sejam divulgadas, embora todo o meu ser clame por reconhecimento e aplauso. Quando faço isso, ofereço meu corpo como palco da ação de Deus. Eu me preparo para a ação de Deus em mim como Abraão preparou o sacrifício em Gênesis 15.

É claro que fazemos as obras de justiça por causa da nossa redenção, e não *para* a nossa redenção. Nossos olhos e nossa vida estão fixos em Deus, que é a nossa vida e quem nos livra das cadeias de tudo o que é menos do que Ele, inclusive a cadeia das obras de justiça. É como, na terminologia de Paulo, nós "[semearmos] para o Espírito" fazendo "o bem a todos os homens, especialmente aos que são da família da fé" (Gl 6.9-18). Ou,



novamente, nas palavras desse ousado benfeitor, permaneceremos "firmes, inabaláveis e sempre abundantes na obra do Senhor, sabendo que, no Senhor, o [nosso] trabalho não é vão" (I Co 15.58, ARA). Neste tipo de vida, o indivíduo constantemente extrai forças da bondade e da justiça do Reino de Deus.

Tais esforços, porém, embora sejam disciplinares no efeito, são mais expressões *da* vida espiritual do que disciplinas *para* ela. Disciplina, estritamente falando, é uma atividade executada para nos preparar indiretamente para alguma atividade além dela mesma. Nós não praticamos piano para praticar piano bem, mas para tocar bem. As atividades discutidas acima como ilustrações de submissão à justiça são a performance, e não o exercício – embora a performance também tenha o efeito de exercício.

Entretanto, não podemos sempre (de forma confiável e incansável) submeter nossos membros à justiça diretamente na performance. Isso é especialmente verdade para aqueles cujo cérebro, mãos, língua, pernas, sobancelhas, etc., ainda são atrapalhados pelas disposições importadas do mundo – às quais Paulo se refere como "o pecado que está em nossos membros" – e cuja carne ainda é fraca na causa para a qual o espírito pode estar bem-disposto. Aqui, então, é onde as disciplinas *puras* para a vida espiritual devem entrar em cena.

No tumulto da vida diária, eu posso não ser capaz de falar a verdade sempre. Como uma disciplina, porém, talvez eu possa me obrigar a voltar àqueles a quem menti e confessar o que fiz. Isso, por sua vez, melhorará maravilhosamente minha capacidade de falar a verdade em outras ocasiões. Posso ser excessivamente dependente de alimentos, porque, quando tento não comer, só consigo pensar em comida. Mas talvez eu possa me treinar a orar por uma pessoa ou situação específica, sempre que estiver com fome ou agitado, e assim escapar da obsessão por comida.

Mas é possível que eu não consiga fazer isso. Então preciso ir mais fundo para encontrar um lugar onde realmente tenha liberdade de me submeter a Deus: nas atividades radicais e transformadoras da solitude, do silêncio, do jejum, do estudo ou do sacrifício. Qualquer que seja a atividade requerida para me libertar, devo empreendê-la. Agora que a nova vida veio graciosamente sobre mim, minha parte no processo de redenção é fazer. Deus não fará por mim mais do que fez por Moisés ou Elias,

por seu Filho Jesus ou pelo apóstolo Paulo. Se eu não submeter minhas ações por meio das disciplinas que combinam com minha personalidade, não entrarei na nova vida poderosa e revestida de virtude numa forma psicologicamente real.

Atualmente, a cada esquina há alguém buscando sabedoria e piedade em termos fáceis. No entanto, não é isso que a História e a experiência ensinam. Tal sabedoria instantânea é apenas outra expressão de nossa ideologia hedonista moderna, alimentada pelo nosso "direito constitucional" de buscar a felicidade. De alguma forma, achamos que a virtude deveria vir facilmente. Pelo contrário, a experiência ensina que quase tudo digno de ser feito na vida humana é muito difícil em seus primeiros estágios e o bem que visamos jamais está disponível a princípio, para nos fortalecer quando parecemos mais precisar.

Pense em todos os projetos e resoluções que começamos e tomamos mas que abandonamos pelo caminho. Começar é fácil. Seguir adiante é difícil. Poucas pessoas vão longe na maioria das atividades, mesmo aquelas nas quais todos nós queremos ser excelentes. Embora isso seja obviamente verdade nas artes e nos esportes, também é verdade em atividades tais como a comunicação com pessoas, ganhar dinheiro, dirigir uma atividade num grupo ou cuidar de uma colméia de abelhas. *E não estamos isentos desta regra quando entramos no Reino da graça.* Assim, não há nada mais a fazer, exceto acertar este ato psicológico sobre a personalidade humana e reconhecer que a forma rigorosa de vida que leva à excelência é a única forma na qual podemos, como Paulo instrui, nos "purificar", tornando-nos "vaso para honra, santificado, útil para o Senhor e preparado para toda boa obra" ( II Tm 2.21). Temos de aceitar isso e nos submeter, sabendo que os rigores da disciplina certamente levam ao jugo suave e à plena alegria de Cristo.

## **O CORPO COMO RECEPTOR E TRANSMISSOR DE PODER**

O que o corpo disciplinado é capaz de fazer? Quando lemos as Escrituras, não podemos deixar de nos maravilhar com o poder que Cristo e seus apóstolos mostravam. Podemos ficar intrigados por encontrar a "imposição de mãos", listada junto com arrependimento, fé, ressurreição dos mortos e julgamento eterno, como um dos princípios ou doutrinas primários de Cristo (Hb

6.1,2). Mas, se entendermos o realismo psicológico da linguagem bíblica, isso deixará de ser um enigma.

Num capítulo anterior, destacamos que a salvação retratada no Novo Testamento envolve um poder significativo sobre o mal, tanto no indivíduo como na coletividade da Igreja. Em todo lugar, a vida é inseparável do poder, e nova vida significa novos poderes. Este poder está, no conceito do Novo Testamento, *literalmente* localizado no corpo da pessoa redimida ou espiritualmente nascida de novo. No Novo Testamento, ele está presente num nível ainda mais elevado quando a pessoa está junto com outras na *ecclesia*, ou comunidade chamada por Deus, como em Mateus 18.18-20 e I Coríntios 5.4,5.

Em nenhum outro lugar, a localização do poder no corpo é mais clara do que nas histórias dos evangelhos. Jesus (e mais tarde os apóstolos) trabalhava em grande medida por meio de contato corporal, ou pelo menos proximidade. Catorze dos seus milagres registrados nos evangelhos envolvem contato físico.

O mais ilustrativo é o da mulher em Marcos 5.25-30, "que havia doze anos vinha sofrendo de hemorragia". Sua saúde tinha piorado, e ela gastara todo o seu dinheiro com médicos; mas, quando ouviu de Jesus, ela pensou: "Se eu tão-somente tocar em seu manto, ficarei curada." Ela se esgueirou pelo meio da multidão e tocou na roupa de Jesus. "Imediatamente cessou sua hemorragia, e ela sentiu em seu corpo que estava livre do seu sofrimento." Jesus também sentiu imediatamente que "dele tinha saído poder [*dunamin*]". Olhando ao redor, Ele perguntou quem o tocara. O contato físico era característico do seu ministério de cura, e tal contato continuou a desempenhar um papel importante na obra da Igreja apostólica.

A prática da imposição de mãos é apenas outro aspecto do contato de um corpo que tem poder. Paulo exorta a Timóteo: "Não negligencie o dom que lhe foi dado por mensagem profética com imposição de mãos dos presbíteros" (I Tm 4.14). Mas ele também admoesta: "Não se precipite em impor as mãos sobre ninguém, e não participe dos pecados dos outros" (I Tm 5.22). O pensamento por trás dessas declarações é que na imposição de mãos algo que está *em* uma pessoa é transmitido a outra; poder para fazer o que não poderia fazer de outra forma, mas poder que se *pode* negligenciar ou usar mal.

Certamente Paulo estava consciente de tal poder em si próprio e insistiu com os cristãos de Corinto para que se corrigissem antes de sua chegada, a fim de que ele não precisasse usar esse poder neles (2 Co 13.10). Ele disse isso antes de dizer-lhes (13.2) que quando chegasse não pouparia ninguém que ainda estivesse em pecado. A lembrança do que ele fizera com Elimas, o mágico (At 13.8-12), talvez conferisse peso à sua ameaça.

Paulo também não mede palavras em relação a Himeneu e Alexandre, "...os quais entreguei a Satanás, para que aprendam a não blasfemar" (I Tm 1.20). No caso do membro da igreja de Corinto que se envolveu sexualmente com a madrasta, Paulo deu a seguinte instrução à comunidade "...[reúnam-se] em nome de nosso Senhor Jesus, estando eu com vocês no espírito, estando presente também o poder de nosso Senhor Jesus Cristo, entreguem esse homem a Satanás, para que o corpo seja destruído, e seu espírito seja salvo no dia do Senhor" (1 Co 5.4,5).

Ananias e Safira descobriram o que era ser alvo do poder disciplinador de Deus (At 5.1-11); parece que o entendimento geral era que doença e morte viriam sobre aqueles membros da *ecclesia* que ofendessem suficientemente os caminhos desse poder (1 Co 11.30; 1 Jo 5.16).

Tais demonstrações de poder, emanando de um crente, de Jesus, dos Apóstolos e da Igreja primitiva são difíceis de entender do ponto de vista contemporâneo. Temos tão pouca experiência ou ensino sobre essas coisas! Num mundo naturalista, onde o secularismo assume várias formas e penetra profundamente na substância da "Igreja visível", algumas pessoas se esforçarão muito para descartar tais manifestações – ou pelo menos para explicar por que elas nada têm a ver *conosco*.

Daí, podemos ser tentados a encarar esses relatos bíblicos como mitos. Mas devemos lembrar que estamos lidando aqui com um novo tipo de vida, e que negar os poderes associados a ela na verdade é negar a vida. O mito cai por terra para aqueles que têm a nova vida em Cristo *sem* manifestações de poder. Isso seria incompreensível em quaisquer termos realísticos. Aqueles que adotam esta postura já foram destacados por Paulo como "tendo aparência de piedade, mas negando o seu poder. Afaste-se desses também".

## O "CORPO", E NÃO "O CORPO DE CRISTO"

Quando perdemos o realismo psicológico da linguagem de Paulo, parte importante de seus escritos se torna ininteligível na prática, bem como na teoria. Nós também distorcemos sua visão como um todo. Em seu livro *The Body: A Study oJ Pauline Theology* [O Corpo: Um Estudo da Teologia Paulina], John A. T. Robinson afirma que "o corpo forma a pedra angular da teologia de Paulo". Ele entende bem claramente que os ideais modernos de liberdade humana e de uma sociedade livre só podem encontrar sua realização num tratamento apropriado do corpo, no que o entendimento de Paulo pode mostrar o caminho. As discussões de Robinson de "carne" e "corpo" no primeiro capítulo do livro citado são muito úteis. No entanto, à medida que o trabalho de Robinson vai progredindo, vemos o realismo psicológico de Paulo ser substituído por uma ênfase sobre o corpo como a igreja, como o "corpo" de Cristo.

Para Robinson, o problema da redenção é quebrar o aperto esmagador da sociedade de massa sobre o indivíduo, imergindo-o numa nova corporação, a igreja. Este é o tema central de seu livro. Mas isso deixa sem resposta a questão dos meios empregados para esse fim. E, na visão de Paulo, a relação do indivíduo com *seu próprio corpo* (não apenas com a igreja) é o fator principal e indispensável que torna possível o livramento das pessoas mediante a imersão no corpo de Cristo. As afirmações centrais de Paulo sobre seu próprio corpo e suas orientações sobre como cada cristão deve se relacionar com seu próprio corpo não podem ser compreendidas ou aplicadas, a menos que entendamos que há muito mais de sua visão do papel do corpo no processo do pecado e redenção do que Robinson leva em consideração.

Robinson claramente supõe que a "fé e a prática" de sua própria comunhão denominacional são adequadas para realizar a imersão no corpo de Cristo, resultando naquela liberdade e poder em Cristo que caracterizaram o próprio Paulo. Esta é a suposição usual de denominação para denominação. No entanto, a dificuldade de se encontrar pessoas como Paulo entre os membros de nossas igrejas deve nos alertar para o fato de que esta esperança é vã. Muito mais é requerido – e isso é suprido pelo programa apropriado das disciplinas espirituais tais como as que Paulo praticava.

Certamente a dimensão social da vida é essencial para a espiritualidade. *É evidente* que não devo menosprezar os males sociais e devo me opor a eles. *É evidente* que não devo desconsiderar o corpo de Cristo. Devo sustentá-lo e me nutrir nele e dele. Mas como posso fazer isso? Em termos concretos, o único lugar onde posso "lutar o bom combate da té e tomar posse da vida eterna" (I T m 6.12) é na administração do meu corpo e por meio dele, lidando com rigor e sabedoria com ele e dependendo da ajuda de Deus.

Atualmente há um fracasso quase universal em se oferecer bons conselhos sobre os passos específicos a serem dados para entrar nesta vida que Paulo conhecia tão bem. Supor que o regime prático atual recomendado por qualquer denominação cristã é satisfatório para produzir libertação do pecado é contrário à observação dos fatos. Além do mais, trata-se de uma má teologia, sem base bíblica, e envolve uma psicologia radicalmente errônea. Tal pensamento descentralizado explica os pobres resultados de nosso ensino sobre transformação humana.

A afirmação de conclusão do livro de A. B. Bruce, *The Training of the Twelve* [O Treinamento dos Doze] oferece, em contraste, os efeitos do curso de experiências por meio do qual Jesus liderou seus primeiros discípulos. Aquele treinamento

...foi elaborado para tornar os discípulos o que seria requerido que fossem como os apóstolos de uma religião espiritual e universal: iluminados na mente, dotados de uma caridade ampla o bastante para abraçar toda a humanidade, tendo suas consciências sensíveis a todas as reivindicações de tarefas, ao mesmo tempo livres de todos os escrúpulos supersticiosos, emancipados dos grilhões dos costumes, da tradição e dos mandamentos de homens, e possuindo temperamentos purificados do orgulho, da obstinação, impaciência, ira, vingança e atitude implacável. Admitimos francamente sua lentidão em aprender e até que o Mestre os tenha deixado longe da perfeição; mesmo assim, eram homens de excelência tal que poderia ser esperado com confiança que, tendo permanecido tanto tempo com Jesus, provariam ser excepcionalmente bons e

nobres quando confrontassem o mundo como líderes de um grande movimento, chamados a agir sob sua própria responsabilidade.

## **IGNORANDO A LIDERANÇA DO GRANDE LÍDER**

Seria divertido, não fosse tão trágico, contemplar os seguidores dos grandes líderes religiosos imaginando formas e racionalizações para *não* se engajarem nas práticas que seus líderes e precursores acharam necessárias. Pessoas que admitimos serem muito maiores do que nós (e mesmo Jesus, que era divino) acharam necessário praticar disciplinas que dispensamos alegremente.

John Wesley, John Knox, Martinho Lutero, George Fox, bem como Paulo, podem ser teoricamente admirados. Mas, na realidade, devemos pensar que eles eram um pouco fanáticos ou tolos, pois poucos de nós pensam o suficiente nas práticas que eles consideraram necessárias em suas vidas.

Esses homens, e muitos outros reconhecidos pela sua grandeza no Caminho de Cristo, foram coerentes com as Leis psicológicas associadas à vida espiritual. Embora muitas vezes estivessem confusos e errassem em seus esforços, eles encontraram Deus em suas práticas – e, tendo encontrado Deus, pela graça do Senhor, encontraram a si mesmos. E este resultado – mesmo longe de ser perfeito fala por si mesmo a todas as eras.

O resultado de *não* se praticar rigorosamente para a vida espiritual, por outro lado, também fala por si. Os maiores no Caminho, os movimentos significativos na história da igreja, todos trazem a marca profunda e abrangente das disciplinas para a vida espiritual. Não havendo exceção à regra, o que nos leva a pensar que *nó* podemos conhecer o poder da vida do Reino sem as disciplinas apropriadas? Como poderíamos ser Justificados ao fazer menos do que praticar e ensinar as disciplinas que o próprio Jesus e seus melhores seguidores acharam necessárias?

E fácil exaltar os grandes homens do passado, porque na ausência deles podemos menosprezar a realidade concreta de suas práticas. Quando essas mesmas práticas são trazidas à vida de alguém que caminha perto de nós, pegamos pedras para atirar, exatamente como Jesus disse em Mateus 23. Por quê? Tais

peças nos revelam quem nós somos. Elas denunciam nossa profissão de ser um com Cristo sem viver como Ele vivia e insistem para que realmente mudemos e entremos no Reino.

## **PAULO COMO FILÓSOFO**

O evangelho de Cristo oferece mudança radical para a existência humana. A afirmação de sir William Ramsay no início deste capítulo é correta. Como resultado da sua experiência com o Reino de Cristo, Paulo recapturou a antiga visão profética do mundo sendo governado pelo povo de Deus – governando através da luz e do poder residente neles *como* habitação terrena de Deus.

Em sua forma judaica original, aquela visão foi considerada impotente porque a bênção de Deus foi mudada para fins nacionalistas e culturais. Mas a visão abrangente de Paulo do que a sociedade humana pode ser quando estruturada em torno de homens e mulheres que andam na plenitude de Cristo resolve o problema que o governo humano sempre falha em resolver: a necessidade de qualquer governo de se basear no império da força e da violência, invariavelmente controlado por certos grupos sociais ou culturais dentro da sociedade. Paulo viu que esse tipo de governo pela força humana podia ser substituído por um reino de verdade e amor conduzido por pessoas habitadas por Cristo. Esta *visão total* da vida humana, em seu nível individual e corporativo, foi o que fez de Paulo um filósofo.

A filosofia grega tinha falhado em produzir pessoas de poder prático e sabedoria, que pudessem governar e ser governadas. Ela simplesmente não tinha uma resposta funcional para a questão de como isso podia ser feito. A mesma incapacidade da civilização clássica de produzir um número suficiente de pessoas capazes de servir como fundamento de um bom governo destruiu o Império Romano. Desde o início do desenvolvimento humano, os povos ficam sob a dureza das necessidades reais para exaltar as virtudes que podem torná-los fortes. No entanto, depois que se tornam fortes, não possuem um princípio de sustentação que permita maior desenvolvimento da virtude para manter a sua sociedade. Eles carecem da tensão adequada para manter "caráter" em seus cidadãos. Portanto, nenhuma sociedade estável pode se manter muito tempo se for próspera. Está faltando um princípio



transcendental e uma tensão abundantemente suprida no evangelho de Jesus Cristo e no seu Reino.

Podemos afirmar, junto com Thomas Jefferson, que "uma aristocracia de virtude e talento" pode servir como espinha dorsal de uma sociedade e tornar possível um governo decente e livre. Todavia, produzir tal tipo de pessoas em quantidade suficiente é outra história. Somente o Reino de Deus e suas disciplinas, inspiradas na obediência a Cristo, podem fazer isso. O entendimento de Paulo deste fato lhe assegurava que os "santos julgarão a terra" (I Co 6.2) e o qualificava como o maior filósofo da vida humana desde Aristóteles. Retomaremos a este tema em nosso capítulo final.

## **8. A HISTÓRIA E O SIGNIFICADO DAS DISCIPLINAS**

No discurso teológico de nossa época, "ascetismo" tornou-se uma palavra que reúne tudo o que desejamos rejeitar em nós mesmos e na tradição cristã histórica. Teologias da incorporação, da diversão e da identidade sexual celebram a morte do ascetismo. Nós classificamos todo o ascetismo histórico como "masoquismo". Este método distorce e reduz esse fenômeno histórico a uma caricatura. Contudo, o resultado mais infeliz do tratamento atualmente dado ao ascetismo histórico é a perda das práticas ascéticas como ferramentas para o cuidado presente do nosso corpo e da nossa alma.

MARGARET R. MILES

O que estamos começando a aprender é que o ascetismo é uma parte válida da religião ou de qualquer outro empreendimento importante.

ELTON TRUEBLOOD

Onde adquirimos nossa atitude negativa em relação às disciplinas espirituais? Os tentáculos da História penetram profundamente em nosso cérebro e corpo, nos nossos

ensinamentos e rituais. Eles nos fazem "enxergar" as coisas como "devem ser", e não como *são*. O entendimento da História nos ajudará a entender nossa atitude e abordagem moderna das disciplinas.

## **A "BOA VIDA" AGORA**

Os ocidentais contemporâneos são alimentados na crença de que as pessoas têm o *direito* de:

- a) fazer o que querem, quando querem;
- b) buscar a felicidade de todas as formas possíveis;
- c) sentir-se bem e levar uma "vida produtiva e bem-sucedida", o que é largamente entendido em termos de contentamento pessoal e bem estar material.

Na mente popular, essa "visão" passou a ser identificada com a "boa vida", a existência civilizada. Essa "visão" é ensinada por meio da mídia popular, da retórica política e do sistema educacional como a forma *natural* da vida.

Às vezes nosso ambiente comercializado leva essa visão da vida até o seu nível mais baixo. O anúncio comercial de um carro caro divulgado durante muito tempo no jornal *Los Angeles Times*; exortava o leitor a "correr atrás da felicidade num carro que consiga alcançá-la"! No jornal *Atlantic*, em outubro de 1983, havia uma propaganda de página inteira de um conhaque: "Prove a Boa Vida" Na zona oeste de Los Angeles, foi publicado um jornal com o título de *The Good Life A Boa Vida*. Do conteúdo daquele periódico, depreende-se que a boa vida está relacionada com a perda de peso e a boa comida (paradoxalmente), celebridades, penteados, entretenimentos, automóveis fantásticos e banheiras de hidromassagem. É disso que tal jornal fala.

Essas amostras culturais caracterizam a condição de grande parte de nossa vida pública e pensamento privado. Se por alguma razão não estivermos exercendo e gozando o direito à "liberdade" e "felicidade" como popularmente concebidas, supomos: nós falhamos, ou as circunstâncias e (ou outras pessoas) estão nos

tratando injustamente. Os que se recusam a ,trabalhar por essa "vida feliz e bem-sucedida" são insanos, irracionais ou excluídos como algo pior: "santarrões".

Na presença social esmagadora dessa visão, o chamado para abandonar tudo e "aborrecer a própria vida" (Lc 14.26), que é condição preliminar do discipulado cristão, é incompreensível. Isto é, a maioria daqueles que ouvem o "chamado", vivendo a ideologia moderna, não pode relacionar o cristianismo de qualquer maneira prática ou concreta à sua própria experiência, educação e existência. Não se sabe ao certo como o discipulado cristão pode ser incorporado à vida moderna. A profunda sabedoria de Jesus – em conformidade com todas as grandes tradições da religião e da cultura ética – de que aquele que desejar salvar a sua vida a perderá (Mc 3.35,36) não se enquadra simplesmente no sistema vigente. Ao contrário, somos confiantemente informados pela sabedoria corrente de que as antigas práticas identificadas com a vida espiritual não podem ser consideradas como desejáveis, "onde os homens julgam as coisas com sua razão natural, sem preconceitos, sem o lustro ilusório da superstição e da falsa religião".

### **UM HOMEM "ILUMINADO"**

As palavras de David Hume, um escritor e pensador escocês do século XVIII, exemplificam esta cosmovisão moderna que fundamenta a versão atual da "boa vida":

Celibato, jejum, penitência, mortificação, abnegação, humildade, silêncio, solidude e todo o treino das virtudes monásticas: por que razão são rejeitados em toda parte por homens de senso, a não ser porque não servem a nenhum propósito, não aumentam a fortuna de um indivíduo no mundo, não o tornam um membro mais valorizado da sociedade, não o qualificam para o entretenimento nem aumentam o seu poder de autogratificação? Nós observamos, pelo contrário, que elas se afastam de todos esses fins desejáveis; estupidificam o entendimento e endurecem o coração, obscurecem a imaginação e tornam o temperamento amargo... um entusiasta

sombrio, depois de sua morte, pode ter um lugar no Calendário; mas raramente será admitido, enquanto estiver vivo, na intimidade da sociedade, exceto por aqueles que são tão delirantes e sombrios quanto ele.

Esta afirmação, com uma pequena atualização, algumas referências a hidromassagem e coisas assim, poderia facilmente ocupar espaço no jornal *The Good Life [A Boa Vida]*. De fato, este "homem da razão" (como tantos que falam hoje com base na mesma perspectiva) não tinha uma idéia clara daquilo que estava falando. Sobre a utilidade das práticas "monásticas", ele próprio era um "homem de preconceito". Mas não parece que fosse totalmente livre ao adotar sua atitude. Ele falou a partir de preconceitos profundos, historicamente condicionados. Esses preconceitos estavam arraigados primariamente nas lutas entre católicos e protestantes do passado europeu, mas emanavam também percepções contrastantes entre a "Idade das Trevas" e o mundo do Iluminismo moderno. Hume naturalmente consideraria a opinião dele e de seus pares como a visão clarificada da razão pura e do senso comum.

O esboço de Hume tornava impossível para ele, no complexo fenômeno da história social e religiosa, determinar a causa de tal atitude. Então, ele não podia ver que a disciplina espiritual, comunicada pela mensagem e exemplo de Cristo, é, em essência e realidade, *oposta* aos males agora historicamente associados com seus abusos. Logo, ele não podia entender que aqueles mesmos males eram devidos não à prática das disciplinas espirituais, mas à *negligência* delas ou à sua prática incorreta. Como ele poderia ver que a "disciplina" *praticada de forma correta* é a condição indispensável à vida humana para que esta seja o que deve ser?

## **O PRINCÍPIO PROTESTANTE**

Atualmente, 200 anos depois de Hume, o preconceito é mais forte ainda. O protestantismo, ou o simples progresso do Iluminismo, desenvolveu a idéia de que a visão cristã da salvação refuta qualquer exigência de disciplina para a vida espiritual. O mundo ocidental em geral, e não apenas os filósofos e eruditos, agora está firme no conceito contra atividades disciplinares como parte da vida religiosa.

Qual, perguntamos, poderia ser a base para tal disciplina, senão a presunção da conquista do perdão mediante méritos da abnegação e do sofrimento? Afinal, o princípio fundamental do movimento protestante – a salvação é assegurada pela justificação por meio da fé, e não das obras mortas – "cortou pela raiz o monasticismo e a mortificação em geral". É assim que o artigo sobre "ascetismo" na conhecida *Enciclopédia M'Clintock e Strong* sobre religião expressa essa atitude prevalecente na cultura protestante. De alguma forma, o fato de que "mortificação" (abnegação ou controle dos impulsos naturais) é o ensino central do Novo Testamento é convenientemente ignorado.

No nível prático da vida paroquial, esta atitude em relação à disciplina tem tido um grande efeito também sobre os católicos, desde que nossa cultura protestante é tão abrangente. O resultado é nossa quase universal incapacidade de entender o que são as disciplinas para a vida espiritual. As passagens bíblicas que exemplificam ou ordenam a "mortificação" têm de ser ignoradas ou alegorizadas de um jeito ou de outro; seus aspectos práticos são mudados para satisfazer as inclinações de cada grupo social particular.

É claro que quase todas as pessoas podem listar alguns tipos específicos de ações ou práticas que consideram como "espirituais". Podemos, por exemplo, pensar na pobreza, no celibato e na obediência a um superior, que fazem parte de várias ordens dentro da Igreja Católica, conhecidas do público em geral por meio da literatura e de outras artes. Ou o nosso estudo da Bíblia pode nos ter levado a pensar no jejum, na esmola ou na prática regular da oração dentro desta linha. Entretanto, minhas conversas com muitos cristãos que conheço mostram que essas práticas são vistas de forma muito mística, quando é sugerido que podem ser relevantes para suas vidas.

## **A PRÁTICA ERRÔNEA DAS DISCIPLINAS**

É fácil ver por que as disciplinas para a vida espiritual fazem pouco sentido na cosmovisão secular prevalecente, mesmo para os religiosos nominais, os quais são de fato governados pela mesma visão do mundo. Por outro lado, aqueles que são familiarizados com a Bíblia sabem que todas essas atividades necessárias [as disciplinas] podem, realmente, ser empreendidas por motivações e

razões erradas. E podem até ser nocivas à vida espiritual ou, pelo menos, não contribuir em nada.

Esse fato é o principal apoio *religioso* para nossa negligência moderna para com a disciplina espiritual. O jejum e os rituais de adoração, por exemplo, estão entre as práticas mais atacadas pelos profetas hebreus como exercícios religiosos inúteis ou até prejudiciais (Is 58; 59; Mt 23). Esses ataques não eram contra as práticas em si, mas contra os abusos. Quando tais práticas eram exercidas como expressões de medo ou raiva contra o mundo material ou como tentativas de manipular ou impressionar Deus e os outros, constituíam abuso. Assim, em vez de ajudar na interação vital com o Reino de Deus, tais atividades se tornavam, e tornam ainda, exercícios da astúcia e superstição humanas. Destarte, não trazem nenhuma contribuição para o crescimento de nossa alma na piedade ou para o progresso da causa divina no mundo.

Paulo disse a última palavra sobre esta questão em I Coríntios 13.3: "Ainda que eu dê aos pobres tudo o que possuo e entregue o meu corpo para ser queimado, se não tiver amor, nada disso me valerá." Uma disciplina da vida espiritual *não pode* ser identificada – seja para aceitação ou rejeição – meramente pelos aspectos externos da ação. Na verdade, trata-se de uma convergência de condições externas e internas, como a circuncisão entre os judeus; quer dizer, tanto as manifestações exteriores como os motivos interiores devem ser corretos. A rejeição das disciplinas espirituais por identificá-las apenas com atos externos não atinge o cerne da questão.

## **UMA COMPREENSÃO EQUIVOCADA ACERCA DO SOFRIMENTO**

Um mal-entendido muito freqüente relacionado às disciplinas espirituais envolve a idéia de dor auto-infligida ou a aceitação da dor causada por outrem. O contexto histórico é real. Ele deriva de certas práticas medievais. A expressão "disciplina" foi empregada durante séculos para designar um tipo de chicote usado para castigar o corpo durante atos de penitência. Nos primórdios dessa prática, empregavam-se galhos com espinhos, correntes de ferro ou tiras de couro com lascas de metal ou de osso. Mas, através dos anos, o instrumento foi sendo gradualmente modificado até chegar

a cordas trançadas com nós nas pontas. No século XIII, o flagelo começou a ser praticado em procissões de penitência, por leigos e ordens religiosas, e continuou até o século XIX, chegando, em alguns locais, até o século XX. Tal prática era frequentemente considerada como uma imitação das últimas horas de vida de Cristo, embora seja adotada também em religiões não-cristãs e possa ser observada em algumas procissões islâmicas. Nem é preciso dizer que tais práticas realmente nada têm a ver com "o seguir a Cristo". Ele próprio nunca as adotou.

## **O JUDAÍSMO É UMA RELIGIÃO ASCÉTICA?**

Para termos uma perspectiva adequada do presente, faz-se necessário olhar para o passado. Temos de começar esclarecendo um erro: a afirmação de que o judaísmo não é uma religião ascética. Não há necessidade de documentar este ponto. Qualquer leitura sobre o assunto atestará isso. No entanto, o significado legítimo deve ser esclarecido, levando-se em conta que o evangelho de Cristo surgiu do judaísmo.

A classificação do corpo como mau e a inflição de dor sobre ele como o "deserto do justo", como punição ou meio de alcançar algum mérito (e todas as idéias negativas atribuídas ao comportamento ascético), não pertencem à tradição hebraica. Isso em grande parte é verdade. Todavia, quando observamos os exemplos de Abraão, Moisés, Davi, Daniel, João Batista, Jesus e Paulo (na religião judaica), constatamos que foram pessoas que jejuaram, oraram, buscaram a solitude e se entregaram à humanidade e a Deus de maneiras reconhecidas como ascéticas. Todos eles servem como modelos de práticas ascéticas.

O que R. L. Nettleship disse da visão de vida filosófica de Platão pode igualmente ser dito desses líderes e do judaísmo em geral – possivelmente à exceção de algumas de suas variantes modernas:

Se ascetismo significa o esforço disciplinado para alcançar um fim que não pode ser alcançado sem se abrir mão de muitas coisas consideradas desejáveis, a vida filosófica (como Platão a encarava) é ascética; no

entanto, se significa abrir mão por abrir mão, não havia ascetismo em Platão.

De fato, dentro do que já vimos sobre a natureza da vida humana, *qualquer* religião deve ser ascética em algum nível significativo – admitidamente ou não, coerentemente ou não. Pense o que seria se fosse de outra forma. Significaria que aquelas condições que constituem a natureza da vida religiosa são todas alcançáveis pelo crescimento "natural", por imposição externa ou por atos diretos da vontade, e que a preparação cheia de propósito, o treinamento e a disposição de sofrer dor para aprender são totalmente irrelevantes.

Ironicamente, é neste ponto que a compreensão inadequada da doutrina da salvação pela graça, mediante a fé, trouxe a cultura protestante deste século ao seu presente estágio, embora esse mal-entendido seja contrário a toda experiência de vida, inclusive a vida espiritual, tornando impossível ter qualquer direção prática na conduta desta vida. Na verdade, nenhuma religião, incluindo o judaísmo, aceita tal visão, apesar de ser fácil desviar-se para uma postura que faz parecer que a aceitam.

## **JESUS ERA ASCETA?**

Anteriormente nos referimos às práticas ascéticas de Jesus, especialmente seu uso da solitude, do jejum e da oração. Ele estava consciente da comparação pública feita entre Ele e João Batista: "Veio João, que jejuava e não bebe vinho e dizem: Ele tem demônio. Veio o Filho do homem comendo e bebendo, e dizem: Aí está um comilão e beberrão, amigo de publicanos e pecadores" (Mt 11.18,19).

Para entender essas afirmações, várias coisas devem ser levadas em conta. Primeiro, havia uma base para a comparação. A maneira de viver de João parecia mais radical ou mais reconhecível *como* ascética pelo povo da época do que a vida de Jesus. A vida de Jesus, em seus aspectos exteriores, assemelhava-se mais a uma existência "normal", embora incluísse regularmente longos períodos de solitude, jejum e oração, bem como uma atitude voluntária de castidade, frugalidade e renúncia ao conforto de um lar.



Segundo, as afirmações citadas sobre Jesus e João Batista se originaram provavelmente entre os fariseus, cujo senso legalista de retidão ou justiça o Salvador tinha ofendido. Certamente Jesus não era um glutão ou beerrão, mas também não aprovava os legalismos observados pelos fariseus quanto a comida e bebida. E Jesus escolhia as "más companhias" – os cobradores de impostos opressivos, pessoas de moral duvidosa, glutões e alcoólatras.

## **MESTRE DE VIDA ESPIRITUAL**

No entanto, mais do que tudo – e mais importante para nosso propósito de entender as disciplinas para a vida espiritual –, temos de reconhecer que Jesus *era* um mestre da vida no espírito. Ele nos mostrou que a força espiritual não é manifestada em grandes práticas de disciplina espiritual, *mas pela necessidade de praticá-las, pouco que seja mas o suficiente para manter a vida espiritual plena*. A má interpretação desse ponto foi o erro fundamental e devastador do ascetismo cristão na Igreja ocidental, desde os pais do deserto até a época da Reforma. Quando olhamos de perto e continuamente para Jesus, vemos este ponto crucial: as atividades que constituem as disciplinas *não possuem nenhum valor intrínseco*. O alvo e a substância da vida espiritual não são o jejum, a oração, o cântico de hinos, a vida frugal, etc. Ao contrário, é o gozo efetivo e pleno do amor ativo a Deus e à humanidade, em todas as esferas da existência normal onde estamos inseridos. A pessoa espiritualmente desenvolvida não é a aquela que se engaja num monte de disciplinas, assim como a criança boa não é aquela que recebe um monte de instruções ou de punições.

Pessoas que pensam que são espiritualmente superiores *porque* praticam o jejum, o silêncio ou a frugalidade perderam totalmente "o foco". A necessidade da prática ampla de certa disciplina é uma indicação de nossa *fraqueza*, e não de nossa força. Podemos até estabelecer a regra de que, se for fácil para nós praticarmos certa disciplina, provavelmente não temos necessidade de praticá-la. A disciplina que precisamos praticar é exatamente aquela que "não tiramos de letra" e também que não nos agrada.

O jogador de beisebol Peter Rose, quando solicitado a explicar seu sucesso fenomenal como atleta, disse: "Muitos colegas praticam aquilo que fazem bem. Eu pratico aquilo em que não sou

bom". O mesmo é verdade em relação ao nosso sucesso em nossa vida espiritual.

Quem quer que olhe com atenção para a maneira de viver de Jesus, perceberá que era uma vida de grande rigor e disciplina e que se encaixava no padrão do ascetismo *sensível* descrito antes. O mesmo é verdade em relação aos seguidores de Cristo, antes e depois de sua morte (veja Mt 8.18-22; 20.26-28; Jo 13.4-17; Mc4.19; Lc 9.57-62; 10.3-8; 14.25-35).

Se olharmos para o "cenáculo" em Jerusalém (At 1.13), onde um pequeno grupo permaneceu entre a ascensão e o Pentecostes, veremos quanto progresso foi feito. Aqueles que anteriormente não "vigiam nem oraram" com o Senhor por uma hora sequer dirigiram um grupo de oração contínua por um período de dez dias. As várias disciplinas apropriadas para a ocasião, sem dúvida, estavam em pleno uso quando eles "permaneceram em Jerusalém até serem revestidos do poder do alto" (Lc 26.49). E o estilo de vida deles continuou o mesmo depois do Pentecostes, até o final do registro do Novo Testamento, e, além dos limites desse relato, através das páginas da História.

## **O SURGIMENTO DO MONASTICISMO**

Nada na história do mundo ocidental contribuiu mais para a nossa presente incapacidade de ver um ascetismo sensível e necessário do que o surgimento do monasticismo como uma forma de vida cristã.

Devemos reconhecer que grande parte da *motivação* monástica era digna de louvor, que muitos grandes cristãos serviram nas ordens monásticas e fizeram grandes obras. Ninguém pode deixar de reconhecer continuidade entre a vida de Jesus e seus primeiros seguidores e a de grandes monges como Antônio e Benedito. É igualmente verdade, porém, que dentro daquelas ordens, com o passar dos anos, a disciplina espiritual passou a ser identificada com excessos confusos, despropositados e até destrutivos. Esses excessos se manifestaram em atitudes de ódio contra o corpo e a crença de que perdão ou mérito podiam ser obtidos por meio dos sofrimentos auto-infligidos ou impostos por um superior religioso. Hoje tudo isso é universalmente, e corretamente, condenado. As reações a esses excessos das ordens

monásticas tornaram muito difícil às pessoas considerarem as disciplinas espirituais como essenciais para o bem-estar espiritual ou físico.

## **A ORIGEM DO MONASTICISMO**

Como se desenvolveu a idéia da vida nos mosteiros? A resposta reside na antiga história da Igreja. O impulso do Espírito e o impacto da perseguição espalharam os primeiros cristãos. Para onde eles iam, se reuniam e estabeleciam os grupos dos "chamados" – a *ecclesia*. Alguns historiadores sugerem que a oposição sangrenta à nova fé foi suficiente para sustentar o senso de identidade dos discípulos e separá-los do mundo hostil pelos primeiros três séculos. Eles jamais esqueciam que eram "cidadãos do céu" (Fp 3.21), que "estavam no mundo, mas não eram do mundo" ( Jo 17.16) e que não tinham aqui um lugar definitivo, sendo" estrangeiros e peregrinos na terra" (Hb 11.13-16).

Entretanto, com a conversão do imperador romano Constantino à fé cristã e a promulgação do seu Edito de Tolerância em 311 d.C., o cristianismo foi legalizado e passou a receber apoio imperial. Possuindo *status* e segurança, a Igreja e grande parte dos seus membros começaram a encarar o mundo como compatível com a profissão de discípulos de Cristo. Logo, porém, um grupo seletivo dentro da comunidade cristã descobriu que a situação era insuportável. Então indivíduos e grupos pequenos começaram a se separar para se engajar no que sentiam ser um modo de vida mais espiritual.

Naquela mesma época, uma síntese do pensamento helenista, judaico e cristão nos ensinamentos de Orígenes, Pai da igreja de Alexandria (morto em 254), começou a exercer ampla influência. Ele enfaticamente chamava os discípulos de Cristo à perfeição e união mística com Deus, separados da existência ordinária mundana:

O desejo de Orígenes era expressar a experiência cristã como um padrão ordenado e racional de perfeição, baseado em princípios filosóficos sadios. Ele via o homem como cooperando no processo de sua própria santificação – o resultado da união com Deus.

Além disso, ele via o processo de alcançar a santidade e união com Deus como um alvo a ser realizado por passos ou graus. Esses passos tinham de ser dados pelo indivíduo. Seu único acesso a esses estágios de desenvolvimento era a incansável prática do ascetismo.

A partir de tais condições, e à medida que a magnífica ordem social e política do Império Romano claudicava em direção ao fim, as pessoas famintas por Deus adotaram o deserto do Egito como um refugio, onde podiam encontrar santidade e união com Deus. Uma atitude de ódio para com o mundo, misturada com um anseio por Deus e pureza de vida, mais um pouco de romantismo em torno do imponente chamado, produziram um dos fenômenos mais espantosos da história mundial.

Logo, desde a Síria, ao norte, até o médio Egito, ao sul, um modo de existência distinto, o "monasticismo eremita" (a vida individual completamente solitária no deserto) foi reconhecido como um estilo de vida especial que alguém podia escolher como discípulo cristão. Predadores (animais e humanos), juntamente com as necessidades espirituais, psicológicas e físicas, destruíram muitos desses eremitas cristãos que seguiam líderes tais como Santo Antônio (morto em 396) no deserto.

Pacômio, um contemporâneo e conterrâneo de Antônio, contornou esses perigos criando comunidades de eremitas (por mais contraditório que possa parecer) e, assim, instituiu a vida comunal "cenobítica" ou *enclausurada*. Cada eremita tinha a sua própria habitação. Assim, continuava sendo um eremita. Mas todos eram enclausurados por um muro protetor. Havia um contato mínimo nos trabalhos comuns, nos serviços religiosos e no ensino. Mas cada discípulo podia buscar sua união com Deus em segurança, livre das ameaças e perigos da solidão completa no deserto. Assim nasceram os mosteiros.

## **ASCETISMO CONSUMIDOR**

Muitas valiosas contribuições à vida individual, à Igreja e à civilização foram feitas pelas ordens monásticas desde o quarto século até os nossos dias. Temos de admitir que, para algumas

peçoas, a vida monástica pode ser um modo válido de discipulado cristão no presente, como foi no passado. No entanto, não é menos verdade que, como era de fato praticada com facilidade e constância ela se distanciava (de maneira óbvia) do tipo de vida do próprio Jesus e dos seus primeiros seguidores.

Jesus e seus discípulos eram claramente ascetas. Afirmações tais como "o cristianismo não é uma religião de ascetismo, mas sim de fé e amor" (extraída do monumental estudo sobre ascetismo feito por Otto Zockler) simplesmente não compreendem a conexão entre práticas ascéticas e a habilidade de andar em fé e amor à maneira de Jesus e seus discípulos. No entanto, embora ascetas em seu modo de viver, Cristo e seus seguidores *não eram* monges em qualquer acepção da palavra. No poder da graça, alimentados pelas disciplinas, eles não fugiram do mundo como alguns monges fizeram, mas permaneceram firmes no mundo – guardados do mal pelo Deus Pai (Jo 17) e levando a outros a palavra da vida (Fp 2.15,16).

Ninguém que tenha considerado com seriedade a vida de Jesus e dos apóstolos pode imaginá-los envolvidos no estranho comportamento de um Macário de Alexandria, ou de um Serapião, ou de um Pacômio: sem comer alimento cozido por sete anos, com o corpo despido exposto a moscas venenosas, dormindo num pântano durante seis meses, sem deitar para dormir por 40 ou 50 anos, sem falar uma palavra durante muitos anos, mantendo orgulhosamente um registro dos anos passados sem ver uma mulher, carregando fardos pesados onde quer que iam, ou usando braceletes de ferro e correntes, competindo explicitamente uns contra os outros pelo título de campeão em austeridade.

Simeão Estilita (309-459 d.C), por exemplo, construiu uma coluna de dois metros de altura no deserto sírio e viveu no topo dela durante algum tempo. Logo, porém, envergonhado da pouca altura da coluna, encontrou uma de 20 metros de altura, com poucos metros de largura, e uma grade para evitar que caísse enquanto dormia.

Sobre tal coluna, Simeão viveu ininterruptamente por 30 anos, exposto à chuva, ao sol e ao frio. Seus discípulos usavam uma escada para levar-lhe comida e remover os dejetos. Ele se amarrou à coluna com

uma corda; esta foi penetrando em sua carne, que foi apodrecendo em torno dela, tornando-se malcheirosa e cheia de vermes. Simeão pegava os vermes que caíam de suas feridas e os repunha no lugar, dizendo-lhes: "Comam o que Deus lhes deu".

## **AVANÇO ATRAVÉS DA EUROPA**

A forma monástica de ascetismo espalhou-se a partir do crescente Egito-Síria em direção oeste e norte através da Europa, durante os séculos V e VI, chegando até as Ilhas Britânicas. A austeridade incomum dos santos irlandeses era tão notável como a de qualquer monge oriental. Diz-se que Santo Finnchua passou sete anos suspenso pelas axilas por algemas de ferro, a fim de conseguir um lugar no céu em substituição àquele que julgava haver perdido. Dizem que ele e São Ite fizeram com que seus corpos fossem comidos por besouros. São Ciaran misturava areia em seu pão. Dizem que São Kevin permaneceu em pé durante sete anos. E assim por diante... Cada exemplo mais fantástico do que o outro.

Desde o início, de acordo com as regras de São Pacômio e São Benedito (muitas vezes retratado segurando uma chibata), aqueles que ofendiam os códigos monásticos eram açoitados severamente até sangrar. Mas, por volta do século XII, a flagelação desenvolvera novos meios de mortificação pessoal. São Pedro Damião (morto em 1072) insistia no uso da "disciplina" sobre os monges como um meio de "imitar a Cristo". Em alguns grupos, o flagelo era auto-administrado; em outros, o líder da ordem o administrava (muitas vezes na igreja, durante a recitação dos salmos penitenciais). No entanto, o monasticismo mais antigo foi muito menos severo do que o posterior embora talvez nada ultrapasse os primeiros eremitas do deserto em termos de rigor geral na vida.

A regra beneditina, que é modelo para todo o movimento monástico, não continha nada dos métodos mais violentos de penitência e "disciplina", tais como o autoflagelo, vestir camisas de pêlo, ou *inclusio* (longo confinamento de monges em celas exíguas, cavernas ou buracos). A partir do século XII, porém, as práticas ascéticas aumentaram em número e austeridade, e esforços foram feitos para estender tais práticas exageradas à igreja em geral, e não somente àqueles que as buscavam voluntariamente. Houve

epidemias de autoflagelo, danças involuntárias e estigmatização – esta última relacionada principalmente às ordens rivais de São Francisco e São Domingos.

### **ASCETISMO PELO ASCETISMO?**

Ao observar alguém praticando atividades tão intensas, ostensivamente em favor da vida espiritual, não podemos deixar de pensar que de alguma maneira o objetivo foi perdido. Como ocorre quando nos deparamos com pessoas obcecadas por regime alimentar ou exercício físico, o ponto crucial deixa de ser a saúde ou a força física e transforma-se em narcisismo, justiça própria e egoísmo.

Nos grupos de freqüentadores de academia, muitas vezes vemos o desenvolvimento dos músculos tornando-se um fim em si mesmo. Semelhantemente, nos excessos de "ascetismo" espiritual, vemos o ascetismo sendo praticado em favor do ascetismo. Essas pessoas não são mais verdadeiras ascetas, não estão realmente interessadas em sofrer qualquer coisa com o propósito de ter uma união saudável e expansiva com o Cristo saudável, expansivo e sociável que ama a Deus e sua criação.

O ascetismo cristão mais antigo e o monasticismo falharam porque muitos dos seus praticantes tornaram-se viciados como os atletas para quem o orgulho do exercício extenuante torna-se um fim em si mesmo, em vez de uma contribuição para a vida e a saúde. Neste ponto é que a zombaria de Hume da "virtude monástica" pode ter encontrado um fundamento justificável ao arrepio de um entendimento do próprio evangelho cristão. Aqui, isso se torna uma questão de sentir dor pela dor. Na verdade, é uma variedade de auto-obsessão (narcisismo), uma coisa totalmente afastada da adoração e do serviço a Deus. Em suma, é perder a vida ao tentar salvá-la.

### **TRANSIÇÃO PARA O PROTESTANTISMO**

Como era de esperar, o ascetismo monástico entrou em decadência com monótona regularidade. O modelo de vida espiritual do monasticismo, com toda a sua devoção e paixão intensiva, estava em total desacordo com a vida em Cristo Jesus. A

partir do século IX, surgiram vários movimentos de reforma, inclusive algumas novas ordens monásticas. No entanto, a má interpretação essencial da prática ascética, que a vinculava a perdão, punição e mérito, e não ao "exercício na piedade", cedo ou tarde acabava em abuso e depois em fracasso, dependendo das circunstâncias.

Foi neste ponto que veio a reação protestante contra o ascetismo: era uma reação contra *qualquer* papel importante das disciplinas espirituais no processo da redenção. De fato, a Reforma Protestante pode ter feito mais do que todas as tentativas de reforma interna para perpetuar o ascetismo monástico, pressionando-o de fora. Nada traz mais disciplina e unidade para um grupo ou instituição do que os ataques exteriores ou rejeição, tais como as exprobrações de Lutero ao ascetismo que aprendera quando jovem. Como Roland Bainton escreve em sua obra *Here I Stand* [Eis-me Aqui]:

ele jejuava, [ficando] às vezes até três dias sem comer nenhuma migalha de pão. Os períodos de jejum lhe traziam mais alegria do que as celebrações. A "quaresma" era mais confortadora do que a celebração da "Páscoa". Ele se impunha momentos de vigília e oração que iam além dos estipulados pela regra geral. Lançava fora os cobertores a que tinha direito e voluntariamente se congelava quase até à morte. Às vezes ficava orgulhoso de sua santidade e dizia: "Hoje não fiz nada de errado." Então, surgiam as apreensões. "Você jejuou o suficiente? Será que é pobre o bastante?" Então ele se despojava de todas as economias que a modéstia requeria. No fim da vida, acreditava que sua austeridade tinha causado sérios danos à sua digestão.

Mais tarde, Lutero passou a acreditar que, se tivesse mantido tais atividades por mais algum tempo, teria se matado com vigílias, orações, leitura e outras atividades.



## O PROTESTANTISMO MANTÉM A OBSESSÃO

Assim, já vimos que esta obsessão com mérito e perdão de pecados como a única questão para o interesse cristão na ascese não permitiu que o sistema monástico de cristianismo desenvolvesse um padrão de disciplinas espirituais que fosse bíblico e ao mesmo tempo psicológica e espiritualmente saudável.

No entanto, é estranho como o protestantismo tratou essa questão. Evitava as "obras" e os sacramentos do catolicismo como essenciais para a salvação, mas continuou a carecer de qualquer prestação de contas sobre o que os seres humanos *fazem* para se tornar, pela graça de Deus, o tipo de pessoas que Jesus obviamente os chama a ser.

Nas ramificações reformadas do protestantismo, que têm em João Calvino sua principal inspiração, a disciplina passou a ser identificada como algo que a Igreja impõe sobre seus membros para mantê-los na linha. No metodismo, que se desenvolveu cerca de três séculos depois do calvinismo, "a disciplina" passou a se referir a um livro que continha os fundamentos e práticas da fé metodista, no qual muito do que anteriormente mencionamos como "disciplinas" é referido como "meios de graça". Na edição de 1924 da obra *The Discipline* [A Disciplina], por exemplo, os meios de graça são divididos em Instituídos e Prudenciais. Os Instituídos incluem oração, exame das Escrituras, a ceia do Senhor, jejum e "conferência cristã". Os Prudenciais incluem "vigilância, abnegação, carregar a cruz e exercitar a presença de Deus". É difícil vislumbrar alguma ordem lógica nesse arranjo.

É claro que os metodistas foram chamados assim porque acreditavam no "exercício metódico na piedade" como o caminho certo para a maturidade espiritual. Os escritos e a vida de John Wesley demonstram em detalhes o "método" dos metodistas. No entanto, quase nada desse método permanece na prática atual dessa denominação, na qual temos uma das mais claras ilustrações da tendência de se admirar um grande líder cristão na teoria, sem pensar em *fazer* o que ele fazia para realizar a obra do Reino de Deus.

Lutero e seus seguidores parecem ter pensado que o ensino e a pregação do evangelho, junto com a administração dos sacramentos, eram os únicos elementos realmente essenciais para

a formação da vida espiritual. A Confissão de Augsburg nos informa o seguinte:

A Igreja é a assembléia dos santos, na qual o evangelho é ensinado de forma pura e os sacramentos são administrados corretamente. Para a unidade da Igreja, é suficiente que haja acordo concernente ao ensino do evangelho e à administração dos sacramentos.

Os vários grupos batistas e pentecostais dão um passo adiante, subtraindo os sacramentos dentre os elementos essenciais. A substância da visão de Lutero sobre esta questão tornou-se dominante nas ramificações do protestantismo ocidental. Eis como um dicionário de religião observa estranhamente: "A manutenção oficial das visões doutrinárias corretas e dos hábitos religiosos aprovados por parte dos membros da igreja, que antigamente era empreendida com seriedade, atualmente, em geral, deu lugar à persuasão moral e à influência espiritual." Em outras palavras, sem nenhuma exceção significativa, essa mentalidade erradicou todo tipo de exigência, exceto a presença nos cultos da igreja por algumas horas por mês ou por ano.

Elton Trueblood destacou alguns anos atrás:

Não existe um único aspecto que possa ser indicador da vida prática do membro comum da Igreja protestante e há muito pouco que possa servir de indicador da vida prática do membro comum da Igreja Católica. Não se pode deixar de concluir que eles são escrupulosamente regulares na freqüência ou que dão o dizimo. Não temos idéia do que eles crêem a respeito de questões sociais polêmicas.

## **A CONTINUAÇÃO DO ERRO**

A substituição da salvação (nova vida em Cristo) por um dos seus efeitos ou componentes (o perdão dos pecados) dominou o sistema monástico cristão e a reação contra ele, que ainda vivemos hoje. Para lidar com o pecado, o sistema monástico tentou evitar o contato com ele no mundo. Também tentou merecer o perdão mediante esforços extenuantes de vários tipos. Ele desejava estar *fora* do mundo para evitar ser *do* mundo.

Paulo, muito tempo antes, tinha explicado aos cristãos de Corinto que não era necessário evitar as pessoas de fora da família de Deus; segundo ele, "seria necessário sair do mundo" (1 Co 5.10), inferindo claramente que isso não devia ser feito. Jesus orou não para que seus amigos fossem tirados do mundo (Jo 17.15), mas que, não sendo do mundo, fossem guardados do mal *enquanto ainda estivessem no mundo*.

O monasticismo, na verdade, provou que se poderia estar "fora do mundo" e ainda assim pertencer a ele. Portanto, seus excessos, cada vez maiores, foram um testemunho da futilidade de se contestar esse fato. Melhor ainda, demonstrou que não se pode *sair* realmente do mundo antes da morte e que o esforço para fazer isso prova apenas que a pessoa *pertence ao* mundo e continua a operar basicamente sobre princípios e motivações "mundanos".

O protestantismo, impressionado com essas provas, cometeu o erro de rejeitar simplesmente as disciplinas como essenciais à nova vida em Cristo. Como resultado, jamais foi capaz de desenvolver uma visão coerente da participação humana na salvação que fizesse justiça às diretrizes do Novo Testamento ou aos fatos da psicologia humana.

## **UMA NOVA VISÃO DO ASCETISMO**

Para termos uma compreensão correta das disciplinas espirituais, temos de olhar atentamente para a linguagem e a história do ascetismo no mundo ocidental. Em Atos 24.16, o apóstolo Paulo afirma: "[Eu] também me esforço [*asko*] por ter sempre a consciência pura diante de Deus e dos homens" (ARA). Esta é a única utilização do termo grego *asko*, do qual deriva nossa palavra "ascetismo". A palavra mais comum no Novo Testamento para "exercício" é *gumnazo*, que ocorre em I Timóteo 4.7, em 2

Pedro 2.14 e em Hebreus 5.14 e 12.11. É deste segundo termo grego que vem nossa palavra "ginásio", com suas associações familiares com esporte e luta – imagens muito apreciadas e usadas por Paulo em suas descrições da vida espiritual.

"Ascético" é o equivalente ao adjetivo grego *askateos*, derivado do verbo *asktin*, que significa praticar, exercitar, se esforçar, trabalhar, labutar; ou providenciar, prover, adornar. O substantivo se refere a prática, exercício, estudo, costume, regime, dieta ou treinamento. Outras formas da palavra se referem a uma escola ou local de estudo ou exercício, a um professor ou mestre em determinada atividade, etc.

Homero, autor das obras *Iliada* e *Odisséia*, usa esses termos somente em referência ao adorno técnico e ao esforço artístico; mas desde a época de Heródoto e Píndaro, e daí para a frente, eles adquiriram seu sentido dos empreendimentos mentais ou espirituais da humanidade. Os filósofos gregos, desde os sofistas até Filo e Epicteto, incluíam práticas ascéticas em suas visões de educação ou desenvolvimento humano apropriado. O termo nunca foi usado em sentido negativo, mas sempre num sentido positivo e afirmativo.

## **ASCETISMO CLÁSSICO**

No *background* lingüístico clássico, não há nada de absolutamente odioso no corpo, da indulgência à punição ou autoflagelação, ou à busca de mérito por meio do poder da vontade e do auto controle (as próprias coisas que agora supomos ser a essência do ascetismo e da disciplina espiritual).

Ascetismo é apenas uma questão de adaptação de meios apropriados a um fim obviamente valioso. O asceta é aquele que entra no treinamento adequado ao seu desenvolvimento até se tornar um atleta (*athlasis*) completo, no corpo, na mente e no espírito. Se um indivíduo deseja falar, correr, esculpir, lutar ou cantar bem, deve preparar as partes relevantes da mente e do corpo, exercitando-as. Deve "agüentar a dor" e se empenhar da forma apropriada. Isso continua sendo verdade quando nos movemos na vida espiritual e é um tema essencial e permanente na religião do Antigo e do Novo Testamento.

O uso da lei, por exemplo, é um dos principais elementos do ascetismo no Antigo Testamento. Em Josué 1.8, lemos: "Não deixe de falar as palavras deste Livro da Lei e de meditar nelas de dia e de noite, para que você cumpra fielmente tudo o que nele está escrito. Só então os seus caminhos prosperarão e você será bem-sucedido." Podemos notar, novamente, a base física para o condicionamento espiritual e material da vida. A lei deve estar *nos lábios*. As pessoas devem memorizar a lei e pronunciá-la em voz alta para si mesmas enquanto vivem o dia-a-dia.

O Salmo 119 é uma canção contínua de louvor à vida que resulta de "esconder a Palavra no coração" (v. 11). O Salmo I descreve a vida daquele que desvia sua mente dos caminhos do mundo e que "tem satisfação na lei do Senhor, e nela medita dia e noite".

O ato de esconder a lei no coração e a constante meditação nela não são (como todo aquele que faz essas coisas sabe) separáveis do uso correto do corpo. A parte que o nosso corpo desempenha nesta experiência está definitivamente sob o nosso controle, e os efeitos indiretos da experiência com a lei tornam então aquele que medita "como a árvore plantada à beira de águas correntes: Dá frutos no tempo certo e suas folhas não murcham. Tudo o que ele faz prospera!" (Sl 1.3).

Aqui temos uma atividade da mente e do corpo empreendida com toda a força que temos para fazer nosso corpo cooperar efetivamente com a ordem divina. Como pastor, mestre e conselheiro, tenho visto repetidamente a transformação da vida interior e exterior que procede da simples meditação e memorização das Escrituras. Pessoalmente, eu jamais lideraria uma igreja ou um projeto de educação cristã sem incluir um programa contínuo de memorização de passagens selecionadas da Bíblia para pessoas de todas as idades.

Os escritores inspirados das palavras citadas acima estavam apenas registrando certos fatos observáveis da vida espiritual, fatos que negligenciamos, colocando em risco a nossa própria vida e a vida daqueles que estão sob o nosso cuidado espiritual. Embora esses fatos realmente envolvam muito mais do que apenas habilidades "naturais", eles não são, no entanto, mais misteriosos do que a memorização de um número de telefone pela sua repetição em voz alta ou o fato de a ingestão de alimentos

proporcionar uma força que não pode ser conseguida de outra forma.

O ascetismo corretamente entendido está longe do "místico". Ele é apenas bom senso em relação à vida em geral e a respeito da vida espiritual.

O excelente estudo de O. Hardman, *Ideals of Asceticism* [Ideais do Ascetismo], sintetiza de forma correta a essência do ascetismo religioso como a prática voluntária de atividades "para que a alma seja livre e protegida da corrupção, mediante o aumento do seu poder pelo desempenho de suas funções apropriadas de acordo com seu próprio conceito da ordem moral e espiritual, conseqüentemente alcançando e desfrutando de seu pleno *status*". Os mestres que condenam o ascetismo praticado corretamente no contexto contemporâneo causam mais dano do que bem, a menos que tenham algum outro método para que seus alunos se apossesem da vida no Reino de Deus.

## **UM ESCLARECIMENTO FINAL – A VERDADEIRA NATUREZA DA DISCIPLINA ESPIRITUAL**

Deixemos de lado, então, idéias da disciplina espiritual como meras ações exteriores, ou como a expressão de ódio contra o próprio ser, ou meios para alcançar méritos por meio do sofrimento.

Vamos fazer um esclarecimento final da natureza básica das disciplinas espirituais, relacionando-as à existência humana e ao ideal da vida espiritual em Deus.

Retomemos à cena bíblica da última noite de Cristo com seus discípulos no jardim do Getsêmani. Os discípulos estavam cheios de boas intenções, mas Jesus entendia a condição deles. À luz desse conhecimento, Jesus aconselhou um curso de ações que os capacitaria a fazer o que eles sinceramente desejavam fazer. "Vigiem e orem", disse ele, "para que não caiam em tentação. O espírito está pronto, mas a carne é fraca" (Mt 25.41).

O claro significado dessa advertência a seus amigos sonolentos e preocupados era que, pelo engajamento em determinado tipo de ação – a vigilância combinada com a oração –, eles seriam capazes de alcançar um nível de responsividade

espiritual e poder em suas vidas que seria impossível sem isso. Nesse episódio simples (embora profundo), descobrimos a natureza e o princípio da disciplina espiritual. As disciplinas são atividades que implantam em nós, em nosso corpo, que é o recipiente de nossas habilidades (e defeitos!) uma prontidão e uma capacidade de interagir com Deus e com nosso meio ambiente e forma espontânea.

Pedro e os outros discípulos não tinham naturalmente a capacidade de permanecer firmes no confronto com os inimigos de Cristo. No entanto, se *tivessem* orado e vigiado, como foram aconselhados, a habilidade necessária estaria lá quando fosse preciso. Eles estariam em condições mentais de apegar-se à assistência do Pai para ficarem tão firmes quanto Jesus. Agora e sempre, em nossa vida natural ou espiritual, a marca das pessoas disciplinadas é a capacidade de fazer o que precisa ser feito.

## **A DISCIPLINA EM QUESTÃO – A PARTE ESSENCIAL DO CORPO NA ESPIRITUAIDADE**

A questão da disciplina, portanto, é como aplicar os atos disponíveis da vontade de tal forma que o curso apropriado de ação, que nem sempre pode ser concebido pelo esforço direto não treinado, possa ser efetuado sempre que necessário.

A preparação para *todas* as ações da vida, inclusive as ações espirituais, envolve essencialmente o corpo. A vigilância, por exemplo, é um comportamento físico. É claro que não é só físico, mas o ponto que corremos risco de perder de vista em nossa cultura contemporânea é que também não é puramente "espiritual" ou "mental", e que *aquilo que é puramente mental não pode transformar o ser*.

Um grande engano na prática da religião cristã é a idéia de que tudo o que realmente conta são os nossos sentimentos, idéias, crenças e intenções interiores. E este erro sobre a psicologia do ser humano que, mais do que qualquer outra coisa, divorcia a salvação da vida, deixando-nos a cabeça cheia de verdades vitais sobre Deus e um corpo incapaz de vencer o pecado.

No livro já citado de C. S. Lewis, *Screwtape* tem um comentário importantíssimo sobre os efeitos do fracasso em se

usar o corpo em nossa religião. Ele aconselha Wormwood a fazer o homem

...lembrar, ou pensar que lembra, da "papagaiada" das orações de sua infância. Em reação a isso, ele pode ser persuadido a buscar algo inteiramente espontâneo, interior, informal e não regularizado; e o que isso realmente significará para um principiante será um esforço para produzir em si próprio um humor vagamente devocional no qual a concentração real da vontade e da inteligência não toma parte. Um dos seus poetas, Coleridge, registrou que ele não orava "com lábios que se moviam e mãos postas", mas meramente "compunha seu espírito para amar" e se entregava a "um senso de súplica". Este é exatamente o tipo de oração silenciosa praticada por aqueles que estão muito avançados no serviço do Inimigo; pacientes espertos e preguiçosos podem ser apanhados aí, por um longo tempo. No mínimo, podem ser persuadidos a acreditar que a posição do corpo não faz nenhuma diferença nas orações; pois eles freqüentemente esquecem, o que você sempre lembra, que são animais e que tudo o que seus corpos fazem afeta suas almas.

É claro que a vida que buscamos em Deus não deve ser encarada como um resultado meramente mecânico. Trata-se de uma falácia muito difundida que a preparação cuidadosa restringe a liberdade, a espontaneidade e a interação pessoal. De fato, a pessoa bem preparada para qualquer situação é exatamente aquela que experimenta a maior liberdade e espontaneidade. A vida espiritual é uma vida de interação com o Deus pessoal. E é pura ilusão supor que isso pode ser feito de qualquer maneira. O desejo de fazer a vontade divina só pode ser transformado em realidade quando damos *passos* para nos encontrarmos com Deus e nos aproximamos dele com nossas ações.



## **DANDO PASSOS – O QUE PODEMOS FAZER?**

Nos termos mais simples, as disciplinas espirituais são passos apropriados rumo a um objetivo que se pretende alcançar. Rejeitá-las indiscriminadamente é insistir em que o crescimento no espírito é casual. É difícil imaginar como um discípulo sério de Cristo poderia acreditar nisso.

Pode-se conceber a rejeição das disciplinas clássicas, afirmando que práticas como solitude, jejum, serviço e outras não são essenciais ao crescimento espiritual. No entanto, quando um cristão faz isso, deve então assumir a responsabilidade de colocar outras atividades efetivas em seu lugar.

Talvez isso possa ser feito; e nós, pelo menos, desejamos deixar a questão aberta por enquanto. Contudo, para ser disciplina espiritual, qualquer atividade substituta teria de ser atividade do corpo e da mente, feita para colocar todo o nosso ser em cooperação com a ordem divina, de modo que possamos experimentar mais e mais uma visão e um poder além de nós mesmos.

## **TRABALHANDO PARA AGIR NATURALMENTE**

O Dr. William C. De Vries, que implantou o primeiro coração artificial num ser humano, contou sobre as muitas vezes que praticou tal operação em animais. Sua explicação foi simples, mas profunda: "[Prática. Muita prática.] A razão para praticar muito é que assim você consegue fazer as coisas, automaticamente, da mesma maneira, todas as vezes."

É essa prontidão "automática" que Jesus aponta quando diz que em nossas boas obras não devemos permitir que a mão esquerda saiba o que a direita está fazendo. É claro que não se trata de algo que se deva fazer *conscientemente*, pois o esforço de esconder a nossa mão direita da esquerda teria exatamente o efeito de chamar atenção sobre o que ela está fazendo. Somente o hábito pode indiretamente preparar-nos para agir *inconscientemente*.

A mesma lei da prontidão automática governa toda a existência humana, desde tocar uma flauta até a intercessão. Não devemos ignorar totalmente as intenções conscientes, mas não devemos nos apoiar somente nelas. Por quê? Até que tenhamos

dado os passos para alcançar a prontidão inconsciente, não podemos honestamente realizar uma boa obra, não mais do que poderíamos honestamente falar japonês sem nos engajar nas atividades de aprendizado que nos preparam para falar essa língua.

Talvez seja neste ponto que possamos falar com propriedade sobre o perdão do pecado. O perdão vem com uma nova vida: uma vida de amável confiança em Deus que é inseparável da intenção de agradá-lo e ser como Ele. Deus sustenta a intenção de tais pessoas e, dentro da realidade psicológica do amor, capacita-as a fazer aquilo que tencionam. Como Jesus disse: "Quem tem os meus mandamentos e lhes obedece, esse é o que me ama. Aquele que me ama será amado por meu Pai, e eu também o amarei e me revelarei a ele" (Jo 14.21). Obediência é o fluxo "natural" da experiência da fé e do amor.

O amor carrega a firme intenção de evitar o erro e nos assegura o perdão de Deus. William Law faz o seguinte comentário sobre esta questão:

Embora a bondade de Deus e suas ricas misericórdias em Cristo Jesus sejam uma garantia suficiente para nós de que Ele será misericordioso para com as nossas inevitáveis fraquezas e enfermidades, posto que tais falhas são efeitos de ignorância ou surpresa; apesar disso, não temos razão para esperar a mesma misericórdia para aqueles pecados nos quais vivemos, por falta de intenção de evitá-los.

## **9. ALGUMAS DAS PRINCIPAIS DISCIPLINAS PARA A VIDA**

### **ESPIRITUAL**

Por isso mesmo, empenhem-se para acrescentar à sua fé a virtude; à virtude o conhecimento; ao conhecimento o domínio próprio; ao domínio próprio a perseverança; à perseverança a piedade; à piedade a fraternidade; e à fraternidade o amor. Porque, se essas qualidades existirem e estiverem crescendo em sua vida, elas impedirão que vocês, no pleno

conhecimento de nosso Senhor Jesus Cristo, sejam inoperantes e improdutivos. (2 PEDRO 1.5-8)

Depois que a poeira da História é soprada, pode-se ver que uma disciplina para a vida espiritual é uma atividade que nos leva a uma cooperação mais efetiva com Cristo e seu Reino. Quando entendemos que graça (*charis*) é um dom (*charisma*), então percebemos que crescimento na graça é crescer naquilo que nos é dado por Deus. No sentido mais claro, as disciplinas são um canal da graça. Disciplinas espirituais, "exercícios na piedade", são atividades empreendidas para nos capacitar a receber mais da vida e poder de Jesus sem prejuízo para nós mesmos ou para os outros.

Mesmo sem nos dar conta, praticamos "disciplinas" todos os dias. Nessas disciplinas cotidianas ou "naturais", praticamos atos que resultam em habilidades que não teríamos de outra forma. Se eu repetir um número de telefone em voz alta depois de recebê-lo, posso me lembrar dele quando precisar; de outra maneira, provavelmente, não me lembraria. Se eu treinar com rigor, posso levantar um peso de 60 quilos; de outra forma, não conseguiria. Tais atividades ordinárias são disciplinas para nossa vida física.

O mesmo ocorre com as disciplinas para a nossa vida espiritual. Por meio das disciplinas espirituais, eu me torno capaz de abençoar aqueles que me amaldiçoam, orar sem cessar, ficar em paz quando minhas boas obras não são reconhecidas ou vencer o mal que surge em meu caminho. Isso acontece porque minhas atividades disciplinares me prepararam interiormente para uma interação crescente com os poderes do Deus vivo e do Seu Reino. Tal é o potencial da prática das disciplinas.

## **AS DISCIPLINAS**

Quais são, então, as atividades específicas que podem servir como disciplinas para a vida espiritual? Quais delas devemos escolher para nossa estratégia individual de crescimento espiritual?

Não precisamos apresentar uma lista completa de disciplinas. Tampouco devemos supor que *nossa* lista particular será mais correta do que outras. Pouquíssimas práticas bem conhecidas teriam o privilégio de figurar em todas as listas. Por outro lado, há

muitas atividades boas que podem não ser consideradas disciplinas, e ainda outras que serviram através dos tempos como disciplinas espirituais mas agora estão esquecidas. Por exemplo, há o *peregrinação*, ou o exílio voluntário, introduzido pelo irlandês São Brenden (nascido em 484), amplamente praticado durante vários séculos. Já mencionamos várias vezes a "vigília", onde o indivíduo renuncia ao sono para se concentrar nas questões espirituais. A manutenção de um diário espiritual continua sendo uma atividade que serve para alguns indivíduos como uma disciplina vital, embora talvez não figurasse em muitas listas-padrão. A guarda do *shabbath* conforme instituída no Antigo Testamento pode ser uma disciplina extremamente produtiva. O labor físico já provou ser uma disciplina espiritual, em especial para aqueles que estão muito envolvidos na solidão, no jejum, no estudo e na oração (I Ts 4.11,12).

Uma atividade incomum que pode ser uma disciplina espiritual efetiva para aqueles que estão acostumados a ter "do bom e do melhor" nesta vida, é visitar bairros pobres e da periferia (ir à feira ou supermercado). Isso tem um efeito enorme no nosso entendimento e comportamento em relação ao nosso próximo – ricos e pobres – e na nossa compreensão do que significa amar e cuidar dos nossos semelhantes.

Ao elaborar nossa lista pessoal de disciplinas espirituais, devemos ter em mente que poucas podem ser consideradas como absolutamente indispensáveis para a vida espiritual saudável, embora obviamente algumas sejam mais importantes do que outras. Praticar uma ampla *variedade* de atividades que provaram sua eficiência através dos séculos nos guardará de cometer erros. E se, posteriormente, percebermos que nossas necessidades exigem outras atividades, provavelmente seremos direcionados para elas.

Assim, para nos ajudar nessa escolha tão importante, vamos listar aquelas atividades que têm amplo e produtivo uso entre os discípulos de Cristo e nos aproximar delas de forma experimental, em atitude de oração. A lista a seguir está dividida em disciplinas de "abstenção" e disciplinas de "engajamento". Discutiremos cada qual dessas atividades e como elas podem contribuir de modo significativo no crescimento espiritual.

## **Disciplinas de abstenção**

Solitude  
Silêncio  
Jejum  
Frugalidade  
Castidade  
Discrição  
Sacrifício

## **Disciplinas de engajamento**

Estudo Adoração  
Celebração Serviço  
Oração  
Comunhão  
Confissão  
Submissão

## **AS DISCIPLINAS DE ABSTENÇÃO**

"...vocês se abstenham dos desejos carnis que guerreiam contra a alma" (I Pe 2.11).

Lembrando-nos de que a palavra "ascetismo" é o correlato de um termo grego para *treinamento*, como a preparação dos atletas para uma corrida, W. R. Inge observa que as disciplinas de abstenção devem ser praticadas por todos, levando ao uso moderado e sóbrio de todos os dons de Deus.

Se sentimos que qualquer hábito ou busca, em si mesmos inofensivos, está nos afastando de Deus e nos envolvendo mais profundamente nas coisas da terra; se percebermos que aquilo que outros fazem para nós é ocasião para queda, então devemos optar pela abstenção. Só ela pode restaurar para nós o real valor do que deveria ser para a nossa ajuda mas que se torna num embaraço... É necessário que resolvamos firmemente desistir de tudo o que se coloca entre nós e Deus.

Ele conclui sua discussão sobre abstenção citando o bispo Wilson, da Ilha de Man: "Aqueles que negam a si mesmos certamente terão suas forças aumentadas, seus afetos elevados e sua paz interior continuamente aumentada".

Nas disciplinas de abstenção, nós renunciemos, em certo grau e por determinado tempo, a satisfação de desejos normais e legítimos. Desejos "normais" incluem nossos impulsos e motivações básicas, tais como alimento, sono, atividades físicas, companheirismo, curiosidade e sexo. Os nossos desejos por conveniência, conforto, segurança material, reputação ou fama também são considerados sob este aspecto. Os psicólogos não são unânimes na classificação desses impulsos "normais", ou da forma precisa como se inter-relacionam, embora o obviamente muitos deles devam ser satisfeitos, em certo nível, para o bem da vida e da saúde humana.

Tenha em mente que a prática da abstenção não implica que há algo essencialmente errado com esses desejos em si. Entretanto, na atual condição distorcida da humanidade, esses desejos básicos têm oportunidade de optar por um curso rebelde e prejudicial, servindo como hospedeiros primários do pecado em nossa personalidade.

Considerando a natureza dos principais tipos de pecado, podemos ver claramente o fato supracitado. Os sete pecados "capitais" reconhecidos durante toda a história da Igreja são: orgulho, inveja, ira, preguiça, avareza, gula e cobiça. Gregório Magno (540-604 d.C.) descreveu esses pecados como "uma classificação dos perigos normais da alma nas condições ordinárias da vida". Cada um deles representa um (ou mais) desejo legítimo fora de controle. Um curso adequado de disciplina espiritual destacará essas tendências que podem prejudicar nossa caminhada com Deus. Por meio do arranjo cuidadoso de nossas circunstâncias e comportamentos, as disciplinas espirituais trarão esses desejos básicos à subordinação na economia da vida no Reino de Deus.

## SOLITUDE

Já vimos o papel que a solidude desempenhou na vida de nosso Senhor e dos homens que andaram em seu Caminho. Na solidude, nos abtemos deliberadamente da interação com outras pessoas, negando a nós mesmos o companheirismo e tudo o que procede de nossa relação consciente com outros. Nós nos fechamos; vamos para o mar, para o deserto, para os lugares ermos, ou para o anonimato das multidões urbanas. Não se trata apenas de descanso ou refrigério na natureza, embora isso também contribua para o bem-estar espiritual. Solitude é escolher estar *sozinho* e experimentar o isolamento voluntário de outros seres humanos.

A solidude na verdade nos liberta. Isso explica sua primazia e prioridade entre as disciplinas. O curso normal das interações humanas no dia-a-dia nos prende a padrões de sentimentos, pensamentos e ações gerados num mundo que vive contra Deus. A solidude permite uma libertação dos comportamentos arraigados que impedem nossa integração na ordem divina.

É necessário uma quantidade 20 vezes maior de anfetaminas para matar um rato sozinho do que para matá-los em grupo. Os cientistas descobriram que um rato que não recebeu anfetamina estará morto dentro de dez minutos ao ser colocado no meio de um grupo que tenha recebido a droga. Em grupo, eles explodem como pipocas ou fogos de artifício. Os homens e mulheres do Ocidente (em especial) *falam* muito sobre individualidade. No entanto, nossa conformidade ao padrão social é tão espantosa quanto a do rato – e igualmente mortal!

Na solidude, descobrimos a distância psíquica, a perspectiva a partir da qual podemos ver, à luz da eternidade, as coisas criadas que nos prendem, preocupam e oprimem.

Thomas Merton escreveu:

Esta é a única razão porque eu desejo a solidude: para estar perdido para todas as coisas criadas, para morrer para elas e para o conhecimento delas, pois me lembram de minha distância de Ti. Tu estás longe delas, apesar de estares nelas. Tu as criaste e Tua

presença as sustenta. Mas elas Te escondem de mim.  
Eu viveria sozinho, longe delas. O *beata solitudo!*

A solidude, porém, como todas as disciplinas do espírito, tem os seus riscos. Nela, nós confrontamos nossa própria alma com suas forças obscuras e conflitos que escapam à nossa atenção quando interagimos com outras pessoas. Assim, "solidude é uma prova terrível, pois ela serve para escancarar o casulo de nossas seguranças superficiais. Ela abre o abismo desconhecido que todos carregamos dentro de nós... revela o fato de que esses abismos são mal-assombrados". Só podemos sobreviver na solidude se nos encontrarmos com Cristo lá. O que descobrimos de Jesus na solidude nos capacita a retornar à sociedade como pessoas libertas.

A solidude também ferirá e ameaçará nossos familiares e amigos. O autor Jessamyn West comenta:

"Não é fácil viver solitário, a menos que você tenha nascido impiedoso. Todo solitário repudia alguém."

Há pessoas que precisam de nós para manter *sua* vida no lugar. E quando nos afastamos, essas pessoas também têm de lidar com suas próprias almas. Elas precisam de Deus mais do que precisam de nós, mas podem não entender isso. Temos de respeitar a sua dor e com muito amor e oração fazer arranjos sábios em favor delas; e temos de fazer todo o possível para ajudá-las a entender o que estamos fazendo e por quê.

Dentre todas as disciplinas de abstenção, a solidude é geralmente fundamental no começo da vida espiritual e deve ser praticada muitas vezes à medida que essa vida se desenvolve. Creio que esta prioridade fatual da solidude é um elemento saudável do ascetismo monástico. Presos na interação com os seres humanos que formam nosso mundo decaído, é praticamente impossível crescermos na graça como deveríamos. Tente jejuar: orar, servir, dar ou até celebrar sem a preparação realizada no isolamento voluntário, e seus esforços lançarão você na desesperança.



Por outro lado, temos de enfatizar que o "deserto" ou o "local secreto de reclusão" é o lugar primário de *fortalecimento* para o iniciante, como foi para Cristo e para Paulo. Eles nos mostram, por seus exemplos, o que temos de fazer. Na completa solidão, é possível ter silêncio, aquietar-se e saber que o *Senhor* é de fato Deus (Sl 46.10). A sós com Deus, vemos o Senhor diante de nossas mentes com intensidade e duração suficiente para nosso coração ficar centrado nele (Sl 112.7,8) mesmo quando voltamos para o escritório ou para casa.

Tomás de Kempis destilou mais do que qualquer outro os elementos corretos do monasticismo. Ele disse:

Os maiores santos evitavam, quando podiam, a companhia dos homens, preferindo viver com Deus, em retiro. Um deles disse: "Quantas vezes estive entre homens, voltei menos humano, o que quer dizer menos santo"... Se bem a guardares e habitares [a solitude] desde o princípio de tua conversão, ser-te-á depois querida companheira e suavíssimo consolo. No silêncio e quietude, faz progressos uma alma devota e aprende os segredos das Escrituras... deixa as vaidades para os fúteis... Fecha atrás de ti a porta e chama a teu Jesus amado. Fecha-te com ele em teu lugar secreto, porque tanta paz em outra parte não acharás.

Henry David Thoreau viu como até a nossa existência secular seca devido à falta de uma vida escondida. As conversas se degeneram e se transformam em mera fofoca, e aqueles com quem nos encontramos só podem falar sobre algo que ouviram em outro lugar. A única diferença entre nós e nosso vizinho é que ele ouviu as notícias, e nós não. Thoreau coloca isso bem. Quando nossa vida interior fracassa, "vamos com mais freqüência e sofreguidão ao correio", mas "o infeliz que sai com o maior número de cartas, orgulhoso de sua correspondência massiva, não teve nenhuma notícia sobre si próprio... Não leia *The Times* [em nosso caso, diria, por exemplo, o nome de um de nossos periódicos], conclui ele, "leia: *A Eternidade!*".

## SILÊNCIO

No silêncio, desligamos nossa alma dos "sons", sejam eles ruídos, cânticos ou palavras. O silêncio total é raro, e o que chamamos de "quieto" significa geralmente um pouco menos de barulho. Muitas pessoas *jamais* experimentaram o silêncio, nem se dão conta de que não sabem sequer o que ele significa. Nossos lares e locais de trabalho estão repletos de zumbidos, apitos, murmúrios, tagarelices e sons dos vários dispositivos supostamente idealizados para tornar a vida mais fácil. Tal barulho nos conforta de uma forma curiosa. De fato, achamos o silêncio total chocante. Ele deixa a impressão de que nada está acontecendo. Num mundo frenético como o nosso, nada poderia ser pior do que isso!

O silêncio vai além da solidude, e sem ele a solidude tem pouco efeito. Henri Nouwen observa que "o silêncio é a forma de tornar a solidude uma realidade". Entretanto, o silêncio é assustador porque ele nos desnuda como nenhuma outra coisa, confrontando-nos com a realidade crua de nossa vida. Ele nos lembra a morte, a qual nos cortará deste mundo, deixando apenas nós e Deus. E o que implica "apenas nós e Deus"? Pense o que podemos descobrir sobre o vazio interior de nossa vida se temos *sempre* de ligar o rádio para ter certeza de que algo está acontecendo à nossa volta...

A audição, como se costuma dizer, é o último dos nossos sentidos a morrer. O som sempre irrompe de modo profundo e importuno em nossa alma. Assim, pelo bem de nossa alma, temos de buscar momentos em que desligamos nosso rádio, nossa televisão, o gravador e o telefone. Precisamos interromper os ruídos da rua. Temos de fazer todos os arranjos necessários para descobrir *quanto* conseguimos aquietar nosso mundo.

Silêncio e solidude em geral andam de mãos dadas. Assim como o silêncio é vital para a verdadeira solidude, assim também a solidude é necessária para que a disciplina do silêncio seja completa. Poucas pessoas podem ficar em silêncio na companhia de outras.

A maioria, no entanto, *vive* na companhia de outros. Como podemos praticar tal disciplina? Há algumas maneiras. Por exemplo, muitas pessoas aprenderam a levantar no meio da noite – dividindo o sono da noite em duas partes para experimentar o

silêncio. Ao fazer isso, encontram um silêncio rico que ajuda a oração e o estudo sem interrupção. Entretanto, embora possa parecer impossível, progresso significativo no silêncio pode ser feito sem solidão, mesmo dentro da vida familiar. E compartilhar essa disciplina com aqueles que você ama pode ser exatamente o que eles precisam.

Como ocorre com todas as disciplinas, devemos abordar a disciplina do silêncio praticando e orando. Devemos confiar que seremos levados ao uso correto dela. Trata-se de uma disciplina poderosa e essencial. Nosso silêncio nos permitirá a concentração em Deus. E Ele nos transformará. O silêncio nos permitirá ouvir a voz suave de Deus, cujo único Filho "... não discutirá nem gritará; ninguém ouvirá sua voz na rua" (Mt 12.19). É este Deus que nos diz que "na quietude e na confiança está o seu vigor" (Is 30.15).

Temos também de praticar o silêncio de *não falar*. Em sua epístola, Tiago diz que aqueles que parecem religiosos mas são incapazes de refrear a própria língua "enganam a si mesmos e sua religião não tem valor algum" (Tg 1.26). Tiago afirma que aqueles que não tropeçam no que dizem são perfeitos, sendo também "capazes de dominar todo o seu corpo" (3.2).

A prática de não falar pode, no mínimo, nos dar controle suficiente sobre o que dizemos, a fim de que a nossa língua não aja "automaticamente". Esta disciplina nos oferece tempo para pensar nossas palavras e condições de controlar o que dizemos.

Essa prática também nos ajuda a ouvir, observar e prestar atenção nas pessoas. É raro sermos realmente ouvidos, e a necessidade de ser ouvido é profunda. Quanta ira na vida das pessoas não é resultado de não serem ouvidas? Tiago diz: "Sejam todos prontos para ouvir, tardios para falar e tardios para irar-se" (1.19). Quando a língua se move rapidamente, em geral o que se segue é a ira. Dizem que Deus nos deu dois ouvidos e apenas uma boca, para que possamos ouvir duas vezes mais do que falamos. Mas até mesmo nessa proporção é possível falar demais.

No testemunho, o papel da fala muitas vezes é exageradamente enfatizado. Isso soa estranho? O silêncio e, especialmente, o ouvir de verdade são, muitas vezes, o testemunho mais eloqüente da fé. Um dos principais problemas na evangelização não é fazer as pessoas falarem, mas calar aqueles que por meio de uma fala contínua revelam um coração sem amor,

desprovido de confiança em Deus. Como diz Miguel de Unamuno, "temos de prestar menos atenção no que as pessoas estão tentando nos dizer, e mais no que elas nos dizem sem tentar!"

Por que falamos tanto? Damos tanta liberdade à nossa boca porque nos sentimos interiormente desconfortáveis com o que os outros pensam de nós. Eberhard Arnold observa: "Pessoas que se amam podem ficar em silêncio juntas." No entanto, quando estamos com aqueles com quem nos sentimos menos seguros, usamos as palavras para "ajustar" nossa aparência e conquistar aprovação. De outra forma, tememos que nossas virtudes não recebam a apreciação adequada e nossos defeitos não sejam apropriadamente "compreendidos". Quando não falamos, resignamos aquilo que parecemos (ousaria dizer, aquilo que *somos?*) a Deus. Por que nos preocupar com a opinião dos outros a nosso respeito quando Deus é por nós e Jesus Cristo está à direita do trono intercedendo em favor dos nossos interesses (Rm 8.31-34). No entanto, nós nos preocupamos.

Pouquíssimas pessoas vivem uma quietude interior confiante, embora a maioria deseje isso. Entretanto, essa quietude interior é uma graça que recebemos quando praticamos "não falar". E quando nós a temos, podemos ajudar outros em necessidade. Depois que conhecemos esta confiança, quando outros chegam para pescar segurança e aprovação, podemos enviá-los para pescar em águas mais profundas, a fim de que também tenham quietude interior.

Eis o testemunho de um jovem que entrou na prática da solitude e do silêncio:

Quanto mais pratico esta disciplina, mais aprecio a força do silêncio. Quanto menos me torno cético e desprovido de uma atitude de julgamento, e quanto mais aprendo a aceitar as coisas que não gosto nos outros, mais eu os aceito como criados de forma única à imagem de Deus. Quanto menos eu falo, mais profundas são as palavras proferidas na hora apropriada. Quanto mais eu valorizo os outros e lhes sirvo nas pequenas coisas, mais eu celebro e aprecio minha própria vida. Quanto mais eu celebro, mais reconheço que Deus me tem dado coisas maravilhosas em minha vida, e menos me preocupo quanto ao

futuro. Eu aceitarei e apreciarei o que Deus está continuamente me dando. Creio que estou começando verdadeiramente a alegrar-me em Deus.

## **JEJUM**

No jejum, nós nos abtemos de alimentos e, não raro, também de líquidos. Esta disciplina nos ensina muito (e rápido) sobre nós mesmos. Certamente ela nos humilha, pois prova quanto nossa paz depende dos prazeres da gastronomia. Também pode trazer-nos à mente como estamos usando o prazer de comer para atenuar o desconforto em nosso corpo causado pela falta de fé e pelas atitudes insensatas: falta de dignidade, trabalho sem sentido, existência sem propósito, e falta de descanso ou de exercício. O jejum nos mostra quanto nosso corpo é poderoso e astuto na busca de seu próprio caminho contra as nossas mais fortes determinações!

Há muitas formas e níveis de jejum. Os pais do deserto, como Santo Antônio, muitas vezes passavam longos períodos comendo apenas pão e água – embora tenhamos de reconhecer que o "pão" deles era muito mais substancial do que o pão que comemos hoje. Daniel e seus amigos não quiseram comer das iguarias do rei nem beber vinho. Eles comeram apenas vegetais e beberam água (Dn 1.12). Em outra ocasião, Daniel "não comeu nada saboroso; carne e vinho não provou; e não usou nenhuma essência aromática, até se passarem as três semanas" (10.3). Na época de sua preparação para enfrentar a tentação e iniciar seu ministério, Jesus jejuou por mais de um mês (Mt 4).

O jejum confirma nossa total dependência de Deus ao encontrarmos no Senhor uma fonte de sustento além do alimento. Assim, aprendemos, pela experiência, que a Palavra de Deus para nós é uma substância vital. Aprendemos que a vida nos é dada não só pela comida ("pão"), mas também pelas palavras que procedem da boca de Deus (Mt 4.4). Aprendemos que também temos uma comida para comer que o mundo não conhece (Jo 4.32,34). Portanto, jejuar ao Senhor é também festejar a pessoa de Deus e a sua vontade.

A poetisa cristã Edna St. Vincent Millay fala sobre a descoberta do "outro" alimento em seu poema intitulado "Festa":

Bebi todo tipo de vinho.  
O último era igual ao primeiro.  
Deixei de experimentar vinho,  
pois quão maravilhosa é a sede.  
Consumi todo tipo de raiz.  
Comi de todas as plantas.  
Deixei de experimentar frutos,  
pois quão maravilhosa é a carência.  
Deixe a uva e o feijão  
para o vinhateiro e o negociante;  
Eu me reclinarei  
com minha sede e minha fome.

Quando Jesus nos instrui a não parecermos preocupados e tristes quando jejuamos (Mt 6.16-18), Ele não está dizendo para enganarmos os que estão à nossa volta. Em vez disso, o Senhor está ensinando que nos sentiremos bem – realmente não ficaremos tristes. Estamos descobrindo que a vida é muito mais do que alimento (Lc 12.33). Nosso ventre não é nosso deus (Fp 3.19; Rm 16.18); ao contrário, ele é um alegre servo de Cristo e do próximo (I Co 6.13).

Na verdade, o jejum é uma das mais importantes formas de se praticar a renúncia exigida de *todo aquele* que deseja seguir a Cristo (Mt 16.24). No jejum, aprendemos como sofrer alegremente enquanto celebramos a Deus. Esta é uma boa lição, pois, em nossa vida, iremos sofrer. Tomás de Kempis lembra: "Quem melhor sabe sofrer, maior paz terá. Esse é vencedor de si mesmo e senhor do mundo, amigo de Cristo e herdeiro do céu."

Pessoas acostumadas a jejuar como uma prática sistemática têm um senso claro e constante de seus recursos em Deus. O jejum as ajuda a suportar privações de *todos* os tipos. Jejuando,

chegamos ao ponto de arrostar as privações com facilidade e alegria. Kempis diz também: "Refreia a gula, e facilmente refrearás todo apetite carnal." O jejum ensina a temperança ou o auto controle e, portanto, ensina moderação e abstenção em relação a *todos* os nossos impulsos básicos. Desde que o alimento tem grande influência em nossa vida, os efeitos do jejum se difundirão por toda a nossa personalidade. No meio de todas as nossas necessidades e desejos, experimentamos o contentamento de uma criança recém-amamentada por sua mãe (Sl 131.2). E, de fato, "a piedade com contentamento é grande fonte de lucro" (I T m 6.6).

O jejum, porém, é uma disciplina difícil de praticar sem consumir toda a nossa atenção. Mesmo quando jejuamos como parte da oração ou do serviço, não podemos permitir que isso concentre e esgote a nossa atenção: Quando uma pessoa escolhe jejuar como uma disciplina espiritual, deve praticá-lo bem o bastante para se tornar experiente, porque somente a pessoa que é habituada ao jejum sistemático como disciplina pode usá-lo efetivamente no serviço direto a Deus, em tempos especiais de oração ou outras atividades.

## **FRUGALIDADE**

Há certas disciplinas de abstenção que algumas pessoas podem julgar como não sendo tão importantes no processo de plena redenção como a solitude, o silêncio e o jejum. No entanto, ainda assim são muito importantes, já que nos permitem lidar com tendências comportamentais que podem nos destruir ou, no mínimo, nos tornar inoperantes no serviço de Cristo.

Na frugalidade, nós nos abtemos de usar o dinheiro ou os bens à nossa disposição de modo a meramente gratificar nossos desejos ou nosso apetite por *status*, glamour ou luxo. Praticar a frugalidade significa permanecer dentro os limites daquilo que o bom senso designa como suficiente ao tipo de vida para o qual Deus nos dirige.

O fato de que existe um senso geral do que é "necessário" é indicado pelas leis suntuárias decretadas pelas autoridades seculares do mundo antigo e em épocas mais recentes. Os antigos espartanos, por exemplo, eram proibidos de possuir casa ou mobília que exigissem na sua fabricação ferramentas mais

sofisticadas do que um machado ou um serrote. Os romanos com freqüência escreviam leis limitando despesas com entretenimento. A legislação inglesa continha muitos decretos determinando o alimento e a roupa de várias classes sociais.

Tais leis são difíceis de imaginar no mundo ocidental de hoje, onde nenhuma extravagância é considerada vergonhosa, mas livre exercício, mais ou menos espantoso, do presumível direito sagrado da "busca da felicidade". A palavra profética do Antigo e do Novo Testamento é clara. Tiago, por exemplo, diz: "Ouçam agora vocês, ricos! Chorem e lamentem-se, tendo em vista a desgraça que lhes sobrevirá" (5.1). Em favor das discussões subseqüentes, é necessário salientar que esta advertência de Tiago aos ricos não é simplesmente por causa do fato de serem ricos, mas porque "viveram luxuosamente na terra, desfrutando prazeres, e fartaram-se de comida em dias de abate" (5.5).

A sabedoria espiritual reconhece sempre que o consumismo frívolo corrompe a alma e impede que ela confie em Deus e o adore e sirva, além de prejudicar o próximo.

Neste sentido, O. Hardman faz esta aguda observação:

É uma injúria à sociedade e uma ofensa a Deus quando os homens mimam seus corpos com comidas finas e caras e diminuem seriamente seus poderes físicos e mentais pelo uso excessivo de alimentos nocivos... O luxo em todas as formas é economicamente ruim, é uma provocação ao pobre que tem de ver a ostentação e é moralmente degradante àqueles que se submetem a ele. Portanto, o cristão que tem condições de viver no luxo mas se afasta de toda extravagância, e pratica a simplicidade em suas roupas, em sua casa e em sua a sua maneira de viver. está prestando um bom serviço à sociedade.

Embora a frugalidade *seja* um serviço a Deus e à humanidade, nosso interesse aqui é com o seu aspecto de disciplina. Como tal, ela nos liberta da preocupação e do envolvimento com uma multidão de desejos que torna impossível "praticar a justiça, amar a fidelidade e andar humildemente com o nosso Deus" (Mq 6.8). Ela torna possível nossa concentração na



"única coisa necessária", a "boa parte" que Maria escolheu (Lc 10.42).

No mundo atual, a liberdade que procede da frugalidade provém, em grande parte, da libertação da escravidão espiritual causada pelas dívidas financeiras. Muitas vezes as dívidas resultam da compra de coisas supérfluas. As dívidas diminuem nosso senso de dignidade, comprometem nosso futuro e eliminam nossa sensibilidade às necessidades dos outros. Assim, a admoestação de Paulo, "não devam nada a ninguém, a não ser o amor de uns pelos outros" (Rm 13.8), é um sábio conselho financeiro, a par de ser um bom conselho espiritual.

Certa vez perguntaram a John Joseph Surin por que, quando tanta gente parece desejar ser grande aos olhos de Deus, há tão poucas pessoas que são verdadeiramente santas. "A principal razão", respondeu ele, "é que elas deixam coisas irrelevantes ocuparem espaço demais nas suas vidas."

A frugalidade como estilo de vida nos liberta das coisas irrelevantes. A *simplicidade* e (o arranjo da vida em torno de poucos propósitos consistentes, excluindo explicitamente o que não é necessário para o bem-estar humano) e a *pobreza* voluntária (a rejeição de todas as posses) são disciplinas espirituais tanto quanto são amplamente expressões de frugalidade. Veremos mais sobre isso no próximo capítulo.

## **CASTIDADE**

Ao listar uma disciplina que lida especificamente com o impulso sexual, sentimos falta de uma terminologia apropriada. Usarei o termo "castidade", embora ele, como a "simplicidade", se refira ao resultado de uma disciplina sob a graça, e não às atividades disciplinares em si. Ao exercer a disciplina espiritual da castidade, nós nos afastamos deliberadamente do engajamento na dimensão sexual do relacionamento com outros – até mesmo nosso cônjuge.

A sexualidade é uma das forças mais poderosas e mais sutis da natureza humana, e o sofrimento ligado diretamente a ela é muito alto. Os abusos do sexo, fora e dentro do casamento, tornam imperativo aprender "como possuir nosso vaso em santificação e honra" (I Ts 4.4).

Uma parte fundamental desse aprendizado consiste de abstenção de práticas sexuais e de não-rendição a sentimentos e pensamentos sexuais, aprendendo assim a não ser governado por eles.

A abstenção temporária dentro do casamento, mediante consentimento mútuo, também foi aconselhada por Paulo como um auxílio ao jejum e à oração (I Co 7.5). Em desacordo com o pensamento predominante no mundo atual, é absolutamente vital para a saúde de qualquer casamento que a gratificação sexual não seja colocada como centro. A abstenção voluntária nos ajuda a apreciar e amar nossos parceiros como pessoas completas, nas quais a sexualidade é apenas um aspecto. Isso reforça em nós a prática de estar bem próximo das pessoas, sem embaraços sexuais.

A castidade tem uma parte importante a desempenhar dentro do casamento, mas o principal efeito que buscamos por meio dela é a postura apropriada em face dos atos, sentimentos, pensamentos e das atitudes sexuais na nossa vida como um todo, dentro e fora do casamento. A sexualidade não terá permissão de dominar nossa vida, se vivermos como filhos e filhas de Deus, como irmãos e irmãs em Jesus Cristo.

Isso não significa que a nossa sexualidade é algo de que devemos nos afastar. Isso seria impossível. Somos seres sexuais: "Homem e mulher os criou" (Gn 1.27). Esta passagem crucial vincula a sexualidade ao fato de termos sido criados à imagem de Deus. Ela é parte do poder com o qual servimos ao Senhor. Na sexualidade, o envolvimento pessoal, o conhecer e ser conhecido, característica da natureza básica de Deus, é providenciado de forma especial para o ser humano integral. Na união sexual plena, a pessoa é conhecida em seu corpo todo e conhece a outra pessoa por meio de todo o seu corpo. A profundidade do envolvimento é tão grande que não pode haver "sexo casual". Isso é uma contradição muito bem compreendida pelo apóstolo Paulo, que, por isso, ensinou que a fornicção é um pecado contra o próprio corpo (I Co 6.18).

A sexualidade está na essência do nosso ser. Portanto, castidade não significa não-sexualidade, e qualquer afirmação desse jaez certamente causará grande malefício. Este é um ponto muito importante. O sofrimento, em grande parte, que procede da

sexualidade, não vem pela indulgência de pensamentos impróprios, sentimentos, atitudes e práticas sexuais. Grande parte procede da abstenção inadequada.

Em nenhum outro aspecto da vida humana, é mais verdadeiro o provérbio "A esperança que se retarda deixa o coração doente" (Pv 13.12), e a mente também. Jesus viu claramente que a abstenção de relações sexuais ainda deixa brecha para grosseiras impropriedades e distúrbios sexuais alguns dos quais Ele chamou de "adultério no coração" (Mt 5.28). Jesus sabia que a abstenção correta era algo que exigia qualificações especiais (Mt 19.11:12). Paulo seguiu seu Mestre. Ele tinha o mesmo realismo quanto ao sexo. Por isso ensinou sobre um tipo errado de abstenção quando escreveu que "é melhor casar-se do que ficar ardendo de desejo" (I Co 7.9).

Temos de entender que o "arder de desejo" não é uma questão "interior" trivial, mas algo muito sério em suas implicações. Ele pode aflorar na vida humana de muitas formas: distorção severa no pensamento e nas emoções, incapacidade de engajamento em relações sexuais normais e apropriadas, desgosto e ódio entre mulheres e homens frustrados, abuso infantil, perversão sexual e crimes sexuais. A castidade corretamente praticada como parte de um rico caminhar com Deus pode prevenir enfermidades do coração e da mente envenenada na vida sexual, na sociedade moderna.

Dietrich Bonhoeffer faz a seguinte observação: "A essência da castidade não é a supressão do desejo, mas a total orientação da vida do indivíduo em direção a um objetivo."

A abstenção saudável na castidade só pode ser suportada pelo envolvimento amoroso e positivo com membros do sexo oposto. A alienação abre espaço para a concupiscência nociva. Esta disciplina deve ser fundamentada na compaixão, em associação e na disposição de ajudar. Se situação familiar fosse como deveria ser, um relacionamento íntimo e compassivo entre os sexos seria o caminho natural de relacionamentos entre mãe e filho, pai e filha, irmão e irmã. Um estudo recente indica que pais que cuidam dos filhos, dando banho, alimentando e segurando-os no colo desde os primeiros dias de vida raramente cometem abuso sexual com eles. Eles desenvolvem um amor verdadeiro pelos filhos, e o amor efetivamente evita que causemos mal uns aos

outros. Para praticar a castidade então, devemos, primeiro, praticar o amor na busca do bem das pessoas do sexo oposto, com as quais mantemos contato em casa, no trabalho, na escola, na igreja e na vizinhança. Então seremos livres para praticar a disciplina da castidade e extrair apenas resultados positivos dela.

## **SEGREDO**

Na disciplina do segredo – e aqui, novamente, a palavra não é perfeitamente adequada para nossos propósitos –, nós nos abtemos de fazer conhecidas nossas boas obras e qualidades. Faremos tudo para evitar nossa promoção pessoal, desde que não envolva mentira.

Para aprender a controlar o apetite por fama, aprovação ou a mera atenção dos outros, precisamos da graça de Deus. No entanto, quando praticamos esta disciplina, aprendemos a gostar de ser desconhecidos e até aceitamos ser incompreendidos, sem perder a paz, a alegria e o propósito. Esta disciplina é importante como poucas para estabilizar nossa caminhada de fé. Na prática do "segredo", experimentamos um contínuo relacionamento com Deus, independente da opinião dos outros. "No abrigo da tua presença os escondes das intrigas dos homens; na tua habitação o proteges das línguas acusadoras", afirma o Salmo 31.20.

Tomás de Kempis comenta sobre a "grande tranqüilidade de coração que vem àqueles que se erguem acima de "louvores e acusações":

Não és mais santo porque te louvam, nem mais ruim porque te censura. És o que és, nem podem os louvores fazer-te maior do que és aos olhos de Deus... Proceder sempre bem e ter-se em pequena conta é indício de alma humilde. Rejeitar toda consolação das criaturas é sinal de grande pureza e confiança interior. Aquele que não procura testemunho favorável dos homens mostra que está todo entregue a Deus.

Uma das maiores falácias da nossa fé e, na verdade, um dos maiores atos de incredulidade, é a idéia de que nossos atos espirituais e virtudes precisam ser exibidos e conhecidos. Os

esforços frenéticos de grupos religiosos e de indivíduos para exibirse e afirmar-se são uma revelação atordoante de sua falta de substância e de fé.

Jesus, com uma boa dose de humor, afirmou que uma cidade construída sobre uma colina não pode ser escondida (Mt 5.14). Eu não gostaria de ser incumbido da tarefa de *esconder* Jerusalém, Paris ou São Paulo. As histórias dos Evangelhos contam como Jesus e seus amigos tentaram *evitar* as multidões. Não conseguiram. Para ser simples e direto: se fosse possível esconder nossa fé e nossas obras, talvez isso mostrasse que elas são de um tipo que *deve* ser escondido. Nesse caso, podemos dirigir nossos esforços para o cultivo de uma fé que seja impossível de esconder (Mc 7.24).

O segredo, corretamente praticado, coloca nosso "departamento de relações públicas" inteiramente nas mãos de Deus. Ele acendeu nossa candeia para que sejamos a luz do mundo, e não para estarmos escondidos debaixo de uma vasilha (Mt 5.14). O segredo implica que nós deixamos que *Ele* decida quando nossas obras serão reconhecidas e a nossa luz notada.

O segredo nos ensina o amor e a humildade diante de Deus e do próximo. E o amor e a humildade nos encorajam a ver nossos semelhantes sob a melhor luz possível, e esperar que eles sejam e façam melhor do que nós. Isso, de fato, torna possível "nada fazer por ambição egoísta ou por vaidade, mas humildemente considerar os outros superiores a nós mesmos" (Fp 2.3). Tal coisa traz um alívio tremendo!

Se você deseja experimentar, como nunca antes, o fluir do amor, na próxima vez em que estiver numa situação onde haja competição, ore para que as outras pessoas sejam excelentes, mais elogiadas e mais usadas por Deus do que você mesmo; torça realmente por elas e alegre-se com o sucesso delas. Se os cristãos em toda parte fizessem isso uns pelos outros, a Terra logo se encheria com o conhecimento da glória de Deus. A disciplina do segredo pode nos levar a esse tipo de experiência maravilhosa.

O segredo tem ainda outra importante dimensão como disciplina espiritual. No nosso esforço para servir a Deus, surgem necessidades. Elas devem ser tratadas, em geral, olhando somente para Deus; isto é, não contando aos outros que há uma necessidade, mas crendo que Deus mesmo fará isso.

Há mais de um século, George Mueller, de Bristol, Inglaterra, desenvolveu um grande ministério, incluindo vários orfanatos, sem anunciar suas necessidades pessoais ou ministeriais. Ele foi inspirado a agir assim, em parte, pela obra similar de A. H. Franke, em Halle, Alemanha, no início do século XVIII. O objetivo desse homem de Deus era estabelecer, diante do mundo e da Igreja, um testemunho de que Deus supre fielmente as necessidades daqueles que confiam nele. Ele raciocinava assim:

Ora, se um homem pobre, simplesmente por meio da oração e da fé, obteve, sem pedir nada a ninguém, os meios para estabelecer e manter um orfanato, deve haver algo que, com a bênção do Senhor, possa servir de instrumento para fortalecer a fé dos filhos de Deus, além de ser um testemunho, na consciência dos não-convertidos, da realidade das coisas de Deus.

Se virmos necessidades, que foram compartilhadas apenas com Deus, sendo supridas, nossa fé na presença dele e no seu cuidado será grandemente aumentada. Mas, se sempre falamos aos outros sobre nossas necessidades, teremos pouca fé em Deus, e toda a nossa vida espiritual sofrerá por causa disso.

## **SACRIFÍCIO**

Na disciplina do sacrifício, nós nos abtemos da posse ou do gozo daquilo que é necessário à nossa vida – não, como na frugalidade, daquilo que é desnecessário ou supérfluo.

Na disciplina do sacrifício, abandonamos a segurança de suprimento das nossas necessidades. É a auto-entrega total a Deus. Sacrifício é um passo em direção ao abismo escuro, com fé, na esperança de que Deus nos sustentará. Abraão conheceu esse tipo de entrega quando se preparou para sacrificar Isaque. Ele estava, na verdade, confiando em que Deus iria ressuscitar seu filho dentre os mortos para cumprir a promessa de linhagem, como explicado em Hebreus 11.19. A viúva pobre entregou-se ao cuidado de Deus ao dar uma oferta de sacrifício (Lc 21.2-4). Ela deu mais a Deus com suas duas moedinhas do que todos os ricos ao seu

redor, que preenchiam seus "cheques" com altas somas dedutíveis dos impostos.

É estranho que, apesar do sacrifício parecer um serviço, seja ele uma disciplina. Nossa necessidade de dar é maior do que a de Deus de receber. O Senhor sempre está bem suprido. No entanto, o reconhecimento divino do nosso sacrifício é alimento para nossa fé. A fé cautelosa que *jamais* corta os apoios aos quais está presa nunca aprende que, quando não se apóia em nada, pode encontrar formas estranhas e imprevisíveis de não cair.

Certa vez, quando estudávamos na Universidade de Wisconsin, minha esposa e eu, depois de pagarmos todas as contas no início do mês, decidimos dar o dinheiro que sobrou como uma oferta a determinada pessoa. Não era muito dinheiro, mas demos assim mesmo. Não dissemos a ninguém. Cerca de uma semana depois, com grande surpresa, encontramos uma nota de 20 dólares presa ao volante de nosso carro! Com o hambúrguer custando 39 centavos o quilo, vivemos como príncipes até o mês seguinte, convencidos de que tínhamos experimentado a provisão do Rei. Com a disciplina do sacrifício, nós praticamos uma dimensão diferente da fé e, muitas vezes, nos surpreendemos com os resultados.

## **AS DISCIPLINAS DE ENGAJAMENTO**

"Levante-se, pegue a sua cama e vá para casa" (Mc 2.11).

As disciplinas de abstenção devem ser contrabalançadas e suplementadas pelas disciplinas de engajamento. Abstenção e engajamento representam o expirar e inspirar de nossa vida espiritual. Necessitamos das disciplinas para um e outro desses movimentos. Falando de forma rústica, a abstenção neutraliza as tendências de pecado por ação, e o engajamento neutraliza as tendências de pecado por omissão. A vida, como vimos nos primeiros capítulos, não deriva seu poder de crescimento e desenvolvimento do afastamento, mas sim da ação – do engajamento.

Então, a abstenção abre caminho para o engajamento. Se as nossas células sangüíneas designadas para carregar oxigênio

estiverem cheias de monóxido de carbono, morreremos sufocados. Se o lugar em nossa alma que deve ser ocupado por Deus e seu serviço estiver ocupado por comida, sexo e vida social, nós morreremos ou definharemos por falta de Deus e da relação correta com suas criaturas.

A abstenção apropriada, na verdade, quebra o jugo dos engajamentos impróprios a fim de que a alma possa se engajar adequadamente em Deus e no seu serviço.

## **ESTUDO**

Na disciplina espiritual do estudo, nós nos envolvemos, acima de tudo, com a Palavra de Deus escrita e falada. Esta é a principal contrapartida positiva da solidude. Assim como a solidude é a disciplina primária de abstenção para o início de nossa vida espiritual, o estudo é a disciplina primária do engajamento.

Nossa experiência inicial com Deus pode ser tão satisfatória a ponto de negligenciarmos o estudo. No entanto, o relacionamento com Deus como acontece com qualquer pessoa, logo exige uma contribuição nossa, que, em grande parte, consiste de estudo. Calvin Miller observa muito bem: "Místicos sem estudo são apenas românticos espirituais que desejam relacionamento sem esforço."

Nós já comentamos sobre o uso do estudo bíblico como uma disciplina, mas nunca é demais voltar a enfatizar este ponto. Eis aqui o comentário de David Watson sobre os dias antes da cirurgia para extrair o câncer que no final tirou-lhe a vida:

Enquanto eu gastava tempo remoendo as intermináveis garantias e promessas encontradas na Bíblia, minha fé no Deus vivo se fortalecia e me mantinha seguro em suas mãos. A palavra de Deus para nós, especialmente sua palavra proferida pelo Espírito por intermédio da Bíblia, é o ingrediente que alimenta a nossa fé. Se alimentarmos regularmente nossa alma na palavra de Deus - várias vezes, todos os dias -, deveremos nos tornar robustos espiritualmente, assim como as várias refeições que fazemos por dia nos deixam robustos fisicamente.



Nada é mais importante do que ouvir e obedecer à palavra de Deus.

No estudo, nós também nos esforçamos para ver a Palavra de Deus em operação na vida de outros: na igreja, na História e na natureza. Nós não só lemos, ouvimos e inquirimos, mas também *meditamos* naquilo que está diante de nossos olhos. Isso significa que nos retiramos em silêncio para, em atitude de oração e com intensidade, nos concentrarmos no que estamos lendo, desta forma, o significado do que lemos pode emergir e nos formar enquanto Deus trabalha no íntimo do nosso coração, mente e alma. Nós devotamos longos períodos de tempo a isso. E, enquanto estudamos e meditamos, oramos para que Deus nos encontre e fale conosco diretamente, pois, em última análise, a Palavra de Deus é o Senhor falando.

Isso soa como uma busca acadêmica? De fato, estudo não é necessariamente especulação intelectual. Realmente implica dedicar tempo, regularmente, à meditação de partes da Bíblia que são mais significativas para a nossa vida espiritual e na leitura constante de toda a Bíblia. Também devemos nos esforçar para ouvir regularmente mestres talentosos que podem nos conduzir às profundidades da Palavra e nos tornar mais capazes de estudar por nós mesmos com proveito. Além disso, devemos ler sobre a vida dos discípulos de todas as épocas e culturas, construindo uma pequena biblioteca e tornando-os nossos amigos e companheiros no Caminho.

## **ADORAÇÃO**

O estudo sobre Deus, em sua Palavra e outros livros, abre caminho para as disciplinas da adoração e celebração. Na adoração, reconhecemos e expressamos, por meio de pensamentos, palavras, rituais e símbolos, a grandeza, a beleza e a bondade de Deus. Fazemos isso individualmente e também com o povo de Deus. Adorar é reconhecer Deus como *digno*, atribuindo a Ele grande honra.

Eis aqui um exemplo de adoração: "Tu, Senhor e Deus nosso, és digno de receber a glória, a honra e o poder, porque criaste todas as coisas, e por tua vontade elas existem e foram criadas"

(Ap 4.11). Outro exemplo: "Digno é o Cordeiro que foi morto de receber poder, riqueza, sabedoria, força, honra, glória e louvor... Àquele que está assentado no trono e ao Cordeiro sejam o louvor, a honra, a glória e o poder, para todo o sempre!" (Ap 5.12,13). Quando adoramos desta maneira, dando cuidadosa atenção aos detalhes das ações de Deus e à sua "dignidade", Aquele a quem adoramos entra em nossa mente e coração, aumenta nossa fé e nos fortalece para sermos como Ele é.

Na adoração, o próprio Deus vem ao nosso encontro, e nossos pensamentos e palavras se voltam para a percepção e experiência dele. Deus então *realmente está presente em nós* em grandeza, beleza e bondade. Isso causa uma mudança imediata e dramática em nossa vida. Aconteceu com Isaías. Uma vez, durante a adoração, Isaías *viu* o Senhor "assentado num trono alto e exaltado, e a aba de sua veste enchia o templo"; o Senhor estava cercado pelos serafins que gritavam uns para os outros: "Santo, Santo, Santo é o Senhor dos Exércitos, a terra inteira está cheia da sua glória" (6.1-3). Isso já aconteceu com muitas outras pessoas.

De qualquer forma, o encontro divino direto não é essencial para a verdadeira adoração, a qual também pode ocorrer fora do contexto da adoração deliberada, como aconteceu com Elias, Ezequiel e Paulo. *Adoração é a nossa parte*, apesar de ser divinamente assistida; portanto, pode ser uma disciplina para a vida espiritual.

Falando em termos práticos, a adoração cristã é mais proveitosa quando centralizada em Jesus Cristo e por seu intermédio chega a Deus. Quando adoramos, enchemos nossa mente e coração com o assombro do Senhor Jesus – as ações detalhadas e palavras de sua vida terrena, seu julgamento e morte na cruz, a realidade de sua ressurreição, ascensão e obra como intercessor no céu. Aqui, nas palavras de Alberto Magno (morto em 1280), nós "encontramos Deus por meio do próprio Deus; quer dizer, passamos da Varonilidade para a Divindade, das feridas da humanidade para as profundezas de sua divindade". Há tanto a ser feito na adoração que nós jamais terminamos. Quando adoramos, nossa vida é inundada com a bondade de Deus.

O traficante de escravos convertido, John Newton, compôs este hino de adoração:

Contente em contemplar Sua face,  
Todos os meus desejos a Ele resignados;  
Nenhuma mudança de estação ou lugar  
Faria qualquer mudança em minha mente;  
Enquanto estou abençoado com o senso do Seu amor,  
Um palácio pareceria um brinquedo;  
Prisões pareceriam um palácio  
Se estivesse habitando ali comigo.

## **CELEBRAÇÃO**

Embora ignorada e mal entendida, a celebração é uma das mais importantes disciplinas de engajamento. Ela é a complementação da adoração, pois se baseia na grandeza de Deus conforme revelada em sua bondade *para conosco*. Nós nos engajamos na celebração quando nos alegramos em nós mesmos, em nossa vida e no nosso mundo, *em conjunção com* nossa fé e confiança na grandeza, beleza e bondade de Deus. Nós nos concentramos em *nossa vida e* nosso mundo como obras de Deus e como presentes dele para nós.

Tipicamente, significa que nos reunimos com outras pessoas que conhecem a Deus, para comer e beber, cantar e dançar, e para relatar histórias das ações de Deus em nossa vida e na vida do seu povo. Miriã (Êx 15.20), Débora (Jz 5) e Davi (2 Sm 6.12-16) são exemplos bíblicos vívidos de celebração, assim como o primeiro milagre público de Jesus no casamento em Caná (Jo 2) e os períodos de festas do povo de Israel. A celebração foi mantida pela Igreja nos seus dias de festas estabelecidos até a era protestante e continua hoje nas Igrejas Católica Romana e Ortodoxa.

Alegria e deleite santos são o grande antídoto para o desespero e uma fonte de genuína gratidão que começa nos nossos pés e irrompe pelo nosso corpo todo, até o alto de nossa cabeça, arremessando-nos por completo na direção do nosso bom Deus.

O caráter surpreendente, sensual e terreno da celebração, ou júbilo, em nenhum outro lugar é mais claramente retratado do que

nas instruções de Deuteronômio 14. Ali, o dízimo dos produtos agrícolas devia ser usado numa festa diante do Senhor, numa viagem de férias até a grande cidade de Jerusalém. Se os indivíduos morassem longe demais dessa cidade e não conseguissem levar até lá seus produtos, estes deviam ser vendidos e o dinheiro levado a Jerusalém, onde (você está pronto para ouvir isso?) podiam "comprar" o que quisessem: bois, ovelhas, vinho ou outra bebida fermentada, ou qualquer outra coisa que desejassem. Então, juntamente com suas famílias, e os levitas inclusive, comiam e alegravam-se ali, na presença do Senhor, o seu Deus (14.26,27). Convém dizer que a "bebida fermentada" mencionada não era refrigerante! Não obstante, o ponto importante desse exercício era: "Aprendam a temer sempre o Senhor, o seu Deus" (14.23).

O livro de Eclesiastes contém admoestações similares. Por exemplo:

"Assim, descobri que, para o homem, o melhor e o que mais vale a pena é comer, beber, e desfrutar o resultado de todo o esforço que se faz debaixo do sol durante os poucos dias de vida que Deus lhe dá, pois essa é a sua recompensa. E quando Deus concede riquezas e bens a alguém e o capacita a desfrutá-los, a aceitar a sorte e a ser feliz em seu trabalho, isso é um presente de Deus. Raramente essa pessoa fica pensando na brevidade de sua vida, porque Deus o mantém ocupado com a alegria do coração" (Ec 5.18-20; veja também 2.24 e 3.12-23).

Pode ter certeza de que eu não sou a favor da bebedeira como uma disciplina espiritual, nem mesmo a vejo como tendo algum proveito. O abuso do álcool é atualmente uma maldição sobre a terra. Celebração não é tudo, nem é a disciplina da fé; exige a complementação e a correção mediante outras práticas que favoreçam um equilíbrio. No entanto, definitivamente, este mundo não combina com o coração humano. O sofrimento e o terror da vida não serão removidos, não importa *quão* "espirituais" sejamos. É por causa disso que uma fé sadia diante de Deus não pode ser construída e mantida sem a celebração de coração de sua grandeza e bondade para *conosco* em meio aos nossos sofrimentos

e terrores. "Há tempo de chorar e tempo de rir, tempo de prantear e tempo de dançar" (Ec 3.4 ). Trata-se do exercício e da disciplina da fé para aceitar e enfrentar os tempos como são, inclusive o tempo de alegria.

Certamente essas idéias parecerão hedonistas demais para muitos cristãos. Entretanto, nós desonramos tanto a Deus temendo e evitando o prazer como o fazemos dependendo do prazer e vivendo para ele. Veja mais uma vez as palavras de *Screwtape*. Ele está repreendendo seu pupilo demônio, *Wormwood*, por permitir que seu "paciente" lesse um livro do qual realmente gostava e desse um passeio pelo campo, o que o encheu de alegria.

"Em outras palavras", diz *Screwtape*, "você lhe permitiu dois prazeres reais. Você era tão ignorante a ponto de não ver o perigo disso?" Daí, ele observa:

O homem que verdadeira e desinteressadamente tem prazer em qualquer coisa no mundo, para o seu próprio favor, e sem dar a mínima para o que as outras pessoas dizem, por este fato se prepara contra alguns dos nossos mais sutis modos de ataque. Você sempre deve tentar fazer o "paciente" abandonar pessoas, comidas ou livros de que realmente goste em favor da "melhor" pessoa, do alimento "correto" e dos livros mais "importantes". Já vi humanos se defenderem contra fortes tentações de ambição social por um gosto ainda mais forte por tripas e cebolas.

Em outro lugar, *Screwtape* afirma que quando os demônios estão lidando com qualquer prazer em sua forma saudável, normal e satisfatória, eles estão no campo do inimigo. Ele diz que já perderam muitas almas por meio do prazer: "É sempre a mesma coisa; o prazer é invenção dele [Deus] e não nossa [demônios]. Ele fez os prazeres: até agora todas as nossas pesquisas não nos deram condições de produzir nenhum."

Na celebração, a fé às vezes se transforma numa alegria esfuziante que atravessa todo o nosso ser físico, quando começamos a ver realmente quão grande e amoroso é Deus e quão bondoso tem sido para conosco. Mesmo aquelas pessoas consideradas em geral como arruinadas (Lc 6.20-23; Mt 5.3-12) – o

pobre, o desafortunado e o perseguido – experimentam um bem-estar celestial na companhia de Deus. Festejar, dançar, cantar e testemunhar tornam-se desejos irreprímíveis:

"Com o teu auxílio posso atacar uma tropa; com o meu Deus posso transpor muralhas" (Sl 18.29). "Mudaste o meu pranto em dança, a minha veste de lamento em veste de alegria, pata que o meu coração cante louvores a ti e não se cale. Senhor, meu Deus, eu te datei graças para sempre" (Sl 30.11,12). Mas isso ainda não é o bastante. As colinas devem cantar, e as árvores devem irromper em aplausos para Deus (Is 55.12). Toda a criação deve louvar ao Senhor (Sl 148-150).

A celebração feita de coração torna nossas privações e tristezas pequenas; e nós encontramos nela grande força para fazer a vontade de nosso Deus, porque sua bondade se torna real para nós.

## **SERVIÇO**

Pelo serviço, nós engajamos nossos bens e forças na promoção ativa do bem dos outros e da causa de Deus no mundo. Aqui temos de fazer uma importante distinção. Nem todo ato que *pode* ser feito como uma disciplina *precisa* ser feito como uma disciplina. Muitas vezes, eu serei capaz de servir a outras pessoas simplesmente como um ato de amor e de justiça, sem considerar como isso pode melhorar minha habilidade de seguir a Cristo. Certamente não há nada de errado com isso, e pode até fortalecer minha vida espiritual. Mas eu posso também servir a outras pessoas para me afastar da arrogância, do egoísmo, da inveja, do ressentimento e da cobiça. Neste caso, meu serviço é empreendido como uma disciplina para a vida espiritual.

Tal disciplina é muito útil àqueles cristãos que se encontram – como muitos – em posições "inferiores" na sociedade, no trabalho e na igreja. Só isso pode nos treinar em hábitos de serviço amoroso aos outros e nos livrar do ressentimento, capacitando-nos a nos

alegrar (pela fé) em nossa posição e trabalho por causa do seu significado exaltado diante de Deus.

De forma paradoxal, o serviço é a auto-estrada para a liberdade da escravidão a outras pessoas. Nele, como Paulo percebeu, deixamos de "agradar aos homens" e de ser "servos dos olhos", pois estamos agindo em Deus em nossas obras mais inferiores: "Escravos, obedeçam em tudo a seus senhores terrenos, não somente para agradá-los quando eles estão observando, mas com sinceridade de coração, pelo fato de vocês temerem o Senhor. Tudo o que fizerem, façam de todo o coração, como para o Senhor, e não para os homens, sabendo que receberão do Senhor a recompensa da herança. É a Cristo, o Senhor, que vocês estão servindo" (Cl 3.22-24).

Será que este princípio pode ser aplicado por uma mãe de seis filhos pequenos que tem de deixá-los sozinhos numa vizinhança perigosa para fazer limpeza em escritórios à noite e assim poder sustentá-los? É aplicável pelo refugiado da América Central que empurra seu carrinho de sorvete pelas ruas, tocando o sino enquanto vai adiante?

Embora o evangelho do Reino de Deus não proporcione a mínima sombra de justificativa para que os crentes afortunados não façam tudo o que puderem para ajudar os pobres, se essas pessoas ouvirem e receberam de coração o evangelho, este princípio, na verdade, *deve* ser aplicado por eles. Deus só pode abençoar as pessoas onde elas estão. Somente o ensino claro e o exemplo, com muita prática na disciplina do serviço, podem nos fortalecer neste assunto.

No entanto, eu creio que a disciplina do serviço é mais importante para os cristãos que se encontram em posições de influência, poder e liderança. Viver como servo enquanto desempenha papéis socialmente importantes é um dos grandes desafios que qualquer discípulo pode enfrentar. Isso é mais difícil porque a igreja não oferece um treinamento especial para pessoas engajadas nesses papéis e, insensatamente, segue o modelo do mundo considerando tais pessoas como "formadas". A igreja, às vezes, até considera as pessoas qualificadas para falar como autoridades na vida espiritual por causa do sucesso delas no mundo.

Algumas das coisas mais importantes que Jesus disse se relacionavam à forma como os líderes tinham de viver:

Vocês sabem que os governantes das nações as dominam, e as pessoas importantes exercem poder sobre elas. Não será assim entre vocês. Ao contrário, quem quiser tornar-se importante entre vocês deverá ser servo, e quem quiser ser o primeiro deverá ser escravo; como o Filho do homem, que não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos (Mt 20:25-28)

Nós interpretamos mal essa passagem se a lemos meramente como instruções sobre como nos tornar grandes. Ela é, na verdade, uma afirmação sobre como aqueles que *são* grandes devem se comportar. Ser "grande" e viver como um servo é um dos mais difíceis empreendimentos espirituais. No entanto, é este o padrão de vida necessitado por este mundo escoriado e sofrido, sem o qual jamais chegaremos a uma existência decente. Aqueles que viverem por este padrão devem empreendê-lo mediante a disciplina do serviço sob o poder de Deus. Pois só isso os preparará para exercer o poder sem corromper suas almas.

Jesus disse aos seus discípulos que lavassem os pés uns dos outros e deu-lhes o exemplo (Jo 13.4). No entanto, onde estão os cursos de teologia que ensinam aos líderes em todas as áreas da vida – inclusive na igreja – a fazer (e como fazer) isso habitualmente como a coisa mais certa a ser feita?

O serviço aos outros, no espírito de Jesus, nos leva à liberdade de uma humildade que não carrega fardos de "aparência". Permite-nos uma humildade autêntica: um pedaço vivo de barro que, como servo de Deus, está aqui e agora com a habilidade de fazer coisas boas e necessárias para outros pedaços de barro. A experiência do amor ativo, liberado e fluindo por nosso intermédio, nos guardará em tais ocasiões de muitos abismos na vida espiritual.

Devemos, então, nos esforçar para ministrar a todas as pessoas que cruzam o nosso caminho e estar abertos para servi-las. E servir com a atitude certa, não de qualquer maneira (com



ansiedade ou uma atitude obsequiosa e exageradamente solícita), mas com facilidade e confiança nascida de nossa visão de que nossa vida está nas mãos de Deus.

## **ORAÇÃO**

Oração é comunicação com Deus. É conversar com Ele. Quando oramos, falamos com Deus, seja em voz alta ou em pensamento. Para que funcione bem, a oração envolve outras disciplinas e atividades espirituais: estudo, meditação e adoração. Muitas vezes, também solitude e jejum.

A vida espiritual seria um empreendimento de baixa voltagem se a oração fosse principalmente empreendida como uma disciplina, e não como um meio de colaborar com Deus para realizar boas coisas e promover os propósitos do seu Reino. Mesmo assim, a oração pode ser uma disciplina altamente efetiva, conforme vemos no conselho do Senhor àqueles que estavam com Ele no Getsêmani: "Vigiem e orem para que não caiam em tentação".

De fato, os efeitos indiretos da oração em nossa vida são tão óbvios e tocantes que às vezes são erroneamente tratados como o único elemento da oração. Mesmo quando o assunto de nossa oração não é nossa necessidade espiritual e nosso crescimento, conversar com Deus, ainda assim, tem um efeito amplo de fortalecimento espiritual de todos os aspectos de nossa personalidade. A oração verdadeira deixa uma impressão indelével em nossa mente e uma consciência vívida e permanente de Deus.

O. Hardman descreve muito bem como aquele que está imerso na oração encara o mundo de políticas absurdas, de luta por privilégios e segurança, de suspeitas, ingratidão e resistência ao bem:

Continuando num espírito de oração, depois da conclusão de cada período de comunhão definida com Deus, ele [o crente] se preparará para superar cada risco legítimo; para fazer o que é certo, sem medo das conseqüências; e para abraçar um propósito de amor para com aqueles que se lhe opõem, assim como para com aqueles que concordam com ele, numa tentativa

de realizar a visão e exercitar a compaixão que recebeu na oração. Os muitos grupos nos quais seus companheiros estão divididos serão vistos por ele à luz do todo, e ele se esforçará para encurtar as distâncias e assim contribuir para a unidade viva que é experimentada por ele por antecipação, quando, em momentos de intensa oração, é levado à presença de Deus e enchido com a alegria da união. Antagonismos econômicos, sociais, políticos, nacionais e raciais estão aguardando esta única solução do beco sem saída onde se encontram. Não há outro caminho.

Estão enganados aqueles que consideram a oração como irrelevante para as condições sociais! Embora muita coisa chamada de "oração" seja bem inútil em muitos aspectos, nada é mais relevante para as condições sociais do que a transformação da vida dos discípulos de Cristo que oram.

Orar com freqüência nos dá a prontidão para orar de novo, sempre que necessário. Quanto mais oramos, mais pensamos em orar, e, quando vemos os resultados da oração – as respostas de nosso Pai aos nossos pedidos –, nossa confiança no poder de Deus transborda para outras áreas de nossa vida. Com base em vasta experiência em oração na sua vida de esposa de missionário e mãe, Rosalind Goforth explica: "Talvez o elemento mais abençoado neste 'pedir e receber' de Deus esteja no fortalecimento da fé que ocorre quando um pedido específico é atendido. O que poderia ser mais útil e inspirador do que um testemunho tremendo *do que Deus tem jeito?*"

Todavia, a oração como disciplina tem seu clímax no fortalecimento da vida espiritual quando aprendemos a *orar sem cessar* (1 Ts 5.17; Fp 4.6). Devemos praticar a presença de Deus em cada ação que empreendemos. Este é um fato experimental que já foi provado na vida de muitos discípulos de Jesus, antigos e modernos. Deus nos suprirá em amor, e o amor manterá nossa mente voltada para Ele, assim como o magnetismo atrai a agulha da bússola. O hábito será confirmado em graciosa interação, e toda nossa vida será banhada na presença de Deus. Oração constante será um "fardo" para nós da mesma maneira que as asas são um fardo para o pássaro que voa.

A oração, porém, só se estabelece em nossa vida para que floresçamos quando praticamos outras disciplinas tais como solitude e jejum. Em muitas igrejas protestantes, a oração e o estudo da Bíblia são tratados como *as* atividades que nos fazem espiritualmente ricos. No entanto, pouquíssimas pessoas têm sucesso de fato em alcançar a riqueza espiritual por meio delas. Na verdade, muitas vezes as consideram como pesos intoleráveis.

O "segredo aberto" de muitas igrejas que "crêem na Bíblia" é que uma porcentagem muito pequena daqueles que falam sobre oração e leitura da Bíblia praticam, de fato, o que estão falando. Ainda não lhes foi mostrado como mudar suas vidas, temperando-as com as disciplinas adequadas de modo que a oração e a leitura da Bíblia sejam espiritualmente proveitosas.

Exemplos daqueles que são especialmente efetivos na oração e no estudo (como David Brainerd, John Fletcher e Charles Finney) são apresentados de tal maneira que os ouvintes não percebem que aqueles homens praticavam com cuidado a totalidade das disciplinas espirituais, por isso sabiam como orar.

A ênfase no caráter da disciplina geral por toda a vida não deve ser perdida de vista se a oração tiver de ser a obra poderosa e a disciplina efetiva que Deus quer que ela seja.

## **COMUNHÃO**

Na comunhão, nós nos engajamos nas atividades comuns de adoração, estudo, oração, celebração e serviço com outros discípulos. Ela pode envolver grandes grupos ou apenas umas poucas pessoas. Pessoas unidas podem conter mais de Deus e sustentar a força de sua presença de modo mais efetivo do que indivíduos isolados. O fogo de Deus queima mais alto quando a lenha é empilhada e cada uma sente a chama da outra. Os membros do corpo devem estar em *contato* a fim de sustentarem-se uns aos outros. A redenção cristã não foi projetada para ser algo solitário, embora cada indivíduo tenha um relacionamento único e direto com Deus e Ele, e apenas Ele, seja o Senhor e Juiz de cada um e de todos. No entanto, a Vida exige certa conjunção regular e profunda com outros que a compartilham. Ela diminui grandemente quando falta comunhão.

Os diversos dons ou graças do Espírito são distribuídos entre os membros individuais do corpo de Cristo, a Igreja. A unidade do corpo – funcionando corretamente – é garantida pela reciprocidade de necessidades e ministérios. Não há "se" ou "talvez", ou "não faça se não quiser". É como as coisas de fato funcionam na nova vida.

"A cada um, porém, é dada a manifestação do Espírito, visando o bem comum. Pelo Espírito, a um é dada a palavra de sabedoria; a outro, pelo mesmo Espírito, a palavra de conhecimento; a outro, fé, pelo mesmo Espírito; a outro, dons de curar, pelo único Espírito; a outro, poder para operar milagres; a outro, profecia; a outro, discernimento de espíritos; a outro, variedade de línguas; e ainda a outro, interpretação de línguas. Todas essas coisas, porém, são realizadas pelo mesmo e único Espírito, e ele as distribui individualmente, a cada um, como quer" (I Co 12.7-11).

Por causa dessa reciprocidade no corpo de Cristo, a comunhão é requerida para permitir a realização de um nível alegre e sustentado da vida em Cristo, normalmente impossível de ser alcançado pelo esforço individual, não importa quão vigoroso seja. Na comunhão, nós temos o ministério de todos os dons do Espírito para a Igreja.

## **CONFISSÃO**

Confissão é uma disciplina que funciona dentro da comunhão. Nela, permitimos que pessoas confiáveis conheçam nossas fraquezas mais profundas e nossas falhas. Isso nutre nossa fé na provisão de Deus para nossas necessidades por meio do seu povo, nosso senso de ser amado e nossa humildade diante de nossos irmãos. Assim permitimos que alguns amigos em Cristo saibam quem somos na verdade, não retendo nada importante, mas procurando manter a máxima transparência. Deixamos de carregar o peso de esconder e fingir, que normalmente absorve uma quantidade espantosa de energia, e engajamo-nos mutuamente nas profundezas da alma.

A igreja do Novo Testamento parece ter admitido que, se um irmão tivesse alguma enfermidade ou estivesse passando por qualquer aflição, a situação *poderia ser* motivada por um pecado, que separava a pessoa do pleno fluir da vida redentora. Assim, a Epístola de Tiago (5.16) diz: "Confessem os seus pecados uns aos outros e orem uns pelos outros para serem curados. A oração de um justo é poderosa e eficaz. "Temos de aceitar o fato de que um pecado inconfesso é um tipo especial de jugo ou obstrução na realidade psicológica e física do cristão. A disciplina da confissão e do perdão remove este jugo.

A confissão também ajuda a *evitar* o pecado. Provérbios 28.13 diz que "quem esconde os seus pecados não prospera, mas quem os confessa e os abandona encontra misericórdia". Obviamente, "confessar" ajuda a "abandonar", pois persistir num pecado dentro de um círculo íntimo de relacionamentos (sem mencionar a comunhão no corpo transparente de Cristo) é insuportável. Dizem que a confissão é boa para a alma mas ruim para a reputação; e que uma má reputação torna a vida mais difícil em relação às pessoas mais próximas, isso todos nós sabemos. No entanto, proximidade e confissão nos forçam a manter uma distância do mal. Nada oferece melhor suporte para o comportamento correto do que a verdade aberta.

Abrir a alma para um amigo cristão maduro ou um ministro qualificado capacita essa pessoa a orar por problemas específicos e fazer coisas que podem ser úteis à redenção daquele que está confessando. Somente a confissão torna possível a comunhão *profunda*, e a falta dela explica muito da superficialidade encontrada nas igrejas. O que torna a confissão suportável? A comunhão. Há uma reciprocidade essencial entre as duas disciplinas.

Onde há confissão dentro de uma comunidade, a *restituição* não pode ser omitida e também serve como uma poderosa disciplina. É difícil não retificar os erros, uma vez que são confessados e conhecidos. É evidente que nem todo pecado exige restituição. Contudo, é inconcebível que eu sinceramente confesse a meu irmão que roubei sua carteira ou manchei sua reputação e depois siga alegremente meu caminho sem tentar fazer alguma coisa em relação ao que foi perdido.

Em geral, nossa integridade inata (uma força dentro de nossa personalidade) *exige* restituição. Frequentemente, não é uma experiência muito agradável, mas de fato fortalece nossa vontade de fazer a coisa certa.

A confissão é uma das disciplinas mais poderosas para a vida espiritual. No entanto, com facilidade, pode haver abusos; e o seu uso efetivo requer considerável experiência e maturidade, tanto por parte do indivíduo envolvido como da liderança do grupo – o que nos leva à última disciplina.

## **SUBMISSÃO**

O mais alto nível de comunhão – que envolve humildade, completa honestidade, transparência e às vezes confissão e restituição – é sustentado pela disciplina da submissão.

O livro de Hebreus (13.17) diz: "Obedeçam aos seus líderes e submetam-se à autoridade deles. Eles cuidam de vocês como quem deve prestar contas. Obedeçam-lhes, para que o trabalho deles seja uma alegria e não um peso..." Em I Pedro (5.2,3), os mais antigos no Caminho são instruídos a pastorear o rebanho de Deus, não como obrigação nem como dominadores dos que lhes foram confiados, mas *como exemplos para o rebanho*. Os mais novos são instruídos a se submeterem a essa gentil liderança, e todos são mantidos juntos como uma comunidade em submissão mútua: "No trato de uns com os outros, cingi-vos todos de humildade, porque Deus resiste aos soberbos, contudo, aos humildes concede a sua graça" (1 Pe 5.5, ARA; veja também Ef 5.21).

A ordem na comunidade redimida não é uma questão de hierarquia férrea na qual almas indispostas são esmagadas. Ao contrário, ela funciona no poder da verdade e da misericórdia que habita nas personalidades maduras, sendo a expressão do Reino que não é deste mundo (Jo 18.36). De outra forma, a Igreja adotaria o modelo de um governo puramente humano. Infelizmente, vemos isso acontecendo em tentativas equivocadas de algumas comunidades cristãs. O Caminho de Jesus não conhece a submissão fora do contexto da submissão *mútua*, de todos para com todos (Ef 5.21; Fp 2.3).

A submissão é um pedido de socorro àqueles reconhecidos como capazes de ajudar por causa da sua profunda experiência e

semelhança com Cristo – porque realmente são "anciãos" no Caminho. Na submissão, nós nos engajamos na experiência daqueles em nosso convívio que são qualificados para orientar nossos esforços para o crescimento e que, assim, acrescentam o peso de sua sábia autoridade ao nosso espírito disposto, ajudando-nos a fazer as coisas que gostaríamos de fazer e a nos guardar daquilo que não queremos fazer. Eles supervisionam a ordem piedosa em nossa alma, bem como em nossa comunhão, e no corpo de Cristo em geral.

No entanto, essas pessoas "sábias", em quem podemos confiar, não olham para si mesmas como "líderes". O exemplo que elas dão e ao qual nos submetemos é o de sua própria *submissão* e da disposição delas em *servir às pessoas*. Este é o aspecto da verdadeira liderança; não é *domínio*, conforme prevalece na sociedade secular e em algumas igrejas, onde aqueles que estão no "controle" não conhecem como é *verdadeiramente* bendita esta livre "ordem que se encontra nas beatitudes".

Este é o começo do Reino "cortado sem auxílio de mãos" (Dn 2.34). Esse Reino no tempo oportuno encherá a Terra e transformará os reinos deste mundo no Reino de nosso Deus e do seu Cristo!

## **ESSAS DISCIPLINAS SÃO ADEQUADAS?**

Estas, então, são algumas das principais disciplinas para a vida espiritual. Como indicamos, há muitas outras atividades que, na situação certa e para a pessoa certa, poderiam ser consideradas como disciplinas espirituais no sentido mais estrito estabelecido no capítulo anterior. A caminhada com Cristo permite e *desafia* a criatividade individual e a atitude experimental nesta questão. O alcance, ou a extensão das disciplinas, é em grande parte determinado pela nossa própria tendência ao pecado (que deve ser resistida), bem como pelas possíveis oportunidades de serviço amoroso a Deus e ao, próximo que se oferecem para criaturas como nós.

A disciplina central em nossa vida será determinada pelos principais pecados que nos seduzem ou ameaçam no dia-a-dia. Arrogância, inveja, ira, preguiça, avareza, gula e cobiça – os sete pecados "capitais" da história teológica e literária – e muitos outros

não são fantasmas ou piadas, mas duras realidades, cujos efeitos nocivos podem ser vistos a toda hora. Eles exigem uma resposta igualmente dura de nossa parte, sustentada pela graça infinita.

A lista de disciplinas apresentada acima proporciona essa resposta. Quando nos engajamos nas atividades mencionadas, com consciência e criatividade, adaptando-as à nossa necessidade individual, tempo e contexto, elas serão mais do que adequadas para nos ajudar a receber a vida plena de Cristo e nos tornar as pessoas que emergirão do ato de seguir a Jesus. Outras disciplinas podem ser acrescentadas, mas há aquelas que são fundamentais. E, se essas forem praticadas com fidelidade, nos guiarão a outras disciplinas que devam ser acrescentadas.

## **10. A POBREZA É ESPIRITUAL?**

o irmão de condição humilde deve orgulhar-se quando estiver em elevada posição. E o rico deve orgulhar-se caso passe a viver em condição humilde, porque o rico passará como a flor do campo. (Tg 1.9,10).

Ordene aos que são ricos no presente mundo que não sejam arrogantes, nem ponham sua esperança na incerteza da riqueza, mas em Deus, que de tudo nos provê ricamente, para nossa satisfação. Ordene-lhes que pratiquem o bem, sejam ricos em boas obras, generosos e prontos a repartir. Dessa forma, eles acumularão um tesouro para si mesmos, um firme fundamento para a era que há de vir, e assim alcançarão a verdadeira vida (I Tm 6.17-19).

### **DEVEMOS SER POBRES?**

Bens materiais e dinheiro causam desconforto na mente de muitos cristãos sinceros. Primeiro, por temerem fracassar na responsabilidade de ajudar outras pessoas com os bens que têm à sua disposição. Segundo, por ficarem assustados com o pensamento radical de que seu serviço a Deus seria mais efetivo se fossem pobres – ou pelo menos se nada possuíssem além do



essencial às suas necessidades cotidianas. Os cristãos ficam perturbados com a idéia de que seus bens materiais ou dinheiro são maus. Eles se perguntam: "É correto possuir mais do que se necessita quando tantos outros não possuem nem o básico?" "Não confiaríamos mais em Deus sem os bens materiais nos quais confiar?" Ou: "Não seríamos mais livres para servir a Deus se não tivéssemos de cuidar de bens materiais?"

Até mesmo Adam Smith, um dos ícones do capitalismo, comentou: "O mendigo, que caminha à beira da estrada, possui a segurança que os reis lutam para conseguir."

Não deveríamos ser como as aves do céu, que "não semeiam, não colhem e nem ajuntam em celeiros" (Mt 6.26)? *Esta parece ser a verdadeira vida de fé.* Se isso for verdade, como pudemos deixar de incluir a pobreza em nossa lista das principais disciplinas para a vida espiritual? Há uma razão muito boa. A idealização da pobreza é *uma das mais perigosas ilusões dos cristãos no mundo contemporâneo.* Mordomia – que exige a posse de bens e a generosidade de dar – é a verdadeira disciplina espiritual em relação à riqueza.

## **POSSUIR, USAR E CONFIAR NAS RIQUEZAS**

Não há dúvida de que falhamos em compartilhar nossos bens como deveríamos. Não há justificativa nenhuma para a vida de desperdício, de consumo frívolo ou luxo exacerbado. A frugalidade é uma disciplina e uma virtude cristã primária. Temos de notar, porém, que tais falhas dizem respeito ao *uso* dos bens materiais, e não à posse deles. Pobreza e riqueza têm a ver com a *posse* de bens. Culpa e condenação pela mera posse de bens não fazem parte da fé bíblica e, no final, são barreiras ao uso correto das riquezas da Terra.

Mesmo assim, com freqüência, um ardente senso de indignação pela injustiça social e um elevado senso de "espiritualidade" nos impede de pensar claramente. Quando lidamos com "riqueza e pobreza", é necessário entender a distinção entre a posse e o uso da riqueza, mas também entender a diferença entre ser rico e *confiar na riqueza.*

*Possuir* riqueza é ter o *direito* de decidir como ela será ou não usada. *Usar* a riqueza, por outro lado, é *decidir* como ela será

consumida ou transferida para outras pessoas em troca de algo que desejamos. A diferença entre posse e uso torna-se imediatamente clara quando pensamos sobre como às vezes usamos e controlamos o uso das riquezas que não possuímos e influenciemos as decisões daqueles que as possuem. É possível usar ou consumir bens materiais que não se possui e é possível possuir aquilo que não se quer ou não se pode usar.

*Confiar* na riqueza, por outro lado, é depender dela para obter ou assegurar o que mais desejamos. É pensar que ela trará alegria e bem-estar e supor que estamos seguros porque a possuímos. Podemos até supor, como o rico insensato do relato do Evangelho (Lc 12.19), que somos *melhores* do que aqueles que nada possuem. Confiar, amar e servir à riqueza é uma progressão lógica, na qual chegamos à condição em que colocamos nossos bens, por meio das nossas ações, acima dos valores supremos da vida humana ou mesmo acima de Deus e seu serviço.

À luz dessas distinções, fica claro que *podemos* possuir bens sem usá-los ou sem confiar neles. A posse somente nos dá o direito de arbítrio do uso da riqueza. E *podemos* usá-la sem confiar nela. Somos dolorosamente conscientes de como podemos confiar na riqueza (e servir a ela) sem sequer possuí-la ou usá-la. Aquelas pessoas pobres cuja fé está na riqueza que não possuem e nem podem estão entre as mais infelizes da Terra.

## **POBREZA E INJUSTIÇA**

Poucas pessoas no mundo são ricas e poderosas. Muitas são pobres e fracas. Alguns ricos, muitas vezes, lesam ativamente o próximo, no processo de aquisição ou de manutenção da riqueza. Outros lesam o próximo permitindo que sofra, em vez de compartilhar com ele o que têm. Há uma clara desigualdade na distribuição dos bens necessários à vida, e grande parte dessa desigualdade é um reflexo da injustiça. Todos nós sabemos muito bem disso.

Ademais, os ricos persistem em utilizar mal suas riquezas, de muitas formas. Por exemplo, vivem num luxo imoral e exploram os mais pobres, ou investem o dinheiro de tal maneira a beneficiar práticas perniciosas e pessoas perversas. Muitos ricos buscam a

riqueza, confiam nela e servem a ela em prejuízo do corpo, da alma e dos seus entes queridos.

Os problemas causados pela riqueza e pela pobreza na vida humana não dizem respeito somente à teologia ou à ética social e pessoal. Eles chegam até os alicerces da ordem social. Falamos de "economia" empregando termos técnicos incompreensíveis, mas são as questões econômicas que abrem a porta para os regimes mais repressivos e sanguinários, tanto de Direita como de Esquerda.

Esses regimes oferecem "soluções" que exigem a morte de milhões de pessoas – cerca de dez milhões nas mãos dos nazistas, dez milhões na Ucrânia, três milhões no Camboja. No mundo moderno, os argumentos primários de tais regimes são principalmente econômicos – justiça econômica ou igualdade é o alvo declarado. Em algum ponto, porém, as considerações "econômicas" são transformadas em ruína ou aniquilação de vidas humanas. As vezes isso se deve ao "bem e à ordem"; outras vezes, à promoção dos "requerimentos da revolução".

Isso posto, é fácil ver porque muitas pessoas tacham a riqueza em si como má e a posse de bens materiais como essencialmente errada. Elas entendem que a riqueza e os ricos estão contra Deus. Um erudito da estatura de Alastair MacIntyre fez o seguinte comentário superficial: "O Novo Testamento claramente vê o rico como destinado às dores do inferno." Padre Ernesto Cardenal, um sacerdote católico e ministro da Cultura no governo sandinista da Nicarágua, interpreta as palavras de Cristo como se Ele estivesse dizendo "que o rico jamais poderá entrar no Reino de Deus". Creio que essas figuras bem conhecidas estão apenas dizendo em voz alta o que a maioria das pessoas com consciência social considera como o ensino cristão.

## **O LAMENTO DE JOHN WESLEY PELOS CRISTÃOS PRÓSPEROS**

Essa atitude, porém, não é realmente nova. John Wesley (1703- 1791) ficava profundamente perturbado quanto ao relacionamento dos ricos com a vida cristã. A maioria dos seguidores de Wesley era das classes economicamente inferiores. Ele observava, porém, que a forma de vida resultante de sua

pregação tornava seus convertidos prósperos, o que fazia com que se tornassem egoístas, indulgentes e sem abnegação.

Em um tocante sermão, "A Ineficácia do Cristianismo", Wesley clama: "Estou triste! Não sei o que fazer! "Ele chegou a sugerir que" o verdadeiro cristianismo bíblico tem uma tendência de solapar e destruir a si próprio". O cristianismo gera diligência e frugalidade, que são passos que levam à riqueza. A riqueza, por sua vez, "gera orgulho, amor ao mundo e todo tipo de condições destrutivas ao cristianismo".

Apesar de toda a sua genialidade religiosa (e era muita), John Wesley não conseguiu vislumbrar a possibilidade de um ensino cristão ou disciplina que produzisse uma pessoa capaz de possuir bens e poder sem se corromper (I Tm 6.17-19). Ele não podia acreditar que aqueles que têm dinheiro *não precisam* amar o dinheiro (I Tm 6.9-10).

Wesley devia saber que ninguém ama ou confia mais no dinheiro do que aqueles que não o têm. Ele certamente sabia que "ainda que eu dê aos pobres tudo o que possuo e entregue o meu corpo para ser queimado, se não tiver amor, nada disso me valerá" (I Co 13.3). O desprendimento em si não pode assegurar um relacionamento apropriado com Deus.

Wesley vislumbrou, contudo, uma solução equivocada. Ele disse: "Só posso enxergar um caminho possível. Se alguém for capaz, encontre outro. Você ganha muito e economiza o máximo que pode? Então, de acordo com a natureza das coisas, você ficará rico. Portanto, se você tem algum desejo de escapar da condenação do inferno, dê tudo o que puder. De outra forma, você não terá mais esperança de salvação do que Judas Iscariotes."

## **O PRECONCEITO CRISTÃO CONTRA A RIQUEZA**

Suponha que você possui grandes propriedades e muito dinheiro, e que seja capaz, a longo prazo, de contribuir muito mais em favor dos outros ou pela promoção dos propósitos de Deus do que conseguiria apenas compartilhando com os pobres o que lhe sobra, à medida que lhe chega às mãos, ou seguindo alguma outra linha de ação que absorva todos os seus recursos financeiros.

Suponha que, *como* um industrial, homem de negócios, comerciante, funcionário público, editor, agricultor ou administrador universitário próspero, você tenha uma ampla influência sobre seus empregados ou sócios, e sobre outras pessoas, podendo usar essa influência para dar testemunho da realidade do Reino de Cristo.

Suponha que, na posse e uso de suas propriedades, dinheiro e influência, você tenha um padrão de vida acima da média.

A questão, então, é: você necessariamente seria mais santo e melhor despenseiro da graça e dos bens de Deus se simplesmente *se livrasse* o mais rápido possível de seus bens materiais?

Vamos repetir o ensaio. Um cristão sincero e devoto é pobre – seu dinheiro só dá para a sobrevivência. Outro cristão igualmente sincero e devoto é um empresário bem-sucedido que exercita sua habilidade natural para os negócios de forma honesta e fiel. Ele mantém recursos financeiros substanciais e os emprega com sabedoria para bons propósitos. Será que o pobre é necessariamente uma pessoa melhor e um melhor servo de Deus *simplesmente* porque só tem o dinheiro suficiente para sobreviver?

Minha experiência com a apresentação deste teste às pessoas indica que, quanto mais devota e socialmente consciente uma pessoa for, provavelmente pensará que você é uma pessoa melhor sendo pobre – quando há igualdade em todos os outros aspectos, conquanto acreditem que, se o bem realizado mediante a posse de bens materiais for grande e não puder ser feito de outra maneira, o rico seja "perdoado" por não ser pobre.

John Wesley defendia essa idéia. Em seu diário de 6 de setembro de 1750, ele mencionou a publicação de um artigo sobre o falecimento de "um dos nossos pregadores". O falecido não tinha condições financeiras de pagar o próprio funeral, e Wesley observou com satisfação: "É isso que um pregador solteiro deve deixar para seus executores!"

Wesley claramente pensava que era bom que o homem tivesse poucos bens ao morrer. Contudo, não seria igualmente bom, ou até melhor, que tivesse muitos bens, cuidadosamente administrados para o benefício de outros e a glória de Deus? E que pudesse ter feito muito mais pelos outros dessa forma do que abrindo mão de todos os seus bens? Certamente que sim.

## **NENHUMA VANTAGEM NA POBREZA**

Embora certos indivíduos tenham um chamado específico para a pobreza, em geral ser pobre é uma das maneiras mais precárias de ajudar os pobres. Além disso, nunca encontrei uma pessoa que seja melhor do que as outras apenas por ser pobre. Em certas situações, as pessoas podem até cometer menos erros do que cometeriam se tivessem mais recursos. Em alguns casos, a pobreza pode ter o crédito de ter assegurado a *falta* de oportunidade de se fazer o mal, embora isso não a recomende àqueles que não estão buscando tais oportunidades.

O fato de o indivíduo abrir mão de bens materiais, tornando-se pobre, pode ser louvável sob certas circunstâncias. No entanto, a virtude ou a disciplina está em "dar", e não no estado de carência. E, depois que tudo é dado, não se pode mais ajudar ninguém. Ninguém pode dar aquilo que não tem. Se dar é bom, ter também deve ser bom – de modo que o equilíbrio espiritual é mantido.

## **O ENGANO DA RIQUEZA**

É claro que a riqueza é enganadora (Mt 13.22). Na ausência de uma vida cristã autêntica, a riqueza cria na maioria das pessoas uma ilusão de segurança e bem-estar que faz com que confiem em si mesmas, e não em Deus "que de tudo nos provê ricamente, para a nossa satisfação" (I T m 6. I 7). Aqueles que são apanhados por essa ilusão certamente se tornarão servos do dinheiro (de *Mamom*), e não de Deus (Mt 6.24, ARC). E *eles* acharão isso apenas uma questão de bom senso.

Podemos afirmar com segurança que muitas pessoas ricas realmente confiam e servem a *Mamom*. Por isso Jesus afirmou: "Como é difícil aos ricos entrar no Reino de Deus!" (Mc 10.23). Isso não se deve, porém, apenas ao poder que a riqueza tem de desviar; mas é causado também pela falha da Igreja em alcançar os ricos com as boas novas da sua oportunidade de viver sob o governo Deus.

Em qualquer caso, as decepções causadas pela posse de bens materiais não podem ser evitadas por não se ter nada. Não

precisamos possuir as coisas para amá-las, confiar nelas e até servi-las. A porcentagem daqueles que vivem presos aos bens não é maior entre os ricos do que entre os pobres. Não é o dinheiro ou o lucro, mas o *amor a essas coisas* que Paulo menciona como sendo a raiz de todos os males (I Tm 6.10). E, muitas vezes, ninguém ama o dinheiro de forma mais intensa e desproporcional do que aqueles que não o possuem. Temos de ter essas coisas bem claras em nossa mente quando abordamos o relato sobre o "jovem rico" nos evangelhos. Esse texto muitas vezes é usado para exaltar a pobreza (ou pelo menos a idéia de que temos de dar tudo o que temos) como um requisito do cristianismo "realmente sério".

### **O EXEMPLO DO "JOVEM RICO"**

Um jovem da classe nobre aproxima-se de Jesus, chamando-o de "bom mestre" e pergunta: "O que devo fazer para alcançar a vida eterna?" (Lc 18.18). Jesus lhe diz que somente Deus é bom e lhe manda guardar os mandamentos. O jovem confessa, em sua cegueira, que preenche totalmente tal condição. Isto é, que adora e serve a Deus e confia nele acima de tudo (Êx 20.3-6).

Para ajudá-lo a entender a falsidade de sua declaração presunçosa, Jesus lhe dá uma instrução que podia revelar-lhe o verdadeiro objeto de sua confiança e adoração: "Falta-lhe ainda uma coisa. Venda tudo o que você possui e dê o dinheiro aos pobres, e você terá um tesouro nos céus. Depois venha e siga-me" (Lc 18.22).

Porque o coração do jovem está no lugar errado, ele se recusa a obedecer. As palavras de Jesus revelam o verdadeiro deus daquele jovem. Embora ele sinceramente professasse guardar os mandamentos e reconhecer a divindade de Jesus, não estava disposto a abrir mão de sua riqueza e obedecer ao primeiro mandamento.

Na discussão com seus discípulos, depois deste evento, Jesus disse que é difícil para o rico entrar no Reino. Foi um choque para os ouvintes. Naqueles dias, a riqueza era considerada como sinal de que alguém estava sob a bênção de Deus – da mesma forma como hoje o preconceito pende em favor dos pobres. Portanto, aqueles que ouviram as palavras de Jesus perguntaram surpresos:

"Então, quem pode ser salvo?" (18.26). Jesus replicou que as coisas impossíveis aos homens são possíveis para Deus.

A idéia quase universal, hoje em dia, é que, nessa história, Jesus está dizendo que é mais fácil o pobre ser salvo do que o rico. Mas Ele não diz isso. Só temos de ponderar bem suas palavras para perceber o equívoco de tal idéia. A ênfase, no texto, nada tem a ver com as posições *relativas* do pobre e do rico. O que Jesus realmente ensina é a grande dificuldade que o rico tem em se submeter ao governo de Deus.

Vamos deixar uma coisa clara: Qualquer pessoa que não possa possuir riqueza sem adorá-la como seu deus, deve ficar longe dela! A condição para ter riqueza é fazer disso um instrumento para servir a Deus. Por outro lado, se o afastamento da riqueza não favorece o nosso serviço a Deus, então não há nenhum sentido em abrir mão dela. A necessidade, portanto, de abrir mão da riqueza depende do efeito da posse naqueles que possuem o dinheiro. Não há, tampouco, garantia de que os ricos de fato se beneficiarão do dinheiro. A riqueza, de fato, pode ser prejudicial.

Podemos ter certeza de que Jesus não ignorava esses fatos. Um homem pobre, ambicioso e avaro não é melhor do que um rico ambicioso e avaro. A pobreza em si não recomenda ninguém a Deus nem produz graça.

## **A RENÚNCIA DE TUDO COMO TESTEMUNHO**

Santo Antônio e São Francisco de Assis ficaram profundamente impressionados com a história do jovem rico e acreditaram que, por meio dela, Deus estava lhes dizendo pessoalmente que não tivessem bens materiais. Caberia a eles decidir fazer isso ou não, e longe de mim questionar a decisão que tomaram. Além do mais, adotando uma forma de pobreza, eles fizeram uma declaração poderosa para a sua época, e para a nossa, de que podemos ser independentes dos bens materiais e depender de Deus e do seu povo.

Os dois fizeram algo muito bonito. Um tesouro durável da Igreja e de Cristo. No entanto, nós estamos falando sobre algo muito diferente da aquele tipo de pobreza. Estamos discutindo a pobreza como (1) uma condição de santidade, (2) como uma



disciplina útil para a vida espiritual e (3) como [suposto] o melhor plano de Deus para o relacionamento do cristão com a riqueza deste mundo.

## **A DISCIPLINA E O SERVIÇO DOS BENS MATERIAIS**

Suponha que venhamos a abrir mão de todo o dinheiro que temos. Para onde o dinheiro iria? Teria de ir para algum lugar – alguém continuará a ser afetado por ele. Jamais devemos esquecer que as riquezas do mundo, quer sejam consideradas boas ou ruins, são realidades que não desaparecem simplesmente ao ser recusadas. Elas continuam a exercer sua influência. Os bens materiais e o uso deles continuarão existindo. Alguém os controlará, e o fato de *nós* não os possuímos não significa que serão melhor distribuídos. Assim, assumir a responsabilidade pelo uso correto dos bens materiais por meio da mordomia é muito mais uma disciplina do espírito do que a pobreza em si. Nossos bens materiais estendem muito o alcance da ação de Deus por meio de *nossa fé*. Eles tornam possíveis atividades, no poder de Deus, que sem eles seriam impossíveis. Não devemos permitir que nossa aversão justificável pela libertinagem daqueles que são ricos nos faça perder de vista esse fato crucial!

Pobreza como uma prática geral não pode resolver a escravidão da humanidade à riqueza. A liberdade do cativo dos bens materiais não é algo exterior; é no coração. Ela só pode proceder da visão interior a *fé*. É este ponto que Bonhoeffer destaca ao afirmar que "ser sem desejo é a marca da pobreza". Abandonar os benefícios deste mundo aos inimigos de Deus é fugir à responsabilidade recebida na criação de dominar e governar sobre a terra (Gn 1.26).

Semelhantemente, os programas de caridade e de bem-estar social, embora sejam bons e de nossa obrigação, não podem esgotar nossa responsabilidade como filhos da luz em um mundo carente. É pura ilusão imaginar que sim. Esses elementos simplesmente dizem respeito a uma porção muito pequena dos bens da vida. Em termos específicos, eles não podem substituir homens e mulheres piedosos e preparados que devem assumir a responsabilidade, sob a direção e unção de Deus, de possuir e dirigir os bens e riquezas do mundo. Tais pessoas devem se levantar e, unidos com Cristo e seu povo em toda parte, orientar os

processos sociais, econômicos e políticos, a fim de que as condições que propiciam a necessidade de caridade sejam diminuídas até o ponto em que [toda] necessidade possa ser suprida. Tais homens e mulheres são os únicos que podem efetivamente levar a humanidade a cumprir sua responsabilidade de supervisão sobre a terra.

São precisamente os fatos do propósito de Deus na criação e na natureza que explicam a falha quase universal das pessoas em lidar com a pobreza como um estilo de *vida*. O culto da pobreza de São Francisco de Assis não sobreviveu ao final de sua vida. Alguns dos seus discípulos, os *fraticelli*, foram denunciados como hereges e queimados por continuar a exaltar a pobreza.

Isso, é claro, não prova que ele estava errado. No entanto, o maniqueísmo implícito (a colocação dos bens materiais à margem da santidade) inerente à idealização de São Francisco da pobreza tinha o efeito de abdicar da riqueza em prol de Satanás e excluir aqueles que a controlam do serviço a Deus. Este erro terrível (que não tem sua origem em São Francisco) só pode ser revertido pelo entendimento de que a posse e o uso correto da riqueza material constituem um serviço espiritual da mais elevada ordem. E a nossa resposta deve ser o desenvolvimento de um ministério que prepare as pessoas para esse serviço.

## **POBREZA: VOTO E REALIDADE**

O fracasso da pobreza como um estilo de vida cristã também fica claro a partir da forma como é geralmente praticada por aqueles que fazem voto explícito. De fato, a destituição de tudo, a verdadeira pobreza, tornaria a maioria das atividades associadas à vida e ao ministério cristão impossível. Assim, grande parte da pobreza voluntária na história eclesiástica não é de modo algum pobreza. Como São Francisco de Sales observou: "Aquela pobreza que é exaltada, cuidada, estimada e assistida é aliada íntima da riqueza."

O verdadeiro pobre da Terra conhece a pobreza pelo que ela é: privação Esmagadora e impotência. O voto de pobreza, por outro lado, permite que a pessoa continue a experimentar a segurança, a provisão e o cuidado de uma ordem religiosa – disponível e sustentada pela riqueza de outros. Não estou criticando este

procedimento. Longe disso. De fato, faz sentido liberar indivíduos para vários tipos de ministério. No entanto, os recursos disponíveis para aqueles que fazem voto de pobreza não estão disponíveis para os *verdadeiramente* pobres da Terra. A pobreza como voto abdica somente da posse formal das coisas, sem tratar do *acesso* e *uso* delas – o que, na verdade, o voto garante.

A separação do conceito de pobreza da realidade da pobreza é o que permite que ela seja romantizada entre todos os grupos cristãos – e até permite o surgimento de certa "pobreza chique" em alguns segmentos da sociedade secular.

Wesley, embora não advogasse os votos de pobreza, listou os bens de um pregador falecido: praticamente nenhum dinheiro; nenhum guarda-roupa; apenas as roupas que usava, de linho e de lã, meias, chapéu e uma peruca. Isso não era suficiente para pagar as despesas do funeral. Certamente esse ministro experimentou privações, e sua maneira sacrificada de viver não deve ser desprezada como virtude ou disciplina. No entanto, ele não teve falta de *status* dentro de sua sociedade ou de uma provisão regular e confiável de alimentos e de abrigo, embora fosse desprovido de bens.

## **POBREZA NÃO É SIMPLICIDADE**

Outro aspecto da romantização da pobreza é sua identificação com a simplicidade. Na verdade, a vida marcada pela pobreza só é simples no sentido em que os movimentos de uma pessoa amarrada a uma árvore são simples: não há muito o que fazer. Ninguém é mais dilacerado e fragmentado pelas multiformes demandas da vida do que o pobre. Os pobres não podem fazer muito por si mesmos. Se Adam Smith tivesse passado pela vida na condição do "mendigo que caminha à beira da estrada", teria sido capaz de avaliar melhor quão pouco o mendigo possui da "segurança pela qual os reis estão guerreando". Quem lida com as necessidades de alimento, moradia, saúde, transporte e educação na condição de verdadeira pobreza sabe quanto isso é complicado! O simples ato de levar uma criança ao médico, por exemplo, ou obter suprimento de alimentos para alguns dias, pode facilmente ocupar grande parte do tempo e das energias. Um dos poucos luxos comuns a pessoas de todas as classes sociais é a especu-

lação sobre como a vida seria melhor se estivessem em *outra* situação...

A simplicidade, como um empreendimento espiritual, tal qual a pobreza, é, conforme a descrição de Bonhoeffer, uma questão de ordem interior. Aquele que cresceu até onde pode dizer como Paulo "eu faço uma coisa" (Fp 3.13), ou que de fato "busca o Reino de Deus e a sua justiça" (Mt 6.33), é uma pessoa que alcançou a simplicidade. O "simples" coloca todas as demandas no "lugar certo" e trata com serenidade e confiança as complexidades da vida que parecem incompreensíveis para outros, pois sabe o que está fazendo.

Na vida espiritual, a simplicidade não é o oposto de complexidade, e pobreza não é o oposto de *posse* de bens. De fato, assim como a simplicidade torna a complexidade suportável, a pobreza, como Bonhoeffer explica, liberta dos desejos e torna a posse de bens segura e frutífera para a glória de Deus.

## **O ENSINO DE JESUS**

Entretanto, não foi Jesus quem disse que o rico é amaldiçoado ("ai dele") enquanto o pobre é bem-aventurado? Sim, Ele falou isso e deu, assim, uma das mais importantes aplicações de seu princípio de que os primeiros [no julgamento humano] são os últimos na visão de Deus. E os últimos [na visão humana], os primeiros [aos olhos de Deus].

O significado desse princípio só pode ser entendido pela *maneira* como Jesus ensinou, a qual deve ser seguida por todos os mestres que possuem algum poder real de liderar outros. O ensino de Jesus não faz generalizações para ou a respeito de uma vida feliz. Em vez disso, visa livrar-nos dos nossos preconceitos e dirigir-nos por um novo curso de pensar e agir. O ensino de Jesus visa conduzir-nos ao Reino de Deus a partir de onde estamos e dar início a um processo de crescimento pessoal numa comunhão viva com Ele.

Em Lucas 14, encontramos Jesus numa comemoração. Era sábado. Havia convidados disputando os melhores lugares à mesa, onde o prestígio de cada um seria adequadamente reconhecido. Jesus aproveitou a ocasião para ensinar-lhes como ser bem-sucedidos nesse pequeno projeto. Disse-lhes que escolhessem os

*piores* lugares disponíveis, aqueles mais próximos da porta, perto da cozinha ou na mesa separada num ponto mais afastado da casa. Então, quando o anfitrião vir você sentado ali, dirá: "O que *você* está fazendo aí? Venha sentar aqui ao meu lado. Atenção, todos: afastem-se, por favor, a fim de que meu querido amigo tome assento perto de mim, para que possamos conversar."

Jesus deve ter concluído com um sorriso: "Então você será honrado na presença de todos os convidados. Pois todo o que se exalta será humilhado, e o que se humilha será exaltado" (Lc 14.10,11)

Jesus voltou-se para o seu anfitrião (agora talvez sem sorrir) e lhe disse que jamais convidasse amigos, parentes ou vizinhos ricos para comerem à sua mesa (é claro que ele fizera exatamente isso naquela ocasião). Em vez disso, devia convidar os pobres, os aleijados, os mancos e os cegos.

A pessoa que lesse essa passagem bíblica sem um entendimento da *metodologia* de ensino de Jesus Cristo, tomaria suas palavras como *lei*. Essa pessoa não convidaria sua mãe para uma refeição em sua casa, nem se sentaria num lugar que não fosse o pior à mesa, e aproveitaria todas as oportunidades que tivesse para se desvalorizar, a fim de que, no final, viesse a ser exaltado.

Nós sabemos que isso não funciona assim. As palavras de Jesus ( em Lc 14) são típicas da sua maneira de ensinar. Em todos os casos onde Ele aborda ações específicas e condições da vida, o propósito do Mestre não é apresentar generalizações ou leis sobre como nos comportar *sempre*. Pelo contrário, Ele refuta as falsas generalizações que são leis práticas para aqueles a quem fala. Entendido isso, vemos que Jesus não está nos proibindo de convidar os nossos entes queridos para uma refeição, nem está nos dando uma fórmula infalível para chegar à exaltação.

As falsas generalizações que Jesus está apontando no contexto de Lucas 14 são tão óbvias que causam embaraço. A primeira: sempre tome o lugar à mesa que faça com que você pareça mais privilegiado na hierarquia prevalecente. A segunda: só convide aqueles que de alguma forma possam retribuir. Faça barganha com a hospitalidade. Jesus nos desafia a rejeitar essa "maneira vazia de viver, transmitida por [nossos] antepassados" (I

Pe 1.18), com base na maneira como somos tratados por Deus, que com certeza não dirige suas ações por regras tão tolas.

### **BEM-AVENTURADO O POBRE E MALDITO O RICO?**

Jesus emprega a mesma forma de ensino em todos os evangelhos, inclusive na lista de bem-aventuranças em Lucas 6 e Mateus 5.

"Bem-aventurado os pobres." Você *realmente* pode imaginar que a pobreza é suficiente para assegurar uma bem-aventurança? Pense em todos os tipos de pessoas que são pobres. Pense na pessoa que vive na extrema pobreza, à qual odeia e teme como um ídolo que reclama seus filhos. Ela vive em brutal e degradante relação com sua família e vizinhos. Será mesmo, apesar de tudo, bem-aventurada? Será que possui o Reino de Deus apenas porque é pobre? Será que Jesus ensinou *isso*? Novamente, e com certeza, sabemos: Ele não ensinou tal coisa!

E "Ai de vocês, os ricos". Uma mulher rica adora a Jesus, dedica-se a Ele da forma mais completa e iluminada e, por meio dele, ama a Deus com todo o seu ser. Ela tem consciência de que sua riqueza é um dom de Deus para que possa exercer a boa mordomia de seus bens. Assim, se esforça ao máximo para abençoar seus semelhantes. Será que ela é realmente amaldiçoada?

Assim procedeu Katharina Bovey, que recebeu um memorial na parede da Abadia de Westminster, no qual está escrito:

Aproveu a Deus abençoá-la com uma fortuna considerável, a qual, com mão liberal, guiada pela sabedoria e a piedade, a empregou para Sua glória e para o bem dos seus semelhantes. Suas despesas domésticas eram administradas com uma honestidade e dignidade apropriadas à sua fortuna, mas com uma frugalidade que fez com que sua renda abundasse e servisse para todas as formas apropriadas de caridade, para o alívio do necessitado, encorajamento dos diligentes e instrução dos ignorantes. Ela distribuiu não somente com alegria, mas também com prazer. Em algumas ocasiões em que levantou ou

aliviou o espírito dos aflitos, ela não conseguiu conter as lágrimas, que fluíam de um coração totalmente movido pela compaixão e pela benevolência.

Ai daquela mulher, contudo, porque era rica. Certo? Segundo muitos cristãos, sim. De acordo com a visão do prof. MacIntyre e do padre Cardenal, o ensino do Novo Testamento a envia para o inferno. No entanto, se ela fosse pobre, independente de sua fé e caráter, sua bem-aventurança estaria assegurada.

Se alguém deliberadamente se propusesse a fazer com que o ensino de Jesus parecesse tolo, seria difícil encontrar um modo melhor do que essa interpretação às suas palavras. Embora isso seja defendido por pessoas que reivindicam as mais elevadas qualificações intelectuais e preocupação moral, o que de fato temos aqui é um legalismo errático, tal qual acreditar que Jesus manda pessoas para o inferno por usar batom, roupas vistosas, barba, ir à praia, ou por não falar (ou falar) em línguas. É vital atentar muito bem para este assunto, não permitindo que ele se dilua em discussões sobre questões socioeconômicas, conflitos de classes e imperialismo – as quais são em si mesmas, evidentemente, questões distintas, embora de profunda seriedade e conseqüências espirituais.

Nas bem-aventuranças e nas imprecações ("ai de vós..."), então, Jesus está refutando, do ponto de vista do Reino de Deus, as generalizações humanas sobre quem é *certamente* desprovido de bênçãos ou *certamente* abençoado.

As bem-aventuranças não são um rol no qual *alguém* tem de estar para ser abençoado. Tampouco as bênçãos que anunciam estão condicionadas a fórmulas expressas. A pobreza, por exemplo, seja no espírito ou na conta bancária, não é causa ou razão de bem-aventurança. O critério é a relação com o Reino de Deus, como o Mestre declarou explicitamente. Nesse assunto, Jesus coloca o machado à raiz do sistema humano de valores e proclama *irrelevantes* os critérios do mundo sobre "quem está bem e quem não está".

## **A VISÃO DE BEM-ESTAR DO REINO**

Para entender o ensino bíblico sobre riqueza e pobreza, é preciso compreender a visão de bem-estar do Reino de Deus. O essencial pode ser resumido em uma afirmação chocante: *sob o governo de Deus, o rico e o pobre não têm, necessariamente, nenhuma vantagem um sobre o outro, com relação a viver bem ou fazer o bem, nesta existência ou na próxima.*

Santo Antônio nos deixou este lindo legado:

Alguns daqueles que se hospedam em albergues recebem camas, enquanto outros, sem camas, se acomodam no chão e dormem tão profundamente quanto aqueles que estão nas camas. De manhã, quando a noite termina, todos igualmente têm de levantar e deixar o abrigo, carregando consigo apenas os seus pertences. O mesmo ocorre com aqueles que trilham o caminho desta vida: tanto aqueles que viveram em condições modestas como os que tiveram riqueza e fama deixam esta vida como um abrigo, não levando consigo qualquer dos confortos mundanos ou riquezas, mas somente o que fizeram nesta vida, o bem ou o mal.

## **RESPEITO E HONRA AO POBRE**

Somente se acreditarmos com todo o nosso ser na igualdade do rico e do pobre diante de Deus, poderemos caminhar no mundo como Jesus fez: sem qualquer discriminação nas nossas relações pessoais. Se não acreditarmos nisso, nossa incapacidade de tratar com igualdade nossos vizinhos ricos ou pobres nos deixará sentimentos de culpa e confusão.

O Novo Testamento ensina que temos de honrar e respeitar *todas* as pessoas (I Pe 2.17). Temos de honrar os pobres. Devemos respeitá-los de todas as formas. O mesmo devemos fazer em relação aos ricos. Nem mais, nem menos.

Entretanto, a distinção entre o rico e o pobre está permanentemente estabelecida na vida humana, embora grande parte de nossa ideologia moderna tente negá-lo. Nenhum artifício político pode mudar a realidade simples dessa distinção. No



entanto, muito pode e deve ser feito em todas as dimensões da vida para eliminar os *efeitos* nocivos da condição dos pobres num mundo decaído, tal como libertar as minorias étnicas e culturais das privações econômicas socialmente geradas.

Embora o ensino bíblico não fale sobre erradicação da pobreza, ele *sempre* insiste em que o necessitado deve ser amparado, que não se deve tirar vantagem do pobre, mas sim defendê-lo, dar-lhe oportunidades e levá-lo em consideração em todos os aspectos da vida. O Antigo Testamento faz múltiplas provisões para o pobre e as enfatiza repetidamente. O Novo Testamento afirma que a religião pura e sem mácula envolve essencialmente "cuidar dos órfãos e das viúvas em suas dificuldades e não se deixar corromper pelo mundo" (Tg 1.27). Órfãos e viúvas, nas circunstâncias normais do Novo Testamento, eram os mais pobres entre os pobres.

O mandamento bíblico supremo é amar, e o primeiro ato de amor é dar atenção. Portanto, o pobre não deve ser evitado, esquecido ou tratado como se fosse invisível. Temos de *vê-lo* como criatura de Deus, reconhecendo sua igualdade de condição com as demais pessoas, dentro do propósito divino. "O rico e o pobre têm isso em comum: o Senhor é o Criador de ambos" (Pv 22.2).

O apóstolo Paulo disse: "Tenham uma mesma atitude uns para com os outros. Não sejam orgulhosos, mas estejam dispostos a associar-se a pessoas de posição inferior. Não sejam sábios aos seus próprios olhos" (Rm 12.16). Jesus Cristo "não considerou que ser igual a Deus era algo a que devia apegar-se; mas esvaziou-se a si mesmo, vindo a ser servo..." (Fp 2.6,7). A visão da bem-aventurança e da justiça do Reino dirige e capacita os cristãos a imitarem as ações de Jesus em cada fase de suas vidas. Tal visão permite que tenham a mente de Cristo (Fp 2.5) e favorece a associação com pessoas de todas as condições.

Quando nossa atitude é saturada por essa visão e pelo modelo de Cristo, qualquer vantagem relativa que tenhamos dentro do esquema de valores do mundo não nos desviará nem afetará a igualdade de nossas relações humanas. Devido à nossa visão da fé, sentimo-nos confortáveis na presença do pobre e com outros "desventurados" e somos capazes de estar com eles num espírito e maneira que não os afasta de nós. O mesmo é verdade em relação

ao rico. Compartilhamos a condição humana com alegria e sem afetação, como fez nosso Salvador, cujo espírito habita em nós.

Contrastantemente, aqueles que não têm a mente de Cristo fazem distinções entre as pessoas que um discípulo cristão maduro jamais faria. Dentro do seu sistema de valores, não podem respeitar o pobre. Até mesmo seus esforços especiais, não importa quão "caridosos" sejam, enfatizam sua falta de solidariedade para com os menos afortunados. Quando praticam obras de caridade, fazem-no para "impressionar". Os discípulos, porém, cuja própria vida é considerada como um dom, não enxergam nada de especial em suas ações em favor dos desventurados. A mão esquerda não sabe o que a direita está fazendo (Mt 6.3).

## **NOVOS OLHOS POR MEIO DA CRUZ**

Nosso problema não é primariamente como ver o pobre, mas como vemos a nós mesmos. Se ainda pensamos e comunicamos, pelo nosso comportamento, que de alguma maneira somos fundamentalmente diferentes e melhores como pessoas do que o homem que dorme em cima de caixas de papelão na calçada, não recebemos ainda olhos novos para ver sob a ótica da cruz, constatando à luz dela a nossa própria necessidade. Ainda não miramos profundamente o lugar aonde Deus teve de ir para nos alcançar. Não aprendemos a viver com gratidão à sombra da cruz. Somente na cruz podemos ser solidários com os destituídos.

Como respondemos ao homem que dorme sob um viaduto? Temos dificuldade de notar sua presença? de falar com ele, segurar sua mão e ajudá-lo com bens materiais? Sentimos medo dele, ainda que a situação seja totalmente segura? Trememos ao nos imaginar com ele ou tratando dele? Será que o seu "cheiro" e sujeira nos causam asco? E quanto a outros que não estão em situação tão extrema? Será que o fato de uma pessoa não ter um trabalho, uma casa ou um carro faz com que nós a tratemos como se fosse "diferente"? Se assim for, não contemplamos ainda a nossa própria condição arruinada e, por causa disso, *não podemos amar essas pessoas de coração.*

## **O RICO DOMINA SOBRE O POBRE NA IGREJA?**

Tiago aborda uma questão familiar a todos nós hoje em dia. "Suponham que na reunião de vocês entre um homem com anel de ouro e roupas finas, e também entre um pobre com roupas velhas e sujas" (2.2). O homem rico recebe mais atenção e é acomodado no melhor lugar, enquanto o pobre é empurrado rapidamente para um canto ou convidado a sentar no chão. Em tais casos, segundo Tiago, insultamos o pobre, a quem Deus escolheu para ser rico na fé (2.5), e falhamos em tratar o nosso próximo *como gostaríamos de ser tratados*. Falhamos em não guardar a "lei áurea" do amor ao próximo e, assim, transgredimos a lei como os assassinos e os adúlteros (2.8-11).

Que acusação séria! Mesmo assim, é muito difícil encontrarmos uma igreja ou um cristão isento de favoritismo automático (habitual) para com aqueles que ocupam posições privilegiadas na escala de valores do mundo. E isso é algo doloroso de se ver. A maioria das igrejas bíblicas está tomada de favoritismo para com os ricos, os bonitos e os famosos – ou pelo menos para com "pessoas iguais a nós".

Muitos poderão insistir em que isso é necessário ao avanço da causa de Cristo, advogando, por exemplo, que não podemos sustentar programas, a menos que atraiamos e seguremos o "tipo certo" de pessoas. Aqueles que pensam assim, parecem esquecer de que o propósito da igreja é *fazer* o tipo certo de pessoas a partir do tipo errado. Muito freqüentemente, o tipo errado aos olhos de Deus é exatamente o tipo "certo" segundo os padrões do mundo – ou até mesmo segundo o "nosso padrão".

## **ASSOCIANDO-SE AO POBRE E AO NECESSITADO**

A causa principal da inquietação no coração de muitos cristãos abastados hoje é a visão inadequada do Reino de Deus que prevalece nos círculos cristãos e que produz uma fé anêmica. Uma vez, porém, que, mediante a pregação e o ensino adequado, entendamos nosso relacionamento com o pobre, descobriremos que há muito a ser feito e nossa fé anêmica receberá uma transfusão saudável. Diariamente surgirão oportunidades de servir a pessoas necessitadas. Teremos "um copo de água fresca" sempre pronto. A visão da realidade do Reino nos torna muito mais

sensíveis às ocasiões de ajudar e de contribuir e nos leva também a descobrir as necessidades, em vez de sempre esperar que sejam lançadas sobre nós.

Todas essas atividades serão naturais, e não realizadas com afetação. Ao lembrar que no geral somos tão necessitados quanto aqueles a quem ministramos, e que dar é mais bem-aventurado do que receber, nossas doações serão feitas sem ostentação, conforme Mateus 6.4: "...de forma que você preste a sua ajuda em segredo".

Embora não devamos ceder à tentação de simular que somos pobres quando não somos, é didático experimentar a vida do pobre numa medida mais profunda. Neste ponto, não há uma estratégia-padrão que possa ser adotada. No entanto, dependendo de nossa família e de outros fatores, podemos cumprir algumas de nossas tarefas diárias em bairros mais pobres de nossa comunidade. Pode ser tão simples quanto deixar o carro em casa de vez em quando e usar os transportes coletivos. Uma das maiores divisões sociais e econômicas em muitas partes do mundo está entre aqueles que têm de usar os transportes coletivos e os que possuem transporte próprio.

Temos de cuidar para não *forjar* essas coisas sobre nossos dependentes. Mas fazer compras, ir ao banco e até morar em bairros mais pobres dará muita consistência à nossa visão de como os economicamente destituídos experimentam seu mundo – e o nosso. Dará também conteúdo ao nosso entendimento e orientará nossas orações e cuidados, algo que jamais seria adquirido por uma "obra de caridade" ocasional ou pelo envio de dinheiro a organizações que trabalham com os pobres.

Lembre-se de que Jesus não *enviou* ajuda. Ele veio habitar entre nós. Ele obteve vitória em *nossas* condições de existência. Isso faz toda a diferença. Nós vivemos seu modelo de encarnação quando cumprimos a ordem dos apóstolos de nos "associar com pessoas de posição mais baixa", andando com elas sem constrangimento no caminho de seus afazeres diários, e não somente em ocasiões especiais criadas por causa das necessidades delas.

## **NENHUMA DIVISÃO ENTRE SAGRADO E SECULAR**

A partir da perspectiva cristã da dignidade e do bem-estar do ser humano, emerge uma solução para os maiores problemas sociais do dilema "pobreza e riqueza". Esta solução consiste num novo tipo de ser humano, pessoas que assimilaram o caráter de Cristo necessário em todas as áreas da vida e da sociedade. Essas pessoas vêem claramente que dar é apenas parte, de modo algum a mais importante, da mordomia cristã. Elas entendem que é sua responsabilidade controlar os recursos do mundo de uma forma que atenda a todos. O pobre será muito mais beneficiado pelo controle piedoso dos bens deste mundo do que por um piedoso lavar de mãos que abandona esses bens aos servos de Mamom. Não estamos falando de poder político como normalmente compreendido, mas de vocação pessoal cumprida no poder de Deus.

A posse e a aplicação das forças da riqueza são uma expressão tão legítima do papel redentor de Deus na vida humana quanto o ensino bíblico ou uma reunião de oração. Por exemplo, o chamado para dirigir fábricas, minas, bancos, grandes magazines, escolas e órgãos do Governo em prol do Reino e Deus é tão sagrado e tão difícil quanto pastorear uma igreja ou servir como evangelista.

Não há verdadeiramente uma divisão entre sagrado e secular, exceto aquela que nós criamos. Por isso, a divisão dos papéis e funções legítimas da vida humana em sagrado e secular causa um dano incalculável à nossa vida individual e à causa de Cristo. Pessoas santas devem deixar de considerar "as obras da igreja" como seu curso natural de ação e assumir a ordem santa na fazenda, na indústria, na lei, na educação, no sistema bancário e no jornalismo com o mesmo zelo manifesto na evangelização e no trabalho pastoral e missionário.

Muito tempo atrás, William Law caracterizou desta forma a pessoa devota:

O homem devoto não vive mais por sua própria vontade, ou do modo e espírito do mundo, mas somente pela vontade de Deus; aquele que leva Deus em conta em todas as coisas, que serve a Deus em tudo, que torna a sua vida comum em vida de

piedade, fazendo tudo em Nome de Deus e sob as regras que estão em conformidade com sua glória.

As igrejas organizadas devem se tornar escolas de disciplina espiritual, onde os cristãos são ensinados como ter sem entesourar (Mt 6.21); como possuir sem, como o "jovem rico", ser possuído (Mc 10.22); como viver de modo simples, frugalmente, mesmo controlando grande riqueza e poder.

Nós estamos desviados pela visão do mundo, a qual afirma que riqueza *é para* o bem-estar pessoal, e por isso reagimos pensando em bens materiais como inerentemente maus, em vez de instrumentais para o trabalho espiritual. Assim, obviamente, falhamos em desenvolver um ensino adequado e fornecer exemplos àqueles que prosperam. Sugerimos timidamente que as pessoas não devem prosperar, quando deveríamos estar mostrando, àqueles que prosperam e àqueles a quem muito tem sido dado, como servir a Deus e à humanidade por meio da prosperidade.

## **BENS MATERIAIS COMO EXTENSÕES DO CORPO**

A bem da verdade, a tentativa de associar bens materiais com o mal é uma ação do espírito do *Anticristo*, o qual nega que Cristo *se manifestou em carne* (I Jo 4.3). No entanto, a *redenção* dos bens materiais é absolutamente necessária, pois eles são realidades ativas no mundo criado. Essa redenção deve ser efetuada mediante a submissão a Deus dos bens possuídos, como a redenção do corpo é efetuada pela submissão dos membros físicos à justiça.

Bens materiais, então, são uma extensão do corpo e do ser; por meio deles, nossa vontade e caráter ampliam seu alcance, assim como fazem por meio da língua, dos braços e das nossas pernas. Nossos bens materiais aumentam o alcance dentro do qual podemos reinar em vida por meio de Cristo Jesus e ver o poder espiritual derrotar o reino mortal do pecado.

Eximir os bens materiais da redenção é apenas outro aspecto do docetismo, que descartava o corpo.

Assim como a tendência do corpo para o pecado não é a sua condição necessária, o mesmo ocorre com a riqueza. Ela é apenas uma parte da realidade criada, reconhecida por Deus como boa.

Entretanto, como o corpo antes da redenção, a riqueza deste mundo decaído em geral propende para o mal. Essa tendência "natural" pode e deve ser removida mediante a submissão a Deus dos bens para purificação e utilização deles. Temos de reconhecer o radicalismo e a irresponsabilidade da defesa da santidade da pobreza e o mal (ou santidade) da riqueza em si mesma. A riqueza não é santa nem má. Ela faz parte a criação e deve ser usada para Deus.

## **A NECESSIDADE DA GRAÇA NA PROSPERIDADE**

Atitude é tudo. Quando prosperamos, precisamos, como nunca, de direção e graça. O apóstolo Paulo entendeu a necessidade da graça para a prosperidade. O cristão comum cita suas palavras "tudo posso naquele que me fortalece" (Fp 4.13) somente quando enfrenta privação e tempos difíceis. No entanto, não era isso que Paulo queria dizer. Nos versículos anteriores, ele disse: "Aprendi o segredo de viver contente em toda e qualquer situação, seja bem alimentado, seja com fome, tendo muito, ou passando necessidade." Assim, quando ele acrescenta que Cristo lhe dá forças em todas as situações, também está dizendo que Cristo o capacita a prosperar.

Ele triunfa na abundância por causa de sua relação com Cristo, da mesma forma que triunfa, pela graça, em tempos de privação. Poucas pessoas entendem que precisam de ajuda para prosperar, pois ainda não purificaram o coração e a mente da perspectiva do mundo sobre "bem-estar". Nosso ensino e ministério pastoral são tragicamente evasivos neste ponto. Jamais ouvi alguém exclamar depois de adquirir grande riqueza: "Tudo posso em Cristo que me fortalece!"

No entanto, esta é uma das graves omissões que podem ocorrer na vida espiritual e que mostra quão insensatos somos. Uma vez que entendamos isso, veremos porque "a prosperidade dos loucos os destruirá" (Pv 1.32, ARC). Vemos por que o evangelho é para aqueles que estão "por cima" tanto quanto para aqueles que estão "por baixo", na mesma proporção e na mesma intensidade. Como podemos evitar cometer este erro prevaletente? Podemos ser protegidos contra este erro mediante uma apresentação plena, constante e sem preconceito da natureza do Reino de

Cristo e o pleno uso das disciplinas para a vida espiritual. Precisamos de graça e disciplina.

## **REVISÃO DA FÓRMULA DE JOHN WESLEY**

Ironicamente, apesar de todo o seu "método-ismo", John Wesley continuou sendo um filho da Reforma, como seu contemporâneo David Hume. As possibilidades de graça disciplinada continuaram ocultas, e ele não compreendeu um ascetismo cristão que pudesse produzir uma pessoa capaz de possuir bens materiais sem se corromper.

É claro que o ato de *dar* deve ocupar um lugar de destaque na vida do discípulo de Cristo. No entanto, ele não esgota o processo de ter, usar e controlar os bens, como mordomo responsável pela criação de Deus para o nosso tempo no mundo que Ele criou. Neste ponto, Wesley errou. Ele falhou em não apreciar os aspectos da mordomia além da caridade. Sua famosa fórmula: "Ganhe o máximo que puder; economize o máximo que puder; e dê tudo o que puder", deve ser complementada. Deveria ser assim: *Ganhe* o máximo que puder; *economize o máximo que puder; use e controle livremente* tudo o que tiver, com espiritualidade e disciplina, para o bem da humanidade e para a glória de Deus. *Dar* o máximo possível, então, naturalmente seria uma parte de uma mordomia geral sábia.

## **"TODAS AS NAÇÕES VIRÃO PARA A TUA LUZ"**

A questão "pobreza e riqueza" é de imensa importância na vida espiritual, mas, devido à sua complexidade, tem sido facilmente mal interpretada e freqüentemente objeto de confusão. Faz-se necessário, então, concluir este capítulo com a reafirmação de alguns pontos importantes:

A pobreza como total destituição não é, em geral, uma disciplina para a vida espiritual ou uma condição de superioridade espiritual sob nenhum aspecto. Pode ser uma condição de vida de muitas pessoas, mas essa condição não nos dá direito automático ao cuidado de Deus por nós nem nos impede de receber sua atenção. O favor de Deus [na dimensão da graça] depende da nossa posição diante dele, ao buscarmos com intensidade seu



governo e sua justiça (Mt 6.33). Quando nos desviamos do governo de Deus, a perspectiva do mundo ocupa todo o espaço. Se a visão e os valores do mundo estiverem corretos, o pobre e o fraco estão de fato fora do alcance da bênção de Deus. Sem dúvida, em certas ocasiões a carência tem o efeito colateral positivo de levar as pessoas a Deus como um refúgio. Mas isso não prova que se trata de uma forma desejável ou necessária de chegar-se a Deus.

A pobreza tem sido "idealizada" em várias tradições culturais. Mas essa pobreza não é destituição; trata-se de não-posseção, com segurança de provisão das necessidades básicas. Esse tipo de pobreza pode ser útil como uma disciplina para a vida espiritual, se empreendida com uma atitude correta de fé. Ela não é, porém, uma virtude em si, porque a posse de bens não é má em si mesma. Além disso, a pobreza não garante liberdade automática da escravidão interior a riqueza. Também, no geral, não é uma condição espiritual superior. Não há nada especialmente santo em não se possuir bens materiais, embora esse estilo de vida possa ser apropriado para alguns indivíduos.

Finalmente, e o mais importante para a vida de graça disciplinada, a falta de bens não é uma condição adequada para se fazer provisão para os que são necessitados. De fato, tornar isso uma vocação especial é destruir toda a possibilidade do povo de Cristo de influenciar o mundo para o bem comum. O bem de todas as pessoas exige que pessoas "boas" possuam e controlem a riqueza da Terra.

O papel do ministério cristão ou da vocação religiosa "especial" é incorporar e comunicar o evangelho do governo de Deus a todos e preparar aqueles que podem assumir posições estratégicas no mundo para serem mordomos dos seus bens. Se ensinados de forma apropriada, tais cristãos, em ambientes seculares importantes, serão encarregados de *providenciar, por meio dos bens materiais* deste mundo, aquilo que precisa ser feito.

A Igreja, certamente, deve liderar o caminho nas obras de caridade, mas, também, exortar e aconselhar as agências públicas às políticas de bem-estar geral. Mas sua obra fundamental é mostrar àqueles que freqüentam suas reuniões como participar plenamente do governo de Deus onde estão. Dessa maneira, a Igreja atrairá todas as nações à descoberta de como a humanidade pode ter uma visão geral de ética, justiça e bem-estar.

Por meio da visão e da disciplina ensinada e praticada, nossos ministros e mestres cristãos devem "moldar pessoas" como fundamento e estrutura de um mundo para a habitação do Deus Imortal.

## **11. AS DISCIPLINAS E AS ESTRUTURAS DE PODER DESTE**

### **MUNDO**

O ser humano está tão acostumado a estabelecer e defender sua existência por meio da violência de baionetas, balas, prisões e patíbulos, que tal conjuntura da vida não só lhe parece normal como também a única possível. No entanto, é a defesa do bem comum por meio da violência que impede as pessoas de compreenderem as causas de seus sofrimentos e, conseqüentemente, de se tornarem capazes de estabelecer uma verdadeira ordem.

LEON TOLSTOI

Os bárbaros não estão aguardando além das fronteiras. Eles já estão nos governando há um bom tempo. E é a falta de consciência disso que se constitui parte de nosso apuro. Nós não estamos esperando um Godot, mas um outro (sem dúvida muito diferente) São Benedito.

ALASTAIR MACINTYRE

*Um menino nos nasceu, um filho nos foi dado, e o governo está sobre os seus ombros. E ele será chamado Maravilhoso, Conselheiro, Deus Poderoso, Pai Eterno, Príncipe da Paz. Ele estenderá o seu domínio e haverá paz sem fim...*

ISAIAS 9.6,7

Atualmente os Estados Unidos se apresentam por meio da mídia, das artes, da educação e da sua vida política como um povo

de grande pragmatismo. Esta tendência estende-se às nossas igrejas, onde a apresentação de claros objetivos organizacionais e a administração eficiente dos meios disponíveis são considerados com frequência fatores para o ministério bem-sucedido. Embora a exaltação do prático seja uma característica especial da cultura americana, ela se espalhou avassaladoramente por todo o mundo, como o ideal da revolução política e do desenvolvimento tecnológico. Este esquema moderno considera o Caminho de Cristo como inadequado à promoção do ideal de justiça, paz e prosperidade.

Esta crítica é amplamente pertinente à forma geralmente adotada [de prática] da fé cristã na história da Igreja. Lamentavelmente, com muita frequência, a fé tem falhado em transformar o caráter humano, e isso se deve ao fato da negligência ao discipulado e à disciplina de vida que o próprio Cristo praticou. Como resultado, aquilo que é chamado de "fé em Cristo" provou ser de pouca ajuda nas questões reais de justiça, paz e prosperidade, salvo o conforto que traz de uma esperança pessoal além desta vida.

Jesus não tinha apenas o conforto futuro em mente quando prometeu toda a provisão necessária àqueles que buscassem o governo e a justiça de Deus acima de tudo (Mt 6.33). Ao contrário, Ele ensina que na busca do Reino reside o verdadeiro e único caminho prático e efetivo para a justiça, a paz e a prosperidade.

Uma ação ou atitude pode ser considerada como prática, ou não, apenas à luz dos objetivos e propósitos a serem alcançados. O mundo secular pensa em justiça, paz e prosperidade em termos negativos. Justiça significa que nenhuma pessoa terá o seu direito negado. Paz significa ausência de guerra ou de turbulência. Prosperidade significa que ninguém tem necessidade material. A estratégia em relação a esses objetivos negativos é: *evitar*. Passos são dados para evitar a injúria, a guerra e a carência, freqüentemente com alguns bons efeitos. No entanto, no final, são desastrosamente ineficazes, como mostra a História.

O sistema mundano tenta produzir diretamente justiça, paz e prosperidade na vida das pessoas impondo restrições sobre o que poderia prejudicá-las. Mas esse esforço não é prático nem eficaz. O evangelho de Cristo, em contraste, cria uma nova pessoa, imbuída das realidades positivas da fé, da esperança e do amor a Deus, em

primeiro lugar, e a todos os homens, mulheres e criaturas. Quando o governo de Deus é cumprido na vida humana, essa transformação positiva do ser resulta em justiça, paz e prosperidade.

Não devemos complicar as coisas. A essência da espiritualidade é prática. A inteligência, a fé e o amor também. No entanto, nada é realmente prático em relação às aspirações humanas para o mundo se não procede de um entendimento profundo da realidade do coração humano e não questiona as forças fundamentais que movem a vida humana e a História. E esta falta de entendimento é revelada de forma completa e constante por nossa tendência de perguntar "por quê?", quando encaramos o mal que as pessoas fazem.

### **"O MAL QUE O HOMEM FAZ"**

Na comunidade de Wilmington, no sul da Califórnia, há uma área descrita pela imprensa como um "protótipo da vizinhança americana da década de 1950". Algumas famílias moram ali há 20 ou 30 anos e agora têm filhos que cresceram juntos e se casaram entre si. Na noite do dia 14 de janeiro de 1983, a comunidade se reuniu para comemorar um batismo. Pouco depois da meia-noite, os participantes da festa foram atacados com tiros e facadas desferidos pelos membros de uma gangue de rua da parte sul de Los Angeles, que fica a alguns quilômetros de distância. Em segundos, havia jovens mortos e agonizantes espalhados pelas ruas e calçadas. Homens, mulheres e crianças feridas gritavam em agonia, com danos irreparáveis nos corpos e nas vidas. Algum tempo depois, uma jovem da comunidade lembrou aquela cena de horror e perguntou, confusa: "Por quê? É isso que todos querem saber. Por que aconteceu tamanha barbaridade?"

Um professor e escritor amplamente conhecido no campo da educação, Herbert Kohl, descreve a reação de seus filhos ao massacre de refugiados palestinos em Beirute. Eles não conseguiam entender como soldados *judeus* podiam deixar aquilo acontecer, como era possível que o povo que tinha experimentado os horrores dos guetos e dos campos de concentração pudesse ter algo a ver com a morte de palestinos indefesos. O professor achou impossível dar aos filhos uma resposta satisfatória e comentou: "Eu não entendo como pessoas que provavelmente são pais

amorosos e amigos leais se transformam em assassinos... Cristãos, judeus e árabes estavam envolvidos na negação do amor e no aviltamento da justiça no Líbano. O máximo que posso dizer é que alguns tipos de obsessão ideológica levam as pessoas a tratar as outras como se não fossem humanas."

### **MAS POR QUE DEVEMOS PERGUNTAR "POR QUE?"**

A *enormidade* da maldade humana nos faz perguntar "por quê?" quando somos forçados a contemplá-la. A magnitude e complexidade da destruição e aviltamento do mais fraco pelo mais forte na sociedade nos deixam atordoados.

Durante o cerco de Leningrado pelos nazistas na II Guerra Mundial, 600 mil pessoas morrem de fome! Milhões de pessoas morrem quando a Estônia, a China e o Camboja empreendem uma coletivização forçada. Uma bomba é lançada sobre Hiroshima, e milhões de pessoas são carbonizadas ou transformadas lentamente em monstros agonizantes. Nos Estados Unidos, 50 mil crianças pequenas desaparecem todos os anos, e nunca mais se ouve falar na maioria delas. Raptadas para serem, talvez, molestadas sexualmente, escravizadas ou mortas. Temos atualmente 600 mil jovens menores de 16 anos ganhando a vida na prostituição masculina e feminina. Há registro da existência nos Estados Unidos de um mercado negro infantil onde um menino branco vale 30 mil dólares. Outras crianças valem também muito dinheiro. Espancamentos e abusos em muitas famílias vão passando de geração em geração, e parece que estão aumentando à medida que a estrutura social se torna cada vez mais fragmentada e desumana e as vítimas de abuso encontram cada vez menos apoio em seu ambiente para sustentá-las e redirecionar suas vidas.

Esses fatos foram reunidos sem a necessidade de uma pesquisa especial, apenas recorrendo a fontes confiáveis de informação pública. As maldades cometidas por pessoas contra pessoas estão constantemente diante de nós. Isso tem sido objeto de nossa constante preocupação pessoal. Sabemos que nunca estamos totalmente *seguros* contra elas. E ainda assim perguntamos: Por quê?"

Mas por que perguntamos "por quê?". O que há em nossa vida que sempre nos deixa atônitos e confusos diante da maldade

das pessoas? (Na verdade, até nossa própria maldade nos choca). O que nos faz esperar algo melhor, dentro de um panorama histórico como o que citamos? Há algo profundo a ser explorado aqui, intimamente ligado à nossa confiança pueril na decência básica e na nossa falha correspondente de tomar as medidas adequadas contra o mal em nossa própria personalidade e no nosso mundo.

## **NEGAÇÃO DA PROFUNDIDADE DO MAL**

Sem dúvida, grande parte de nossa surpresa diante da maldade procede do conhecido mecanismo psicológico da negação. A habilidade da mente de manter o equilíbrio e seguir adiante se fundamenta na negação. Recusamo-nos a olhar ou tomar consciência de coisas trágicas o bastante para nos paralisar. O horror do comportamento atual é como a face da Medusa na mitologia grega. Temos a sensação de que, se olharmos de frente para ela, seremos transformados em pedra.

Somos auxiliados em nossa negação pelo fato de que em muitas ocasiões a maioria das pessoas trata bem as outras. São amáveis e solícitas, ou pelo menos não destrutivas. Temos de dar graças a Deus por isso, já que de outra forma a vida não seria possível. Qualquer que seja a condição do coração, o comportamento de nossos colegas e vizinhos em geral é ameno e inofensivo e, muitas vezes, compassivo e amoroso.

Todavia, reconhecemos que, analisando friamente, a maldade que emerge no calor dos eventos humanos não é algo que uma pessoa normal desejaria para os outros. No máximo, seria admitida apenas como um "mal necessário", ou fruto de circunstâncias extenuantes. Mas nós só perguntamos "por quê?" em face de casos inegavelmente monstruosos de maldade que não podemos imaginar qualquer necessidade ou circunstância que os expliquem.

No entanto, as explicações, quando há, não chegam ao âmago da questão. O mal baseia-se no desvio geral da vida humana, do qual todos nós compartilhamos. Ele se move num circuito tão vasto, tão abrangente e tão pesado que, como o movimento da Terra, é quase impossível de ser detectado. Nós nos iludimos a respeito da maldade das pessoas *porque desejamos continuar*

*vivendo como estamos vivendo e continuar sendo o tipo de pessoa que somos.* Não queremos mudar. Não queremos que nosso mundo seja realmente diferente, embora queiramos escapar das *conseqüências* do mundo como realmente ele é e do fato de sermos o que realmente somos.

Achamos que seria maravilhoso se nós e as outras pessoas tentássemos fazer diferença – fazendo o que deveríamos – e muitas vezes dizemos isso. Contudo, não queremos nos dar ao trabalho de nos tornar o tipo de pessoa que de fato e naturalmente faz o que precisa ser feito.

Na verdade, os meios de comunicação (livros, filmes e programas de televisão) às vezes, aparentemente, desejam nos convencer de que ser uma "uma boa pessoa" é algo tolo e enfadonho. Imagine uma série de TV chamada "Virtude em Miami", em vez de "Vício em Miami". Somos atraídos pelo mal; ele nos excita.. Mas o surpreendente é que, ainda assim, ficamos surpresos quando o mal se torna uma realidade.

## **PRONTIDÃO PARA PRATICAR O MAL**

Nosso "por quê?" em face do mal aponta para uma falta de entendimento (voluntária ou não) das forças que habitam a personalidade humana normal e, deste modo, mudam ou condicionam o curso normal dos acontecimentos humanos. Acima de tudo, mostra uma falha na compreensão de que o suporte básico das maldades universalmente deploradas está na simples *prontidão* dos indivíduos "decentes" de prejudicar outros, quando as condições são "favoráveis". Essa prontidão entra em ação para realizar nossos objetivos de segurança, gratificação do ego ou satisfação dos desejos do corpo. Essa prontidão sistemática que permeia a personalidade de seres humanos normais e decentes é a natureza humana decaída. Entender isso é o primeiro nível de entendimento da razão por que as pessoas cometem maldades.

Essa *prontidão* sempre presente para o mal está nas pessoas e ao redor de nós como um material altamente inflamável, pronto para explodir à menor provocação. Aqui está a parte principal daquele nível mais profundo de realidade que a visão profética alcança quando observa as épocas. Eis a análise profunda que Isaías fez da sociedade: "O poderoso se tornará como estopa, e sua

obra como fagulha; ambos serão queimados juntos sem que ninguém apague o fogo" (Is 1.31). Paulo via as pessoas não-regeneradas como "vasos de ira" (Rm 9.22) e como "filhos da ira" (Ef 2.3, ARA). A ira humana é um impulso explosivo e incontrollável para ferir ou prejudicar. Este é um fato da vida, associado em especial à devassidão e ao caos que nos impressionam tanto nas monstruosidades que ocorrem. A ira é irmã da vingança e quase sempre se apóia na justiça própria e no fato do indivíduo ter sido lesado. Desta maneira, tem a "justificativa" para deixar de lado todas as restrições.

### **COLHENDO TEMPESTADE**

Muitos dos conselhos e análises do livro de Provérbios previnem contra a "ira", uma forma fundamental e bem complexa do mal. "A ira do insensato num instante se conhece" (12.16, ARA), mas "o homem paciente dá prova de grande entendimento" (14.29). Medo e ira se misturam para formar a resposta automática geral do "ser humano normal e decente" a qualquer pessoa ou evento que ameace sua segurança, *status* ou satisfação. Uma vez que tal resposta irrompe, todas as outras tendências para o mal no ser humano entram em contagem regressiva, prontas para seguir seu curso se nada for feito para desativá-las ou reprimi-las. Isso, porém, em geral, não acontece até que o dano seja feito, estabelecendo novos ciclos de reação de ira. Como costumamos dizer corretamente, "todo o inferno está solto". É para prevenir este processo que somos aconselhados a sermos *prontos* para ouvir, *tardios* para falar e *tardios* para nos irar (Tg 1.19,20). Uma vez que a palavra com sua carga de ira é liberada, o processo maior de maldade é colocado em movimento. O pequeno detonador aciona o projétil ou a bomba. Assim, semeamos vento e colhemos tempestade (Os 8.7).

O nível dessa "prontidão" mortal para cometer maldade em todas as suas formas varia de indivíduo para indivíduo, mas é bem elevado em quase todas as pessoas. Não se trata apenas de uma possibilidade abstrata, mas de uma *tendência* genuína, constantemente em operação. Não é preciso muito, por exemplo, para que a maioria das pessoas minta ou pegue aquilo que não lhe pertença; é uma vergonha que seja preciso tão pouco para que se pense como seria bom se determinada pessoa morresse. Assim, se



em nossa vida não formos protegidos por uma confiança de todo o coração no cuidado constante e efetivo de Deus por nós, essa "prontidão" para o mal será constantemente manifesta. Quando agimos, outras pessoas à nossa volta irão reagir. Aí reagimos a elas, e assim vai, até que nós e os outros ficamos atordoados pela consciência dos desastres em espiral.

Diariamente podemos observar essas espirais descendentes em todos os níveis da vida; das relações internacionais até o indivíduo trancado em sua pequena cela personalizada de *atitudes erradas* e sofrimento. Somente a graça comum de Deus para conosco, a presença do Espírito Santo no mundo e a Igreja constituída evitam que nossa vida cotidiana, à beira do vulcão da prontidão para o mal, seja insuportavelmente pior.

Uma vez que percebemos que as pessoas estão "prontas" para fazer o mal, nós nos surpreendemos menos por elas ocasionalmente cometerem maldades grosseiras do que pelo fato de não fazerem isso com maior frequência. Ficamos profundamente gratos porque *algo* nos refreia, impedindo-nos de fazer tudo aquilo que temos no coração.

### **O ANSEIO POR MUDANÇA: METANÓIA**

Nós temos de mudar a partir do interior. E é isso que a maioria das pessoas realmente gostaria. O arrependimento mediante o qual desejamos que nossa vida e nosso mundo sejam *realmente* diferentes – a autêntica *metanóia* que Cristo preconiza no Evangelho (Mc 1.15; 6.12) – vem sobre nós quando temos uma visão da majestade, santidade e bondade de Deus. É uma visão suficiente para transmitir uma conscientização viva de nossa terrível capacidade de quebrar a confiança em Deus, ferir as pessoas e a nós mesmos ao tomarmos as coisas em nossas próprias mãos. Esta consciência pungente de *nossa condição* silencia todos os argumentos e racionalizações. Ao mesmo tempo, nos impele para Deus, porque reconhecemos que Ele também nos vê como somos, e, apesar disso, podemos buscar ajuda e refúgio nele.

Simão Pedro foi um pescador experiente, que conhecia bem seu trabalho. Certa manhã, depois de usar o barco de Pedro como púlpito, Jesus desejou pagar pela utilização e aconselhou que

fossem "para onde as águas eram mais fundas e lançassem as redes para a pesca" (Lc 5.4). Pedro replicou que não havia cardumes por ali, que haviam tentado durante toda a noite sem apanhar nada. No entanto, com um "és tu quem estás dizendo", recolocou as redes no barco e obedeceu. As redes foram lançadas na água e afundaram, trazendo a seguir uma quantidade tão grande de peixes que começaram a se romper. Os tripulantes do barco pediram ajuda aos tripulantes de outro barco, e logo os *dois* barcos estavam tão cheios de peixes que corriam o risco de afundar.

Em determinado momento, uma conscientização tomou a mente de Pedro. *De quem* fora a sugestão que ele tratara de forma tão casual? Ele literalmente se prostrou aos pés de Jesus, dizendo: "Afasta-te de mim, Senhor, porque sou um homem pecador" (Lc 5.8). Pedro sentia-se esmagado ao ver quanto Jesus era "diferente". fundamentalmente, santidade significa *diferença* ou separação da esfera ordinária da existência humana, onde acreditamos que sabemos o que está acontecendo. É a idéia de "algo mais" na terminologia corrente. Pedro estava dizendo: "Senhor, tu és totalmente diferente de mim! Como podes, estar perto de mim?" Este "algo mais" apresentado em Jesus e seu evangelho deixa claríssimo que somos algo lamentavelmente "menos". É este senso doloroso que quebra nosso orgulho e auto confiança e nos faz almejar ser discípulos.

Quando Isaías "viu o Senhor" enchendo o templo de majestade, e os serafins proclamando sua santidade e glória (6.1-3), viu ao mesmo tempo também a si próprio como totalmente *inadequado* e *excluído*: "Sou um homem de lábios impuros e vivo no meio de um povo de impuros lábios; e os meus olhos viram o Rei, o Senhor dos Exércitos!" O profeta viu a "extrema malignidade do pecado" (Rm 7.13) e a condição deplorável dos seus *lábios*, o principal veículo do mal na vida humana. Ele foi preparado para que seus lábios fossem queimados com fogo do altar devido à sua condição precária (Is 6.7). Isaías compreendeu plenamente por que a vida humana é como é. Contra o pano de fundo de como é Deus, ele viu como ele próprio era. E ele foi "queimado" para ser diferente. Pessoas que se submetem a tal arrependimento podem facilmente entender a prontidão para o mal em todos nós.

## O MAR AGITADO

O que os indivíduos estão prontos a fazer, o que há dentro deles pronto a irromper, explica parcialmente por que as pessoas fazem as coisas que fazem. Elas estão *programadas* para fazer o que fazem. Há uma "presença real" do mal pouco abaixo da superfície de toda ação e transação humana. A magnitude do mal nas obras humanas é um resultado também das estruturas institucionais ou práticas comuns que emergem na sociedade: política, artes, negócios, jornalismo, educação, vida intelectual, governo, relações sexuais e familiares, esportes e entretenimento.

Este é o nosso "sistema". Uma mulher que ganha meio milhão de dólares por ano em Wall Street é "mais aceita" por seus colegas se usar cocaína; por isso, ela se submete a essa prática do ambiente que a cerca, quando este manipula seus desejos (Tg 1.14). Outra mulher avança em sua carreira como atriz, estando apropriadamente "disponível" para os homens que tomam as decisões. Um empreiteiro pode lucrar mais comprando materiais de qualidade inferior e subornando um fiscal "compreensivo". Um trabalhador é excluído do treinamento em técnicas avançadas porque é índio. Um professor é influenciado em sua pós-graduação pela necessidade de ter muitos alunos ou manipula dados para conseguir concessões, escrever livros e conseguir vantagem sobre os colegas. Uma jovem negra não pode conseguir notas boas o bastante para entrar na faculdade porque a escola secundária onde estuda não recebe ajuda do governo. Um pastor compromete sua imagem e pregação cedendo às inclinações dos seus ouvintes "mais importantes", para ter o apoio deles e progredir na sua carreira.

As estruturas sociais exibidas em tais casos não estão, estritamente falando, nos indivíduos, mas no mundo onde vivemos, embora sua existência e poder dependam totalmente da *prontidão* que há em nós individualmente. Os males estruturais são práticas – explicitamente formuladas ou não – aceitas e aplicadas por outros no contexto de nossas ações.

No entanto, nenhum desses males teria lugar se os Dez Mandamentos (Êx 20) e os grandes princípios de amor a Deus e ao próximo (Mt 19.3740) fossem observados. Desnutrição, guerra, opressão, luta de classes, explosão demográfica, crime, violência e conflitos familiares deixariam finalmente de ser lugar-comum,

porque os indivíduos não só não cooperariam para o seu crescimento como tomariam medidas contra eles.

## **SOMENTE A VERDADE VENCE O MAL**

A falta de cooperação com o mal transformaria a nossa vida pessoal, social e política completamente. É difícil imaginar como seria o mundo livre do mal. Tente visualizar um mundo onde não exista a mentira. Imagine se o ser humano fosse incapaz de mentir em palavras ou comportamento. Quase todas as obras e intenções malignas pressupõem que podem ser ocultas por meio do engano. A mentira precisa de um "clima". Se uma grande parte da população fosse totalmente verdadeira, a mentira seria erradicada. Poderíamos ver subitamente como o reino do mal se apóia na mentira e por que Satanás é chamado de mentiroso e pai da mentira (Jo 8.44). O reino do mal tem uma estrutura muito fraca, apesar de toda a sua aparência amedrontadora. Puxe uma corda, e o todo desaba.

Entretanto, não se pode contar com os indivíduos para fazer naturalmente o que é certo. Na verdade, eles são facilmente impelidos na direção errada, e esses movimentos repercutem por toda a comunidade. Eles são como uma pequena gota d'água. A gota d'água não possui uma estrutura vigorosa; por isso, responde a cada movimento das outras gotas ao seu redor, e todas elas começam a se mover umas com as outras. Logo uma enorme onda é gerada, grande o bastante para afundar um navio ou para se lançar contra a praia e destruir uma cidade.

O profeta Isaías compreendeu que o ímpio assemelha-se a um mar agitado, cujos movimentos naturais espalham lama e lodo (57.20). A grande força no mar da humanidade que possibilita o mal em grande escala é gerada quando os indivíduos reúnem suas impiedades em ações conjuntas ou em omissão conjunta que logo ficam muito além do seu controle ou fora do controle de qualquer um. Medo, ira, arrogância, vingança e cobiça assumem proporções sobre-humanas. Nesse ponto, o justo fica impotente para interromper o processo (Sl 11.3). A loucura segue seu curso (como uma onda) até a arrebentação, transformando-nos em indivíduos fragmentados e comunidades devastadas.

## **O EFEITO DOS INDIVÍDUOS JUSTOS**

Os justos, porém, se forem estáveis em sua justiça, se forem fortalecidos por Deus e distribuídos na sociedade de forma apropriada, podem deter a onda antes que ela se inicie. As estruturas impessoais de poder no mundo, embora não dependam da vontade e experiência de nenhuma pessoa, para ter força dependem da *prontidão geral das pessoas normais para cometer o mal*.

Um *slogan* da década de 1960 fazia a seguinte pergunta: "Já pensou se eles declarassem guerra e ninguém comparecesse?" Obviamente não haveria guerra. No entanto, no caso de um fenômeno complexo como uma guerra, o justo deve ir muito além da resistência e do não envolvimento. Deve alcançar as disposições que fazem a guerra possível. Guerra não é um fenômeno isolado, mas uma conseqüência de práticas, ideais e atitudes culturais, econômicas, raciais e até religiosas que sobrevivem no contexto social. São faíscas que acendem o holocausto da guerra.

As relações entre os vários grupos sociais no interior das nações são empreendidas de tal maneira a proporcionar um solo fértil para o sofrimento, a injustiça e a violência. Todas as grandes palavras, como labor, administração, negro, branco, judeu, burguês, latino-americano, classe média, rico, pobre, feminista, polícia, governo, profissional, colarinho-branco, lei, saúde, bem-estar, Direita, Esquerda, etc., ganham sua substância concreta nas respostas habituais, boas ou ruins, dos seres humanos normais "decentes".

## **OS MALES COLETIVOS SÃO BASEADOS EM IDEOLOGIA?**

Esta associação de palavras-chaves e *slogans* com os bloqueios e pressões sociais identificáveis levam alguns a tentar explicar a desumanidade das pessoas para com outras como resultado de "obsessão ideológica". Sem dúvida, conceitos e formulações ideológicos exercem certo fascínio, mas creio que este diagnóstico – oferecido principalmente por aqueles que se dedicam às idéias – na realidade não leva em conta os fatores *operacionais* da maldade coletiva.

A ideologia *sozinha* não seria capaz de colocar em movimento a máquina do mal. É um fato que a maior parte da maldade

cometida sob as bandeiras ideológicas baseia-se em ressentimentos, ódios há muito cultivados que, no momento do ato, tomam a forma de ira, frenesi, aversão, cobiça, ganância ou vingança de um indivíduo específico. Então, no caso de muitas pessoas envolvidas, eles se camuflam como um sentimento de obrigação cega ou compromisso com o bem do "meu povo".

Esse mesmo conjunto de fatores opera *dentro* dos agrupamentos sociais menores, em especial nas famílias, vizinhanças e grupos de trabalho para manter a panela de dor e maldade constantemente em ebulição com erros de comissão e omissão. Se esses fatores concretos fossem eliminados ou apropriadamente restringidos ou redirecionados dentro dos indivíduos envolvidos, a ideologia seria considerada em grande parte inócua; ou então, do contrário, a ideologia faria pouca diferença no que tivesse por acontecer. Somente a racionalização seria diferente.

## **O PROBLEMA PRÁTICO**

Do ponto de vista prático, o problema radical concernente às estruturas de poder deste mundo, dado o nosso próprio medo, orgulho, cobiça, ganância, inveja e indiferença, é: Como transformar o caráter humano do seu estado de prontidão para desprezar a Deus e ferir outras pessoas? Como desenvolver estruturas de relações humanas na família e na sociedade que não promovam nem favoreçam o mal? A mudança individual é a resposta, apesar de muitos acreditarem fortemente que a resposta está nas mudanças sociais.

Não estou sugerindo que todas as formas de instituição social são igualmente boas ou ruins, ou negando que devemos lutar pelos melhores contratos culturais, educacionais, econômicos, legais, políticos, sociais e religiosos nas questões humanas. Também não nego que a prontidão para o mal no indivíduo tem como causa imediata o contexto social no qual a pessoa nasce e se desenvolve. Disso inferem alguns, como J.J. Rousseau, que o controle do mal sobre a humanidade pode ser quebrado pela simples mudança nos contratos sociais e econômicos sob os quais vivemos.

Certamente, como mostra a História, algum bem pode ser realizado mediante mudanças desse tipo. No entanto, o fracasso das mudanças estruturais como uma estratégia total para se lidar com o mal do coração humano nas dimensões individuais e sociais é poderosamente demonstrado pelas muitas "revoluções" que ocorreram nos séculos XIX e XX, nas quais um opressor foi substituído por outro, no curso de rios de sangue. O dito popular: "Quanto mais as coisas mudam, mais elas permanecem iguais ao que sempre foram!" é totalmente apropriado – em face das revoluções políticas ou sociais e à luz das "soluções" fantasiosas.

O. Hardman destaca que as épocas nas quais os cristãos praticaram mais intensamente as disciplinas para o Reino de Deus foram em geral tempos em que as condições sociais foram grandemente modificadas para melhor. No entanto, ele acrescenta:

O verdadeiro progresso social nunca pode ser afetado unicamente pelos programas de reforma, demandas organizacionais e ações legislativas. Salários mais altos e lazer mais abundante, boas moradias e melhores condições sanitárias, em si mesmos não são capazes de garantir o progresso ou mesmo deter a deterioração. E muito mais importante que as pessoas sejam limpas e claras em seus hábitos e frugais no uso do tempo e do dinheiro, e que os relacionamentos dos membros da comunidade sejam inspirados pelo amor, em vez de controlados pelos princípios de justiça legal e econômica. Essas coisas são certamente melhor promovidas pela presença de cristãos intensos vivendo asceticamente no meio da sociedade, nos vários tipos de organização.

É claro que aqueles que pensam que a reforma social e legislativa é a resposta para os problemas da humanidade podem insistir em que o empecilho ao nosso progresso é a falta de conhecimento e de pessoal adequadamente treinado. Com o conhecimento correto e o pessoal adequado, eles acreditam ser possível eliminar o mal que as pessoas cometem contra as outras e contra si mesmas. As mudanças estruturais são certamente necessárias, assim como estão certos aqueles que insistem em que a solução está na regeneração do indivíduo. Quando entendidas de

uma forma que realmente supra a necessidade que se tem em vista, elas falam da mesma coisa. No entanto, *nenhuma* delas é correta, a menos que estejamos falando sobre conhecimento, contratos ou experiências sociais que transformem *radicalmente* o caráter humano e os relacionamentos.

## **A ILUSÃO DO NOSSO TEMPO – MUDAR PARA O MESMO**

Em algum ponto, temos de parar e buscar uma nova informação, contrato social ou experiência religiosa que lance o mal para fora do mundo, acabe com as guerras, a fome, a opressão... *mas que permita que continuemos a viver da mesma maneira desde Adão*. Esta é a ilusão do nosso tempo, o Santo Graal da modernidade, um sonho agradável no sono do secularismo. Os males monstruosos que deploramos são na verdade as estritas conseqüências do espírito e comportamento dos seres humanos "normais" seguindo padrões de vida geralmente aceitos. Não são resultado de surtos estranhos, circunstâncias acidentais ou comportamentos de certos indivíduos loucos ou maus. Os tiranos, as forças satânicas e práticas opressivas deste mundo trabalham em cima de nossas vidas "meramente decentes" como um mestre organista domina seu instrumento, mas que seria totalmente impotente sem ele.

O debate "mudança social ou individual" como resposta ao problema do mal não tem fim porque em geral é muito superficial. Estabelecer os direitos do trabalhador e dos vários grupos étnicos, estatizar os meios de produção, condenar toda discriminação, requerer decisões governamentais para o bem-estar e a educação... isso certamente fará diferença – boa ou ruim. No entanto, esses elementos não eliminarão a ganância, a solidão, o ressentimento, a miséria sexual, o desapontamento com a própria vida, o desejo e significado de reconhecimento, medo de doença, dor, velhice e morte ou o ódio pelas outras culturas. Medidas externas não nos levarão a amar e aceitar a nós mesmos e aos nossos semelhantes nem nos capacitarão a gozar paz interior. No entanto, o mesmo se pode dizer das experiências coletivas e insípidas de arrependimento e fé (se realmente pudermos chamá-las assim) que a ora são anunciadas como porta de entrada para uma vida nova e sobrenatural.



Não se trata de uma teoria, mas de um fato observável. A mais elevada educação e a mais estrita visão doutrinária e prática religiosa deixam intocado o âmago de trevas das quais os demônios emergem para se empoleirar no dilacerado dorso da humanidade. Leis excelentes, com elevadas intenções sociais, bem como ampla confissão do novo nascimento ou contato de primeira mão com Deus, ainda deixam uma fantástica carência nas questões nacionais e internacionais ou na qualidade da vida em família e comunitária.

### **SERÁ QUE A IGREJA ESTÁ SUPRINDO A NECESSIDADE?**

Em geral, a Igreja não parece estar fazendo muito para suprir a necessidade que se apresenta. Nós falamos sobre a grande expansão da Igreja em números nas últimas décadas. Um grande corpo de discípulos surgiu na América do Sul e na África. Talvez seja deles a oportunidade de mostrar o caminho para a humanidade, enquanto andam plenamente sob o jugo de Jesus.

Entretanto, cristão algum jamais resolverá os problemas de seu próprio povo, se tomarmos os elementos espirituais da Igreja cristã no Ocidente como a mais elevada possibilidade cristã. Nos países do Primeiro Mundo, os cristãos simplesmente não avançam muito na saúde e força de Cristo. Conselheiros e psicólogos descobrem, com freqüência, pouca diferença entre as atitudes básicas, ações e aflições de seus clientes cristãos e não-cristãos. Alguns estudos recentes sugerem que depressão, ansiedade, desajustes pessoais e conjugais são epidêmicos em membros de igrejas, independente da denominação. Dentre todos os grupos profissionais, em 1987 o clero apresentou o segundo maior índice de divórcios.

Nos últimos anos, as alas mais conservadoras das Igrejas Católica e Protestante tomaram uma forte posição social nos Estados Unidos e têm sido objeto de boa vontade e apoio. A maior questão que elas encaram agora é se realmente hão de presentear o mundo com uma nova humanidade ou se são apenas uma atração do momento porque parecem apoiar certos valores tradicionais que confortam as pessoas confusas e amedrontadas em relação ao futuro.

## **DOENÇA RADICAL EXIGE TRATAMENTO RADICAL**

O elemento isolado mais tocante em relação ao Reino que Jesus nos convida a entrar é a total confiança no cuidado e provisão de Deus.

Diante de uma multidão enferma e carente (Mt 4.24,25), Ele pronunciou uma bênção extensiva a todos os indivíduos das mais variadas procedências. As Beatitudes, como já notamos antes, são dirigidas a pessoas perdedoras de acordo com os valores humanos comuns: os pobres espirituais (5.3), os deprimidos e entristecidos (5.4), "os capachos" (5.5), os consumidos pelas injustiças cometidas contra eles (5.6), etc. A bem-aventurança está disponível em cada caso por causa do relacionamento com Deus em seu Reino.

No entanto, num julgamento distorcido sobre a natureza da vida, nós tentamos transformar as Beatitudes em mera poesia, em vez de tratá-las como pronunciamentos realistas sobre *como as coisas são*. Tentamos fazer com que elas se encaixem na decência banal que sustenta as estruturas de poder num mundo que se opõe a Deus. A estratégia parece ter dado certo na versão de Mateus. Entretanto, a plenitude da versão de Lucas não permite que a intenção de Jesus seja subvertida: bem-aventurados os pobres, os famintos, os que choram e os perseguidos porque o Reino de Deus está à disposição deles (Lc 6.20-23; 16.16)!

Jesus conhecia e praticava em sua própria vida a suficiência de Deus para cada necessidade. Ele praticava o que pregava. O que Ele expressou em seu evangelho era sua visão e sua fé.

Somente na fé em Jesus Cristo podemos encontrar o poder para desalojar o mal no caráter e na vida humana. Temos uma esperança realista ao abordar os problemas do mundo: *a pessoa e o Evangelho de Jesus Cristo, vivendo aqui e agora, nas pessoas que são dele, mediante a identificação completa por meio das disciplinas espirituais.*

A fé e a disciplina cristãs geram uma nova humanidade, para quem "o Senhor é o meu pastor, nada me faltará". "Pai nosso que estás no céu" não expressa uma resolução, uma esperança ou um compromisso, mas uma visão firme de um fato: o povo de Jesus vive em entrega total. Essa visão considera a preocupação com comida e bebida como totalmente sem importância. A atitude

natural para quem crê em Jesus é: "Não andem ansiosos por coisa alguma, mas em tudo, pela oração e súplicas, e com ação de graças, apresentem seus pedidos a Deus. E a paz de Deus, que excede todo entendimento, guardará o coração e a mente de vocês em Cristo Jesus" (Fp 4.6,7).

Os membros dessa nova humanidade não têm medo "ainda que a terra trema e os montes afundem no meio do mar" (SI 46.2). O viver é Cristo, o morrer é lucro (Fp 1.21). Viver e morrer são as únicas possibilidades, e ambas são transcendentais e maravilhosas, pois a libertação do medo da morte é a consequência inevitável da vida de fé em Jesus (veja Mt 10.28; Hb 2.15). É dessa fé que estamos falando.

## **DA FÉ RADICAL PARA A DISCIPLINA RADICAL**

Começando de uma fé radical, o indivíduo é capaz de empreender um curso de vida que transformará seu caráter e o capacitará a levar a sabedoria e o poder de Deus *a toda* a sociedade humana. Então os cristãos serão capazes de assumir posições de liderança ou de "pastorear" em todos os níveis da sociedade, a fim de que toda a humanidade possa, no momento apropriado da História, receber o Cristo ressuscitado e glorificado como seu soberano Senhor. O governo estará sobre os Seus ombros na realidade [visível].

Esse é o evento futuro que devemos trazer à mente quando ouvimos dizer que virtude pessoal não é a resposta para os males sociais. O efeito dessa afirmação é manter as pessoas trabalhando por mudanças na sociedade sem atentar para a transformação radical de caráter. E a continuação da "vida como de fato é", o que é precisamente a causa do problema. Muitas vezes, aqueles que trabalham dessa maneira presumem-se "radicais". Contudo, eles falham em ir à raiz da ordem e da desordem social. O único verdadeiro "radical" é aquele que propõe um caráter e uma vida "diferente" para os seres humanos.

## **REESTRUTURANDO PARA O REINADO DE CRISTO**

Como, porém, a transição para o reinado de Cristo por meio do seu povo pode ocorrer? Muitas vezes, somos informados de que

o governo de Deus sobre a terra será consumado num grande ato de violência, no qual multidões serão mortas por Deus, seguindo-se um governo totalitário de proporções literalmente infinitas, com sede em Jerusalém.

Embora a humanidade possa não merecer nada melhor do que isso, um governo divino desse tipo não parece coerente com as boas novas que Jesus trouxe sobre Deus. Ademais, se é isso o que acontecerá, por que a ação seria tão postergada? O tipo de força visualizada teria sido efetiva a qualquer momento que fosse aplicada. Eu creio que o governo vindouro de Deus deve ser o governo da graça e da verdade por meio de pessoas maduras em Cristo. Não será pela força, mas pelo poder da verdade apresentada com amor imenso. Nossa incapacidade de conceber algo que não seja a força apenas comprova nossa obsessão pelos meios *humanos* de controlar outras pessoas.

No entanto, a natureza humana e o registro bíblico indicam que o governo vindouro de Deus, que substituirá as estruturas de poder do mundo presente, não virá mediante um mero avanço progressivo da humanidade em geral. O retorno de Cristo à história mundial é exigido para completar a obra. À parte de um princípio de vida radicalmente novo, a humanidade não pode avançar *tanto*. Somente a presença real de Cristo no seu povo, preparado e espalhado por toda a vida "secular" da humanidade, causará o necessário "definhamento do Estado". O Estado é o símbolo de todas as estruturas mundanas de poder baseadas na opressão e na capacidade de causar dor e morte. A presença real de Cristo como a força que governará o mundo virá somente quando aqueles a quem Ele chama ocuparem suas posições em santidade e no poder do Espírito, mostrando ao mundo a melhor maneira de viver.

## **O SISTEMA DE JUÍZES**

Há um modelo para esta organização social. O padrão da organização social adequada à natureza humana e à sociedade sob o governo de Deus foi prefigurado no sistema de "juízes" introduzido nos primórdios da nação de Israel. Moisés tentou aconselhar, dirigir e ajudar todo o povo naquilo que cada pessoa precisasse. Este é o papel muitas vezes assumido pelo governo. Entretanto, houve (e há) um limite na própria natureza dos re-

lacionamentos humanos para o que uma pessoa pode fazer em favor da ordem social e das necessidades individuais – mesmo quando a pessoa está intimamente ligada a Deus.

Assim, Moisés foi aconselhado por seu sábio sogro a "escolher dentre todo o povo homens capazes, tementes a Deus, dignos de confiança e inimigos de ganho desonesto" (Êx 18.21). Dentre esses homens, alguns foram colocados para liderar grupos de mil, outros foram colocados sobre grupos de cem, outros sobre grupos de cinqüenta e alguns sobre dez pessoas, para "julgarem" o povo conforme a necessidade, trazendo a Moisés somente as questões extremamente importantes. Moisés tomou "homens sábios, cheios de entendimento e respeitados", escolhidos dentre as várias tribos de Israel, e os nomeou para os vários níveis de julgamento.

Eis aqui a descrição da tarefa que Moisés lhes deu: "Atendam as demandas de seus irmãos e julguem com justiça não só as questões entre os seus compatriotas mas também entre um israelita e um estrangeiro. Não sejam parciais no julgamento! Atendam tanto o pequeno como o grande. Não se deixem intimidar por ninguém, pois o veredicto pertence a Deus. Tragam-me os casos mais difíceis, e eu os ouvirei."

A genialidade desse sistema é enorme. Ele maximiza as possibilidades do indivíduo de responder e assumir responsabilidades sobre outros indivíduos dentro da comunidade sob o governo de Deus. O primeiro nível de liderança era responsável pela supervisão de dez indivíduos. Sem dúvida, significava dez homens com suas famílias. O segundo nível (juizes sobre cinqüenta) tratava diretamente apenas sobre cinco indivíduos (os juizes do primeiro nível) e o terceiro nível tratava diretamente com dois indivíduos (os juizes do segundo nível). As possibilidades de conselho, orientação e entendimento efetivo, bem como o cuidado com as necessidades das pessoas, eram apropriados à natureza humana – necessidades essas tão desesperadamente negligenciadas em nossa sociedade moderna!

Há muitas razões para crermos – no contexto da vida no Antigo Testamento – que este sistema devia ser praticado como a atitude de vizinhos atenciosos e amorosos que viviam inteiramente dentro da letra e do espírito dos Dez Mandamentos e em todo conselho de Deus para o povo israelita. Aqueles que "saíam da linha" eram trazidos de volta mediante o esforço, a persuasão e o

exemplo do "juiz de dez", que era um vizinho no sentido mais literal, ou com a cooperação daqueles que estavam acima dele, caso houvesse necessidade. Necessidades legítimas dos indivíduos seriam conhecidas e supridas com os recursos da comunidade, enquanto todos viviam com a consciência da provisão de Deus. "Julgar" era garantir que a justiça estava sendo feita na comunidade, que as coisas estavam como deviam estar.

Certamente esse sistema jamais funcionou de forma perfeita – como acontecia com todo o sistema mosaico de legislação – devido às falhas dos indivíduos que ocupavam posições de autoridade e de liderança. Os líderes de Israel, como de todas as nações desde então, constituíam uma quase ininterrupta série de ilustrações de como o *poder libera a corrupção do coração humano*. Isso revela que não é como diz a bem conhecida afirmação de lorde Acton: "O poder corrompe, e o poder absoluto corrompe absolutamente", mas, sim, que o *poder torna a corrupção aparente, e o poder absoluto torna a corrupção absolutamente aparente*. Tomás de Kempis estava certo ao escrever: "A ocasião não faz o homem cair, mas mostra o que o homem é."

A História aguarda Cristo e cristãos segundo o seu caráter para que o sistema de juizes possa se tornar uma realidade social funcional e os reinos deste mundo se tornem o Reino do nosso Deus e do seu Cristo, como a pedra cortada sem ajuda de mãos que encherá toda a terra (Dn 2).

Em relação ao nosso mundo de hoje, não precisamos pensar em termos de correspondência exata, em números, e o arranjo hierárquico exato estabelecido por Moisés. O ponto essencial, contudo, não pode ser perdido de vista. As coisas darão certo na vida e na sociedade humanas somente quando pessoas "capazes, tementes a Deus, dignas de confiança e inimigas de ganho desonesto" (Êx 18.21) forem adequadamente distribuídas e posicionadas para garantir que se faça justiça.

A justiça não pode prevalecer enquanto não houver um número suficiente de pessoas adequadamente equipadas com o caráter e o poder de Cristo, distribuídas, como no modelo mosaico, por toda a sociedade, sob o governo de Deus, para assegurar o cumprimento, sempre, do que seja bom e certo. Tais pessoas são "vasos para honra, santificados e idôneos para uso do Senhor, e preparados para toda boa obra" (2Tm 2.21). Somente então a

fraternidade, a justiça, o bem-estar e, conseqüentemente, a paz prevalecerão na terra.

Será que isso é possível?

Não creio que isso seja um mero sonho ou uma ilusão desesperada. Precisamos entender como as disciplinas se combinam com a graça na personalidade humana. Há uma forma de vida que, se adotada, eliminaria todos os problemas sociais e políticos que sofremos. Esta forma de vida vem para os discípulos sinceros de Cristo que vivem as disciplinas da vida espiritual, permitindo que a graça alinhe seus *corpos* com seus *espíritos redimidos*.

## **DE MOISÉS A JESUS**

A ordem instituída por Moisés foi praticada até a instituição da monarquia em Israel (I Samuel 8). O período dos "Juízes" foi aquele no qual Israel esteve sem governo, como a palavra é geralmente entendida, e "cada um fazia o que lhe parecia certo" (Jz 17.6; 21.25). Havia uma hierarquia, visível na forma de "anciãos", os quais se sentavam em algum lugar público, tal como o portão de entrada da cidade, para tratar de qualquer assunto que exigisse atenção (Rt 4.1-12). Em épocas de crise, o "juiz" se tornava um líder nacional. Esses líderes naturais são os juizes do livro que leva este mesmo nome, no Antigo Testamento.

Muitas pessoas que lêem hoje que no período dos Juízes "cada um fazia o que lhe parecia certo", acham que isso implica desordem ou caos. De fato, pessoas daquela época tomaram caminhos errados. No entanto, cada um fazer o [seu] melhor é a condição ideal da humanidade, o que muitas vezes é chamado de "liberdade", e não quer dizer necessariamente fazer coisas erradas. No livro de Juízes, fazer o que parecia certo não era recusar-se a fazer o que era certo aos olhos de Deus, mas se recusar a fazer o que outra pessoa impusesse como certo. Deus sempre tencionou que andássemos com Ele de forma pessoal, que tivéssemos prazer em fazer as coisas certas e, então, fizéssemos o que fosse certo aos nossos próprios olhos. Para isso fomos feitos, e é isso que constitui nossa individualidade: fazer livremente, de coração, o que é certo.

Quando Israel exigiu um rei e um governo estabelecido para substituir a condição de liberdade sob o governo direto de Deus, o

Senhor disse a Samuel (o último dos juizes no sentido pleno original): "Não foi a você que rejeitaram; foi a mim que rejeitaram como rei" (1 Sm 8.7). Quando Deus lhes deu Saul como rei, Samuel disse: "Vocês agora rejeitaram o Deus que os salva de todas as suas desgraças e angústias. E disseram: Não! Escolhe um rei para nós" (10.19).

Assim como se recusaram a falar diretamente com Deus e insistiram em que Moisés fizesse isso por eles (Dt 5.24-27), agora eles se recusavam a permitir que Deus os governasse diretamente por sua lei e por indivíduos capacitados por Ele para tarefas que a ocasião exigisse, sem um governo estabelecido com base e poder próprio.

A teocracia, numa certa medida, foi restaurada mediante a *destruição* da monarquia e o tempo do exílio. Então o ensino a respeito do governo "celestial" de Deus (e.g., Ed 6.10; 7.12,23; Ne 1.5; 2.4; Dn 2:28,44) emerge dos escritos do Antigo Testamento, preparando o caminho para o anúncio dramático de João Batista e Jesus: "Arrependam-se, pois o Reino dos céus está próximo" (Mt 3.2; 4.17). Agora, toda a humanidade é convidada a viver em *família*, o que é feito possível pelo nosso Pai, no céu, a quem dirigimos nossas orações.

Quando o evangelho deste reino-família estiver propriamente presente na *vida* do povo de Cristo, o final da história humana como nós a conhecemos ocorrerá (Mt 24.14), pois a humanidade entrará debaixo da liderança efetiva daqueles que estão no Reino e que serão os juizes sobre a terra (I Co 6.2).

## **O CAMINHO DE CRISTO AINDA NÃO TENTADO**

A famosa pintura de Holman Hunt, "A Luz do Mundo", mostra Jesus Cristo com uma lâmpada na mão batendo numa porta. A porta não tem maçaneta do lado de fora e está cercada de mato e trepadeiras. A interpretação escrita embaixo do quadro (exposto na Catedral de São Paulo, em Londres) afirma: "No lado esquerdo do quadro, pode-se ver a porta da alma humana. Está bem trancada; suas trancas e pregos estão enferrujados; ela está pregada ao seu batente por grandes tufo de erva daninha, mostrando que jamais foi aberta."



Há algo profundamente verdadeiro nessa afirmação. Em qualquer interpretação justa da História, o caminho de Cristo para o Reino de Deus não foi tentado como *uma forma de administrar as questões humanas*. Falta pessoal para tal empreendimento. Aqui, novamente, temos de dar crédito a Chesterton. O cristianismo não foi "testado e considerado inútil. Ele foi achado difícil e abandonado sem ser tentado." Raramente as pessoas se aproximam o bastante até para considerá-lo difícil.

Houve uma "plenitude dos tempos", na qual Cristo pôde se manifestar em carne (Gl 4.4). Do mesmo modo, há uma plenitude dos tempos para que o povo de Deus se levante com o estilo concreto de vida pelo qual o mundo anseia em seus momentos de lucidez e elogia por meio de seus poetas e profetas. Como uma resposta aos problemas do mundo, o evangelho do Reino jamais fará sentido, exceto quando for encarnado – quer dizer "incorporado" – em seres humanos comuns em todas as condições ordinárias da vida humana. Ele fará sentido quando porteiros e balconistas, carpinteiros e secretárias, empresários e professores universitários, banqueiros e funcionários públicos transbordarem de santidade e poder antes julgados prerrogativas de apóstolos e mártires.

A verdade cristã iluminará a Terra quando o discipulado cristão for reconhecido como uma condição de competência profissional em todas as áreas da vida, uma vez que somente de Jesus emana a força para vivermos e trabalharmos como *devemos*.

## **BATENDO À PORTA DA IGREJA**

O fim da II Guerra Mundial continua sendo comemorado na Inglaterra. Recentemente, estive na Abadia de Westminster no dia 8 de maio, Dia da Vitória, quando estava sendo realizado um culto especial. Todos os belos textos bíblicos que falam sobre não haver mais guerras, sobre a justiça e a paz governando a terra, foram lidos com emoção. Como fazemos em tais ocasiões, suspendemos todas as objeções às dificuldades para fazer isso acontecer e nos perdemos na maravilhosa beleza da esperança.

No entanto, enquanto ouvia, a questão dos meios voltou à minha mente. Eu me perguntava: Como esperamos que tudo isso

ocorra? Sabemos que temos alguma parte na transformação da visão em realidade. Embora seja a presença e o poder de Deus que trarão saúde e paz à terra, os cristãos não são meros expectadores. Este poder e presença não cairão sobre nós como uma pedra. Há uma instrumentalidade humana envolvida, e este é o motivo porque Deus aguarda a plenitude do tempo determinado por nossa capacidade de receber o que Ele nos dará. Ele nos chama para sermos parte de seus esforços. Nosso papel é compreender a forma como Deus trabalha *com* a humanidade para estender seu Reino nas questões humanas, e agir com base nesse entendimento.

A chave para entender a participação humana é o reconhecimento de que Deus só se move em seu plano de redenção por meio de pessoas *preparadas* para cooperar livremente com Ele. Isso é tão verdadeiro em nossos dias quanto era nos dias de Abraão, Moisés, Jeremias e João Batista. Para entender o que isso significa para nós, voltemos ao quadro maravilhoso de Holman Hunt.

O pintor descreve Apocalipse 3.20: "Eis que estou à porta e bato. Se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, entrarei e cearei com ele, e ele comigo." No entanto, a porta na qual Jesus Cristo está batendo, no texto, *não é* a porta do coração do ser humano genérico, como é tantas vezes sugerido. Em vez disso, é, como a passagem indica, a porta de uma *igreja*. Não chegaremos a lugar algum em nosso esforço para entender o evangelho, a igreja e nossa própria vida hoje se não entendermos que *Cristo está do lado de fora da igreja*, como esta é geralmente identificada.

Todos os grupos tentam nos dizer: "Nós temos Cristo aqui conosco." Pode ser. Mas a verdade é que Ele sempre está do lado de fora. Cristo está chamando pessoas que estão *dentro* da igreja e o que Ele oferece é uma comunhão especial que no momento elas não têm. Cristo realmente está lá no mundo, onde ainda não tivemos coragem de segui-lo plenamente. Somente o lado de "fora" é grande o suficiente para Ele. No entanto, Ele continua batendo em nossa pequena porta e nos convida a recebê-lo. Quando abrimos a porta, Ele entra em comunhão conosco, mesmo que, em sua grandeza, Ele ache nossa pequena igreja (tão necessária para nós) apertada demais. Ele deseja fazer isso porque aqueles que estão dentro da igreja, de um modo geral, são os mais bem preparados para recebê-lo livremente e cooperar com Ele em seus grandes propósitos para a humanidade e para o mundo.

## OS LÍDERES CRISTÃOS SÃO RESPONSÁVEIS PELO FUTURO DO MUNDO

É por essa razão que a responsabilidade da condição do mundo nos anos ou séculos vindouros está sobre os líderes e mestres da Igreja cristã. Somente eles têm à sua disposição os *meios* para colocar efetivamente o mundo sob o governo de Deus. Por um lado, eles têm à disposição "todo o poder" que está nas mãos de Jesus, que ordena que vão e ensinem todos os grupos humanos a fazer o que Ele ordenou, prometendo estar sempre com eles (Mt 28.18-20). Por outro lado, os mestres do evangelho têm a comunhão do Reino de Cristo para viver e oferecer a todos. Eles têm milhões de pessoas que vão a eles regularmente, submetendo-se à sua autoridade na vida espiritual, mesmo quando não está totalmente claro o que isso quer dizer. Além do mais, eles têm práticas concretas de submissão à justiça dentro das quais, mediante o ensino adequado e o exemplo, seus ouvintes podem fazer progresso regular e notável no caráter e no poder de Cristo.

Há, porém, um problema renitente. O povo de Cristo nunca teve falta de poder para cumprir a tarefa colocada em suas mãos pelo Mestre. O poder sempre esteve disponível. No entanto, falharam em fazer *discípulos*, no sentido neotestamentário do termo. E falharam até mesmo na vontade de ensinar às pessoas tudo aquilo que Cristo quer que façam. É claro que na maioria das vezes agiram assim porque consideraram a tarefa impossível. Falharam em buscar o poder de Cristo para o fim que Ele especificou e não desenvolveram o caráter necessário para receber e usar seu poder com segurança para a ordem social ou mesmo dentro da própria igreja.

Hoje, cada líder cristão, que reconhece Jesus Cristo como Senhor, deve se perguntar: "Que justificativa posso dar por não liderar meu povo na prática das disciplinas para a vida espiritual que os capacitaria a reinar em vida por meio de Cristo Jesus? Como posso deixar de lhes dar essa oportunidade? Como posso justificar a minha falta de dedicação a essas práticas, que poderiam me tornar uma fonte de poder, com os anjos de Deus subindo e descendo sobre mim?"

Os pastores dão demasiada atenção às pessoas que *não vão* aos cultos. No geral, essas pessoas deveriam ter a mesma atenção

que elas dão a Cristo. O líder cristão tem algo muito mais importante para fazer do que [cortejar] os ímpios. A tarefa do líder é *equipar os santos até que eles sejam, semelhantes a Cristo* (Ef 4.12), e a História e o Deus da História esperam que ele *faça* o seu trabalho! Hoje em dia, é tão fácil para o líder ser apanhado em alvos ilusórios, buscando as evidências de sucesso como líderes cristãos, conforme o nosso treinamento equivocado, ou as que nos são simplesmente impostas pelo mundo. O lema é ser grande. Grande, sempre GRANDE, e CADA VEZ MAIOR! Este é o imperativo contemporâneo. Por isso, falhamos em levar a sério a nutrição e o treinamento daqueles que, embora possam ser poucos, dependem de nós.

Todo aquele que tem um papel pastoral na vida de outras pessoas, seja um ministro formal ou não, deve buscar entender o que está acontecendo com aqueles que estão regularmente sob sua influência e deve dar atenção individual ao desenvolvimento deles. Esta é uma forma absolutamente segura de "ganhar o mundo" (Jo 17.21-23).

É claro que há uma obra evangelística especial a ser feita e há um chamado especial para isso. Entretanto, se as pessoas que estão nas igrejas realmente estiverem experimentando a vida plena, a evangelização será constante e praticamente automática. A assembleia local, por sua vez, pode se tornar então numa academia onde as pessoas das comunidades ao redor se reúnem para aprender como *viver*. Ela será uma escola de vida (pois o discípulo é um aluno, um estudante) onde todos os aspectos da vida encontrada nos registros do Novo Testamento são ensinados para domínio e prática de todos, sob a supervisão daqueles que já os conhecem e praticam. Somente encarando isso como nosso objetivo imediato, podemos pensar em cumprir a Grande Comissão.

## **A VISÃO PROFÉTICA**

A visão profética afirma que a Grande Comissão *será* cumprida. O profeta Zacarias previu o tempo quando multidões de pessoas ao redor do mundo exortarão umas às outras a adorar a Deus e buscar sua bênção: "Naqueles dias, dez homens de todas as línguas e nações agarrarão firmemente a barra das vestes de um judeu e dirão: Nós vamos com você porque ouvimos dizer que

Deus está com o seu povo" (8.23). O "judeu", neste caso, certamente é o filho de Abraão pela fé (Jo 8.39; Is 63.16; Rm 2.28,29), e não alguém que pertence a certa linhagem genética.

A visão do profeta Jeremias foi que a lei divina será o padrão natural de comportamento do povo de Deus, escrita em seus corações, de modo que nenhuma pessoa entre esse povo precisará ser ensinada por outra a conhecer o Senhor (Jr 33.33,34). Esta visão será cumprida sob a Nova Aliança no "novo e vivo caminho" (Hb 8.10,11; 10.17,20), que inclui judeus e todos aqueles que foram feitos filhos de Abraão pela fé.

O profeta vê o esboço geral dos fatos futuros, não os detalhes. No entanto, é claro que sempre *há* detalhes. O que estamos sugerindo é que os detalhes do Reino vindouro de Cristo consistem na reorganização da sociedade com base no modelo dos "juizes", por aqueles com caráter plenamente desenvolvido no poder de Jesus Cristo, os quais assumem responsabilidade amorosa por seu vizinho, sob a presença real e pessoal de Cristo na Terra.

## **NOSSA NECESSIDADE DE IDOLATRAR NOSSOS GOVERNANTES**

Somente tais pessoas podem cumprir os requisitos da liderança social e política. Este fato, reconhecido por todos, explica por que os líderes sociais e governamentais são exaltados na mente daqueles que os seguem. A fantástica, e muitas vezes tola, falta de realismo das convenções e campanhas políticas é uma expressão pueril das qualificações pessoais que sabemos que o governo devia realmente ter para obter sucesso naquilo que se propõe fazer.

Essa idolatria (a disposição para o auto-engano) em relação aos nossos líderes não é um requerimento somente para as massas ingênuas e ignorantes, mas também para os sofisticados e bem informados. Um livro recente sobre a vida de um presidente norte-americano mostra como ele usava o Serviço Secreto para esconder as mulheres que levava à Casa Branca, quando a esposa estava fora, e como usava seus adoráveis associados para providenciar uma cobertura respeitável para os encontros externos. O sóbrio biógrafo que registra os fatos citados afirma que aquele presidente não poderia ser considerado hipócrita ou desonesto! Podemos nos

perguntar o que essas palavras significam neste caso. Nossos líderes políticos são tratados como celebridades e idolatrados da forma que são porque sabemos que precisamos de algumas pessoas para resolver os problemas da sociedade humana ou, pelo menos, evitar que piorem.

É claro, porém, que os políticos *não* são esses homens ou mulheres de que precisamos. O comentário amargo, mas totalmente verdadeiro de Bertolt Brecht, é:

Aqueles que tiram a carne da mesa ensinam contentamento.

Aqueles para quem os impostos são destinados exigem sacrifício.

Aqueles que comem com abundância

falam aos famintos sobre o maravilhoso porvir.

Aqueles que lideram o país para o abismo.

dizem que governar é difícil demais para pessoas comuns.

De fato, é difícil demais para pessoas comuns. Na verdade, é *impossível*, como mostra o registro dos governos humanos. Turbulência, insurreição e revolução são inevitáveis numa sociedade aberta onde os oficiais são corruptos. No final, os santos – e este termo *não* se refere a um partido político de "santos" – *devem* ser aqueles que julgarão a terra. Somente os santos, da fé de Abraão e de Paulo, serão capazes de governar como Deus deseja (e nós também), porque trabalham no poder e Deus e têm o necessário caráter para liderar sem se corromperem.

## **COMUNIDADES DE JUSTIÇA E PAZ**

Quando a Igreja do Senhor Jesus Cristo canaliza toda a sua energia para o aperfeiçoamento dos seus membros para reinar em vida por Cristo, e com Cristo (Romanos 5.17), as estruturas de poder deste presente mundo, que permite, e até encoraja, as ondas esmagadoras de maldade na vida humana, serão dissolvidas. Elas serão substituídas por outras estruturas ancoradas nas personalidades redimidas e distribuídas por toda a sociedade,

anulando qualquer mal que possa permanecer no coração humano, de modo que ele não possa expressar-se em fenômenos de massa que vemos agora.

Na maioria dos países ocidentais, principalmente no continente americano, os membros das igrejas cristãs já seriam mais do que o suficiente em número para receber o Reino de Cristo. Seus líderes têm somente de levá-los à plenitude da vida que Cristo providenciou.

Então, a qualidade de nossa vida social – embora diferente das outras em muitos detalhes e particularidades – é muito bem sintetizada nas palavras de Atanásio, ao falar sobre as comunidades egípcias sob a influência de Santo Antônio:

Suas celas solitárias nas colinas eram como tendas cheias de corais divinos – cantando os Salmos, estudando, jejuando, orando, alegrando-se na esperança da vida porvir, e labutando a fim de dar esmolas e preservar o amor e a harmonia entre eles próprios. Na verdade, era como ver uma terra à parte, uma terra de piedade e justiça. Pois não havia maldades, nem o sofrimento causado por elas, nem a reprovação dos cobradores de impostos [as pessoas mais desprezíveis]; mas havia uma multidão de ascetas, todos com um propósito determinado: a virtude. Assim, se alguém visse aquelas celas solitárias novamente e a fina disposição dos monges, não poderia deixar de erguer a voz e dizer: "Quão belas são as tuas tendas, ó Jacó, as tuas habitações, ó Israel! Como vales estendem-se, como jardins que margeiam rios, como aloés plantados pelo Senhor, como cedros junto às águas!"

## **EPÍLOGO**

Com as lindas palavras de Atanásio, citando também "o homem cujos olhos vêem claramente" (Nm 24.3-7), encerramos nossa discussão sobre o espírito das disciplinas e as atividades especiais por meio das quais nós "apresentamos os nossos corpos

em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o nosso culto racional" (Rm 12.1).

A nova vida que começou em nós ao toque da palavra da graça de Deus nas profundezas de nossa alma é experimentada por nós como o amor de Jesus e seu Reino. O espírito das disciplinas – aquilo que nos move para as disciplinas e por meio delas para evitar que se tornem uma nova escravidão, mas, ao contrário, aprofunda cada vez mais nossa união com o coração e a mente de Deus – é o amor a Jesus, o anseio firme e a vontade resoluta de ser como Ele.

Na última refeição com seus amigos mais íntimos, Jesus os ensinou e confortou sobre sua partida, dizendo: "Quem tem os meus mandamentos e os guarda, esse é o que me ama. Aquele que me ama será amado por meu Pai, e eu também o amarei e me revelarei a ele" (Jo 14.21).

A obediência [a Deus] é o sinal de amor, assim como o amor é a marca do discípulo (13.35). A obediência não produz necessariamente amor. Jesus não está tentando (daquela maneira tão humana) nos "encurrular" e nos obrigar a fazer o que Ele quer, dizendo: "Se vocês me amam, então farão o que me agrada!" Ao contrário, Ele está ensinando que obediência e amor andam juntos porque *só o amor se esforça para encontrar um meio de obedecer*.

O amor é fundamental, seja para empreender, seja para receber a assistência divina que responde ao nosso amor. Não devemos nos cansar de repetir: "*Porque* eu amo a Jesus, o Pai me amará – e Ele se manifestará a mim! E sua presença me dará luz, alegria e forças para fazer tudo o que é certo e bom." Não devemos nos cansar de centralizar nossa mente em seu amor e em sua bondade, a fim de que o amemos cada vez mais.

As disciplinas para a vida espiritual são atividades concretas e disponíveis, designadas para tornar seres da terra, como nós, cada vez mais sensíveis e receptivos ao Reino dos Céus trazido por Cristo, mesmo vivendo num mundo que se opõe a Deus.

Praticadas com amor, as disciplinas se unem à graça para nos capacitar a "aproximarmo-nos do trono da graça com toda a confiança, a fim de recebermos misericórdia e encontrarmos graça que nos ajude no momento de necessidade" (Hb 4.16). O uso sábio das disciplinas nos permite viver nossas vidas sob o trono de Deus.



É isso que torna o jugo de Jesus suave e o seu "fardo", leve. Uma vez que encontramos os meios de estar com Ele, seus mandamentos não são penosos.

Agora, porém, é tempo de decisão e especialmente de planejamento. Deus muda vidas em resposta à fé. No entanto, assim como a fé demanda ação, a ação requer planejamento. A fé cresce com base na experiência da ação planejada e na descoberta de que Deus age junto conosco.

Até aqui, você estudou várias formas nas quais podemos estar com Jesus e com o Pai. Agora é o momento de você tomar o que aprendeu e fazer seu próprio plano para sua vida. Isso terá a ver com o que você faz não só no domingo, mas também entre os domingos. E, o que é mais importante, no final, terá a ver também com o que você *não* faz, como você se afastará dos negócios que trazem maldição às nossas vidas. Deus não lhe deu o tempo suficiente para fazer o que Ele espera que você faça? (Pense antes de responder!)

Você será desafiado a considerar o nível de profundidade do seu compromisso de seguir a Jesus, e poderá descobrir que o seu compromisso é notavelmente débil e tênue, porque nunca o avaliou em termos de como prioriza o seu tempo. Você encontrará pela primeira vez, talvez, tremendos obstáculos à sua fé. No entanto, esses obstáculos estiveram ali o tempo todo. Você não os notou ou identificou exatamente porque não estava se movendo em oposição a eles. (Talvez você reclame sobre como sua fé parece pequena em tempos de dificuldade.)

Não se distraia com o que outros estão fazendo. Eles não são seus servos, nem você é servo, exceto no sentido bíblico. Deus não nos chama para fazer as mesmas coisas. Não fique surpreso se você for dirigido num caminho que os outros não acompanhem. Fique surpreso se não for assim! Nas últimas conversas com Pedro, Jesus lhe disse como ele haveria de morrer, acrescentando: "Siga-me" (Jo 21.19). O que alguém faz ao saber que morrerá crucificado? É difícil imaginar o que se passou pela mente de Pedro. No entanto, ele olhou em volta e viu João, que parecia ter uma ligação interior com Jesus. Pedro perguntou: "Senhor, e quanto a ele?" (v. 21). Jesus replicou: "Se eu quiser que ele permaneça vivo até que eu volte, o que lhe importa? Quanto a você, siga-me."

Jesus vai até onde você está e diz: "Quanto a você, siga-me." Você deve descobrir com Ele como fazer isso. *Como* você vai segui-lo? Você não pode segui-lo sem um plano de servir como um vaso, no qual o tesouro da vida é recebido. O plano também deve considerar a cruz na qual você morrerá para o seu velho homem e viverá com o Senhor em Sua vida além da morte. Ele disse: "Aquele que não carrega a sua cruz e não me segue não pode ser meu discípulo" (Lc 14.27). Você vê onde deve começar a carregar sua própria cruz?

Você acha que conhece ao Senhor? Você ainda não o conhece. Eu também não. Mas, quando entregarmos nossas vidas a Ele por meio das disciplinas para a vida espiritual, nós o conheceremos mais e mais.

Ele chega a nós como um desconhecido, sem um nome, assim como na antiguidade se aproximou daqueles que não o conheciam, à beira de um lago. Ele nos diz a mesma palavra: "Segue-me!" e nos confia as tarefas que Ele deve realizar em nossa época. Ele ordena. E para aqueles que lhe obedecem, sejam sábios ou simples, Ele se revelará nos tumultos, nos conflitos e sofrimentos que eles enfrentarão em sua companhia, e, como um inefável mistério, eles aprenderão em sua própria experiência quem Ele é.

Aquele que tem ouvidos ouça o que o Espírito diz às igrejas. Ao vencedor darei do maná escondido. Também lhe darei uma pedra branca com um novo nome nela inscrito, conhecido apenas por aquele que o recebe. Apocalipse 2.17

## **APÊNDICE I:**

**Conselho de Jeremy Taylor sobre a aplicação de regras para a vida santa**

Extraído do prefácio do livro de Jeremy Taylor, *Holy Living and Holy Dying: Together With Prayers, Containing the Whole Duty of a Christian, etc.* [Viver Santo e Morrer Santo: Junto com Orações, Contendo Todas as Obrigações de um Cristão, etc.] (1650; reimpressão, Londres: Henry G. Bohn, 1858).

Eu já disse o que os homens devem fazer e por quais meios devem ser assistidos. Na maioria dos casos, também já disse por quê. Mesmo assim, considero necessário estabelecer uma regra, e não me engajar em homilias ou discursos. No uso de tais regras, embora elas sejam claras, úteis e adequadas para os melhores e piores entendimentos, e para as necessidades de todos os homens, desejo que o leitor leve em conta os seguintes conselhos.

1. Será proveitoso utilizar os instrumentos apropriados da virtude, vivendo como se sempre se estivesse nas mãos dos médicos. Os conselhos da religião não devem ser aplicados aos destemperos da alma como os homens costumavam tomar chás de ervas, mas devem habitar junto ao espírito e estar mesclados ao seu entendimento para sempre. Devem ser usados como nutrientes, ou seja, como cuidado e meditação diária, e não como um medicamento isolado e sob a pressão de uma necessidade presente.

Conselhos e discursos sábios, aplicados a verdadeiros descontroles, na melhor das hipóteses são apenas odores fortes para uma pessoa epilética; às vezes, poderão levantá-la, mas nunca irão curá-la.

As seguintes regras, se se tornarem familiares à nossa natureza e aos nossos pensamentos da vida diária, podem fazer a virtude e a religião fáceis e naturais. Quando a tentação se apresenta, e já irrompeu sobre porções de nosso consentimento, não somos tão aptos para ser aconselhados e não encontramos alívio na receita. As lições são as mesmas, mas o instrumento não tem cordas ou está desafinado.

2. Ao usar os instrumentos da virtude, devemos estar atentos para fazer distinção entre instrumentos e deveres, entre conselhos prudentes e injunções necessárias. Se o dever pode ser realizado por quaisquer outros meios, não se deve hesitar quanto à sua utilização: somente no caso de não fortalecerem ou assegurarem o

cumprimento do dever, ou não ajudarem na sua perseverança, é que esses meios deverão ser aplicados noutra situação em que possam ser adequados. Há algumas pessoas nas quais o Espírito de Deus inalou uma chama de amor tão intensa que elas praticam todos os seus atos de virtude pela escolha perfeita e sem objeção, e seu zelo é mais caloroso do que a tentação; para tais pessoas, a mortificação pelos instrumentos filosóficos, como jejum, panos de saco e outras rudezas contra o corpo são totalmente sem utilidade; são sempre meios muito incertos para se adquirir virtude ou assegurar uma tarefa; e se o amor preencheu todos os recantos de nossa alma, só isso é suficiente para fazermos toda a obra de Deus.

3. Não é fácil afirmar as obrigações da religião. Mas onde se tem a obrigação de agir, e os meios são em si mesmos razoáveis, não se esforce muito na disputa se, em todas as circunstâncias, dada situação particular é de sua responsabilidade; mas "*super totam materiam*" – no pressuposto do geral, aja no particular. Este é um bom sinal da grandeza da religião e de que não há imprudência quando consideramos suficientemente a substância das coisas. E então somos calmos, humildes, obedientes, aptos e crentes nas eventualidades que nos são designadas em particular pelos nossos guias espirituais ou, em geral, por todos os homens sábios em casos similares. Aquele que contribui para os pobres faz bem em não considerar sempre as minudências do caso nem as medidas estritas de sua possibilidade, mas dá livremente, despreocupadamente e com abundância. Um homem não deve contabilizar de grão em grão o seu arrependimento; mas, para um grande pecado, ter uma grande tristeza e uma grande severidade; e nisto contar com os conselhos comuns, embora seja possível que um menor rigor seja suficiente; medidas aritméticas, especificamente de nosso próprio critério, não são senão razões a favor da necessidade de amor e arrojo na religião; ou então são instrumentos de escrúpulos, e, neste caso, se tornam perigosas. Use a regra de todo o coração e na medida certa, e não haverá dano se um erro ocorrer.

4. Se você tenciona de coração servir a Deus e evitar o pecado em qualquer situação, não recuse os conselhos mais duros e mais severos prescritos, embora possivelmente sejam estranhos para você; pois, por mais duro que seja o conselho, a prática o tornará mais fácil.

5. Quando são muitos os instrumentos propostos para a obtenção de qualquer virtude ou restrição de qualquer vício, observe quais deles são adequados a você e a sua necessidade e use estes em vez de outros; desta maneira, você pode se engajar na vigilância e no emprego das artes espirituais e observações sobre a alma. No que concerne à administração dos meios de cura da alma, quando o interesse é maior, as necessidades maiores e os casos mais complexos, os acidentes e perigos também são maiores e mais indesejáveis; e maiores habilidades são requeridas do que para se assegurar um bom estado ou restaurar a saúde de um corpo enfermo. Desejo que todos os homens no mundo creiam de todo o coração que isso é verdade. Isso faria um grande bem para a obra de Cristo.

## **APÊNDICE II:**

### **Discipulado: apenas para supercrentes?**

[Artigo de minha autoria, publicado na revista *Christianity Today*, 10 de outubro de 1980.]

A palavra "discípulo" ocorre 269 vezes no Novo Testamento. O termo "cristão" aparece três vezes e foi introduzido pela primeira vez referindo-se precisamente aos discípulos – numa situação onde não era mais possível considerá-los como integrantes de uma ramificação do judaísmo (At 11.26). O Novo Testamento é um livro que fala sobre discípulos, escrito por discípulos e destinado aos discípulos de Jesus Cristo.

No entanto, a questão não é apenas de termos ou palavras. O mais importante é que "a vida" que vemos nos primórdios da Igreja pertence a um tipo especial de pessoas. Todas as garantias e benefícios oferecidos à humanidade no evangelho pressupõem, evidentemente, "essa vida" e não fazem sentido à parte dela. O discípulo de Jesus não é o modelo de luxo ou especial de cristão – com estofamento, desenho aerodinâmico e potência especial para as dificuldades do caminho estreito. O discipulado se mostra nas

páginas do Novo Testamento como o primeiro nível do transporte básico no Reino de Deus.

## **DISCIPULOS NÃO DISCIPULADOS**

Há algumas décadas, a Igreja do Ocidente deixou de considerar o discipulado uma condição para ser cristão. Não exige que o indivíduo seja ou deseje ser um discípulo a fim de se tornar um cristão. Uma pessoa pode ser considerada cristã sem mostrar nenhum progresso no discipulado ou na condição de aluno.

As igrejas americanas atuais, para exemplificar, não exigem, como requisito para alguém se tornar ou se manter membro de uma denominação ou igreja local, que se siga o exemplo de Cristo, i.e., sua atitude e ensinamentos. Qualquer exceção desta afirmação serve somente para validar a regra geral. No que diz respeito às igrejas cristãs dos nossos dias, o discipulado é claramente opcional.

Isso, é claro, não é segredo. Os melhores livros da atualidade sobre discipulado afirmam claramente ou pressupõem que o cristão pode não ser um discípulo – mesmo depois de toda uma vida como membro de igreja. Um livro amplamente usado, *The Lost Art of Disciple Making* [A Arte Perdida de Fazer Discípulos], apresenta a vida cristã em três níveis possíveis: o convertido, o discípulo e o obreiro. Há um processo para levar as pessoas para cada nível. A evangelização produz convertidos, o acompanhamento produz discípulos e o equipamento produz obreiros. Discípulos e obreiros são capazes de renovar o ciclo por meio da evangelização, enquanto somente os obreiros podem fazer discípulos mediante o acompanhamento.

O quadro da vida das igrejas apresentado nesse livro, de um modo geral, se conforma com a prática cristã americana. No entanto, tal modelo não torna o discipulado opcional? Sim, isso acontece claramente. E se o discípulo será ou não um obreiro, também é opcional. Muitos convertidos hoje exercitam o direito de opção oferecido pela mensagem que ouvem: escolhem não se tornar – ou pelo menos não escolhem tornar-se – discípulos de Jesus Cristo. As igrejas estão cheias de "discípulos não discipulados", como Jess Moody os chama. Muitos problemas na

Igreja contemporânea podem ser explicados pelo fato de que seus membros ainda não decidiram seguir a Cristo.

Há pouco proveito em insistir que Cristo supostamente também é Senhor. Apresentar o senhorio de Cristo como opção o reduz à categoria de um acessório no carro novo. Você pode passar sem ele. E, infelizmente, é difícil até imaginar o que fazer com essas coisas. Obediência e treino na obediência não formam uma inteligível unidade doutrinária nem prática com a salvação apresentada nas versões recentes do evangelho.

## **GRANDES OMISSÕES ORIUNDAS DA GRANDE COMISSÃO**

Um modelo diferente foi instituído na Grande Comissão que Jesus deixou para a Igreja. O primeiro objetivo que o Senhor estabeleceu para a Igreja primitiva foi empregar seu abrangente poder e autoridade para fazer discípulos, sem levar em conta as distinções étnicas – de todas as "nações" (Mt 28.19). Isso derrubou por terra a diretriz anterior de ir somente "às ovelhas perdidas da casa de Israel" (Mt 10.5,6). Depois de fazer discípulos, esses deveriam ser batizados em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Com essa dupla incumbência, eles deviam ser ensinados a guardar e obedecer "a tudo o que *eu* lhes ensinei". A Igreja cristã do primeiro século resultou da prática desse plano de crescimento da igreja – resultado que dificilmente pode ser superado.

No entanto, no lugar do plano de Cristo, um desvio histórico fez a seguinte substituição: "Façam convertidos (a uma fé e prática em particular) e os batizem, tornando-os membros da igreja." Isso faz com que surjam duas grandes omissões da Grande Comissão. A primeira e a mais importante: fazer discípulos ou alistar pessoas como alunos de Cristo. Deveríamos fazer com que tudo culminasse nisso. A segunda: treinar os convertidos para fazer o que Jesus instruiu.

Essas duas grandes omissões estão relacionadas. Não tendo transformado nossos convertidos em discípulos, é impossível ensiná-los a viver como Cristo viveu e ensinou. Isso não faz parte do pacote; não foi para isso que se converteram. Quando confrontados com o exemplo e os ensinamentos de Jesus, a resposta hoje não é de rebelião ou de rejeição, mas de

perplexidade: O que isso tem a ver comigo? O que eles fizeram conosco?

## **COMO ERA O DISCIPULADO**

Quando Jesus andou na terra, havia certa simplicidade para ser seu discípulo. Primariamente, "ser discípulo" significava andar com Ele, numa atitude de aprendizado, obediência e imitação. Não havia cursos teóricos. O indivíduo sabia o que fazer e quanto custaria. Simão Pedro exclamou: "Nós deixamos tudo para seguir-te" (Mc 10.28). Os interessados deixavam família e emprego para trás por longos períodos, para ir com Jesus, enquanto Ele andava de um lugar para outro anunciando, mostrando e explicando o governo de Deus. Os discípulos tinham que estar com Ele e de aprender a fazer o que Ele fazia.

Imagine fazer isso hoje. Como os membros da família, os patrões e os colegas de trabalho reagiriam a esse abandono? Provavelmente concluiriam que não nos preocupamos muito com eles ou conosco. O que pensou Zebedeu ao ver os dois filhos abandonarem o negócio da família para seguirem a Jesus (Mc 1.20)? Pergunte a qualquer pai em situação similar. Quando Jesus declarou que o indivíduo deve deixar para trás o que mais preza – família, "tudo o que tem" e "também sua própria vida" (Lc 14) desde que isso seja necessário para segui-lo, estava afirmando um fato simples: Esta é a única porta de entrada para o discipulado.

## **O DISCIPULADO HOJE**

Embora? discipulado custasse caro, ele era, naquela época, muito claro. A maneira de funcionar não é a mesma hoje. Não podemos estar com Jesus literalmente da mesma maneira que seus primeiros discípulos. Contudo, as prioridades e intenções (o coração ou a atitude interior) dos discípulos são as mesmas então, agora e sempre. No coração de um discípulo, há um desejo e uma decisão ou intenção estabelecida. Tendo chegado a um entendimento das implicações e "calculado os custos", o discípulo de Cristo deseja acima de tudo ser como Ele é. E assim deve ser: "Basta ao discípulo ser como o seu mestre" (Mt 10.25). E mais: "Todo aquele que for bem preparado será como o seu mestre" (Lc 6.40).



O desejo de seguir a Cristo, geralmente induzido pela vida e palavras daqueles que já estão no Caminho, deve ser seguido de uma decisão: a disposição de ser como Cristo. O discípulo é aquele que, tencionando se tornar semelhante a Cristo em fé e prática, reorganiza sistemática e progressivamente sua vida em demanda desse fim. Por meio dessas ações, mesmo hoje em dia, o indivíduo se matricula na "escola de Cristo", tornando-se seu aluno ou discípulo. Esta é a única maneira.

Em contraste, o não-discípulo, esteja dentro ou fora da igreja, tem coisas mais importantes para fazer ou empreender do que se tornar como Jesus Cristo. Talvez tenha comprado um terreno, ou cinco juntas de bois, ou acabado de se casar (Lc 14.19). Tais desculpas esfarrapadas revelam que algo como reputação, riqueza, poder, indulgência, sensualidade, ou a mera distração ou torpor ainda cativam sua lealdade suprema. Se alguém só enxerga através dessas coisas, não pode conhecer a *alternativa*. Não sabe que é possível viver sob o cuidado e o governo de Deus, trabalhando e vivendo com Ele como Jesus fez, buscando primeiro o seu reino e a sua Justiça.

Uma mente desordenada, cheia de justificativas, pode transformar o discipulado num mistério ou pode vê-lo como algo assustador. No entanto, não há mistério em desejar e tencionar ser como outro – é algo muito comum. E, se tencionamos ser como Cristo, isso ficará visível a cada pessoa à nossa volta e a nós mesmos. As atitudes que definem o discípulo não podem ser interpretadas hoje como abandonar família e emprego para acompanhar Jesus em viagens pelo país. Mas o discipulado pode se tornar concreto quando amamos nossos inimigos, abençoamos aqueles que nos maldizem, caminhamos a segunda milha com um opressor – vivendo, em geral, a graciosa transformação interior pela fé, pela esperança e pelo amor. Tais atos – revelados na pessoa disciplinada pela graça, paz e alegria manifesta – não tornam o discipulado menos tangível e chocante hoje do que foi para aqueles que desertaram no passado. Todavia, qualquer um que entrar no Caminho pode comprovar e provar que o discipulado está longe de ser amedrontador.

## O PREÇO DO NÃO-DISCIPULADO

Em 1937, Dietrich Bonhoeffer apresentou ao mundo seu livro *O Preço do Discipulado*. Era um ataque de mestre contra o "cristianismo fácil" ou a "graça barata". Mas não deixava de lado – talvez até incentivasse – a visão do discipulado como um excesso espiritual caro, disponível somente para aqueles que foram chamados ou dirigidos. Bonhoeffer estava certo ao destacar que não se pode ser discípulo de Cristo sem abrir mão de coisas normalmente buscadas na vida humana e que aquele que paga pouco no sistema monetário do mundo para confessar o nome de Cristo tem razão para se preocupar como ficará diante de Deus. No entanto, mesmo quando só consideramos esta vida, o custo do não-discipulado é muitíssimo maior do que o preço pago para andar com Jesus.

O não-discipulado custa a paz interior; deixa de ter uma vida permeada pelo amor; uma fé que enxerga tudo à luz do governo supremo de Deus para o bem; uma esperança que fica firme mesmo nas circunstâncias mais desencorajadoras; e o poder para fazer o que é certo e enfrentar as forças do mal. O não-discipulado custa exatamente a vida abundante que Jesus traz (Jo 10.10). O jugo em forma de cruz de Cristo é afinal um instrumento de libertação e de poder para aqueles que vivem com Ele e dele aprendem a mansidão e humildade de coração que trazem descanso à alma.

### **"SIGA-ME. EU ME ENCONTREI!"**

Leon Tolstói afirmou que "toda a vida do homem é uma contínua contradição do que ele sabe ser sua obrigação. Em cada departamento da vida, ele age em desafiante oposição às diretrizes de sua consciência e do senso comum".

Um empresário esperto bolou um adesivo para ser colado no vidro traseiro do carro, que diz: "Não me siga. Estou perdido." Este adesivo é amplamente usado, provavelmente porque trata com humor o fracasso universal citado por Tolstói. Esse fracasso causa uma desesperança profunda e ampla e um senso de indignidade que desafia a nossa missão de sal e luz que mostra às pessoas o Caminho da Vida. A descrição de Jesus do sal insípido é triste, mas serve bem para caracterizar como nos sentimos sobre nós

mesmos: "Não servirá para nada, exceto para ser jogado fora e pisado pelos homens" (Mt 5.13), não servindo nem para o solo nem para adubo (Lc 14.34).

Um ditado comum expressa esta mesma atitude: "Faça o que eu mando mas não faça o que eu faço" (mais risos?). Jesus falou sobre certos líderes religiosos (escribas e fariseus) de sua época: "Obedeçam-lhes e façam tudo o que eles dizem. Mas não façam o que eles fazem, pois não praticam o que pregam" (Mt 23.3). Não era, e não é, uma piada. O que Jesus diria de nós hoje? Será que não elevamos a atitude dos escribas e fariseus à condição de regra áurea da vida cristã? Não será este o efeito (intencional ou não) de tornar o discipulado opcional?

Não estamos falando de perfeição nem de merecer de Deus o dom da vida. Nossa preocupação é apenas com a maneira como entramos na vida cristã. Conquanto ninguém mereça a salvação, todos devem agir como se ela lhes pertencesse. Por meio de que ações do coração ou de que desejos e intenções temos acesso à vida em Cristo? O exemplo de Paulo nos instrui. Ele podia afirmar num único fôlego que "não era perfeito" (Fp 3.12), mas "façam o que eu faço" (Fp 4.9). Seus deslizes (quaisquer que fossem) eram deixados para trás enquanto ele prosseguia adiante por meio de sua intenção de alcançar a Cristo. Ele tinha a intenção de ser como Cristo (Fp 3.10-14) e era também confiante de obter graça para sustentar essa intenção. Assim, podia dizer a todos nós:

"Sigam-me! Eu me encontrei!"

## **A MAIOR OPORTUNIDADE DA VIDA**

O Dr. Rufus Jones considera em um livro recente quão pouco impacto a Igreja evangélica teve sobre os problemas sociais do século XX. Ele atribui essa deficiência à falta de interesse pela justiça social por parte dos conservadores. Isso, por sua vez, é atribuído às reações contra a teologia liberal, devido à controvérsia fundamentalistas *vs.* modernistas de décadas passadas. As relações de causa e efeito na sociedade e na História são difíceis de ser rastreadas, mas creio que se trata de um diagnóstico inadequado. Afinal, a falta de interesse pela justiça social, mesmo onde é evidente, requer uma explicação.

A atual posição da Igreja em nosso mundo pode ser melhor explicada pelo que os liberais e conservadores concordam do que pelo que divergem. Por diferentes razões e ênfase, eles concordam que ser discípulo de Cristo não combina com ser membro da Igreja cristã. Assim, o tipo de vida que poderia mudar o curso da sociedade humana – e que ocasionalmente tem feito isso – é excluído da mensagem fundamental da Igreja.

Preocupados em entrar na verdadeira vida, nós perguntamos: "Será que eu sou um discípulo ou apenas um cristão pelos padrões correntes?" O exame de nossos desejos e intenções profundas, refletidas nas respostas específicas, nas escolhas de nossa vida, pode mostrar se há coisas que consideramos mais importantes do que ser como Jesus. Se houver, não somos seus discípulos ainda. Se não estivermos dispostos a seguir a Jesus, nossa profissão de fé nele soará oca. Jamais afirmariamos confiar num médico, professor ou mecânico de carro cujas orientações nós não seguimos.

Para aqueles que ministram, há ainda questões mais sérias: que autoridade temos para batizar pessoas que não chegaram a uma decisão clara de ser discípulos de Cristo? Ousamos dizer a crentes sem discipulado que eles estão em paz com Deus? Onde encontramos autoridade para tal mensagem? Talvez o mais importante: como ministros, temos fé para empreender a obra de fazer discípulos? Meu objetivo principal é [mesmo] fazer discípulos?

Nada menos que *a vida nos passos de Cristo* atende a alma humana e as necessidades do mundo. Qualquer outra proposta falha em trazer justiça ao drama da redenção humana, privando os ouvintes da maior oportunidade da vida, e entrega a vida presente aos poderes do mal. A perspectiva correta é ver o seguir a Cristo não somente como uma necessidade, mas como o cumprimento da mais elevada das possibilidades humanas e como o plano magno de vida. É entender, como disse Helmut Thielicke, que "o cristão está não sob a ditadura de um legalista: 'Você deve', mas no campo magnético da liberdade cristã: 'Você pode.'"

**FIM**